



Paulo Rossi Severino
e Equipe AME-SP

A Pesquisa
sobre mensagens
que
Chico Xavier
recebeu

**VIDA
TRIUNFA**



Editora FE

Paulo Rossi Severino

A Vida Triunfa

São Paulo
1992

COPYRIGHT

Creche Lar do Alvorecer – Grupo Espirita Cairbar Schutel

Capa e Diagramação

Kléber de Almeida

Ilustração

José Lino Zechetto

Composição

J/A/R/266-9768

Fotolito

Editora Rondon Ltda.

Processamento dos Dados

Aureliano Garcia do Amaral Osvaldo Vicente Cericola

Revisão e Editoração

Eva C. Barbosa Iranilda E. da Costa

Gráficos

Amantino R. de Freitas

2ª Edição — 10.000 exemplares.

**Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Severino Paulo Rossi.

A vida triunfa: pesquisa sobre mensagens que Chico Xavier recebeu/ Paulo Rossi Severino e equipe AME-SP. - São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1990.

1. Espiritismo - Pesquisa I. Xavier, Francisco Cândido, 1910 - Pesquisa.

II. Título.

90-0M26

CDD-133.9072

-133.9092

Índices para catálogo sistemático:

1. Espíritas: Biografia e obra 133.9092
2. Espiritismo: Pesquisa 133.9072
3. Pesquisa: Espiritismo 133.9072

PREFÁCIO

A história das conquistas da Ciência costuma ser tão fascinante como certas novelas de aventuras.

O desenvolvimento das idéias em direção ao conhecimento verdadeiro tem o feitiço de uma escalada que acompanha, lado a lado, a evolução da humanidade. Antecipando-se à conquista do conhecimento positivo, primeiramente os homens explicaram os fenômenos observados em suas adjacências, bem como o universo que os cerca, em termos de intuições metafísicas e mitos religiosos. À medida que a investigação, ajudada pela razão, permitiu a substituição das especulações metafísicas e do misticismo pelo conhecimento positivo, puderam formar-se as disciplinas científicas.

O conhecimento científico ensejou o progresso tecnológico que, por sua vez, forneceu meios para um maior desenvolvimento das ciências. E assim por diante, de lance em lance, os homens foram conhecendo cada vez mais acerca do mundo em que vivem.

É natural que a maior parcela do conhecimento científico tenha se expandido a respeito da parte material do mundo e do corpo físico dos seres vivos, inclusive dos homens.

Restou, entretanto, uma indagação, talvez a mais importante, concernente à natureza do homem: seremos só matéria altamente organizada, ou existiria outro componente ligado à parte puramente fisiológica, porém não-material, mas substancial, que sobrevive à morte do corpo físico?

A resposta a essa indagação implica também uma avaliação do alcance dos nossos conhecimentos atuais. Seria a nossa realidade total, universal, apenas matéria e energia em interação? Não existiria outra contraparte dessa realidade, mais sutil, mais básica, que pudesse ser considerada como a “causa primeira” de tudo o que existe?

A solução desses problemas tão fundamentais exigirá a contribuição de duas vertentes, ou melhor, de duas áreas de investigação, que já estão em pleno desenvolvimento: a primeira é a Física, a “Ciência da Natureza”. Em suas mais avançadas reflexões epistemológicas, boa parcela dos físicos teóricos já está chegando à conclusão de que, além da nossa realidade observável, deve haver outra realidade subjacente, talvez causativa de tudo o que existe e de onde emergiu o nosso Universo. Seria como que uma Consciência capaz de criar energia em quantidade infinita. A segunda consiste na pesquisa de casos que sugerem a sobrevivência da individualidade após a morte do corpo físico. Nos fins do Século XIX e início do Século XX, foram feitas investigações exaustivas nesse sentido, resultando em evidências que davam forte apoio à tese da sobrevivência após a morte. Todavia um cepticismo cego e obliterante procurou invalidar todo o precioso acervo de resultados importantíssimos colhidos nas investigações daquela fase. Todos eles produzidos por eminentes sábios que observaram os grandes médiuns, coincidentemente surgidos em extraordinária abundância naqueles tempos.

Agora, nas últimas décadas deste século, um novo e vigoroso surto de observações acerca de fatos que, embora tenham sido relatados repetidamente em épocas anteriores, voltaram novamente a merecer a atenção de vários pesquisadores atuais, muitos deles desvinculados das idéias religiosas. Tais ocorrências são principalmente as seguintes: 1) Rememorações de episódios vividos em existências pregressas, sugerindo reencarnação. 2) Visões dos moribundos em fase terminal, evidenciando a presença de parentes e amigos já falecidos, os quais normalmente vêm buscar o paciente. 3) Experiências de Quase Morte (EQM), durante a qual o “ressuscitado” se mantém consciente e capaz de observar um outro nível de existência no Além, relatando o que presenciou durante sua “morte” aparente. 4) As experiências fora do corpo, ou projeções do “corpo astral”, durante as quais o sujeito mantém sua consciência desperta. 5) Finalmente, a transcomunicação mediúnica e instrumental, graças à qual Espíritos ou inteligências habitantes de planos extrafísicos entram em contato com os vivos e com eles se comunicam.

Pertencem a esta última categoria de evidências as já célebres comunicações de pessoas falecidas, ensejadas pelo extraordinário sensitivo Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier).

O que existe de notável nessas comunicações, proporcionadas pela mediunidade de Chico Xavier, é a sua impressionante exatidão no concernente à fidelidade das informações identificadoras, acerca dos parentes e amigos ainda vivos e já falecidos que fizeram parte do relacionamento do comunicante. Além disso, há casos em que o Espírito, ao escrever através do médium, usa expressões pessoais e até gírias que ele empregava quando vivo. Inúmeros outros sinais de autenticidade poderão ser notados ao longo dos relatos contidos na presente obra: A VIDA TRIUNFA.

Quem compulsar o livro de Paulo Rossi Severino e seus colegas, irá observar que não se trata de uma simples coletânea de fatos colhidos sem preocupação outra que a de reportá-los. Não, não é isso. Os episódios foram sem dúvida fielmente relatados, mas o tutor e seus companheiros não agiram somente como meros repórteres e sim como legítimos cientistas, pesquisadores cuidadosos, imparciais e honestos.

Paulo Rossi Severino seguiu cuidadosamente um inteligente e meticuloso plano para a consecução desta pesquisa. Os questionários habilmente preparados por ele e seus colegas propiciaram a coleta inteligente de dados importantes que, posteriormente, possibilitaram uma análise comparativa, em computador, revelando detalhes de grande interesse e objetividade acerca dos fatos levantados meticulosamente pelo autor.

A história das ciências está repleta de exemplos de investigadores inatos que, sem ostentarem títulos acadêmicos, figuram na lista dos grandes cientistas do mundo. Por exemplo, Milton Humason era colaborador do famoso astrônomo Edwin Hubble, do Observatório do Monte Wilson (telescópio de 2,50m de diâmetro) em Pasadena. Entretanto, embora Humason não tivesse sequer estudos secundários, era o melhor técnico em Espectrografia, daquela época (1930). Foi ele quem mediu as velocidades de afastamento das galáxias, cujos dados precisos serviram a todos os cosmólogos do mundo e que permitiram a Hubble descobrir a sua célebre constante de expansão do Universo. Exemplos como esses há inúmeros, o que levou Newton a declarar um dia: “Se consegui ver mais longe, foi porque montei em ombros gigantes”.

Paulo Rossi Severino faz lembrar o técnico espectrografista, Milton Humason. A sua pertinácia e desprendimento permitiram que se lutassem quase duas centenas de casos. Poucas pessoas podem avaliar a grandeza do esforço e dos sacrifícios despendidos

em uma tarefa dessas proporções, por quem empregou para isso suas horas de folga e de convívio com a família, usando recursos próprios e sem auxiliares.

Estudos sérios como este de Paulo Rossi Severino e seus colegas permitirão o equacionamento de um dos mais importantes problemas da atualidade, o da “real natureza do homem”, conforme F.W.H. Myers (1843-1901) enfatizou na introdução da sua obra clássica, **Human Personality and Its Survival of Bodily Death**:

“Na longa história dos esforços do homem para compreender seu próprio ambiente e governar seu próprio destino, existe uma falha ou omissão tão singular, que seu simples enunciado assume um ar de paradoxo. Até agora é estritamente verdadeiro dizer que o homem ainda não aplicou os métodos da moderna Ciência, ao problema que mais profundamente lhe diz respeito — se ou não sua personalidade envolve algum elemento que pode sobreviver à morte do corpo”.

Se Myers ainda vivesse nos dias de hoje, provavelmente iria mudar de opinião ao tomar conhecimento das mais recentes investigações, às quais nos referimos linhas atrás. Certamente, ele se sentiria edificado se pudesse compulsar o magnífico trabalho de Paulo Rossi Severino e seus companheiros, pois ele resultou da aplicação dos métodos da moderna Ciência, aos fatos investigados pelos autores da excelente obra: A VIDA TRIUNFA.

Hernani Guimarães Andrade

São Paulo, Verão de 1990

Sumário

PREFÁCIO

AGRADECIMENTOS

PARTE I

| | |
|---|----|
| Introdução | 11 |
| Capítulo I - O Médiun | 13 |
| Capítulo II - A Mediunidade | 17 |
| Capítulo III - As Sessões Públicas | 21 |
| Capítulo IV - Hipóteses Explicativas para as Cartas-Mensagens | 23 |
| Capítulo V – Metodologia | 27 |
| Considerações Finais | 29 |
| As Cartas-Mensagens | 31 |

PARTE II

| | |
|--|-----|
| Apresentação | 249 |
| Capítulo I - A Sobrevivência do Espírito e as Pesquisas do Século XX | 253 |
| Capítulo II - Reflexões sobre os Dados de Pesquisa | 267 |

As páginas em branco foram retiradas desta versão eletrônica.

AGRADECIMENTOS

Realizar pesquisa no Brasil não é tarefa fácil, pela dimensão continental do País, pelos gastos financeiros que somos obrigados a assumir, utilizando somente o tempo relativo ao descanso da atividade remunerada. Fazemos a colocação do problema, apenas com o objetivo de solicitar permissão ao leitor, para registrar alguns agradecimentos, testemunhando nossa gratidão e reconhecimento.

A Pedro Severino Júnior e Ida Rossi Severino, estimados pais, por seus exemplos de honestidade, trabalho e amor, que marcaram nossa existência.

À dedicada esposa Cléria Gandolfo Severino e aos filhos Fábio, Ana Carolina e Leda Cristina, pela tolerância com nossas ausências em inúmeros fins de semana.

A David Nahum Neto, amigo e benfeitor, companheiro de muitas viagens nos primeiros anos de pesquisa.

A Kvanildo Raimundo Teixeira, amigo e companheiro no levantamento de alguns casos, revelando sempre enorme entusiasmo.

A Salvador Barbosa, nosso estimado amigo pela colaboração valiosa.

Aos pais e familiares das entidades comunicantes, pela paciência que tiveram conosco nas longas entrevistas concedidas.

Ao Dr. Hernani Guimarães Andrade, um dos mais lúcidos cientistas e pesquisadores em terras brasileiras, pelas sugestões e incentivos permanentes na continuidade da tarefa a que nos propusemos.

A todos que direta ou indiretamente, nos auxiliaram, tornando possível a publicação deste trabalho, nossa mais profunda gratidão.

Em especial, expressamos nosso agradecimento ao médium Francisco Cândido Xavier, pela paciência e bondade com que nos tolerou as indagações, demonstrando sempre compreensão de nosso objetivo.

Paulo Rossi Severino

PARTE I

INTRODUÇÃO

A verdade não é privilégio de religiões ou sistemas. A convicção cresce no íntimo de cada ser, quando os fatos revelados impõem-se à razão pela autenticidade. Por isso mesmo, todo pesquisador consciente procura, com paciência e perseverança, a verdade dos fatos.

A crença na imortalidade da alma e na possibilidade de intercâmbio dos chamados “mortos” com os vivos, constitui velha e controvertida questão, porque envolve aspectos de natureza complexa ligados às experiências milenares da criatura humana. Toda pesquisa nessa área deve, pois, enfatizar a isenção de fanatismo religioso e de julgamento apriorístico para que se faça a indispensável análise imparcial dos fatos.

Foi procurando colaborar com os que estudam e pesquisam acerca da sobrevivência do espírito e de sua possibilidade de comunicação com o mundo em que vivemos que, em 1974, iniciamos um trabalho de entrevistas e pesquisas, na cidade de Uberaba, Minas Gerais, local onde reside o médium Francisco Cândido Xavier.

Lá estivemos, muitas vezes, nas reuniões que se verificavam às sextas e sábados, no Grupo Espírita da Prece, acompanhando a intensa atividade do sensitivo, marcada sempre pela cordialidade e bondade constantes.

Confesso que, no princípio, via nas cartas-mensagens recebidas por Chico Xavier tão-somente um veículo de consolo e lenitivo aos corações amargurados pela separação física. Entretanto, com a observação mais acurada dos fatos e a nossa vinculação maior à vala íntima de cada família, constatamos a riqueza de informações que elas veiculam, surgindo, então, o desejo de colaborar com a realização de uma pesquisa baseada nesse valioso manancial de evidências que sugere a sobrevivência do espírito. Essas

evidências refletiam-se, claramente, na emotividade intensa dos familiares do comunicante quando a mensagem era lida pelo médium.

Foi por isso que aderimos, prontamente, ao projeto da Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME-SP) que se propunha a analisar parte desse precioso material. Partimos, então, para o trabalho, agora não mais como simples repórter da Folha Espírita, mas como pesquisador de campo, para que a AME-SP pudesse ter o seu universo de pesquisa.

Nessa coletânea de mensagens temos apenas 45, entre as milhares recebidas pelo médium, ao longo de mais de seis décadas de exercício ininterrupto da psicografia. Embora a AME-SP tenha concluído essa parte da pesquisa, nosso trabalho de levantamento de dados prossegue, com sondagem nas regiões mais diversas do Brasil, nesses 15 anos de existência da **Folha Espírita**^{*}, com mais de cem casos cadastrados.

Este livro é, pois, o resultado do esforço conjunto do mensário **Folha Espírita** e da Associação Médico-Espírita de São Paulo e, por isso mesmo, está dividido em duas partes. A primeira consta de nossas anotações, observações e transcrições dos 45 casos publicados no jornal e a segunda transcreve a pesquisa propriamente dita.

A constatação dos fatos revelados pelas mensagens psicografadas, desconhecidos, muitas vezes, da própria família, reforça a hipótese da sobrevivência e da autenticidade da comunicação dos espíritos.

O amor à verdade nos fez sair a campo para entregar a você, prezado leitor, os frutos desse trabalho. Que ele possa de alguma forma enriquecer sua mente e amparar seu coração, sustentando sua fé nos duros embates da vida.

Paulo Rossi Severino

São Paulo, 18 de abril de 1990

* A **Folha Espírita** foi fundada em 18/4/1974

CAPÍTULO I

O MÉDIUM

Francisco Cândido Xavier nasceu em Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais, em 2 de abril de 1910. Membro de família numerosa, órfão de mãe aos cinco anos, conheceu todas as agruras do menino pobre que se vê abruptamente arrancado do suave colo materno para as mãos nervosas da madrinha que lhe aplicava castigos corporais diuturnamente. Após dois anos de sofrimento, durante os quais suplicava o reencontro com a mãe, voltou para o lar paterno, graças aos esforços de Cidália, a jovem bondosa com quem seu pai se consorciara.

As dificuldades de subsistência material persistiram ao longo de toda a infância e adolescência. Muito cedo, aos oito anos e meio, o menino Chico começou a trabalhar para cooperar no sustento dos irmãos - eram quinze ao todo.

Ao lado de toda essa luta pelo pão de cada dia, aconteciam estranhos fenômenos, em sua existência que lhe traziam conflitos psicológicos intensos. Aos quatro anos e meio já registrava a presença de espíritos que lhe diziam coisas incompreensíveis para a sua mente infantil. Via a mãe desencarnada no quintal da casa da madrinha, que o aconselhava a ter calma e paciência diante do sofrimento. Na escola pública, onde fez os estudos primários, ouvia os espíritos a lhe ditarem versos e composições sobre os mais variados temas. Seus conflitos aumentaram na adolescência, quando a fé católica, em que foi educado, reprimia todo esse conteúdo fenomenológico que só fazia aumentar com o passar do tempo, sem que tivesse explicação plausível.

Aos 17 anos, tornou-se espírita por causa de moléstia em família. Uma de suas irmãs, Maria Pena Xavier, caiu enferma e só encontrou a cura no Espiritismo por se tratar de obsessão espiritual. O jovem Chico encontrou, então, a explicação para todas as ocorrências estranhas de sua infância e adolescência.

Dia 8 de julho de 1927 recebeu a primeira mensagem escrita, assinada por um espírito amigo e, desde então, não mais cessou suas atividades no campo da mediunidade psicográfica.

Teve vários empregos, estabilizando-se, finalmente, como funcionário do Ministério da Agricultura do Estado de Minas Gerais que mantinha a Fazenda Modelo, em Pedro Leopoldo. Trabalhou durante 30 anos consecutivos, sem férias, nem domingos e feriados. Viveu sempre modestamente, auxiliando no sustento e na educação de irmãos e sobrinhos.

Em 1959, mudou-se para Uberaba, no Triângulo Mineiro, onde continua, até os dias de hoje, mantendo as mesmas tarefas no campo da psicografia.

Já recebeu 320 livros e perto de 600 autores espirituais. Iniciou a coletânea, em 1932, com **Parnaso de Além Túmulo**, obra-prima da literatura mediúnica, que traz poemas de poetas luso-brasileiros Dom o mesmo estilo que os caracterizou em vida.

O acervo produzido, por seu intermédio, inclui, além de poemas, trovas, romances históricos, contos, apólogos, reportagens, Instruções doutrinárias e revelações científicas.

Até o momento é o **best-seller** incontestado de todo o movimento editorial do País. As obras recebidas já foram traduzidas para 33 idiomas e foram editados no Brasil 18 milhões de exemplares*.

Em sua produção mediúnica há aspectos muito nítidos a destacar. O primeiro deles é o da consolação, porque as mensagens sustentam os corações combalidos pela dor, devolvendo-lhes o ânimo de viver com a comprovação da vida além-túmulo. Outro aspecto é o da instrução doutrinária, como complemento da obra codificada por Allan Kardec e há, ainda, o aspecto revelação com informações importantes na área científica e no campo social que acabaram se confirmando com o passar do tempo.

É importante ressaltar que o médium jamais se beneficiou de qualquer lucro financeiro oriundo da venda dessas obras. Mesmo quando a situação familiar era de maior penúria, jamais aceitou qualquer ajuda. Até hoje vive com a modesta aposentadoria de funcionário público.

Há, ainda, um detalhe a sublinhar: somente depois de 40 anos no exercício contínuo da mediunidade é que passou a receber mensagens para os familiares. Segundo seus próprios esclareci-

* Dados fornecidos em 31/3/89 pelo Sr. Stig Roland Ibsen, organizador do catálogo das obras de Chico Xavier.

mentos, é preciso muito treino por parte do médium para que o espírito comunicante tenha liberdade de expressão.

Chico Xavier já recebeu títulos de cidadania de inúmeras cidades do Brasil e já foi indicado com mais de um milhão de assinaturas para o Prêmio Nobel da Paz.

Permanece em sua vida modesta, como sempre. Atualmente, mesmo sentindo problemas de saúde decorrentes e um infarto do miocárdio, em 1976, prossegue trabalhando no Grupo Espírita da Prece, aos sábados, e em sua residência, na recepção de novos livros.

CAPÍTULO II

A MEDIUNIDADE

Psicografia é a faculdade mediúnica que permite, através da escrita, o encontro entre os mundos físico e espiritual. Os espíritos utilizam-se das mãos do médium para escrever mensagens aos que permanecem na Terra.

De certo modo, é a mais significativa das formas de comunicação, pela simplicidade, como afirma o discípulo de Pestalozzi, o mestre lionês, Allan Kardec, pseudônimo de Leon Hypolite Denizard Rivail, o codificador da Doutrina Espírita, em **O Livro dos Médiuns**, publicado em janeiro de 1861, em Paris.

Da versão de Guillon Ribeiro, para a língua portuguesa, editada pela Federação Espírita Brasileira, capítulo XV, intitulado Dos Médiuns Escreventes ou Psicógrafos, transcrevemos: “De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. Para ele devem tender todos os esforços, porquanto permite se estabeleçam, com os espíritos, relações tão continuadas e regulares, como as que existem entre nós. Com tanto mais afincado deve ser empregado, quanto é por ele que os espíritos revelam melhor sua natureza e o grau do seu aperfeiçoamento, ou da sua inferioridade. Pela facilidade que encontram em exprimir-se por esse meio, eles nos revelam seus mais íntimos pensamentos e nos facultam julgá-los e apreciá-los, o valor. Para o médium, a faculdade de escrever é, além disso, a mais suscetível de desenvolver-se pelo exercício”.

Quanto à captação mediúnica, esta apresenta-se de três diferentes maneiras:

Mediunidade mecânica

“Quando atua diretamente sobre a mão, o espírito lhe dá uma impulsão de todo independente da vontade deste último (do

médium). Ela se move sem interrupção e sem embargo do médium, enquanto o espírito tem alguma coisa a dizer, e pára, assim que ele acaba. Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve. Quando se dá, no caso, a inconsciência absoluta, tem-se os médiuns chamados passivos ou mecânicos. É preciosa esta faculdade, por não permitir dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve”.

Mediunidade intuitiva

“A transmissão do pensamento também se dá por meio do espírito do médium, ou melhor, de sua alma, pois que por este nome designamos o espírito desencarnado. O espírito livre, neste caso, não atua sobre a mão, para fazê-la escrever; não a toma, não a guia. Atua sobre a alma, com a qual se identifica. A alma sob esse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante: é que o espírito livre não se substitui à alma, visto que não a pode deslocar. Domina-a, mau grado seu, e lhe imprime a sua vontade. Em tal circunstância, o papel da alma não é o de inteira passividade; ela recebe o pensamento do espírito livre e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. E o que se chama médium intuitivo”.

Mediunidade semimecânica

“No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico participa de ambos esses gêneros. Sente que à sua mão uma impulsão é dada, mau grado seu, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. No primeiro, o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, precede-o; no terceiro, acompanha-o. Estes últimos médiuns são os mais numerosos.”

No caso de Chico Xavier, a velocidade com que escreve, durante horas seguidas, sem olhar para o papel, é espantosa.

Tivemos oportunidade de acompanhar, por mais de vinte anos consecutivos, com idas periódicas a Uberaba, as sessões públicas e em todas elas houve recepção de cartas-mensagens. Chegou mes-

mo a receber, em incrível maratona de resistência, oito mensagens numa única noite, das 14 horas, de 15 de agosto de 1981, às cinco horas do dia seguinte, e tudo isso diante de dezenas de pessoas mais diversas convicções religiosas.

Segundo depoimento do próprio médium, na maioria das sessões, o processo de recepção é o mecânico, mas, eventualmente, pode ser utilizado o semi-mecânico. Em raras ocasiões, durante a captação mediúnica, quando o ambiente é bastante harmonioso, Chico Xavier chega mesmo a se retirar, espiritualmente, do recinto sem que os trabalhos psicográficos sofram qualquer interrupção.

Após completar quarenta anos de exercício ativo da mediunidade, em julho de 1967, o psicógrafo foi liberado pelos seus mentores para a recepção de um maior volume de correspondência entre os dois planos. A mediunidade mecânica permite total liberdade de expressão dos espíritos comunicantes porque há, praticamente, total isenção do intermediário.

CAPÍTULO III

AS SESSÕES PÚBLICAS

Até julho de 1987, o médium Chico Xavier atendia ao público em duas sessões semanais, às sextas e sábados, nas dependências do Grupo Espírita da Prece, uma casa modesta, sem forro, construída em terreno aprazível, com árvores, no bairro João XXIII, em Uberaba, Minas Gerais. Todas as sextas-feiras, das 14 às 18 horas, conversava com as sessenta pessoas que se conservavam em fila para a consulta. Cada entrevista tinha a duração de cinco a dez minutos, tempo exíguo, mas suficiente para que o entrevistado declarasse seu nome e o da pessoa falecida e, eventualmente, fizesse algum rápido comentário. Em alguns casos, durante o breve encontro, o sensitivo registrava a presença, através da clarividência, de parentes falecidos, citando seus nomes ou referindo-se a um fato qualquer relativo ao desenlace ou a problema familiar.

Deve-se ressaltar que, no transcorrer da consulta, o médium mantinha-se calmo, afável, sereno, exaltava a fé nas criaturas, mas nada prometia. Até hoje, em seus encontros com o público, sua atitude é a mesma, porque, segundo sua experiência, são os mentores espirituais que o assistem os verdadeiros condutores da reunião. Somente eles sabem quais os espíritos que estão em condições de trazer suas notícias.

Esgotado o horário de entrevistas, em outro compartimento, sob a orientação do médico espiritual, Bezerra de Menezes, o médium prescrevia o receituário aos doentes que haviam deixado seus nomes, no transcorrer das entrevistas, com os cooperadores da reunião, atividade que se prolongava até meia-noite ou avançava um pouco mais.

Ao término do receituário, o médium deslocava-se para a mesa no salão principal, onde os expositores comentavam temas da Doutrina Espírita, procurando manter a harmonia espiritual

do ambiente. Iniciava, então, a recepção da mensagem do mentor espiritual e dos familiares desencarnados, tarefa que se prolongava, um raro, madrugada adentro, como tivemos oportunidade de observar.

Diante de um público numeroso, duzentas a trezentas pessoas, por noite, o médium retira os óculos, cobre os olhos com a mão esquerda e, suavemente, inicia a escrita. O lápis corre célere, captando seis, oito ou mais cartas-mensagens, três a quatro horas além da meia-noite. O público não percebe a troca de espíritos comunicantes. Todas as mensagens são colocadas no mesmo bloco por uma paciente auxiliar, sra. Zilda Batista, abnegada cooperadora do Grupo Espírita da Prece que há cerca de trinta anos cumpre essa tarefa.

Concluídos os trabalhos, o presidente, sr. Weaker Batista, chama em voz alta o destinatário, que se mantém em pé, próximo à cabeceira da mesa, enquanto o próprio médium procede à leitura da carta.

São momentos de indisfarçável emoção para muitos, de vitória sobre a perplexidade de outros e de abalo do ceticismo para alguns. E, sem dúvida, de algumas decepções porque, segundo expressão do médium, o “telefone toca de lá para cá” e não como se supõe “de cá para lá”.

Após completar sessenta anos de atividade mediúnica ininterrupta, (julho de 87), Chico Xavier não atende mais as consultas das sextas-feiras. As mensagens continuam a ser recebidas, aos ilibados, em geral, em um período menor. A sessão dura até a meia-noite.

Com o agravamento do estado de saúde do medianeiro, em decorrência da insuficiência cardíaca, as mensagens são recebidas, atualmente, com a utilização, não do lápis, mas de canetas esferográficas, a fim de que a letra fique mais firme. Embora com muita dificuldade, o médium ainda prossegue com a leitura das mesmas. Há mais de cinquenta anos o psicógrafo não enxerga de uma das vistas. Daí a dificuldade ter se acentuado com o passar da idade. Esse detalhe, porém, só faz reforçar a certeza e a autenticidade do fenômeno mediúnico em Chico Xavier, uma prova a mais de que ele não toma conhecimento do conteúdo das mensagens grafadas por suas próprias mãos.

CAPÍTULO IV

HIPÓTESES EXPLICATIVAS PARA AS CARTAS-MENSAGENS

Com o objetivo de encontrar uma explicação racional para cada caso abordado, dentro das condições ambientais em que foram recebidos, é possível levantar, metodológica e cientificamente, quatro hipóteses: fraude deliberada, informação direta ou criptomnésia, ESP (percepção extra-sensorial) e psicografia mecânica. É óbvio que qualquer dessas hipóteses tem que explicar todos os fatos e situações ou, pelo menos, grande número deles.

Fraude deliberada

Via de regra, o desejo de notoriedade, a obtenção de vantagens econômicas, bem como o proselitismo em favor de uma crença ou doutrina filosófica são os motivos que levam o sensitivo a fraudar.

A modéstia de Chico Xavier é qualidade tão intrínseca à sua personalidade que transparece a todos aqueles que o conhecem ou que tiveram oportunidade de assistir a suas entrevistas pela televisão, sendo reconhecida pela sociedade brasileira, mesmo por aqueles que não são espíritas.

Os títulos de cidadania que recebeu, ofertou-os todos à Doutrina Espírita. Seus hábitos continuam simples, não goza de supérfluos materiais e em sua existência modesta só há exemplos de rudes e penosas disciplinas.

Quanto às vantagens econômicas, jamais usufruiu de qualquer benefício material no exercício da tarefa psicográfica. Desde o primeiro livro publicado, **Parnaso de Além Túmulo**, em 1932, doou todos os direitos autorais às instituições assistenciais de benemerência do País, através das editoras às quais passou a incumbência de gerir essas doações.

Embora Chico Xavier seja um médium espírita e, como é

natural, desejoso de ampliar a divulgação da Doutrina, não impõe sua convicção religiosa a ninguém. Não faz qualquer tipo de restrição ou de exigência aos que o procuram e o atendimento é feito, indistintamente, a católicos, promitentes de outras religiões ou mesmo descrentes, sem o mais leve toque visando à modificação de nas convicções. O recebimento das mensagens independe da religiosidade do destinatário e este está totalmente desobrigado de qualquer vínculo com o Espiritismo.

Há uma constatação difícil de ser rebatida: há mais de sessenta anos Chico Xavier permanece na tarefa. Em geral, toma-se por fraude aquilo que não se consegue compreender. Mas, mesmo essa hipótese torna-se ridícula quando o medianeiro é a expressão da simplicidade e da modéstia, como é o caso de Chico Xavier.

Informação direta - criptomnésia

Incréis ou simples contraditores poderiam supor, nos casos por nós pesquisados, que Chico Xavier tivesse obtido informes sobre a personalidade do comunicante pelos meios normais, como jornais, rádio, televisão ou mesmo por informação antecipada de alguma pessoa ligada ao caso. Essa teoria carece de fundamento porquanto o sensitivo, na maioria dos acontecimentos apresentados, desconhecia os destinatários das mensagens. E essas foram captadas psicograficamente, em sessões públicas concorridíssimas, lendo que os comunicantes, em sua grande maioria, são criaturas do povo e suas vidas nunca tiveram destaque nos meios de comunicação. É preciso considerar também, e voltamos a insistir no intervalo de oito horas que, como elemento forte de defesa, separa o horário de entrevistas do período de recebimento das cartas-mensagens.

Impossível uma criatura, por mais dotada que seja, conseguir, pela criptomnésia - memorizar pelo inconsciente -, transmitir dados tão precisos, muitas vezes desconhecidos da própria família. Isso em centenas de casos por nós levantados e que obrigaram os familiares a penosas pesquisas até confirmarem, com espanto, os dados fornecidos pelas mensagens.

Para tanto, seria necessário o reconhecimento fisionômico de cada pessoa que o procura, quando a morte de um ente querido traz o inconformismo. Ou mesmo, a retenção de todos os nomes correspondentes à comunicação espiritual, e alguns apelidos muito íntimos.

A hipótese da informação direta é destruída pela sua deficiência visual de muitos anos e pela grande afluência de assistentes, em sessões que se desenvolvem à noite, com iluminação precária.

ESP (Percepção extra-sensorial)

Após exame muito superficial, o diálogo de Francisco Cândido Xavier com o mundo espiritual poderia ser posto em dúvida. Somente dessa forma, pois, teria o médium Xavier tão grande facilidade de captação paranormal, conseguindo fatos desconhecidos até dos próprios familiares do manifestante? Seria uma captação por ESP (percepção extra-sensorial)?

Para os menos avisados, a telepatia seria a hipótese explicativa de maior aceitação para a atividade do médium. No entanto, verificamos que Chico Xavier tem recebido essas comunicações por mais de seis décadas, e elas se contam às centenas, senão aos milhares, demonstrando, assim, que o fenômeno já o acompanha de longa data. Sabe-se, também, que a telepatia ocorre, com maior frequência, através de um par de pessoas que, guardando relativa afinidade e colocadas em condições especiais, têm as mentes voltadas para o mesmo objetivo.

Entre pessoas das mais variadas condições, todas dirigindo seus insistentes pensamentos para um único receptor, como é o caso das sessões mediúnicas para captação das mensagens, seria o primeiro e o mais singular registro de telepatia coletiva em todo o mundo. Fato improvável.

Psicografia mecânica

Restou-nos, como derradeira hipótese e a mais plausível, para elucidar a diversidade dos fatos descritos, a mediunidade psicográfica.

Nos casos presenciados, a manifestação da personalidade comunicante determinou alterações físicas e psicológicas do médium, porque, de um modo geral, o transe mediúnico possui características típicas que o tornam imediatamente identificável.

Em se tratando de Chico Xavier, há como que uma incorporação que se verifica suavemente, fluindo o lápis tão rápido que impede o acompanhamento visual da escrita, por parte do médium. Seus gestos têm sempre as mesmas características: retirada dos óculos e os olhos cobertos pela mão esquerda.

Diante da complexidade do fenômeno que acompanhamos de perto e, posteriormente, pesquisamos durante todos esses anos, é ser muito simplista e esquemático apenas negá-lo. Pior, ainda, a tentativa de explicações tão pueris, quando o fato sustenta-se por si mesmo.

CAPÍTULO V

METODOLOGIA

Amadurecida a idéia de uma pesquisa, procuramos estabelecer os critérios para apurar a autenticidade de cada mensagem.

Para a coleta e posterior avaliação dos dados foi elaborado um questionário experimental, formulado pelas Dras. Maria Julia de Moraes Prieto Peres e Marlene Rossi Severino Nobre. Saímos a campo, aplicando esse instrumento de pesquisa. Utilizamos o método de entrevista direta com duração média de três horas, colhendo os testemunhos das pessoas envolvidas em cada caso. O próprio método aperfeiçoou-os questionários. Procuramos manter a isenção necessária na aplicação dos mesmos. Quando solicitados, auxiliávamos no preenchimento dos formulários, mas as pessoas ficavam muito à vontade para falarem das notícias recebidas e de sua autenticidade. Procuramos, também, documentar os depoimentos, anexando fotos, xerocópias de mensagens originais e elementos comprobatórios das peculiaridades da personalidade comunicante, tais como linguajar, expressões usuais e até mesmo documentos com assinatura.

Assim, cada caso forma um processo, cujo conteúdo registra as evidências do **modus vivendi** do comunicante e possibilita que se lhe trace um perfil com inquestionável nitidez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem sabe muito pouco acerca do seu destino após a morte. Na verdade, ele foge, deliberadamente, de todo e qualquer lema que procure devassar o “outro lado”, porque seus interesses imediatistas perturbam-se diante da possibilidade da sobrevivência. Há, por outro lado, um medo arqui milenar introjetado na mente ocidental quanto aos desdobramentos negativos da vida além-túmulo. De um modo geral, as religiões ocidentais apresentam um quadro confuso, impreciso e mesmo aterrador a respeito do país da morte.

Hernani Guimarães Andrade, presidente do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, captou essa dificuldade, quando afirmou, em artigo de Sergivan Du Marrick, seu pseudônimo na **Folha Espírita**, em abril de 1975: “O problema da natureza do homem e do seu destino após a morte do corpo físico foi relegado às religiões. Estas não puderam dar uma solução de acordo com as exigências da Ciência. Em razão disso, o homem encontra-se, atualmente, frente a um curioso paradoxo: conhece mais acerca do seu contorno do que a respeito de si próprio e da sua real destinação no espaço e no tempo”.

Allan Kardec entrevistou espíritos diversos, de diferentes categorias, captando com muito bom senso a vida no além, e procurando mostrar ao homem onde se encontram seus verdadeiros Interesses, tendo em vista a certeza da sobrevivência após a morte. Kardec demonstrou que a educação integral do homem na Terra só será possível quando a imortalidade e a reencarnação influírem em suas bases e premissas.

É ainda de Hernani Andrade, no artigo citado, a constatação que nos auxiliou neste roteiro: “Em outros termos, referindo-nos ao problema da sobrevivência após a morte, queremos deixar bem claro que existem fortes evidências a favor dessa possibilidade.

Como a certeza é proporcional à evidência, podemos acrescentar que a certeza acerca da sobrevivência está crescendo dia-a-dia, na medida em que sua evidência se está reforçando. O Dr. Gardner Murphy sugere as seguintes fontes de evidência concernentes à sobrevivência: 1) - Os fantasmas dos vivos e dos mortos; 2) -As comunicações dos mortos através dos médiuns; 3) - As correspondências cruzadas; 4) - Cooperação entre espíritos comunicadores; 5) - “Proxy Sittings”, sessões em que são recebidas mensagens destinadas ou referentes a pessoas distantes e que não participa m do grupo, ou que são absolutamente estranhas a ele”.

Trazemos à consideração do leitor as comunicações dos chamados mortos, através do médium Chico Xavier. Os casos apresentados evidenciam, com grande força de autenticidade, a sobrevivência da alma após a morte, e a sua comunicabilidade com o mundo físico.

Estamos somando, humildemente, nossos esforços aos dos médicos contemporâneos, Drs. George Ritchie, Raymond Moody Jr., e Elizabeth Kubler Ross, no sentido de despertar as criaturas humanas para o reencontro da vida, uma vez que a morte, em Última análise, determina tão-somente a transferência do espírito para outros planos onde a maior surpresa é a constatação de que nada perece.

Espero que a certeza das evidências modifique sua existência também.

Paulo Rossi Severino

As Cartas-Mensagens

ROTEIRO PARA O LEITOR

A seguir, publicamos na íntegra as 45 cartas-mensagens que se constituíram no universo da pesquisa.

À primeira vista pode parecer que todos os casos enfocados são iguais, no entanto, apresentamos ao leitor um roteiro com alguns destaques de fatos e revelações para que tenha idéia da riqueza das informações psicográficas.

Deve-se observar que, em todos os casos apresentados, são citados os nomes das entidades que vieram receber o espírito comunicante no limiar da vida espiritual. Em algumas mensagens há latos mencionados desconhecidos dos familiares e em outras observamos que o comunicante utiliza pseudônimos nada convencionais, tais como Zumbeta, Shabi, Popó, Garibaldi etc.

Há ainda um fato muito importante que o leitor não poderá acompanhar de perto, como nós pudemos testemunhar algumas vezes: a emoção dos familiares no momento em que a mensagem é lida pelo médium. Essa prova irrefutável de autenticidade que se tem ao vivo, em plena sessão mediúnica, ou no convívio com os familiares, você poderá captar se deixar fluir a sua sensibilidade.

Caso nº 2 - Jair Presente - houve citação em uma de suas cartas do nome de Irineu Leite da Silva, enterrado no “Parque Flamboyant”, em Campinas, Estado de São Paulo. O nome era desconhecido da família Presente, e não havia parentes ou conhecidos ligados a esse espírito, em Uberaba, onde o sensitivo recebeu a carta. A irmã de Jair, Sueli Presente, resolveu averiguar. Telefonou para o sr. Renato Mangiaterra, administrador do cemitério, mas este não encontrou nenhum registro com esse nome. Ela consultou, então, o arquivo do jornal local, e encontrou a notícia da morte de Irineu, no dia mencionado 7/6/1975. Insistiu junto administrador do cemitério e este descobriu que ele havia sido registrado com o nome de Pirineu, daí a confusão na informa-

ção prestada quando da primeira consulta. O Dr. Mario Boari Tamassia, escritor e jornalista, foi pessoalmente ao cemitério e documentou a veracidade da informação espiritual. Os dois dados absolutamente corretos, a referência ao dia do óbito (7/6) e a menção do cemitério, quando há três cemitérios em Campinas, São fatos indiscutíveis que dão o que pensar.

Caso nº 3 - Volquimar Carvalho dos Santos - único caso, por nós pesquisado, em que a entidade comunicante assinou, ao final, seu nome por cinco vezes, tendo sua mãe declarado que três delas tinham grande semelhança.

Caso nº 14 - Carlos Alberto Andrade Santoro - esse jovem deixou o corpo físico aos 20 anos, devido a acidente aviatório. O comunicante relata que viveu em duas épocas neste mesmo século. A primeira terminou no ano da Revolução Paulista, ou seja 1932. A segunda teve início em 1951 e se findou no ano em que se deu o acidente de avião (1972). Como se observa, Carlos Alberto regressou no tempo e no espaço. Romeu Grissi teve oportunidade de constatar a veracidade das informações levantando dados nas cidades de Votuporanga e de São José do Rio Preto, Estado de São Paulo.

Caso nº 21 - Maurício Garcez Henrique - esse jovem de 15 anos tinha, entre seus amigos, outro jovem de 18 anos, José Divino Nunes. Moravam na cidade de Goiânia de Campinas, nas proximidades da Capital de Goiás. Em maio de 1976, num sábado de manhã, um tiro acidental atinge Maurício, estando a arma em mãos de José Divino. A mensagem enviada através do sensitivo, exclui qualquer responsabilidade de José Divino. O processo-crime teve seu andamento normal, chegando finalmente às mãos do juiz para a manifestação final. Este, tomando conhecimento da mensagem anexada aos autos, absolveu o réu, praticamente dois anos após o desenlace de Maurício. Não se conhecia na época precedente na história judiciária.

Caso nº 26 - lida Mascaro Saullo - esta senhora faleceu na Itália, mas seu filho Ortensio reside no Brasil. Ela enviou uma carta em italiano ao filho, idioma desconhecido do médium Xavier. Ernesto Bozzano, sábio pesquisador italiano classifica esse fenômeno como xenoglossia.

Caso nº 30 - Paulo Eduardo Teixeira da Silva - essa mensagem elucida caso suspeito de suicídio. Apelamos pela revisão do fato às autoridades da Aeronáutica. Seu desenlace, de maneira trágica,

verificou-se no dia 26 de setembro de 1978, com 19 anos, na Academia da Força Aérea de Pirassununga, Estado de São Paulo, onde servia como soldado do Batalhão de Guarda e Segurança, tendo sua arma disparado quando estava no serviço do dia. O fato foi considerado pelos superiores como suicídio. Pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, o assunto foi esclarecido. O rapaz relata na mensagem que seria incapaz de atirar contra si próprio. Ele foi limpar as unhas com a ponta da arma e inadvertidamente seus dedos se movimentaram detonando o projétil que o vitimou. Fizemos um apelo às autoridades da Aeronáutica para a revisão da atribuição de suicídio, e tivemos conhecimento de que o processo foi revisto.

Caso nº 33 - Roberto Muszkat - este jovem israelita de 19 anos renasceu para a vida espiritual ao fazer uso de um tópicio nasal, que provocou um choque anafilático fatal, isto é, uma reação alérgica súbita e extremamente grave, vindo a falecer imediatamente. Em suas cartas, várias expressões hebraicas são utilizadas pelo comunicante, relatando fatos e situações típicas dos costumes judeus, totalmente desconhecidos do médium que teve inclusive necessidade de recorrer ao auxílio do Dr. Davi para a inflexão da pronúncia e a explicação do significado ao público presente. A mediunidade de Francisco Cândido Xavier oferece ao mundo impressionante material probatório da vida que se desdobra além da tumba, muito mais bela e exuberante do que na própria Terra, convidando os homens à reflexão e ao estudo. O Dr. Davi Muszkat, pai do comunicante, escreveu um livro: **Quando se Pretende Falar da Vida**, divulgando algumas cartas enviadas pelo filho, e onde relata as experiências vividas.

Caso nº 34 - Ricardo Leão de Oliveira - este jovem de 18 anos pereceu num acidente automobilístico na cidade de São Bernardo do Campo, Estado de S. Paulo. Os pais procuraram o nativo no auge do desespero. O jovem alerta para o nascimento da filha que eles desconheciam. A noiva estava grávida quando de sua morte.

Caso nº 37 - Heitor Cavalcante Alencar Furtado - deputado federal - este caso teve grande repercussão nacional. Ele foi atingido, dentro do carro em que repousava junto a um posto de gasolina, pela bala de uma arma disparada pelo soldado da PM paranaense Aparecido Andrade Branco. A carta enviada aos pais foi utilizada como principal prova documental juntada pelos advogados de

defesa, no julgamento realizado dia 26 de setembro de 1984, no fórum de Mandaguari, Estado do Paraná. O deputado Alencar Furtado, pai de Heitor, desistiu da assistência de acusação no referido processo, depois que recebeu as notícias do filho em Uberaba, quarenta dias após o crime. A apresentação da carta-mensagem como prova documental teve influência decisiva no resultado do julgamento. Condenado por cinco a dois, Aparecido Branco foi considerado culpado de homicídio simples, com oito anos e vinte dias de detenção.

Caso nº 38 - Renê Oliva Strang - este jovem de 19 anos pereceu num acidente automobilístico, próximo de Cravinhos, Estado de São Paulo. Na terceira e quarta carta enviadas, fez uma revelação velada, mas que os pais conseguiram entender, pois envolvia delicada questão de compromisso moral que o comunicante desejava que os pais honrassem por ele, ou seja o reconhecimento da paternidade que assumira em vida e que a morte física inesperada não lhe permitira concretizar como desejava. Atendendo à solicitação do filho, os pais do jovem comunicante providenciaram a formalização legal do reconhecimento da paternidade dele, incorporando à família, na condição de neto, a criança que nascera.

Como poderia sair tudo isso da mente do sensitivo?

Caso nº 41 - Dimas Luis Zornetta - este jovem suicidou-se, a família relata o esclarecimento de Francisco Cândido Xavier, de que foi a primeira vez que um irmão trouxe o outro para dar comunicação.

Caso nº 42 - Allann Charless Padovani - este jovem de 15 anos pereceu por intoxicação exógena - administração de psicoestimulante, na cidade de Cascavel, Estado do Paraná. A morte física de Allann não tinha ficado bem esclarecida, tanto o delegado local como os familiares aguardaram o laudo policial do IML, para maiores esclarecimentos. As autoridades encarregadas de elucidar o caso determinaram a causa da morte física, mas desconheciam os pormenores, acreditando num provável envolvimento de outros jovens. Pelo exposto, podemos verificar que até a data da carta psicografada por Francisco Cândido Xavier, permaneciam as indagações. Entretanto, através da mensagem tivemos a elucidação do caso.

Caso nº 43 - Carlos Teles Sobral Júnior - este jovem de 25 anos é brasileiro, mas residia em Portugal. O rapaz apareceu morto.

A polícia não conseguiu elucidar o caso e o classificou como suicídio. Vindo ao Brasil, os familiares procuraram obter esclarecimentos sobre o ocorrido, na visita que fizeram ao médium em Uberaba, mas só receberam a carta no dia 18 de maio de 1985, portanto três meses após. Devem ser ressaltados dois fatos. A precocidade das respostas às indagações paternas, pois o rapaz deu notícias três meses após o desenlace. O segundo ponto é o Inusitado da situação, já que os pais não se davam conta das suas brincadeiras irresponsáveis. Ele afastou totalmente a possibilidade de suicídio, porque lembrou que o assassino depositara a arma em sua mão esquerda. Seria o homicida canhoto? Carlos reles Sobral Júnior, não se interessa em saber, ele deseja que os pais não prossigam nas investigações. O seu depoimento é, acima de tudo, corajoso testemunho aos jovens para que utilizem melhor suas energias, respeitando a vida do semelhante.

Ordem dos Casos

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------------------|
| 1 - José Roberto Pereira da Silva | 24 - Luiz Adamo Nucci |
| 2 - Jair Presente | 25 - Andréa Lodi |
| 3 - Volquimar Carvalho dos Santos | 26 - Ilda Mascaro Saullo |
| 4 - Maria Teresa de Sena Melo | 27 - Mauro Lira |
| 5 - Gabriel Casemiro Espejo | 28 - João Carlos Frederico Coelho |
| 6 - Solange Victoretti | 29 - Fátima Solange de Assis Campos |
| 7 - Vera Cruz Leitão Bertoni | 30 - Paulo Eduardo Teixeira da Silva |
| 8 - José Roberto Pereira Cassiano | 31 - Roberto de Salas |
| 9 - Walter Perrone | 32 - Augusto Cezar Netto |
| 10 - Ronaldo Malafronto | 33 - Roberto Muszkat |
| 11 - João Luiz Palatinus | 34 - Ricardo Leão de Oliveira |
| 12 - João Jorge de Lima | 35 - Maurício Xavier de Vieira |
| 13 - Yolanda C. Giglio Villela | 36 - Grazia Rape |
| 14 - Carlos A. Andrade Santoro | 37 - Heitor C. Alencar Furtado |
| 15 - Carlos Marino Vochi | 38 - Renê Oliva Strang |
| 16 - Izídio Inácio da Silva | 39 - Willian Machado Figueiredo |
| 17 - Marco Antônio P. Fernandes | 40 - Domingos Donizetti Zornetta |
| 18 - Gilberto Pereira Teixeira | 41 - Dimas Luiz Zornetta |
| 19 - Rosemari Daurício | 42 - Allann Charless Padovani |
| 20 - Sérgio Calamari | 43 - Carlos Teles Sobral Júnior |
| 21 - Maurício Garcez Henrique | 44 - Lineu de Paula Leão Júnior |
| 22 - Jorge Luiz Motonó Camargo | 45 - João Gilberto dos Santos |
| 23 - Marco Antonio Migotto | |

Relação dos Comunicantes

| Nome do Comunicante | N.C | Data Nascimento | Data Óbito | Idade |
|---------------------------------|------------|------------------------|-------------------|--------------|
| Allann Charless Padovani | 42 | 04/08/1969 | 24/11/1985 | 16 |
| Andréa Lodi | 25 | 25/11/1968 | 06/04/1978 | 10 |
| Augusto Cezar Netto | 32 | 27/09/1942 | 27/02/1968 | 26 |
| Carlos A. Andrade Santoro | 14 | 06/08/1951 | 23/02/1972 | 21 |
| Carlos Marino Vochi | 15 | 08/09/1957 | 17/08/1974 | 17 |
| Carlos Teles Sobral Júnior | 43 | 29/01/1960 | 15/02/1985 | 25 |
| Dimas Luiz Zornetta | 41 | 19/04/1958 | 08/01/1984 | 26 |
| Domingos Donizetti Zornetta | 40 | 13/05/1956 | 14/08/1983 | 27 |
| Fátima Solange de Assis Campos | 29 | 01/07/1963 | 04/02/1978 | 15 |
| Gabriel Casemiro Espejo | 5 | 20/11/1948 | 27/06/1974 | 26 |
| Gilberto Pereira Teixeira | 18 | 19/05/1959 | 13/07/1977 | 18 |
| Grazia Rape | 36 | 12/06/1957 | 06/11/1980 | 23 |
| Heitor C. Alencar Furtado | 37 | 01/05/1952 | 22/10/1982 | 30 |
| Iida Mascaro Saullo | 26 | 19/11/1906 | 20/12/1977 | 71 |
| Izidio Inácio da Silva | 16 | 21/03/1955 | 26/06/1974 | 19 |
| Jair Presente | 2 | 10/11/1949 | 03/02/1974 | 25 |
| João Carlos Frederico Coelho | 28 | 04/12/1963 | 12/05/1978 | 15 |
| João Gilberto dos Santos | 45 | 05/06/1947 | 24/07/1975 | 28 |
| João Jorge de Lima | 12 | 07/05/1949 | 24/08/1974 | 25 |
| João Luiz Palatinus | 11 | 16/06/1948 | 18/12/1974 | 26 |
| Jorge Luiz Motono Camargo | 22 | 16/04/1955 | 18/03/1977 | 22 |
| José Roberto Pereira Cassiano | 8 | 19/02/1951 | 09/03/1974 | 23 |
| José Roberto Pereira da Silva | 1 | 06/08/1953 | 08/06/1972 | 19 |
| Lineu de Paula Leão Júnior | 44 | 12/07/1958 | 12/07/1985 | 27 |
| Luiz Adamo Nucci | 24 | 01/01/1947 | 11/07/1976 | 29 |
| Marco Antônio Migotto | 23 | 16/05/1955 | 02/10/1977 | 22 |
| Marco Antônio P. Fernandes | 17 | 18/09/1954 | 06/06/1976 | 22 |
| Maria Teresa de Sena Melo | 4 | 05/12/1956 | 18/08/1974 | 18 |
| Maurício Garcez Henrique | 21 | 19/12/1960 | 08/05/1976 | 16 |
| Maurício Xavier de Vieira | 35 | 14/12/1968 | 17/05/1976 | 8 |
| Mauro Lira | 27 | 07/10/1961 | 06/07/1977 | 16 |
| Paulo Eduardo Teixeira da Silva | 30 | 11/07/1959 | 26/09/1978 | 19 |
| Renê Oliva Strang | 38 | 01/10/1959 | 06/07/1979 | 20 |
| Ricardo Leão de Oliveira | 34 | 27/11/1959 | 12/11/1978 | 19 |
| Roberto Muszkat | 33 | 16/11/1959 | 14/03/1979 | 20 |
| Roberto de Salas | 31 | 14/04/1957 | 12/11/1977 | 20 |
| Ronaldo Malafronto | 10 | 28/05/1950 | 13/02/1973 | 23 |
| Rosemari Daurício | 19 | 27/10/1953 | 18/12/1976 | 23 |
| Sérgio Calamari | 20 | 09/02/1952 | 29/02/1976 | 24 |
| Solange Victoretti | 6 | 12/03/1955 | 11/04/1975 | 20 |
| Vera Cruz Leitão Bertoni | 7 | 03/05/1926 | 29/05/1975 | 49 |
| Volquimar Carvalho dos Santos | 3 | 01/07/1952 | 01/02/1974 | 22 |
| Walter Perrone | 9 | 04/09/1950 | 14/02/1974 | 24 |
| Williim Machado Figueiredo | 39 | 04/04/1925 | 25/09/1941 | 16 |
| Yolanda C. Giglio Villela | 13 | 23/05/1949 | 04/07/1976 | 27 |

Caso nº 1

Nome: **JOSÉ ROBERTO PEREIRA DA SILVA**

Idade: **18 anos**

Nome do Pai: **Nery Pereira da Silva**

Nome da Mãe: **Lucy Ianez da Silva**

Data e local de nascimento: **6/8/1953, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **8/6/1972, em Moji das Cruzes - SP**

Causa da morte: **acidente ferroviário**

“Papai, escute o meu grito, não morri, não!”

José Roberto Pereira da Silva, 18 anos, primeiro-anista da Faculdade de Medicina de Moji das Cruzes. Filho de Nery Pereira da Silva e de Lucy Ianez da Silva, nasceu em 6 de agosto de 1953, em São Paulo, desencarnando em 8 de junho de 1972, em Moji das Cruzes, vitimado por acidente ferroviário.

A dor, o desespero, abateram-se sobre os corações de seus pais naquela manhã trágica. O Beto não estava mais ali. Por quê? Tantos outros haviam sido poupados na dolorosa tragédia. Por (pie Beto não sobrevivera? Desde então, o relógio parou; o senhor Nery buscava apenas a laje fria do cemitério e dona Lucy carregava no peito o esquite dos sonhos mortos.

Um mil, novecentos e setenta e três. Uberaba, Minas Gerais. O casal procura Chico Xavier em reunião pública normal. Nada disseram. O médium nada sabia de suas vidas. E Beto voltou... voltou através das mãos abnegadas do Chico Xavier.

A mensagem

“Querida mamãe, peço a sua bênção comigo. Dizer o que sinto agora, querida mamãe, é impossível. Quem conseguirá descrever o que se sente entre duas vidas? Eu não sei o que fazer nesta hora em que nos revemos assim, através das letras que seu filho vai escrevendo com o coração nos dedos, amparado pelas mãos de amigos e benfeitores que nos protegem. O papel, aqui, me parece um espelho em que meu pensamento se reflete... Entretanto, mãezinha, o papel não retrata as lágrimas.

As lágrimas de alegria e gratidão que elevo a Jesus, agradecendo estes minutos de escrita. Receba, porém, todos os melhores sentimentos de seu filho, nestas frases que vou transmitindo às

páginas, sem cogitar de saber com exatidão como vou registrando o que sinto...

Não chore mais, mãezinha, e peça ao querido papai que me auxilie com a fortaleza que ele vai reconstruindo pouco a pouco...

Desde aquela manhã final de 8 de junho, a saudade ficou mesmo entre nós, mas o amor cresceu e cresce cada vez mais. E é no amor que vivemos, porque o amor é a presença de Deus. Ajudem-me. Não lastimem a partida inesperada do filho que desejaria ter ficado... Entretanto, a lei de Deus sabe mais que os nossos desejos. Se pudesse, teria permanecido sempre, até que pudéssemos avançar todos juntos no tempo, sem separação e sem morte. Não creiam que o sofrimento do adeus não está igualmente aqui... Estamos vivos e quase felizes, mas é preciso lembrar que esse quase é a lâmina que a saudade significa em nosso coração firme na fé. Estamos contentes e renovados, mas a despedida dói mais porque o pranto dos que amamos é chuva de aflições sobre nós.

Lembro, mãezinha querida, o papai trabalhando para entesourar os recursos diante do futuro. Lembro-me que ele me pedia para dar toda a atenção aos estudos, enquanto sonhava com um hospital em que a medicina me aguardava para cumprir encargos de amor ao pé dos doentes...

Rogo a ele que não desanime, nem se canse...

Além de nossa querida Sandra (1), temos outros corações para auxiliar. Os companheiros que ficaram, que lutam, que estudam e que esperam dias melhores no Amanhã da Vida, contam igualmente conosco.

Rogo ao papai para não esmorecer, porque precisamos continuar... Continuar para valorizar o tempo e os recursos que o Alto nos concedeu...

Tenho sofrido bastante com as inquietações dos familiares queridos.

Não fosse isso, mãezinha, e tudo estaria melhor.

Não pensem, mas não pensem mesmo, em mim à maneira de alguém que fosse esmagado pelo acidente. O que se perdeu foi um retrato: um retrato que um dia, em verdade, deveria desaparecer.

Eu mesmo estou forte, reanimado, a pedir-lhes para que vivam e lutem pelo bem de nós todos.

Papai, escute o meu grito. Não morri, não!

Trabalhe, meu pai, guarde o seu ânimo de homem de bem. Não queira morrer para reencontrar-me, porque eu prossigo vivendo para reencontrá-lo, a cada dia mais encorajado para a luta em favor do bem.

Não me procure chorando e clamando por mim, no recanto da terra onde meu retrato ficou arquivado!

Agradeço o seu carinho, meu querido pai, suas preces e suas manifestações de amor, e peço a Deus que lhe recompense a abnegação, mas não procure por seu filho a pedir com tanta dor para que a nossa dor necessária não exista. O tempo com a bênção de Deus nos ajudará.

Rogo-lhe viver e viver criando felicidade e progresso para nós todos. O trem de Moji, no dia 8 de junho do ano passado, não trouxe para cá os rapazes todos. O senhor queria que eu ficasse aí para realizar os seus ideais, no entanto, eu não estou morto, meu pai! Estou vivo! E trabalharei com as suas mãos.

Recordo as suas palavras, lembrando os dias de minha infância.

Você queria seu filho num hospital para atender às crianças necessitadas e satisfazer as necessidades dos enfermos sem maiores recursos (2)... E quem diz que não vou servir?

Agora conheço mais profundamente a nossa gruta de Maquiné (3) das conversações e até o padre João de Santo Antônio (4), que nossa família sempre honrou com abençoada devoção, veio me ver e abraçar em nome do carinho dos antepassados, aqueles mesmos, papai, que puseram no seu peito de missionário do bem o coração generoso que o senhor traz na alma.

Vovô Ianez (5) me acolheu, logo que me vi necessitado de apoio. Digo assim porque, depois de cair, como se houvesse sorvido mu tranqüilizante violento para dormir, apenas dormi pesadamente...

Sonhava e me via no vagão brincando com os amigos e comentando as alegrias que projetávamos para as férias próximas...

Como que prosseguia, a dormir, na viagem que parecia não terminar, até que minhas impressões se transformaram num pesadelo, do qual acordei num leito de tranqüila enfermaria, com Uma faixa a me resguardar a cabeça.

Despertei, sentindo dor, e imaginei que fora acidentado, sem a certeza disso. Remédios vieram de mãos amigas e dormi de novo para depois acordar com mais calma...

Entretanto, aí fora nossa casa, a se revelar por dentro de mim. O senhor e mamãe chorando e clamando, sem que eu nada pudesse responder...

Parentes nossos vieram de modo surpreendente em nosso favor e vou indo pouco a pouco retomando a vida. O que sucedeu realmente ainda não sei com detalhes.

Estou, à feição de alguém que houvesse sofrido longo processo de anestesia, sem memória muito segura para recordar minudências. Mas, vovô Ianez e vovô Leite (6), irmãs de caridade cristã 11ne se foram, e são amigas de minha vó desde os dias da devoção a Santo Antônio, me auxiliam com carinho e bênção, dando-me novas forças.

Rogo ao senhor, papai, a você, meu pai e meu amigo, fortalecer mamãe e Sandrinha com o seu esforço e com a sua coragem.

Deus não se afasta de nós, a vida continua e estamos juntos, embora de outra forma. Lembre-se com mamãe que, desde os primeiros dias da escola, a idéia de um trem de ferro estava comigo e que a preocupação com o tempo me obrigava a estar marcando datas e mais datas (7).

Algo em mim falava que os dias para mim seriam curtos na terra e que um comboio estava me aguardando para a viagem final, mas final de linha, meu querido papai, porque os trilhos continuam...

Para mim, é como se o trem de Moji tivesse entrado num túnel... De um lado, ficaram vocês, os meus amados, e de outro estou eu, continuando em nova forma...

Peço-lhes mais uma vez que me ajudem. A saudade deve ler para nós uma prece de esperança e, com essa prece, trabalhando no bem aos nossos irmãos do caminho, seguimos para a luz do reencontro...

Mãezinha, não chore mais. Ampara-me com sua fé.

Rogo aos meus queridos avós para me auxiliarem.

Ano passado foi terrível para mim o 6 de agosto! (8).

Se puderem, no próximo aniversário, façam a festa de nossa comunhão espiritual, ofertando um bolo às crianças reunidas em lar de Jesus, sem o lar terrestre que não puderam ter. Estarei com vocês e vamos encontrar muita alegria. Não deixem que a nossa casa se transforme em recanto de sombras e lágrimas.

A vida é tesouro de Deus e todos estamos ricos de trabalho e esperança, fé e conhecimento.

Agora é ponto final que me pedem.

Não posso escrever mais. Minhas forças não estão muito seguras. Estou como quem cumpriu uma prova difícil: a de escrever quase sem possibilidades para fazer isso.

Querido papai, querida mãezinha, querida Sandrinha, meus queridos avós e meus companheiros queridos, aqui, com toda a minha confiança, aquela abraço do meu coração reconhecido.

Beto (9).”

Esta carta é uma autêntica evidência da sobrevivência do espírito após a morte física e da possibilidade de comunicação entre os chamados “mortos” e “vivos”.

Os dados fornecidos pelo Sr. Nery Pereira da Silva e dona Lucy, sua esposa, dão testemunho da autenticidade desta carta pois, segundo o Sr. Nery, se não fosse esta mensagem, ele já estaria num hospício.

Mensagem recebida em 1973, em Uberaba, MG, pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece.

Esclarecimentos

1 - Sandra é irmã de Beto.

2 - Desde que o filho era pequeno o Sr. Nery aconselhava-o a ser médico e, assim, poder se dedicar aos enfermos sem recursos. Fato que é lembrado na carta com a promessa do cumprimento da dívida com o trabalho no mundo espiritual.

3 - Quando Beto era pequeno, seu pai levou-o a visitar a gruta de Maquine, terra de seus avós maternos.

4 - Padre João de Santo Antônio é falecido há 50 anos. Somente dona Otília, mãe de dona Lucy, conhecia o clérigo.

5 e 6 - Vovô Ianez e vovô Leite são os bisavós desencarnados.

7 - Desde pequeno Beto tinha manias de trem de ferro e todos os objetos da casa levam o seu apelido e a data respectiva.

8 - Seis de agosto de 1953, data do nascimento de José Roberto.

9 - Assinatura autêntica do carinhoso apelido de José Roberto Pereira da Silva, vida ceifada aos 18 anos pelo comboio de Moji.

O final de linha chegara para nosso querido Beto, mas os trilhos continuam.

Caso nº 2

Nome: **JAIR PRESENTE**

Idade: **24 anos**

Nome do Pai: **José Presente**

Nome da Mãe: **Josefina Basso Presente**

Data e local do nascimento: **10/11/1949, em Campinas - SP**

Data e local do falecimento: **3/2/1974, em Americana - SP**

Causa da morte: **afogamento**

Estivemos na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, acompanhados do Dr. João Moisés Abujadi, em visita à família Presente. Sueli, irmã do comunicante, no dossiê que nos apresentou sobre as muitas cartas-mensagens e documentos do irmão Jair Presente, traçou um perfil do comunicante: “Sempre foi líder, era sempre procurado e a patota não ia a lugar nenhum sem ele, pois onde chegava irradiava alegria. Com seu espírito esportivo e alegre, onde quer que estivesse, impunha sua personalidade definida, dominava qualquer ambiente. Arrumava tempo para tudo, parecia ser feito de ferro, nunca se cansava e nem ficava doente. Estudava, trabalhava dando aulas, nunca se isolando dos amigos. Coração bondoso, quando dava aulas particulares, os que podiam pagavam e os que não podiam ele dava aulas assim mesmo”.

Nosso interesse era saber maiores detalhes sobre a pesquisa realizada no cemitério para comprovar a citação de um nome em carta-mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier em 19 de julho de 1975: “E outro amigo, aqui ao lado, é o Irineu Leite da Silva, um moço do fino que vestiu paletó de madeira em 7 de junho passado. Estava eu entre aqueles que trabalhavam no Parque Flamboyant, quando ele foi considerado pessoa de Sono eterno. Mas acordou junto de nós e estava bem”. O nome citado era desconhecido da família Presente, e também não havia parentes ou conhecidos do rapaz em Uberaba, quando a mensagem foi recebida.

Sueli resolveu averiguar, telefonando para o Sr. Renato Mangiaterra, administrador do cemitério, mas ele afirmou que não havia registro de tal nome. Ela continuou a pesquisa, consultando o arquivo do jornal local **Correio Popular**, encontrando a notícia do falecimento de Irineu, causado por acidente automobilístico. Insistiu, então, junto ao administrador do cemitério e este desço-

briu que ele havia sido registrado como Pirineu, daí a confusão na informação prestada quando da primeira consulta telefônica. O Dr. Mario Boari Tamassia, escritor e jornalista, foi pessoalmente ao cemitério e constatou, juntamente com Sueli, a veracidade da informação espiritual. Os dois dados absolutamente corretos — a referência do dia do óbito (7/6) e a menção correta do cemitério em que Irineu foi sepultado, quando há três cemitérios em Campinas — são fatos indiscutíveis que dão o que pensar!

A mensagem

“Minha querida madre, pater meu e minha sorela Sueli, somos presentes dando presença. E não quero começar papeando sem dar a Deus, nosso Criador e Pai, o respeito nosso.

O que há na paróquia é que vocês estão querendo aquelas conversadas de espírito de família. E acontece que, na cuca do meu grupo, a lembrança me bate forte. Não posso dar a silenciada. É preciso falar, porque os nossos daqui me permitem aquela boa gíria das amizades fiéis.

Às vezes, penso que é preciso acabar com essas dicas de fantasma-sorriso, mas a vida é nossa e como deixarmos de ser nós mesmos, dentro da vida? Nesse sentido, minhas palas hoje são melhores, estou incrementado nos estudos para retirar todos os meus grilos xexelentos. Quero carregar outra moringa nos ombros. E o negócio é esse aí: se não trabalhar, não entendo; se não entendo, não vale estudar.

Quando vim pra cá, percebi de repente que não passava de sabereta, embrulhando muitas lições aprendidas aí em bobagens que não tinham tamanho. Agora, vou tirando letra em muitas coisas que necessito guardar em mim para ser melhor. Muita gente bem de nossas turminhas deu para pensar que sou espírito vagau perdido na marginália. Pobres meninos patetas que éramos; querendo inventar uma língua nova, complicamos os comunicados nas melhores comunicações.

Entretanto, para Deus o sentimento é que tem valor, o coração é que fala. Posso latinizar as notícias da maneira mais sofisticué, mas se não der de mim aquela sinceridade tou na lona da paranóia e isso eu não quero mais. Esse negócio de dar fio nas patotas que mandam fumo ou avançam no lesco-lesco dos comeretes a se arrancarem para umas e outras é perigo na certa. Quero o

pensamento jóia para falar mesmo sem alinhar as palavras fora da costura da boa gíria.

Mandem-se para cá e vocês vão ver como é duro varar o arco e virar a bola de pé pra frente no quadrado das notícias. Assim sendo, vocês todos podem perdoar os cabeludos que vierem pra cá sem preparação, bancando caretas nas lições de Cristo.

Perdão, sim, porque seria difícil, pra mim, falar francês, no português brasileiro, exibindo qualidades que não tenho. De uma coisa, porém, vocês fiquem sabidos: é que já sei que trabalhar para os outros é o caminho melhor. Digo isso, embora esteja parado como nos tempos da Geografia, explicando pro professor como se vai à Guiana Inglesa, sem nunca ter ido lá, nem pra inglês ver. Já sei. Isso é progresso. Disposição mesmo pra fazer o que sei, só amanhã.

Apesar de tudo, Sueli, digo a você: a mediunidade é servir para sermos servidos. Todos precisamos de alguma coisa. Estendendo as mãos para o auxílio a quem sofre é o mesmo que receber outras mãos que chegam do Alto pra carregar-nos sobre as lutas de cada dia. Para mim, caridade é o melhor negócio da vida. A pessoa ajuda e recebe muito mais do que dá. Geralmente, querida irmã, somos alguém a servir, mas a pessoa servida representa em si um grupinho grande. E o grupinho se inclina pra nosso lado e dá uma melhorada geral em nossos caminhos. Aqui vejo muita gente fora da Terra, aprendendo isso! Entregando benefícios e recebendo benefícios maiores. Não estou ensinando você a paparicar Deus com papos furados ou com caldos melosos de conversa amolecida na adulação. Estou fazendo as palas do ato. Porque o assunto mais importante é agir mesmo.

Aqui está conosco o Joãozinho Alves e pede aos pais aquela confiança em Deus que não desanima. Ele está melhor e mais forte. E outro amigo, aqui ao lado, é o Irineu Leite da Silva, um moço do fino que vestiu paletó de madeira em 7 de junho passado. Estava eu entre aqueles que trabalhavam no Parque dos Flamboyant, quando ele foi considerado pessoa de sono eterno. Mas acordou junto de nós e está bem. Mesmo assim pede orações pelos pais, Sérgio e Rita, e insiste para que todos os entes queridos se consolem.

Afinal de contas essas paqueradas da morte acontecem com qualquer, E os caras do mundo precisam contar com isso. Não querem oi que ninguém morra. Queremos que todos os nossos

irmãos do mundo transitem por todos os consultórios de plástica, tirando sarro nas rugas, que chegam com as janeiradas de natalício a natalício. Desejamos que todos cheguem aqui mambeando de velhice, sem coragem de olhar pros retratos solenes de 20 ou 40 anos de retaguarda - mas esse derbi da morte é um estripitisi de amargar. Dizemos amargar porque só colocamos jiló nesse assunto com tanto choro de lado que os panos do último dia é que são mesmo de amedrontar qualquer um.

Pensem na morte com fê em Deus. Afinal de contas, aí no mundo quem dorme está sempre treinando para ressuscitar.

Meu pai abraça Sérgio, Wilson e todos os meus sócios de pensadas e notas. Não creio que a rapaziada esteja acreditando muito no que digo. De vez em vez, escuto algum deles a dizer: “Mas esse Jair não tem jeito, não”. Mas isso é bobagem da grossa. Quem tem jeito para melhorar e consertar é só aquele Cristo amoroso e bom de todos os dias. Mas, isso é isso. Se fosse eu o vivo da história, talvez não acreditasse no amigo morto e ficaria ainda mais vivo, se ouvisse mensagens dos que houvessem caído em algum barato do pró-terra-de-pedra e cipreste, antes de mim.

Sueli, aos corações do Grameiro, o meu ‘muito obrigado’, aos companheiros do Grupo de Meimei aquela saudação embandeirada de preces pela felicidade de todos. Agora é parar. Terei falado o que não soube dizer. Estava com saudade de dar uma falada com vocês e dei papo. Deus me perdoe, é o que peço. Entretanto, vamos deixar seriedades pra lá e vamos dar aquele abraço da finalizada. Pai, mamãe, Sueli, estou feliz vendo vocês unidos. Tchau pra vocês. Tudo de bom. Noite calma e tempo de bênçãos. Ponho aqui a saudade pra quebrar. Um beijão do filhote adoidado e do irmão agradecido, mas que lhes oferece nestas páginas o maior amor da paróquia.

Jair.”

Caso nº 3

Nome: **VOLQUIMAR CARVALHO DOS SANTOS**

Idade: **21 anos**

Nome do Pai: **Geraldo Anelino dos Santos**

Nome da Mãe: **Walkyria Carvalho dos Santos**

Data o local do nascimento: **1/7/1952, em Guaratinguetá - SP**

Data e local do falecimento: **1/2/1974, em São Paulo - SP**

Causa da morte: **queimadura**

Primeiro de fevereiro de 1974. A dor da tragédia invadiu os lares de São Paulo. Lágrimas, preces, murmúrios, mesclados aos ruídos das sirenes, às correrias de heróis jungidos aos mastros das escadas “magirus”, na ânsia de salvar vidas. Tudo se passou em manhã de pesadelo.

As labaredas vorazes cobravam de forma inexorável o reajuste com a lei do amor.

Todos nós sofremos. Alcançamos em pensamento os familiares daqueles que tombavam exânimes, como que tragados por turbilhão de fogo, em frágil embarcação.

Volquimar, 21 anos, apenas desabrochava para a vida. cursaria Letras pelo Mackenzie ou pela USP, poderia optar, pois a brilhante inteligência garantia-lhe vaga em ambas universidades. Mas a sua intuição mais profunda estava certa: “Tenho certeza que vou morrer solteira, mamãe”. Seu corpo tombara inerte, o Helicóptero chegara tarde demais...

Contudo, ela ressurgiu das cinzas do fogo implacável, mais jovem e mais bela do que nunca. Volquimar voltou após a morte lalando, à sua mãezinha, da pátria sem adeus. Convidado pelo médium Francisco Cândido Xavier, estava presente na Comunhão Espírita Cristã, na manhã de 13 de julho de 1974, em Uberaba, quando foi recebida a carta-mensagem. Destaco o fato incomum de a entidade comunicante ter assinado no final por cinco vezes.

A mensagem

“Com todo o meu amor, mamãe

Querida mãezinha, meu querido Álvaro (1), primeiro a bênção, que peço a Deus em nosso auxílio, e a bênção que rogo

à querida mamãe para que as forças não me faltem, agora que tomo o lápis com o auxílio de meu avô para escrever.

Não sei explicar a emoção que me controla todos os pensamentos. É como se voltasse todo o quadro de meses antes à memória.

Tudo me sensibiliza em excesso, tudo me faz recuar para rever o que devo contemplar em mim própria com serenidade. E parece um sonho, mamãe, estarmos juntas através das letras, do entendimento desejado. Não mais o cartão do alfabeto (2) em que os movimentos vagarosos demais nos impedem a idéia de correr como desejamos.

Aqui, é alma para alma nas palavras que anseio impregnar de amor sem conseguir.

Peço-lhes, não chorem mais o que ficou para trás no tempo, por expressão das Leis Divinas em forma de sofrimento.

Embora isso, sei que a senhora e os nossos pedem notícias. Como foi o inesperado? Muito difícil a revisão. Tudo aconteceu de repente, como se devêssemos todos naquela manhã obedecer, de um modo só, a ordem que vinha do Mais Alto, a fim de que a gente trocasse de vida e corpo. Quando recebi o impacto da notícia do fogo, o tumulto fora da sala não era pequeno. O propósito de fazer com que o trabalho rendesse habitualmente nos isolava dos ruídos exteriores.

E o tempo de preservação possível havia passado. Atendi automaticamente ao impulso que nascia nos outros companheiros: descer às pressas. E fizemos isso. Elevadores não mais podiam aguardar-nos. A força elétrica sofrerá a queda compreensível.

Esforcei-me para atingir algum meio para a descida, isso se fazia impraticável. Com alguns poucos que podiam ouvir, subimos apressadamente para os cimos do prédio. A esperança nos helicópteros estava em nossas cabeças, mas era muito difícil abraçar tantos, para o regresso à rua, com recursos tão poucos (3). Entendi ludo e orei. Orei como nunca, lembrando toda a vida num momento só, porque os minutos de expectativa eram para nós um prolongado instante de expectativa sempre menor. Tudo atravesssei com a prece no coração.

E posso dizer a você, mãezinha querida, que um brando torpor me invadiu pouco a pouco...

O calor era demasiado para que fosse sentido por nós, especialmente por mim com minudências de registro, compreendi que

não estávamos à beira de uma libertação para o mundo e sim na margem da vida espiritual que devíamos aceitar com fé em Deus. E aceitei.

Os amigos espirituais, destacando meu avô Álvaro (4), comigo, durante todo o tempo, não me deixaram assinalar qualquer violência, naturais numa ocasião como aquela, da parte daqueles que nos removiam do caminho e que se acreditavam no rumo da volta que não mais se verificaria.

Lembrando nossas preces e nossas conversações em casa, procurei esquecer as frases de desespero que pronunciavam em torno de mim.

Essa atitude de prece e de aceitação me auxiliou e me colocou em posição de ser socorrida.

Mais tarde, com algumas horas de libertação do corpo, é que despertei ao seu lado. Aquele amigo certo, que hoje sei ser ele o meu avô e benfeitor de todos os dias, estava a postos reconfortando-me... Estava em meu próprio leito, refazendo energias, e por ele fui informada que a ilusão de estar no corpo precisava ser esquecida, que o nosso querido Álvaro, auxiliado por ele, encontrara a forma física na instituição a que fomos recolhidos depois da luta enorme, e que não me cabia, agora, senão estar calma e forte para fortalecê-la (5).

Mas, quem pode se gabar de ser mais forte do que os outros numa ocasião qual aquela em que nos vimos todos, alterados sem qualquer possibilidade de opção?

Chorei muito, mas Deus não nos abandona.

Por alguns poucos dias estive quase que constantemente ao seu lado, até dar-lhe a certeza de que devíamos estar em paz (6)

Meu avô e outros amigos me ajudaram e prossigo na recuperação necessária.

Os irmãos hospitalizados, os que se refazem do choque, os que se reconhecem desfigurados por falta de preparação íntima na reconstituição da própria forma e os que se acusam doentes são ainda muitos.

De minha parte, estou melhorando. Agradeço as suas preces e as orações de Volnéia e de Volnelita (7), do Álvaro e dos nossos todos, sem esquecer a nossa querida Célia (8) e outras amigas, todos os pensamentos de paz que me enviam são preciosos agentes de auxílio em meu favor.

Quando posso, querida mãezinha, e auxiliada por enquanto e sempre por amigos queridos daqui, volto ao nosso ambiente familiar. Nossas irmãs e os cunhados José e Wilson (9), sempre amigos, nosso Álvaro, nossos queridos Flávio e Cristiano (10), com a sua imagem materna em meu coração prosseguem comigo, como não podia deixar de ser.

Estou satisfeita por ter adquirido um apartamento mais compatível com as nossas necessidades. Fui eu mesma, com o auxílio de meu avô e de outros benfeitores, quem lhe forneceu a idéia de aproveitarmos a ocasião para a compra (11).

A senhora, querida mamãe, não precisava hesitar quanto ao assunto, você sabia que o nosso ideal era sempre o de conseguir o dinheiro para uma entrada que aliviasse o futuro. E não diga, mamãe, que isso teria implicado na prova que atravessamos. De qualquer modo sua filha terminara o tempo aí e, na essência, nós ambas sempre tivemos a certeza de que a minha existência seria curta na Terra, desta vez em que aí estive (12).

O fato de grafar as palavras desta vez me consola, pois isso dá a vocês a certeza que estou em dia com a bênção da reencarnação, na lembrança do que aprendi. Meu avô e os nossos amigos Augusto e José Roberto (13) estão aqui conosco. Agradeço as nossas queridas amigas, Yolanda, Helena, Acácia (14) e outras irmãs pelo incentivo à confiança em Deus que estamos recebendo.

O amor é um milagre permanente, por ele as afeições se multiplicam e os nossos corações sempre se escoraram em novas esperanças para a vitória na vida.

Querido Álvaro, lembre-me como em nossos retratos felizes. Não me recordes desfigurada ou em situação difícil qual você é induzido a lembrar-me. Querido irmão, atravessamos aquela sombra. Agora tudo é luz e bênção, seja para a nossa querida mamãe, o que você sempre foi, um companheiro e uma bênção.

Comemoramos os aniversários de meu avô e o meu, que vocês marcaram com as vossas preces. Quero prosseguir escrevendo mas não consigo, mamãe continue calma e forte na fé.

A morte não existe, o que existe é a mudança que, por vezes, quando imprevista, como foi o nosso caso, não é fácil de suportar.

Abraços aos meus pequenos filhos do coração. Não posso esquecer os sobrinhozinhos.

Nossos amigos Augusto e José Roberto, já treinados com o intercâmbio na escrita, estão me amparando. Queridas irmãs,

Yolanda, Helena e Acácia agradeço muito. Querida mamãe, meu querido Álvaro, irmãos e irmãs do coração, Deus os recompense.

Mamãe ouça-me dando notícias e recorde aqueles recados: Mãezinha fique tranqüila; mãezinha estou bem; mamãe já cheguei do trabalho; mamãe chegarei um pouco mais tarde (15).

E esteja certa, querida mãezinha, que o beijo de todos os dias e o carinho de todos os momentos continuam, sendo sempre sua a filha que lhe entrega o próprio coração. Hoje e sempre a sua,

Volquimar.”

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião espírita na manhã de 13 de julho de 1974, em Uberaba, MG.

Esclarecimentos

1 - Álvaro é irmão de Volquimar.

2 - O cartão do alfabeto é uma cartolina com o abecedário, idealizado por Volquimar, quando em vida, para a comunicação com o mundo espiritual. É uma modalidade daquela utilizada para a sessão do copo. Ela e sua amiga Célia costumavam utilizá-lo em suas tertúlias. Há uma nota muito curiosa a esse respeito: quando dona Walkyria, mãezinha de Volquimar, esteve em Uberaba no dia das mães, Chico Xavier transmitiu-lhe recado da filha: “ela está dizendo que deixou um meio de se comunicar com você, através de um cartão...” Foi só então que dona Walkyria lembrou-se do cartão do alfabeto. Deve-se ressaltar que o Chico desconhecia completamente esse detalhe, tendo pedido mesmo explicações acerca do cartão. Dona Walkyria, voltando de Uberaba, passou a comunicar-se com a filha através desse alfabeto, tendo sido informada de que deveria ir dia 13 de julho a Uberaba, porque ela iria dar uma mensagem psicográfica pelo Chico.

3 - Tudo quanto relata, através da psicografia, ela já havia contado a dona Walkyria, quando lhe apareceu pelo fenômeno da vidência, no mesmo dia em que desencarnou. Chico não havia sido informado desse detalhe.

- 4 - Avô materno, falecido no Cruzador Bahia, no dia 4 de julho de 1945, era sub-oficial da Marinha de Guerra.
- 5 - Foi seu irmão Álvaro quem fez a identificação de seu corpo mutilado no Instituto Médico Legal, após a morte.
- 6 - De fato, desde as primeiras horas Volquimar esteve ao lado de sua mãe. Primeiro aparecendo-lhe para contar certos detalhes e, no carro, para dizer-lhe que Álvaro, seu irmão, já havia identificado seu corpo morto, e que estava com receio de informá-la. Depois Álvaro confessou à mãe que, de fato, por ordens médicas, não lhe contara de imediato.
- 7 - As duas irmãs casadas.
- 8 - Célia, a amiga querida, com quem costumava fazer rodar o cartão do alfabeto.
- 9 - Cunhados: José, marido de Volnéa e Wilson, marido de Volnelita.
- 10 - Seus sobrinhos muito queridos.
- 11 - Volquimar fizera um seguro de vida. Com o dinheiro recebido, dona Walkyria adquirira um apartamento. Esse detalhe também é muito importante.
- 12 - Ela costumava dizer para a mãe: “Tenho certeza, mamãe, que vou morrer solteira”.
- 13 - Augusto é filho de nossa amiga Yolanda César, desencarnado também jovem em trágico acidente no mar. José Roberto - o Beto - estudante de medicina de Moji, desencarnado no doloroso desastre ferroviário com o chamado “trem dos estudantes” e cuja comunicação a **Folha Espírita** publicou com o título “Papai, escute o meu grito. Não morri não”.
- 14 - Amigas da família.
- 15 - Eram as expressões amorosas que ela costumava dirigir à mãezinha quando chegava do trabalho, ou quando precisava demorar mais do que de costume.

Caso nº 4

Nome: **MARIA TERESA DE SENA MELO**

Idade: **17 anos**

Nome do Pai: **Aristides Dalia de Melo**

Nome da Mãe: **Raimunda de Sena Melo**

Data e local do nascimento: **5/12/1956 em Tupã - SP**

Data e local do falecimento: **10/8/1974, em Bauru - SP**

Causa da morte: **meningite**

Presidíamos uma reunião, orientada pelo nosso benfeitor espiritual, Dr. Bezerra de Menezes, no dia 18 de janeiro de 1975, junto de Chico Xavier, em Uberaba, MG”, quando a jovem Maria Teresa, falecida de meningite em 10 de agosto de 1974, escreve comovente carta a seus familiares.

Por gentileza da família e de nossa irmã, dona Zaira, coligimos todos esses dados impressionantes aqui apresentados. Fato digno de nota, esclarecido pelos familiares, é que, embora registrada com S, ela assinava o seu nome com Z, conforme consta na mensagem recebida por Chico Xavier.

Nascida na cidade de Tupã, SP, em 5/12/56, era a terceira filha do casal.

Alfabetizou-se em Pederneiras, SP, no Colégio Sagrado Coração de Jesus, transferindo-se para o Colégio Imaculada Conceição, em Florianópolis, SC, onde terminou o curso primário. Ingressou no ginásio, no Colégio São José de Bauru, cursando até o segundo colegial. Naquele ano (1974), fazia o curso integrado, preparando se para o vestibular de Engenharia nos Cursos Prevê. Durante sua vida escolar, sempre se destacou pela sua responsabilidade, disciplina e inteligência. Recebeu várias bolsas de estudo, e a última conseguida seria para o intensivo, no final de 1974. De trato afável e sempre sorridente, de hábitos frugais e modesta no trajar, sabia fazer amizade e cultivá-la.

A mensagem

“Querido papai, querida mãezinha, estendo o coração pedindo-lhes a bênção. E oro. E oro pedindo a Deus a todos nos abençoe.

Ainda não me vejo totalmente eu mesma. Parece que sonho. Dissesse alguém que um dia estaria a escrever assim, como faço

agora, e não acreditaria. Estamos juntos e não nos sentimos positivamente assim. Vejo vocês e vocês não me enxergam.

Não sei. Tão difícil contar o que a gente pode experimentar no caso em que nos achamos. Ainda assim, meu avô Gerônimo (1), auxiliando-me a escrever, afirma que estamos registrando, sim, indo o que nos ocorre e as nossas lágrimas, por dentro do coração, issemelham-se a espelhos em miniatura, refletindo-nos a imagem uns dos outros, por retratarem os nossos sentimentos mais puros.

Papai, peço ao seu carinho lembrar-me, com a certeza de que sua filha não morreu. Perdi apenas uma foto: a foto de elementos físicos pela qual me identificavam aí no mundo. Só isso. Sei que nossa querida Isabel (2), de algum modo já me aceitou viva ou novamente recuperada, e que a nossa Cláudia (3), pouco a pouco vai compreendendo. Glória (4) já sabe. Estamos associadas naqueles mesmos anseios de paz e realização. Quando acompanhei mãezinha ao círculo das preces, pensando em nossa querida Glória melhorando, julguei que ia cooperar no tratamento dela e, entretanto, eu mesma fora até lá para receber socorro. O socorro para que não me retivesse no corpo já enfermo por muito tempo.

Mãezinha querida, quando regressamos à casa, me sentia algo cansada. Era uma dor de cabeça que começava lenta, obstinada, inacessível a comprimidos. Quis tomar os meus exercícios do colégio, ler, meditar e estudar, entendendo que agosto pedia muito esforço, porque o tempo caminhava para semestre novo, mas não compreendi bem as lições sob os olhos. Quis pedir a cooperação de nossa Isabel, no entanto as idéias baralhavam. Tive a impressão que uma força estranha me tomava a cabeça, semelhante a um anel de calor que me rodeava. Depois, notei que a febre vinha absorver o resto da minha atenção. Logo depois, para dizer a Verdade, tentei rezar com receio do que me acontecia, mas não pude realizar meus intentos. Recordei as preces de menina em Pederneiras (5) e que ânsias tive de voltar ao tempo das mãos postas para rogar a proteção de Deus, mas nada consegui senão um sono que me venceu pouco a pouco...

Tive a vaga impressão do que acontecia. Exames no pulso, uma ou outra palavra médica e o esforço de vocês todos me querendo mais forte. Depois, mamãe, vi que me carregavam. Desejei (6) ver as pessoas, saber se o papai me punha ao colo, se as mãos dele me sustentavam, entretanto até hoje não sei quem me carregou. Lembro-me que escutava suas palavras, mãezinha,

palavras de fé em Deus e que dona Alice (7) e dona Zelma (8) estavam conosco.

Não desejava separar-me, sair de casa, tratar em outra parte, mas escutei as suas palavras: “Vá com Deus, minha filha! Jesus guardará você”. Quem pode, na Terra, saber o valor das palavras de um coração materno? Resignei-me. Tudo em silêncio. Dos meus órgãos de percepção, só os ouvidos realmente funcionavam. No leito novo, nada vi. Apenas notei que injeções fortes me transmitiam repouso. E o repouso durou até que me vi como num sonho. As meninas choravam, e a sua voz e a voz de meu pai estavam repletas de sofrimento. Quis gritar, dizer que estava ali, com todos, que não havia motivação para lágrimas, contudo parecia-me um pesadelo. Via tudo nebuloso, sem saber organizar as idéias dentro de mim... Foi quando meu avô Gerônimo me tomou nos braços e me acariciou, dizendo que para mim a vida mudara...

Ah! mãezinha, dizer que isso foi natural para mim é impossível. Chorei muito e demorei-me na aceitação necessária. A hospitalização nova surgiu para mim como verdadeira bênção. E gradativamente retomei-me.

Procurei, logo que isto me foi possível, reconfortar a todos, especialmente nossa querida Isabel, que pranteava sem conforto. Notei que o paizinho estava desajustado, e em alguns momentos, desejando morrer e isso para mim foi quase terrível. Agora, graças a Deus, ele, Isabel e a Claudinha se encontram melhores. A meningite fulminante já passou e posso continuar a ser a filha reconhecida, tanto quanto possível, junto de todos. Tenho comigo a proteção da Irmã Luiza (9) e do Padre João (10) que têm sido para mim dois amigos de toda hora. Rogo não mais chorarem. Querida Glória, a vida é cultura e coração, mas creio que mais coração, que cultura. Quando você puder, ajude aos menos felizes. Você sabe. Em matéria de paz e amor, o mundo apenas começou a ser construído. A terra de bondade espera sementes novas. Queridas irmãs, quando puderem, trabalhem no bem de todos. Não posso pedir ao papai uma radical mudança de hábitos. Papai tem lutado e precisamos poupá-lo. Ele crera nas coisas que digo como puder e quando quiser. Mas vocês, unam-se à mãezinha e sigamos, com a melhor força de nossa fé, para realizarmos o melhor ao nosso alcance em favor dos que sofrem mais do que nós. Agradeço a nossa querida Déa (11) e a nossa querida professora Aparecida (12) as palavras de amor e carinho que

me endereçaram. Isso me comoveu muito. Perdoem-me esta carta longa. Agradeço a irmã Zaira (13) o bem que nos tem feito. O irmão Gabriel (14) aqui é um missionário do bem, auxiliando-a em tudo.

Papai, mamãe, não sei explicar, mas fiquei cansada de escrever.

Meu avô me explica que ainda preciso repouso para retomar, de todo, a normalidade de minhas emoções. Recebam Isabel e Glória, Cláudia e Zaira, com todos nossos corações amigos presentes e ausentes, o coração reconhecido com um beijo carinhoso da filha reconhecida, sempre em todos vocês e ao lado de todos com todo o meu coração.

Maria Tereza.”

“Mãezinha, a letra é um produto do auxílio que estou recebendo. Aquele beijo de sua filhinha saudosa e reconhecida.

Maria Tereza.”

Mensagem recebida na Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, MG, através do médium Francisco Cândido Xavier, no dia 18/1/1975.

Esclarecimentos

- 1 - Gerônimo Pereira de Melo é o avô paterno, falecido em João Pessoa, PB.
- 2 - Isabel Catarina de Melo Sena é irmã. Engenheira.
- 3 - Cláudia Eugênia de Sena Melo é irmã. Estudante.
- 4 - Glória Cristina de Sena Melo é irmã. Estudante.
- 5 - A família residiu em Pederneiras, SP, no período de 1960/65, tendo Maria Teresa cursado, ali, o Colégio das Freiras nos primeiros anos de sua infância.
- 6 - Maria Teresa foi carregada por um amigo da família que apareceu em casa logo após a primeira convulsão. Seu pai, na ocasião, achava-se ausente, à procura de recursos médicos.
- 7 - Alice Alves da Silva é amiga da família. Dirige o Centro Espírita Irmã Catarina, em Bauru.

- 8 - Zelma Simões Grossi é amiga da família.
- 9 - Irmã Luiza - pessoa não identificada.
- 10 - Padre João - foi o pároco na cidade de Maranguape, PB, onde faleceu há mais de 40 anos. Era padrinho de uma das tias de Maria Teresa.
- 11 - Déa Lins é amiga da família. Reside em Corumbá, MT. Maria Teresa somente a viu uma vez (dia 7/8/74). Ofereceu-lhe uma composição poética logo depois de sua desencarnação.
- 12 - Professora Maria Aparecida - exerce o magistério em Bauru. Logo após a partida de Maria Teresa, dedicou-lhe uma poesia.
- 13 - Zaira Rabello de Andrade é amiga da família. Pessoa muito ligada ao movimento espírita local.
- 14 - Gabriel Rabello de Andrade é pessoa já falecida. Era esposo de dona Zaira.

Caso nº 5

Nome: **GABRIEL CASEMIRO ESPEJO**

Idade: **25 anos**

Nome do Pai: **Gabriel Espejo Martinez**

Nome da Mãe: **Irene Casemiro Espejo Martinez**

Data e local do nascimento: **20/11/1948, em Campinas - SP**

Data e local do falecimento: **27/6/1974, em Campinas - SP**

Causa da morte: **meningite**

O jovem Gabriel Casemiro Espejo residia com seus pais na cidade de Campinas, Estado de São Paulo. Filho único, era muito estimado. Contava 25 anos quando foi vítima de uma meningite fulminante. Os pais foram à Uberaba, esperançosos de obter esclarecimentos através da psicografia de Chico Xavier, mas somente obtiveram notícias em 15 de março de 1975. Gabriel relatou os últimos momentos rio corpo físico e, ao ser atendido no mundo espiritual pelo Dr. Mario Gatti, lembrou-se que ele não vivia mais na Terra, percebendo então sua situação. Pede conformação aos genitores para ajudá-lo no equilíbrio indispensável. Na carta-mensagem enviou avisos aos companheiros. Desejamos destacar para nossa meditação: “A existência na Terra é uma internação em estabelecimento de ensino. Somos aí professores e alunos uns dos outros; O horário da escola é igual para todos no universo de minutos para cada um, e o corpo, obedecendo às mesmas leis de formação nos vários climas do mundo, é uma espécie de uniforme, identificando a condição temporária de todas as criaturas”.

O jovem Gabriel Espejo era espírita militante em sua cidade.

A mensagem

“Meu querido pai, minha querida mãe, renovo minhas preces a Deus rogando para que a bênção de paz esteja conosco. Estou aqui tentando manifestar-me.

Não é fácil.

Pelo menos por agora, não tenho recursos para exprimir-me com o desenvolvimento que desejava.

Muitas vezes li mensagem de amigos desencarnados que se declaravam auxiliados na grafia das notícias enviadas para os entes queridos e hoje estou na mesma situação.

Não sei se posso exteriorizar o que sinto.

As palavras são feitas para imagens já positivamente conhecidas e aceitas pelo senso geral.

E agora o mundo em que me vejo, dentro de mim está renovado na base de emoções e sensações que os conceitos terrestres não conseguem definir.

Perdoem-me se escrevo de maneira insatisfatória. Não há outra saída.

É preciso rogar-lhes serenidade no íntimo da alma, tanto quanto já conseguimos aparentar por fora.

Compreendo, pais queridos, que somos como somos, caminhando para o que nos cabe ser.

Venho pedir-lhes que me auxiliem com os pensamentos de real aceitação. As lágrimas que ocultam um para o outro, as indagações que formulam a sós, com o receio de se ferirem na fé que nos alimenta, chegam a mim, de modo claro e indescritível.

Existe um fio mental entre os que se amam profundamente, ligando os assuntos da vida, tanto quanto entre os que se estendem para o Além, sobre as barreiras da morte.

Sei quando interpelam os poderes que nos governam, sobre a nossa inesperada separação e ouço-lhes as perguntas e as observações, quando se isolam um do outro para buscar-me a lembrança, seja numa foto ou numa página escrita, nesse ou naquele contato, nessa ou naquela recordação.

Agradeço o apoio que me oferecem, porque sem meus pais queridos ignoro o que teria sido de mim, entretanto rogo-lhes paciência e coragem.

Não admitam pudesse alguém evitar aquele assalto violento das forças enfermias que me separaram do corpo.

Aquela indisposição que parecia ligeira, tomou vulto de repente. Quando papai se esforçou para que me expressasse, ou dialogasse com mais ânimo, notei que esmorecia.

Minhas sensações por dentro estavam intactas. Ouvia tudo o que se falava em derredor de meu leito.

Reconheci que me transportavam para socorro no rumo do amparo hospitalar, no entanto, pouco a pouco, entrei num sono profundo do qual não podia me desvencilhar.

Quanto tempo estive assim, não sei ainda.

Minha memória abrange apenas a metade das horas claras do dia, naquela quinta-feira de luta...

O resto ainda não sei, a não ser que acordei numa sala de tratamento com a cabeça enfaixada.

Chamei por meu pai, por minha mãe, pedi o apoio de alguém que me esclarecesse sobre as ocorrências das quais não tinha consciência, mas um enfermeiro me advertiu que fora cirurgiado por um médico, o Dr. Mário Gatti (1).

Lembrei-me que esse benfeitor já não era da Terra e asserenei-me o quanto pude.

Um pouco mais tarde tomei contato com o amigo da medicina que me amparava, além de outro benfeitor que se identificou como sendo outro médico, o Dr. Guilherme da Silva (2).

Aconselharam-me. Esclareceram-me que a meningite fora patente em meu caso, com todo o seu impacto fulminante, além disso, trazia em meu cérebro estruturas complexas que haviam exigido trabalho operatório.

Melhorei gradativamente, no entanto, à medida que me normalizava passei a escutar mamãe a chorar e chamar-me...

Com os dias ouvi mais e escutei meu querido pai articulando idéias e frases tristes.

Peço-lhes, quanto possível, lembrem-me trabalhando e estudando a vida. Não há morte.

A existência na Terra é uma internação em estabelecimento de ensino. Somos aí professores e alunos uns dos outros.

O horário da escola é igual para todos no universo de minutos para cada um, e o corpo, obedecendo as mesmas leis de formação nos vários climas do mundo, é uma espécie de uniforme, identificando a condição temporária de todas as criaturas.

Papai, alegre-se e recorde-me aprendendo ao seu lado. Mamãe, regozije-se e memorize a nossa união e a nossa felicidade no lar.

Quanto puderem, ajudem-me com pensamentos de fé e segurança, otimismo e elevação.

Chorar sim, mas de alegria para agradecer a Deus o que temos recebido.

Estou apenas em outro educandário, onde vou retomando o meu curso de conhecimento superior, no qual progrido dificilmente, porque as emoções me prendem às aflições em casa.

Amigos daqui, como sejam Marcondes, Servilio, Souza (3) e tantos outros, me abrem portas abençoadas às novas lições

em que vou tomando maiores contatos com a vida e comigo mesmo.

Digam à Terezinha, ao João Batista, ao Dr. Wilson, ao Nicolau, ao Alcides, ao Tamassia (4) e aos nossos companheiros de estudo que eles todos estão no caminho certo. É preciso estudar mais, para servir melhor.

Aqui a luta construtiva é sempre mais bela.

E com essa luta desejo preparar-me a fim de ser útil.

Dos familiares queridos, duas irmãs me visitam e me auxiliam sempre que podem, nossa irmã Josefa e nossa irmã Izabel.

Espero melhorar as faculdades e recuperar os sentidos obliterados pelas recordações mais intensas do corpo, a fim de elevar o meu singelo campo de ação.

Peço-lhes. Não creiam fossem, meus queridos pais, talvez exigentes comigo nos processos de educação.

Sou feliz buscando a felicidade que me doaram pelos exemplos, pelo carinho, pelo apoio e pela dedicação.

A saudade é um espinho a ferir-me, mas com a benção de nossa união e paz em família, melhorarei cada vez mais a fim de sermos cada vez mais felizes.

Papai querido e querida mamãe, a força termina no lápis, assim como se apaga num engenho não mais sustentado pelo mesmo padrão de energia.

Não estou cansado, mas o tempo e os recursos do intercâmbio estão para mim esgotados.

Continuem orando por mim. A prece para nós que estamos **deste outro Lado** é uma luz que nos clareia e um calor abençoado que nos reaquece.

Por ela sabemos com mais certeza que o nosso amor nunca morre.

Beijo-lhes as mãos queridas e despeço-me no papel de modo a continuar em nosso diálogo de coração a coração.

Pais queridos, recebam o abraço iluminado de carinho e saudade, de devotamento e gratidão, com todo o amor do filho reconhecido, sempre e cada vez mais reconhecido.

Gabrielzinho.”

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em

reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 15 de março de 1975, em Uberaba, Minas Gerais.

Esclarecimentos

1 - Dr. Mario Gatti - médico cirurgião, nascido na Itália e falecido em Campinas em 3/3/1964.

2 - Dr. Guilherme da Silva - médico sanitário, nascido no Rio de Janeiro e falecido em Campinas em 14/7/1912.

3 - Marcondes, Servílio, Souza - pessoas falecidas que militaram no trabalho Espírita em Campinas.

4 - Terezinha de Oliveira, João Batista de Sá, Dr. Wilson Ferreira de Mello, Nicolau Consóli, Alcides Hortêncio e Dr. Mario Boari Tamassia, pessoas que atualmente militam no trabalho espírita em Campinas e no Brasil.

Caso nº 6

Nome: **SOLANGE VICTORETTI**

Idade: **20 anos**

Nome do Pai: **Adílco Romeu Victoretti**

Nome da Mãe: **Acácia Machado Victoretti**

Data e local do nascimento: **21/3/1955, em Sorocaba - SP**

Data e local do falecimento: **11/4/1975, em Sorocaba - SP**

Causa da morte: **atropelamento**

Estivemos na cidade de Sorocaba, no Estado de São Paulo, com o Dr. Célio Smith Ângelo, quando fomos apresentados à família Victoretti. A filha Solange, na volta da Faculdade de Filosofia, Ciências e, Letras de Sorocaba, onde cursava o segundo ano, foi atropelada ao descer do ônibus em 1º de abril de 1975. Esteve internada no Hospital das Clínicas da cidade, vindo a falecer dia 11 de abril. A filha do Sr. Adílco Romeu Victoretti e de dona Acácia Victoretti sempre foi uma filha carinhosa e dedicada, sendo muito estimada por todos. A família rumou para Uberaba, à procura do médium Francisco Cândido Xavier, na esperança de receber notícias da querida filha.

Na noite de 15 de agosto de 1975, Solange, através da psicografia, descreve o acidente: “Vinha do colégio com tanta vontade de estudar mais, de vencer o segundo ano e guardava os problemas de matemática que me pareciam quase insolúveis. Não queria falhar, papai. Queria mostrar ao senhor e à mãezinha, que não andava desperdiçando recursos. Entretanto, mãezinha, tudo foi rápido. Quando me vi atirada no chão, apenas notei que um carro branco acelerava a marcha...”.

Para a família é, de certa forma, confortador ter alguma notícia dos fatos rememorados pelo ente querido. Mas, há outras observações importantes, como a referência à desatenção da comunicante, preocupada com os problemas de matemática e à displicência do responsável, que acelerou o veículo após o atropelamento. Nota-se, no entanto, que a comunicante não tem mágoa, nem sentimento de rancor em relação ao dono do veículo branco, transmitindo aos pais a idéia de perdão e esquecimento. Deve-se ressaltar essa característica constante nas mensagens recebidas por Chico Xavier, elas transmitem sempre idéias positivas, favorecendo os sentimentos cristãos e o entendimento entre as criaturas.

A mensagem

“Meus queridos mamãe, papai, Irani (1), estou em preces, rogando a bênção de Jesus para nós.

Estou em grandes dificuldades para falar escrevendo. Difícil explicar o que não conhecemos. Quase impossível dizer o que não se falou até agora. Entretanto, sei que não me encontro na vida física e uso a linguagem comum. Sinto-me amparada, sustentada.

Hora de abecedário novo, em que me reconheço criança. Amigos me auxiliam e vovó Santa (2) me guarda.

Tenho lágrimas, papai. Quero dizer ao senhor e à mãezinha que saí melhor do hospital, embora sem o corpo cansado daqueles dias que pareceram intermináveis. Ansiava pelo descanso. Percebi que soros e injeções não conseguiriam levantar a vestimenta estragada com tantas surpresas para nós todos. Vinha do colégio com tanta vontade de estudar mais, de vencer o segundo ano e guardava alguns problemas de matemática que me pareciam quase insolúveis. Não queria falhar, papai. Queria mostrar ao senhor e à mãezinha que não andava desperdiçando recursos. Entretanto, mãezinha, tudo foi rápido. Quando me vi atirada no chão, apenas notei que um carro branco acelerava a marcha... Quis gritar, falar, mas não pude. Aos poucos a consciência mudou para um estado de sonolência. Sentia dor, mas não muita. Compreendi tudo, querida mãe, seus pedidos para que sua filha acordasse, suas preces para que Deus me levantasse. Ouvi as palavras de papai, as exclamações de nossa querida Irani e as frases de amor e simpatia de todos os que me visitavam nas primeiras horas de hospital... Depois, notei que me isolavam de todos, mas aquelas observações e tratamentos do fim me doeram muito, como se eu estivesse sendo chamada à vida, sem poder formular qualquer resposta. Mas, naquelas horas difíceis, as orações estavam comigo. Oh! mamãe, papai querido, minha querida irmã, muito grata por tudo de bom que me ensinaram na fé. Com as preces que ficaram retidas em meu coração e em meu pensamento, venci sem desespero. Lembrava-me do meu livro de missa e rearticulava, palavra por palavra, as orações do meu relicário de devoção. Frei Ernesto (3) e outros amigos, tantas irmãs de bondade consagradas a Deus me clareavam a lembrança... Por fim, compreendi que o corpo não suportava mais. Dormir eu não conseguia, apesar de parecer que nada experi-

mentava. Notava as mãos que me tomavam o pulso e escutava as palavras abençoadas dos que pediam a Deus por mim. Estava, porém, tão cansada que a idéia da morte não mais me surpreendeu. Vi que uma nuvem esbranquiçada se formava sobre minha cabeça e aos poucos essa névoa invadiu o leito. Tudo desapareceu no recinto, mas outros quadros apareceram. Vi minha avó Santa e tia Maria (4), que não reconheci de imediato, a me sorrirem. Perguntaram se eu tinha medo e porque; mostrei a minha situação com o meu pensamento; disseram para que eu pensasse em Jesus, como se estivesse na igreja, que eu pensasse tanto, até que só visse na idéia a imagem de Nosso Senhor. Então meditei com todas as forças que me restavam. Sem palavras, que eu não sabia mais como articular, roguei a Jesus que me desse, por fim, o repouso, e consolasse os meus pais e minha querida Irani, que me perdoasse as faltas que eu houvesse cometido, e, então, um sono brando me acalmou sem eu saber como... Em seguida, mamãe, sei apenas dizer que mais tarde, convalescente, fui encontrar todos na rua Felipe Camarão (5) para nosso abraço. Papai e mamãe, vocês oravam e choravam. Confesso que tenho lutado para vê-los conformados. Não chorem por mim. Tudo se passou decerto como devia ser.

Em quatro meses de vida nova, com mais tempo de tratamento que outra coisa, pouco sei para falar do mundo novo em que me vejo. Posso afirmar, porém, que tenho encontrado afeições queridas. Minha vovó Santa me deu tanta gente boa a conhecer, i) irmão Machado (6), o irmão Romeu (7), serão nossos parentes? Ainda não sei. Tratam-me por filha e neta a quem muito amam. Tia Maria me ampara e me ensinou que nenhum ressentimento se deve guardar nos casos pelo qual eu passei. Lembro-me que em nossa família falavam com carinho do que tia Maria havia sofrido. Pois hoje, papai, sou eu quem roga ao senhor e à mãezinha para não procurarem a pessoa que desapareceu quando caí na rua. Hoje sei que ninguém faz o sofrimento dos outros conscientemente. O carro branco deve ter sido instrumento de Deus para que eu voltasse à vida espiritual, conforme as leis que ainda não conhecemos. Peço-lhes, lembrem-me com aquela alegria de quem desejava lecionar matemática, lembrem-me procurando aprender progredir. Esqueçam aqueles quadros que duraram dez dias, nos primeiros dias de abril, e guardemos a certeza de que a morte não existe. Vejo aqui tantos amigos bons, mas a memória ainda

não está muito exata. Mas reconheço minha tia Ana (8), minha tia Leonilda (9), lembrando o meu tio Bellucci (10). Já abracei Irani e peço a Deus por ela e pelo nosso caro Ribeiro (11) e pelos nossos corações queridos do lar. Se algum nome não estiver bem articulado, a culpa é minha. Estou ainda como quem não se curou totalmente.

Papai e mamãe, rogo outra vez: não chorem mais. Distribuam minhas lembranças e os retratos, quando me buscarem com os olhos pensem que estou melhorando para ser a filha que tanto desejava ter ficado aí para auxiliá-los e para ajudar os meus queridos sobrinhos. Rezem sempre. A oração foi uma riqueza que nem o corpo quebrado me conseguiu tirar. Papai, veja: estou beijando o senhor outra vez para pedir a sua bênção; mamãe, note sua filha no abraço em que o seu coração pulsava dentro do meu. Vivam felizes, Irani e os nossos precisam da presença e do carinho de todos, e eu também. Os mortos não existem. Estamos vivos de outro modo. Quando vi o senhor, papai, e mamãe querendo morrer por minha causa, senti-me pior do que no hospital. Seja o amor ao próximo a nossa sala de encontro. Lembrem-se de outras moças, as que estão lutando para sobreviver na condição de boas filhas e procurem ajudá-las.

Não posso escrever mais. A força de que dispunha está parecendo uma pilha ou uma coleção de pilhas a se enfraquecerem.

Agradeço a todos os que me auxiliaram a escrever.

Irani querida, tome o meu lugar no auxílio aos nossos pais queridos. Papai e mamãe, recebam com a nossa querida Irani muitos beijos da filha que lhes beija as mãos, pedindo como sempre a Deus que nos fortaleça e nos abençoe. Abraços e beijos com todo o coração da

Solange.”

Mensagem de Solange Victoretti, psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião no Grupo Espírita da Prece,

Esclarecimentos

1 - Irani Vieioreih Ribeiro é sua irmã

- 2 - Vovó Santa Borna Victoretti é a bisavó paterna, falecida há 40 anos.
- 3 - Frei Ernesto - trabalha na Igreja do Bom Jesus de Sorocaba e presta assistência espiritual no Hospital das Clínicas da cidade.
- 4 - Maria da Conceição Machado Oliveira - tia falecida em 1939.
- 5 - Felipe Camarão - nome da rua onde residia.
- 6 - Irmão Machado - Antônio Florêncio Machado, avô materno, falecido há 53 anos.
- 7 - Irmão Romeu - não foi identificado pela família da comunicante.
- 8 - Tia Ana Palhas Victoretti, casada com Basilio Victoretti.
- 9 - Tia Leonilda Victoretti Bellucci, casada com Rosalino Bellucci. 10- Rosalino Bellucci, casado com tia Leonilda.
- 11 - Dr. Horácio Ribeiro Filho - seu cunhado.

Caso nº 7

Nome: **VERA CRUZ LEITÃO BERTONI**

Idade: **49 anos**

Nome do Pai:

Nome da Mãe:

Data e local do nascimento: **3/5/1926, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **29/5/1975, em Valinhos - SP**

Causa da morte: **parada cardíaca**

Obtivemos de dona Milza Leitão de Camargo os dados elucidativos sobre sua irmã, Vera Cruz Leitão Bertoni, com a qual tinha grande afinidade.

Vera Cruz nasceu em São Paulo, em 3/5/1926, renascendo para ávida espiritual em 29/5/1975, na cidade de Valinhos, Estado de São Paulo. Era católica e devota de Francisco de Assis. Foi sempre esposa dedicada, mãe amorosa e filha exemplar. Uma catarata começou a cobrir-lhe a visão, daí surgindo a necessidade de uma cirurgia. Durante a operação, teve uma parada cardíaca, de nada adiantando os esforços da equipe médica. A grande afinidade com a irmã, fez com que dona Milza fosse a Uberaba procurar o médium Francisco Cândido Xavier, na esperança de obter notícias.

E, realmente, Vera Cruz compareceu à reunião do Grupo Espírita da Prece, escrevendo à irmã uma carta repassada de ternura.

Nela, destacamos o relato emocionado dos últimos momentos no corpo físico, a preocupação com a mãe que ficara inconformada com sua partida, o esclarecimento quanto ao insucesso da cirurgia e as saudações carinhosas ao esposo e ao filho. Espírito meigo e sincero, Vera Cruz insiste para que os familiares não reclamem quanto ao seu tratamento, porque não houve, no caso, imperícia ou descuido médico, mas simplesmente observância à lei de Deus, uma vez que havia soado para ela a hora da partida.

Muito interessante a ligação da comunicante, quando ainda na existência física, com a obra de São Francisco e o fato de ter sido recepcionada por um “grupo grande de irmãos franciscanos” e de estar vivendo no Lar das bênçãos do inesquecível “poverello” de Assis. O médium absolutamente não tinha conheci-

mento de nenhum desses pormenores, conforme testemunho da própria dona Milza.

A mensagem

“Querida Milza, querida irmã.

Deus nos proteja. O Evangelho nos diz que muito pode a oração dos justos. Você formulou preces tão sinceras e falou com tanto coração à bondade de Deus que, certamente, por isso, estou conseguindo escrever.

Querida irmã, estamos aqui como numa assembléia de cristãos amigos. Recebo espiritualmente o auxílio de todos no calor humano com que fomos recebidos nos dois lados da existência. Agradeço a Deus com lágrimas de alegria.

Meu abraço envolve todo o seu carinho, mas peço-lhe para que nós ambas sejamos portadoras de palavra de esperança ao nosso anjo maternal. Mamãe tem regado a minha ausência com o pranto daquele bendito amor que lhe conhecemos. Milza querida, diga à mãezinha para renovar-se e viver. A nossa fé é um documento garantido pelo Salvador que se despediu de nós pela ressurreição. Somos corações dele e, Jesus, o nosso amado Jesus, jamais nos abandona. Realmente, querida irmã, os sofrimentos em casa me assustam e surpreendem. Entendo quanto dói a separação quando o nosso corpo se transforma em outra vestimenta - a vestimenta espiritual. Aquela expectativa de adeus para sempre e aqueles lábios que se fecham quando desejamos comunicar a nossa esperança e o nosso carinho aos amados que ficam somam por si uma espécie de sofrimento que as palavras terrestres não definem. Ainda assim, rogo à mãezinha, - mas rogo com todas as minhas forças - para retomar a nossa confiança em Deus, porque a confiança em Deus é esperança e alegria. Fale, Milza, fale com mamãe para reorganizar a saúde e viver muito, viver tanto quanto Jesus assim permita. E rogo ao nosso Arnaldo e a todos os nossos entes queridos para não incriminarem os nossos amigos médicos. Não houve qualquer falta na cirurgia e muito menos em qualquer serviço preparatório. Recebi gentilezas e ateneu, de todos no hospital benemérito em que Deus me concedeu, pela família, um leito de paz a fim de me recolher ao descanso e à renovação. Quantas vezes, em nossos julgamentos da Terra, apontamos deficiências onde tudo recebemos de melhor! Nos dias

que antecederam o meu desligamento do corpo, comigo a nossa irmã Olímpia e os amigos franciscanos, prepararam-me para corresponder à bondade com que recolhia tantas bênçãos. Meus olhos, conquanto os agentes da operação experimentada, estavam claros e lúcidos. É verdade que mamãe, Arnaldo e Maurinho, com todos vocês, surgiam em minha expectativa, por laços benditos de Deus, de que não desejava me apartar... Entretanto, o corpo, querida Irmã, estava gasto. Não sei, por enquanto, definir a minha situação, mas compreendi na quarta-feira que não mais seria possível a resistência. Falar como desejava, não conseguia. Sabe, você, quanto esforço despendem os médicos e a enfermagem para nos liberarem da separação física... Por mais que me esforçasse para dizer o que via, a voz parecia sufocada na garganta. Mas lembrava-me da família querida e continuei orando, a suplicar forças a Deus. Na sexta-feira, percebi as claridades do dia como uma luz a me brilhar no pensamento. A certeza de que estava morrendo e vivendo ao mesmo tempo estava em meu coração. O silêncio, para mim, em torno do leito de assistência intensiva, como que me ajudava a ver e a escutar melhor o que se passava... Uma alegria misteriosa estava comigo. Digo “misteriosa”, porque a separação me infundia aflição e sofrimento. A noite desceu, mas, para mim, aquele ambiente hospitalar povoado de indagações e de preces asfixiadas se revestiu, de repente, de uma luz que me envolveu, sem que eu nada disso merecesse. Atribui tudo às orações de nossa mãe, santificada na bondade e na renúncia, e agradei a Deus haver vivido numa família que me dera tanto carinho e tanto amor... Pensei no esposo e no filhinho com saudade, - mas com uma saudade misturada de confiança. Concentrei todas as minhas forças na prece e isso me acalmou.

Os olhos pareceram curados, plenamente curados e vi, ao meu lado, a nossa irmã Olímpia e a nossa tia Ana, a nossa querida tia Aninha, e, junto delas, um benfeitor que me amparava. Não longe, como sucedia tantas vezes, vi um grupo grande dos irmãos franciscanos que cantavam louvores a Jesus. Eram muitos, porque aos vários irmãos que assinalavam se acrescentavam outros e o cântico me veio ao pensamento, assim como uma canção de ninar vem até nós, quando crianças, no instante de adormecer. Quis deter algum fragmento do cântico ou todo ele para trazer a vocês, algum dia, mas unicamente esse trecho me ficou na memória de doente que os mensageiros do Divino Mestre passavam a restaurar:

‘Louvado sejas, Senhor, pela mensagem de paz.

Que atua bênção nos traz, ante a fé que nos conduz!... Mesmo ante as provas do mundo, quando a dor nos desconforte,

Pela vida e pela morte, louvado seja Jesus!’

Roguei à irmã Olímpia o consentimento para falar nisso, porque sei que estas notícias levantarão o ânimo de nossa querida mãezinha, em nosso pouso da liberdade. Quero dizer a você, querida Milza, que sentia a sua falta e a falta do nosso Hélio naqueles momentos de despedida, mas a nossa querida Olímpia me tranquilizava a respeito, afirmando que a viagem de vocês não nos separava uns dos outros. Rogo a você, dizer ao Arnaldo, ao Hélio, à Nice, à Aparecida e a todos os nossos para não reclamarem sobre o problema de meu tratamento. Repito que recebi todo o amparo e toda a assistência possíveis. Não houve inconveniência de adrenalina, nem carga indébita de anestésicos. O que houve é a necessidade de atendermos às Leis de Deus. Agradecemos a Deus e estejamos felizes. Não posso escrever mais. Rogo à mãezinha lembrar-se de Frei Fabiano de Cristo nas orações. Ele é um mensageiro da Vida Superior, apagando-se para auxiliar-nos a todos. Rogo a ele sempre pela felicidade de meu pai e pelo fortalecimento e paz, bom ânimo e alegria de nossa querida mãe. Um beijo ao Maurinho. Ele, agora, com o carinho da avó, tem quatro mães. Sei que vocês farão por meu filho e por nosso querido Arnaldo tudo o que fizeram por mim. Querida Milza, que Deus abençoe a você, que Jesus a reanime, que nossa Mãe Celestial a proteja e que o herói das chagas de Cristo, o iluminado de Assis, esteja com você e com todos os nossos, incluindo todos os que sofrem saudade e separação, angústia e tristeza. Estou em novo lar, no lar das bênçãos do inesquecível São Francisco, que não mereço, mas das quais preciso, a fim de me refazer, embora a me tornar mais devedora de Jesus e de seus Mensageiros. Estejam todos tranquilos. E beijando as mãos de nossa querida mãe, em suas mãos queridas de irmã, peço a você, querida Milza, receber todo o carinho e todo o reconhecimento no afetuoso abraço da irmã agradecida.

Vera Cruz.”

Mensagem recebida na noite de 5 de setembro de 1973, em Uberaba, MG, por Francisco Cândido Xavier.

Caso nº 8

Nome: **JOSÉ ROBERTO PEREIRA CASSIANO**

Idade: **23 anos**

Nome do Pai: **Abigail Pereira Cassiano**

Nome da Mãe: **Maura Pereira Cassiano**

Data e local do nascimento: **19/2/1951, em São Paulo - SP.**

Data e local do falecimento: **9/3/1 974 (sábado à noite) na Via Anchieta - SP**

Causa da morte: **acidente automobilístico - traumatismo craniano**

“Aquele sinal que indica estação de pausa, sem ser fim no que se escreve”. Esses conceitos de José Roberto Pereira Cassiano I (Shabi) são confirmados por esta carta comovente que ele escreveu, do além, a seus pais, rica em detalhes comprobatórios da sobrevivência espiritual.

Espírito ligado a Deus através da Arte, que tanto amou, José Roberto desenvolveu atividades como desenhista, projetista, pintor, decorador e fotógrafo, tendo cursado a Protec, a Faap, o Iadê e a Enfoco.

Durante 23 anos, - veio ao mundo em fevereiro de 1951 e renasceu na pátria espiritual em março de 1974 - extravasou sensibilidade por suas mãos hábeis, seu olhar compreensivo e seu sorriso bom, mas um carro, na Via Anchieta, encarregou-se do ponto e vírgula, quando regressava da cidade de Santos. Como estivesse sem documentos, José Roberto foi enterrado como indigente, apesar da busca desesperada de seus pais. Todos esses fatos desconhecidos do médium são levantados pelo espírito durante a comunicação.

Há, ainda, um detalhe importante a destacar, acerca do pseudônimo Shabi, com o qual ele subscreve a mensagem. Deram-lhe, certa vez, em uma brincadeira infantil, um apelido. Ele contava, então, uns quinze anos, mais ou menos, sua mãe auxiliou-o a contornar a situação afirmando: “Meu filho, é o homem que faz o nome e não o nome que faz o homem”. José Roberto gravou a lição. Daí, por diante, adotou o pseudônimo de Shabi, incorporando-o, definitivamente, ao próprio nome, inclusive na carteira de identidade. Chico Xavier jamais poderia saber de detalhe tão íntimo, e, no entanto, a assinatura na carta psicografada é incontestável: José Roberto Shabi.

Leia esta mensagem, nela está contida a luz da Esperança na Vida Infinita!...

A mensagem

“Querida mãezinha, meu querido pai, é tudo tão novo para mim, em nosso reencontro, que tenho dificuldade para registrar um assunto antigo: pedir a bênção de Deus para nós. Mas peço esse auxílio da Divina Providência e conto com esse amparo em nosso favor (1). Se pudesse, não escreveria e sim tomaria lápis e cores, tintas e pincéis para transmitir os meus pensamentos de agora num quadro em que lhes pudesse dar a idéia de toda a beleza e toda a luz que nos rodeiam.

Entretanto, é preciso resignar-me às linhas cravadas no papel, tentando exprimir o que sinto. E tenho lágrimas dentro de minha alegria. E noto a alegria dissipando-me o sofrimento em que se nos convertem as lembranças aqui nesta abertura entre duas vidas. De qualquer modo, resumo as emoções novas em duas palavras que, de certa maneira, me quadram as expressões: estou bem. Isso, queridos pais, é tão pouco e, no entanto, diz tudo, porque, na essência, quero explicar que todas as aflições passaram. Aquele 9 de março (2) foi realmente um dia de duras provas. Quando deixei a Beth (3) em casa, voltei no mesmo veículo (4) para tomar condução de volta. Conhecia o Expresso (5) e não podia supor que seria surpreendido pela hora do adeus de que não cogitávamos. A viagem seguia o compasso da Anchieta entre paradas de trânsito, marchas rápidas para ganho de tempo, quando ao movimentar-me cai num impacto de forças, que não sei descrever. Quis reagir (6), gritar por socorro, mas tive a impressão que um suave anestésico me entorpecia as forças mentais. O pensamento escorria do cérebro como se fosse sangue a derramar-se de outros campos do corpo.... Sensação estranha de esvaziamento (7), compelindo-me a desfalecer, sem recursos de resistência. E dormi. Pelo menos, foi esta a convicção que me ficou na memória ao despertar...

Conflitos e providências (8), toques e chamamentos, em torno de mim, pareciam pesadelo no qual mergulhava cada vez mais até que entrei num nível de inconsciência profunda. Acordei, queridos pais, numa sala (9) de apresentação muito difícil com as palavras das quais consigo dispor. Era eu e não era eu quem se achava

ali numa dualidade (10) que não podia reconhecer. Ouvi conversações e apontamentos (11) que me espantavam. No entanto, médicos e enfermeiros (12) me administraram agentes sedativos que me impuseram mais descanso. Em meio daquela penumbra da mente, em que todas as formas se expressavam desfiguradas ao meu olhar, acreditei-me acidentado e, por isso mesmo, doente... Com muito esforço pronunciava os nomes de vocês dois, rogando para que me buscassem, até que um amigo, o Irmão Cassiano, amável benfeitor, à feição de um pai a tutelar-me, explicou que representava a nossa família, a recomendar-me tranqüilidade e confiança. A presença de semelhante protetor me acalmava... A situação (13) prosseguia, quando o Irmão Cassiano me avisou que traria meus pais para um reencontro (14). Daí a instantes, notei-lhes a presença quase rente a mim. Mãezinha e você, papai, pediam notícias minhas. Só então entendi que me achava em São Bernardo, não longe do quilômetro em que havia sofrido a queda. Compreendi mais: aquele não era um recinto de hospital (15), mas um refúgio de paz e silêncio, reservado aos que já haviam atravessado as fronteiras, das quais me vejo agora muito aquém... Fiz tudo para fazer-me sentir (16), a fim de tranqüilizá-los. Mas, o amigo fiel, que me assistia e ainda me protege, em todos os passos da Vida Nova, me sossegou o espírito atribulado, afirmando que estavam dados os primeiros passos (17) para que recebessem minhas notícias. A idéia da despedida (18) então tomou corpo em mim e só aí, querida mamãe, compreendi que seu filho havia deixado a veste física, à feição de alguém que se transfere de estrada ou de carro a fim de tomar caminhos diferentes. Confesso, meu pai, que as lágrimas me subiram do coração para os olhos, porque não me sentia preparado quanto agora para o exame do assunto. Era muito sonho e muita esperança a tombarem do alto de nossas aspirações e projetos. Lembrei-me, porém, da energia de mamãe no trato da vida e da compreensão de meu pai nas dificuldades do mundo e refletindo nos exemplos de amor e fé viva com que ambos sempre me facultaram o entendimento mais elevado e mais correto, busquei asserenar-me... Ainda assim a pesquisa (19) que efetuavam, as perguntas que ouvia, sem que me fosse possível qualquer manifestação para esclarecê-los me feriam o coração. Observei que me procuravam com aflições iguais as minhas e percebi que a incerteza era o clima de nossos pensamentos e indagações... Sofri ao vê-los na retirada com as mesmas

dúvidas que me pairavam na alma, e cai em crise de lágrimas, como não podia deixar de ser. Novamente, o benfeitor incansável promoveu os meios de socorro dos quais necessitava e um sono maior abençoou a minha cabeça cansada... Depois, quando voltei de novo a mim, achava-me em outro lugar e em outra instituição.

Um hospital-escola ou, melhor, um educandário de recuperação espiritual me abriu as portas e desse recanto de paz e amor consegui sair, devidamente acompanhado, para visitar papai (20) na Beneficência Portuguesa. Desde então, melhorei (21), porque era preciso consolidar minha fé para ser-lhes útil.

Necessário esquecer-me (22) para sustentar, quanto possível, o querido enfermo, que abracei contente, no dia em que o vimos de alta (23), em nossa casa da alameda...

E vou compreendendo que todas as nossas dificuldades vieram, mãezinha, do passado (24), em que o seu Shabi contraiu dívidas a pagar.

Sei que você, minha mãe e minha luz, tem sofrido um calvário em que a subida é feita de pranto a encharcar o caminho de angústias. Mas peço a ambos para que a alegria nos retome os corações. Mamãe, você foi sempre, é e será, em nossa vida, a nossa fortaleza e o nosso carinho, a nossa confiança e a nossa paz. Continue fervorosa na certeza de que Deus não nos abandona. Realmente, não desejo lembrar as ocorrências estranhas que seu filho atravessou naquele março distante. Mãezinha, agora temos papai por nosso maior amor, por filho mesmo, a quem precisamos doar toda a nossa ternura. Estejamos unidos em nossa esperança. Sei tudo quanto empreendem em meu benefício e tudo agradeço. E creiam que a parte melhor do nosso culto de saudade é a bênção de reconforto (25) que estendem aos que necessitam de apoio, em dificuldades e provações maiores do que as nossas. Ouço o que me falam em casa, quando as nossas recordações se completam na mesma faixa de saudade e de indagação, entretanto, rogo para que me tratem como antes, desenhando ou fotografando (26)... estudando a vida ou construindo mentalmente o futuro. Peço a meu pai coragem e alegria. Medicar-se, sim, e sempre (27), mas aluar a fé em Deus sobre os recursos humanos. E você, mãezinha, conserve aquela felicidade tão nossa quando suas mãos queridas me guiavam nos estudos, abençoando-me as lições. Não deixe a alegria de lado quando me fita nos retratos. Recorde-me sorrindo. Lembro todos os poemas de amor (28), de seu amor para mim,

suas expressões de ternura (29), suas páginas de carinho e seus bilhetes (30), que sempre me alcançam e me alcançaram o coração por estrelas de felicidades e de paz. Estamos todos mais juntos. E trabalharemos para o nosso reencontro, um dia, com as bênçãos de Deus no Plano Maior. Lembre-se, querida mamãe, de seus doces avisos quando os obstáculos surgiram: ‘Meu filho, tudo está melhorando e amanhã nossa vida será sempre mais linda’. Baseando em suas disposições, sempre venci e, creia, estou vencendo... pois até as barreiras da morte consigo atravessar, conquanto sob auxílio, a fim de lhes enviar as notícias de agora.

Penso, queridos pais, que não devo criar sugestões no ânimo das afeições que deixei (31). Todos estamos nas bênçãos de Deus e hoje reconheço que Deus a nós todos conduzirá para o que nos seja mais aconselhável e mais justo. Mas envio, em silêncio, a todos os corações queridos, a mensagem de meu agradecimento e de meu afeto.

Entrego-lhes, pais queridos, todo o meu coração, nesta carta.

Companheiros queridos, hoje, me compartilham das novas experiências. Os colegas de ontem estão aqui de outra forma, porque tenho novos irmãos de trabalho e de ideal para valorizar os tesouros do tempo, enquanto melhoro a mim mesmo, a fim de auxiliá-los.

Querida mãezinha e querido papai, aqui o horário pede o ponto final. E desejo reafirmar que a morte não é ponto final i m coisa alguma do que pertence à vida. Que seria da morte? Sorriem comigo e imaginemos nela um ponto e vírgula. Aquele anal que indica estação de pausa, sem ser fim no que se escreve.

Recebam meus melhores pensamentos, nos quais volto à prece, rogando a Deus por nossa felicidade. Papai querido e querida mãezinha, com vocês dois aquele abraço de três juntos (32). E Conservem a certeza de que esse beijo que deposito aqui nesta folha simples é o beijo de muito carinho e de muita saudade, de muito amor e de muita esperança do filho sempre mais de vocês dois, sempre mais reconhecido e sempre mais filho do coração.

José Roberto
Shabi (33).”

PS do médium: O jovem comunicante declarou estar acompanhado

pelo amigo a quem chama por irmão Cassiano, pelo irmão José Pereira, avô, e por duas avós, a mãezinha e a avó da senhora Maura.

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG, na manhã de 20/9/1975.

Evidências da sobrevivência

- 1 - O espírito identifica-se como o pintor que era.
- 2 - Nove de março - dia do desencarne causado por acidente de carro na Via Anchieta.
- 3 - Beth, apelido carinhoso da namorada Elizabeth.
- 4 - O veículo era um táxi TL gelo que o levou até a rodoviária em Santos.
- 5 - Expresso Luxo no qual sofreu o acidente ficando sete dias desaparecido, tendo sido sepultado em São Bernardo do Campo como indigente.
- 6 - O espírito quis reagir pois o corpo já estava inanimado, a passagem se fez instantaneamente.
- 7 - Sofreu traumatismo craniano.
- 8 - Tomadas pelas autoridades de São Bernardo.
- 9 - Sala do Necrotério Municipal de São Bernardo do Campo o espírito acorda.
- 10 - O espírito ainda ligado à matéria pelo cordão fluídico.
- 11 - Conversações e apontamentos de policiais de São Bernardo.
- 12 - Médicos e enfermeiros do Plano Espiritual para tratamento do espírito.
- 13 - Continuávamos as buscas aqui em São Paulo e Santos.
- 14 - Na quarta-feira - 13 de março - voltávamos de Santos, já tarde da noite, debaixo de chuva torrencial. Na altura de São Bernardo, não sei por que, quis entrar na cidade e fomos até o necrotério, mas, como em todos os lugares, recebemos informações erradas, e voltamos para casa sem saber que, naquele dia, nosso filho havia sido sepultado.
- 15 - Cemitério da Paulicéia, de São Bernardo. Nessa altura o espírito já estava liberto do corpo.
- 16 - Em quatro dias apenas esquece a dura prova pela qual passou e pensa em auxiliá-nos, tranquilizando-nos. Mas, nós, espíritos ainda envoltos em vestes grosseiras, não pudemos senti-lo. Em

- 14 de março recebemos os primeiros indícios vindos da 4ª Delegacia de Santos.
- 17 - Na tarde de quinta-feira pediam que averiguássemos na delegacia de São Bernardo o acidente ocorrido no sábado à noite.
- 18 - Chega a hora triste da despedida para o espírito liberto da matéria, que deixa aqui os entes amados, dirigindo-se para a Vida Maior.
- 19 - As pesquisas continuavam: exame datiloscópico na sexta-feira, 15 de março; exumação do corpo no sábado de manhã, 16 de março e traslado do mesmo para um cemitério da Capital na tarde do mesmo dia; missa de 7º dia com o corpo presente, na capela dessa necrópole.
- 20 - O pai cardíaco, depois de uma semana de calvário, dá entrada na Beneficência Portuguesa, na madrugada do domingo, 17 de março. Sai da UTI, vem para o quarto ainda em estado precário, sonha com o filho, lindo, todo de branco, quer pegá-lo e ele vai-se embora. O pai acorda em crise. Movimenta-se o hospital, de madrugada, para socorrê-lo. Agora a mensagem prova que de fato o filho esteve visitando o pai.
- 21 - Depois de oito ou dez dias de desencarne, após tanto sofrimento, um espírito consegue equilibrar-se, melhorar, consolidar a fé para ser-nos útil.
- 22 - Não resta a menor dúvida que estava sendo assistido por espíritos iluminados do Plano Superior, mas mesmo assim leve força para esquecer-se a si mesmo - um espírito altruísta, de amor imensurável.
- 23 - Dia 24 de março - domingo - 15 dias após o desencarne, segunda visita ao pai doente já em nossa casa da Alameda.
- 24 - Reencarnações anteriores.
- 25 - Evangelização: fora da caridade não há Salvação.
- 26 - Possuía um estúdio, em casa, onde desenhava, fotografava, revelava e ampliava filmes.
- 27 - O espírito dirige-se apenas ao pai no tocante à saúde, pois I ele quem precisa desse esclarecimento. Após essa mensagem meu marido tornou-se outra pessoa, a saúde voltou.
- 28 - Poema dedicado ao meu filho - escrito no dia 22 de setembro de 1974.
- 29 - O que converso mentalmente com ele em todas as horas ■ MI |>< i io das suas fotografias.
- 30 - Bilhetes que escrevo e coloco sobre a mesa de trabalhos espiri-

tuais e que os Irmãos Maiores prometem levar para ele.

31 - Maneira sutil de dirigir-se àquela que foi um dia a eleita de seu coração.

32 - Três juntos: pai, mãe e filho, pois era filho único.

33 - Shabi - pseudônimo registrado oficialmente, constando de sua carteira de identidade.

34 – O *post-scriptum* do médium, depois da psicografia, após tantas provas, vem, mais uma vez, dar autenticidade a tão importante mensagem: Qual dos presentes, exceto meu esposo e eu, poderia saber que meu pai José Pereira, minha mãe e minha avó já se encontram na Pátria Espiritual?

(Dados fornecidos pela sra. Maura Pereira Cassiano).

Caso nº 9

Nome: **WALTER PERRONE**

Idade: **23 anos**

Nome do Pai: **Murilo Perrone**

Nome da Mãe: **Maria Dominini Perrone**

Data e local do nascimento: **4/9/1950, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **14/2/1974, em São Paulo - SP**

Causa da morte: **vitimado por assaltantes**

“O amor vence a morte e desconhece o tempo”. Esta frase lapidar encontra-se nesta mensagem que o jovem Walter Perrone enviou aos familiares.

Filho do sr. Murilo e de dona Maria Perrone, nasceu em 4 de setembro de 1950.

Walter passou pela Terra semeando o bem, auxiliando-o quanto pudesse. Filho carinhoso e dedicado, amigo dos irmãos, bom esposo, era de gênio alegre, amante da paz e do trabalho.

Tinha veneração por sua mãe, que ele tratava carinhosamente de “minha velhinha”. Ia visitá-la algumas vezes por dia, mesmo depois de seu casamento.

No dia 14 de fevereiro de 1974, ao regressar do Colégio, foi vitimado por assaltantes desconhecidos.

Deixou a esposa grávida de sete meses, tendo sua mãe pressentido o desenlace no momento em que ele ocorria. Dona Maria perdeu a noção do tempo e a vontade de viver. Vivia agora sob a ação de calmantes, e três meses depois teve de ser internada pelos familiares preocupados com sua saúde.

Contou-nos ela que encontrou Chico Xavier no restaurante Lago Azul (Via Anhangüera). Ela não o conhecia. Foi rápido o encontro, mas ele procurou tranquilizá-la.

Em agosto de 1974, teve pressentimento de que seu filho iria se comunicar. Nunca tinha ido a Uberaba. Pensou que lá chegando fosse conversar com Chico como com outra pessoa qualquer, mas a fila na Comunhão era enorme. Não teve tempo de falar com o Chico, mas quando ele leu a mensagem que começava com a frase “querida mãezinha” tinha certeza que era do seu filho Walter. Ficou impressionada com a humildade do médium. Quis dar dinheiro, mas foi informada que não recebiam nada.

Quando voltou, eslava renovada. Entretanto, os familiares

não aceitaram a mensagem. Achavam que dona Maria tinha contado tudo ao Chico, ou tinha havido telepatia.

Soninha, a irmã de Walter, nos disse: “Como acreditar, naquele momento, se eu era de formação católica, estudava em colégio religioso e desejava ser freira? Ninguém de nós tinha idéia do que era Espiritismo!”.

Na segunda ida a Uberaba, quis ir com a mãe para ver se era verdade. Ficou maravilhada.

Verificando a veracidade dos fatos, todos creram e se transformaram. O pai, que queria largar a fábrica, voltou às suas atividades normais.

Ajudar os pobres, fazer o bem que puder, é a razão de seu viver.

A mensagem

“Querida mamãe, querido papai, querida Suely, meus irmãos queridos, estou em prece, agradecendo a alegria de poder enviar esta carta.

Deus nos conceda a sua bênção. Mamãe querida, lutei muito por estes minutos.

Preciso, mas preciso muito pedir a sua confiança em Jesus. Estou ainda menos refeito, digo “menos”, porque estou balançando entre melhoras e quedas súbitas de emoção.

Proseguimos juntos, nós todos, o tempo de sempre, incluindo nossa Wilma (1).

E Waltinho (2)? Pois agora, querida mamãe, tenho igualmente um Waltinho para adorar e cuidar.

Estão em meu íntimo papai, Soninha (3), Berto (4) e a familinha mora em meu coração, mas a senhora, minha velhinha, é como se fosse eu mesmo...

Não chore mais, querida mãezinha, suas lágrimas chegam a mim e me transtornam.

Quero esquecer o que aconteceu, liberar-me de todas as recordações negativas; no entanto, quando a vejo reconstituindo mentalmente aqueles quadros todos, desde a janela para atender ao chamado dos meus amigos, até aquela inolvidável despedida, tudo volta em seu filho ao modo de uma sombra que me furtasse a visão. Seja a oração com a saudade, a nossa saudade melhorando, até transformar-se em esperança. Agora entendo melhor a minha

velhinha rezando sempre, como se fosse Nossa Senhora na Terra, porque estou aprendendo a rezar também. A vida continua, não lá morte; tudo o que sucedeu veio pelo melhor que nos podia buscar. Aos poucos, vou estudando os assuntos para compreendê-los. Vou demorar a saber tudo, porque, para isso, amados meus, será preciso tranqüilidade para conhecer as situações e reconhecer-nos dentro delas, mas saberemos tudo no momento oportuno.

Para isso precisamos de paz.

Papai, meu querido papai, a nossa velhinha precisa muito de distração, e o senhor é aquela autoridade do amor que pode auxiliar-nos.

Soninha, você continue como a nossa querida Su (5), a retirar mamãe dessas horas difíceis. Sofri muito ao vê-la com tratamento de repouso mental por minha causa. Foi meu primeiro trabalho aqui, arrancá-la daqueles momentos de angústia. Nunca pensei que pudesse começar fazendo alguma coisa no Santa Helena (6). Pois comecei por lá e venho rogar a ela, à senhora, minha santa velhinha, para sorrir e viver outra vez. Lembre-se que a nossa querida Su e eu precisamos de seus braços para o Waltinho.

Quanta coisa a fazer!... E os outros pequeninos que esperam por nós?

Mamãe, não continue assim mergulhada na idéia da morte, porque a vida prossegue, e nós prosseguimos trabalhando e com necessidade de trabalhar sempre mais.

Querida mãezinha, converso neste papel com todos, com todos os nossos, conversando com o seu coração.

Sigamos para diante lembrando o bem e esquecendo tudo o que nos tenha parecido o mal na estrada percorrida.

Olvidemos as horas tristes atravessadas e superadas. E tenhamos, para o irmão menos feliz do caminho, pensamentos de bondade e compreensão.

Agradeço tudo o que meu pai e os meus fizeram contra as Idéias de ódio e ressentimento.

Deus está em nós e devemos permanecer em Deus.

Mamãe querida, estou quase bem; se isso pudesse acontecer, porque para sentir-me plenamente bem, seria preciso estarmos aqui todos juntos.

Mas o meu avô Perrone (7) me recolheu no pronto-socorro. Dormi com serenidade e só depois de acordar vim a saber que

ele me amparava com carinho e a bondade que hoje posso avaliar com noção mais ampla de gratidão e de entendimento.

A ele se unia a irmã e benfeitora Mariazinha (8), que me disse tomar, de algum modo, o seu lugar junto de mim, até que eu possa ser mais útil e, assim, querida mamãe, não há motivo para desespero e aflição.

Procuremos viver e conformar-nos, sobretudo fazendo o bem que pudermos, porque, onde estou, o que conta é o que se fez.

Peço à querida Suely para continuar estudando; que ela não siga meu exemplo de pouca dedicação aos livros, embora eu cultivasse com alegria os dons do trabalho.

Nosso querido Waltinho será abençoado, como sempre, por Deus, e seguiremos ao encontro do futuro com a nossa fé sempre mais viva.

Tanta coisa para dizer e escrever, mas o tempo está voando.

Agradeço as orações de minha madrinha, tia Isaura (9), e os cuidados da nossa querida tia Guida (10).

Não tenho palavras para agradecer aos nossos amigos Dr. Massau (11) e Dra. Harliey (12), sem nos esquecermos do nosso caro Dr. Edgar (13), tudo o que fizeram e fazem por nós.

Querido papai, o senhor sente sim minha presença quando está pensando em casa ou em nosso trabalho da rua Vilela (14).

Estou ainda muito ligado a todos.

Ajudem-me.

Quando recordo os episódios daquele 14 de fevereiro (15) a cabeça tonteia e se não me amparam torno a cair.

Meu Deus, a vida é maravilhosa e sublime também é a dor que nos desperta a iluminar-nos com a bênção de nova compreensão.

Papai, auxilie a nossa querida Su. Ela está ainda tão inexperiente e tão jovem.

Deixe-a por filha em meu lugar. O senhor e a minha velhinha farão por mim o que não posso agora.

Melhorarei e mais tarde farei o que puder para vê-la feliz. Agradeço a ela a paciência e a conformação com que auxilia.

Carlos (16), você e a cunhada Sônia (17), recebam todo o meu amor.

Soninha, muito obrigado.

Papai, abençoe-me e creia que seu filho, ao lado de meu avô, pede a Jesus que o recompense.

Mamãe querida, meu coração está com o seu em nossas lembranças de aniversários e tudo o que a senhora pensa eu estou pensando também. Façamos juntos as nossas preces, e receba um ramalhete de flores com a nossa querida Suely; são flores do coração, sem ser dos jardins terrestres.

Querida velhinha, cuide da saúde e trate de viver, pois seu filho está vivendo com aquela fé em Deus, que o seu carinho plantou em meus sentimentos.

Queridos meus, é preciso terminar.

O amor vence a morte e desconhece o tempo.

Mas aqui devo satisfazer as recomendações dos que me auxiliam.

Para a querida mamãe, para o querido papai, para a querida Bu, e para o Waltinho querido, para os queridos irmãos, o beijo de muito carinho e de muita confiança com todo o amor e todo reconhecimento de quem os acompanha de coração reconhecido.

Walter.”

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 23 de agosto de 1974, em Uberaba, MG.

Esclarecimentos

- 1 - Empregada da casa, muito estimada pelos familiares.
- 2 - Waltinho Perrone Filho nasceu dois meses após o desencarne do pai.
- 3 - Sônia Aparecida Perrone é irmã.
- 4 - Carlos Roberto Perrone é irmão.
- 5 - Suely Perrone é esposa.
- 6 - Hospital onde dona Maria Perrone ficou internada, três meses após o desenlace do filho.
- 7 - Desencarnado há mais ou menos 15 anos, foi quem o socorreu no mundo espiritual.
- 8 - Era mãe de um de seus amigos, já desencarnada há quatro anos.
- 9 - Madrinha de Walter, deu total assistência a dona Maria após o desencarne.

- 10 - Irmã de Dona Maria.
- 11 - Dr. Massau Simezo - médico da família e do Hospital Santa Helena.
- 12 - Dra. Harliey Fernandes Rizzo - amiga da família.
- 13 - Dr. Edgard de Barros - médico da família há 29 anos.
- 14 - Local da indústria de propriedade da família, da qual era sócio.
- 15 - Data do desencarne.
- 16 - Irmão já mencionado, porém este era o modo como o tratava comercialmente: na intimidade o chamava de Berto.
- 17 - Sônia Constantino Perrone - esposa de Carlos.

Caso nº 10

Nome: **RONALDO MALAFRONTA**

Idade: **23 anos**

Nome do Pai: **Sr. Malafronto**

Nome da Mãe: **Thereza Malafronto**

Data e local do nascimento: **28/5/1950, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **13/2/1973, às 22 horas, em São Paulo - SP**

Causa do falecimento: **aneurisma cerebral**

Estávamos em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG, na noite de 9 de abril de 1976 - David Nahum Neto e este repórter - como representantes da **Folha Espírita**, para mais uma cobertura junto aos trabalhos do médium Francisco Cândido Xavier.

Muita gente, muitos problemas, como sempre. No final da reunião, constatamos que apenas uma, das duas mensagens recebidas naquela noite, fora lida; a outra, a de caráter particular, dirigida a dona Tereza Malafronto tivera a sua leitura suspensa porque a destinatária já não se encontrava mais no recinto.

Chico Xavier incumbiu, então, os representantes daquele jornal de localizar nos hotéis de Uberaba a referida senhora, o que foi realizado com a colaboração de alguns amigos, sem nenhum resultado positivo.

Como as pesquisas resultaram infrutíferas, no dia de sábado descobriu-se o endereço de dona Tereza na capital paulista. E a tarefa de entrega da mensagem continuou confiada a nós.

Em São Paulo, durante nossa entrevista com a mãe de Ronaldo Malafronto soubemos que ela deixara o Grupo Espírita da Prece vencida por enorme cansaço. Retirara-se para a residência de dona Candinha, mãe de dona Olívia Dorotea Rodrigues, sua companheira de viagem. Dona Tereza deixara com Chico Xavier, no início dos trabalhos, uma carta que o médium não tivera tempo de ler e por isso deixou em seu bolso juntamente com inúmeros outros papéis, que são também dezenas de outros pedidos de preces, consultas e mensagens.

Nessa carta, ela se dizia muito cansada e nervosa, pedindo explicação para as lágrimas que rolaram pelo rosto sem vida de seu filho.

Nenhum outro detalhe foi mencionado. Ela não esperava ob-

ter uma resposta tão completa às suas indagações, naquele mesmo dia.

Lemos a mensagem. Nela, Ronaldo, seu filho, explica detalhadamente a razão daquelas lágrimas que deslizaram pelo seu rosto inanimado, oferecendo ainda mais duas dezenas de impressionantes detalhes que só dona Tereza conhecia na intimidade.

A mãe chora, emocionada... O seu filho querido, o jovem Ronaldo, que não tinha vícios, que amava os pobres e os humildes que trazia a cabeça cheia de sonhos, voltara da morte para acariciá-lo o espírito cansado.

Certa ocasião, quando ainda encarnado, salvara-a do suicídio, fazendo-a prometer nunca mais repetir semelhante gesto. Foi devido a essa promessa que ela conseguiu, ainda que sob o efeito de centenas de remédios, sobreviver à grande tragédia da perda do filho.

Desde que voltara de Uberaba trazia no coração a certeza de que receberia notícias e essa esperança a fez abandonar todo medicamento.

O carinho e a dedicação de Ronaldo à sua mãe extravasam-se nessa carta repleta de amor filial e por essa riqueza de sentimentos, nós a consideramos como a homenagem de Folha Espírita a todas as mães. Sim, porque não há dúvida de que o amor é a linguagem indestrutível dos corações neste e no outro mundo.

A mensagem

“Querida mãezinha, peço a sua bênção.

Daria tudo o que sou para retratar-me no que escrevo, de modo a falar ao seu carinho com toda a realidade de minha vida nova, mas porque não sei como fazer para alcançar isso, peço a Deus para que as nossas saudades consigam conversar, aqui, mamãe, nesta hora desejada e, ao mesmo tempo, imprevista. Venho com a vovó Philomena (1) e com o tio Raphael (2) pedir seu consolo. Pedir sua fé em Deus.

Parece, mamãe, que a dor é uma nuvem a envolver os nossos sentimentos. Entendo isso melhor agora, em que voltei, de inesperado, para a vida que, na essência, é a vida verdadeira.

No princípio os problemas foram muito grandes, porque, quando ouvi suas súplicas de pranto, a aflição me tomou de assalto.

Foi tudo tão rápido naquele fevereiro (3) em que eu fazia tantos planos (4). Bastou uma veia (5) a partir-se e a máquina do corpo cedeu à queda. O desejo de exprimir os meus pensamentos era muito forte. Queria falar, pedindo ao papai para que ficasse, pedir à senhora para não esmorecer, conversar com o Ricardo (6) solicitando a ele mais assistência para o seu carinho (7), mas os lábios estavam selados. Mamãe, porque a gente não pensa em dizer tudo o que se quer enquanto a palavra pode sair da boca? Não sei. Aquilo tudo, com aquela impressão de fim de existência, me fez chorar por dentro, mas as lágrimas eram iguais às vozes que se mantinham presas comigo. Minhas pálpebras também estavam cerradas e aquele orvalho de dor que me nascia no coração ficou estancado... Por isso, mãezinha, é que a senhora e os nossos tiveram a impressão de que eu chorava no corpo imóvel (8). Ver, eu não vi, mas as suas perguntas nesse sentido eram muitas (9) e minha bisavó Philomena, que me tomou por outra mãe, explicou-me o que se passara. Quando me retiraram da forma física extenuada, as comportas se abriram e as lágrimas que eram em mim preces a Deus, rogando forças em vão para dizer alguma coisa, rolaram pela face. Não pense que seu filho estava sofrendo. Acontece que dormi e só acordei em outro lugar com as suas exclamações.

Pensei que estivesse num hospital da terra, semelhante àqueles que conhecemos, mas me encontrava em outra parte da nossa mesma Ferra, que a gente aí não consegue ver. O anseio de conforta ia me doía no espírito e só muito depois é que vim a saber tudo o que acontecera. O tratamento de minhas forças não me atingiu os sentimentos e, por isso, o desejo agonizado de dar notícias continuou...

Venho pedir à senhora para viver e ficar tranqüila (10). A vovó Pasqualina (11) precisa e precisa muito de seu carinho e de seus cuidados. Tenho ido vê-la com o meu avô Angeloantonio (12), um amigo muito amado que mais me parece um tronco florido de amor (13).

Mãezinha, perdoe meu pai (14) se ele não resistiu à ocorrência (15). Tenho procurado levar até ele alguma esperança. Mamãe, aqui, a nossa visão é diferente da visão de que nos servimos no mundo Papai não é mau, nem desertou. Sofreu e desanimou.

Agora, precisamos pensar nele como sendo também seu filho.

Ricardo e eu temos nele um irmão porque nesse aspecto a

senhora orará por ele e abençoá-lo-á onde estiver, no rumo diverso a que se entregou. Peço a sua coragem e a sua fé.

Não existe morte.

Temos uma vida imensa a conquistar. O que temos na terra física é só uma fração dos tesouros que Deus criou para a nossa felicidade. Sei que a senhora tem andado fatigada e nervosa (16). Sem tranquilidade a buscar-me sem esperança, mas rogo a sua fortaleza e não cultive qualquer idéia de solidão.

Onde estão os necessitados, aí se acomoda a parte mais atribulada dos filhos de Deus, reclamando socorro (17). Aqui tenho aprendido muitas lições. Meus pobres 23 anos (18) de corpo físico foram apenas um sonho. A realidade está por aqui a chamar-nos para Deus, principalmente através dos que sofrem mais do que nós mesmos. Mãezinha, não disponho de muito tempo.

Mas estou quase feliz porque pude escrever e falar que a amo sempre e cada vez mais. Não se entristeça. Estarei ao seu lado.

Ajude a todos, a todos que Deus nos confiou na família, mas sabendo sempre que o nosso lar no Butantã (19) é um pedacinho da humanidade, a grande família que também espera por nós.

Mãezinha, transformemos as nossas saudades em tarefas de amor ao próximo e confiemos em Deus (20).

Minha tia Oliva (21), como deseja que a chame, abraça a senhora e vovó e pede-lhe paciência com a querida avozinha Pasqualina.

Jesus nos dará forças.

Não posso continuar.

Querida mamãe, receba todo o meu amor, com toda a dedicação de seu filho sempre seu e sempre reconhecido.

Ronaldo.”

Mensagem recebida em 9/4/1976, em Uberaba, MG, pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública no Grupo Espírita da Prece.

Esclarecimentos

1 - Philomena Oliva, avó materna de dona Tereza Malafronto.

- 2 - Raphael Cantáfora - cunhado de dona Tereza, tio de Ronaldo.
- 3 - 13 de fevereiro de 1974 - dia do falecimento de Ronaldo (10 horas da noite).
- 4 - Fazia tantos planos porque se sentia realizado. Pela primeira vez ia ter carro próprio, foi buscar a carta de motorista à tarde e faleceu à noite. Tinha novo emprego, onde ia ganhar mais, trabalhou apenas um dia e meio na Ford Willys.
- 5 - Faleceu em dez minutos por rompimento de aneurisma cerebral.
- 6 - Ricardo Malafronto - seu irmão.
- 7 - Ricardo tem estado um pouco afastado da mãe.
- 8 - Durante o velório dona Tereza e alguns amigos notaram que as lágrimas rolavam pelas faces mortas.
- 9 - Dona Tereza queria saber porque o filho chorava, seria angústia de tê-la deixado ou outro sofrimento?
- 10 - Antes da morte do filho dona Tereza tentou o suicídio em certa ocasião que se achava desesperada. Ronaldo salvou-a e fê-la jurar que nunca mais atentaria contra a existência.
- 11 - Pasqualina Angeloantonio é mãe de dona Tereza e avó de Ronaldo.
- 12 - Egídio de Angeloantonio é avô de Ronaldo. (Repare a grafia correta Angeloantonio, em palavra única).
- 13 - O avô queria muito bem ao neto, desde pequeno.
- 14 - O pai de Ronaldo é alcoólatra.
- 15 - Deixou o lar definitivamente 15 dias depois do falecimento de Ronaldo.
- 16 - De fato, dona Tereza chegou a tomar em um mês mais de 100 injeções. Ia ao cemitério para chamar pelo filho, em casa clamava por ele, gritava pedindo uma palavra de consolo.
- 17 - Ronaldo sempre gostou de ajudar os pobres e os humildes.
- 18 - Nasceu em 28/5/1950
- 19 - Ronaldo só viu os alicerces, quando faleceu eles moravam na Radial Leste, estando os prédios em construção.
- 20 - Convite de Ronaldo para que sua mãe continue a tarefa de amor ao próximo que ele gostava de fazer.
- 21 - Vicenta Oliva - tia de dona Tereza.

Caso nº 11

Nome: **JOÃO LUIZ PALATINUS**

Idade: **26 anos**

Nome do Pai: **João Palatinus**

Nome da Mãe: **Elizabeth Kalya Palatinus**

Data e local do nascimento: **16/6/1948, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **18/12/1974, em São Paulo - SP**

Causa da morte: **acidente ao cair do 4º andar do prédio onde residia, 50 dias após seu casamento.**

Esta é a nova mensagem que o jovem João Luiz Palatinus enviou aos familiares, na véspera do aniversário da irmã Cristina.

Filho do Sr. João e de dona Elizabeth Palatinus, nasceu em São Paulo em 16 de junho de 1948, desencarnando na mesma cidade em 18 de dezembro de 1974, em acidente, ao cair do quarto andar do prédio onde residia, 50 dias após seu casamento.

Aos 26 anos conseguiu sua tão almejada formatura e ótima colocação bancária. Era de gênio alegre e comunicativo, granjeando grande número de amigos. Ajudava os menos favorecidos, sem que ninguém soubesse.

Dona Elizabeth lembra com saudade de sua casa repleta de jovens que ali faziam seu ponto de encontro. Como mãe, procurou sempre acompanhar a formação moral e intelectual de seus filhos.

Contou-nos, também, que, em 1970, foi movida pelo interesse em conhecer a Federação Espírita do Estado de São Paulo para Fazer um dos seus cursos. Durante o seu transcorrer, participou de uma caravana a Uberaba, conhecendo o querido médium Chico Xavier.

Seus filhos sempre acompanharam com interesse seu estudo da Doutrina Espírita, mas o esposo ainda não aceita os postulados espíritas.

A perda do filho foi o que de pior podia lhe acontecer, mas cinco meses após o desencarne recebe a primeira mensagem, (em maio de 1975).

Fato singular foi o aparecimento de Octávio no convívio familiar depois do regresso de João Luiz à Vida Maior, pela semelhança física entre ambos. Hoje, o noivo de Cristina tornou-se um companheiro dileto, amenizando as dores da separação física.

A Doutrina Espírita tem sido o esteio, o conforto e a luz do seu caminho.

Dona Elizabeth continua realizando um trabalho iniciado há muitos anos como enfermeira voluntária em alguns hospitais de São Paulo, convicta de que o auxílio ao próximo é o verdadeiro caminho a percorrer.

A mensagem

“Querida mãezinha, Deus nos fortaleça. Estou melhor, mais sereno. Venho, com a devida permissão, rogar a sua calma diante da vida. Mamãe, os problemas do mundo são lições. Somos todos apontamentos de ensino de uns para os outros.

Provação, hoje, a meu ver, é uma das bênçãos maiores. E regressando do nosso lar espiritual é que, pouco a pouco, vamos refazendo o discernimento próprio. A queda do alto (1) e a luta conseqüente estavam marcadas pelo ‘antes-do-berço’ (2), para que funcionasse por luz no caminho do ‘depois da existência material’ (3).

Abençoemos todos os instrumentos de inquietação, fatores de trabalho redentor em nossas almas, porquanto de semelhantes recursos é que recolhemos o auxílio mais eficiente ao nosso progresso. Dia 18 (4) se aproxima no dezembro novo. E peço a Deus para que seu caminho esteja iluminado pelas melhores consolações da vida. Quanto possível, relacionemos as nossas lembranças para conservar somente aquelas que nos possam renovar as forças para as alegrias da vida imperecível.

Rogo a Deus igualmente por nossa Mara (5), a fim de que ela se faça sempre feliz.

No mundo, às vezes, os nossos conflitos se ampliam com o entrelaçamento das lições uns dos outros, mas, no fundo, querida mamãe, somos todos companheiros, procurando a elevação e, de mais alto, é possível enxergar melhor as situações para a justa penetração dos problemas e das causas. Mara é nossa irmã e companheira de esperança diante de Deus. Estejamos gratos à Providência Divina pela felicidade da compreensão, em que nos reconhecemos sempre mais unidos.

Nossa Cristina (6) está em meu coração como sempre. Seu

aniversário a mais é uma alegria mais ampla pela vitória no tempo. À querida irmã, os parabéns fraternos com que a vejo emergindo das nossas dificuldades que nos antecediam a transitória separação. As lutas cedem lugar à paz, e a paz é o trunfo com os seus. Espero que o nosso irmão Octávio (7) seja um irmão no lugar que deixei, apoiando-nos na caminhada para adiante.

Sabemos, mamãe querida, que não se pode prever essa ou aquela ocorrência perante o futuro. Mas, de qualquer maneira, nosso caro Octávio é um amigo e, nessa condição, poderei tê-lo sempre conosco, suavizando a tela dos nossos obstáculos construtivos, amparando-nos os corações na execução de nossas tarefas. E a vida se desdobra. Ontem, aflição e pranto; hoje, porém, a esperança e a alegria renascerá de nossas saudades como luz na sombra do alvorecer, anunciando paz e reencontro. Mãezinha, venho com o tio João (8), e com o vovô Palatinus (9) e todos nos rejubilamos com os patrimônios de fé viva que o seu carinho vai entesourando. Confiemos em Jesus, querida mamãe, e esperemos o melhor. Aqui as aulas de renovação se fazem constantes para seu filho. A contabilidade nova (10) me ensina quantas bênçãos temos recebido e, por isso mesmo, vou aprendendo a descontar melhor e a dissipá-las no calor da oração.

Que Deus nos abençoe e nos sustente na estrada a percorrer são os meus votos. Rogo a bênção de Jesus para meu pai.

E reunindo o seu coração querido, com a nossa querida Cristina em meu abraço afetuoso, beija-lhe a face querida, o filho do coração, sempre em seu coração.

João Luiz.”

Segunda mensagem psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião na manhã de sábado em 15/11/1975, Uberaba, MG, no Grupo Espírita da Prece.

Esclarecimentos

- 1 - Refere-se à queda do quarto andar.
- 2 - Explica que o ocorrido estava previsto antes de reencarnar.
- 3 - Alude à melhora que encontrou após o resgate cármico.
- 4 - Data em que completaria um ano de desencarne.

5 - Sua esposa.

6 - Sua irmã.

7 - Irmão Octávio - amigo da família, de grande semelhança física com ele.

8 - Cunhado de seus pais, está desencarnado há 18 anos. Foi o primeiro a ter um diálogo espírita com sua mãe há 29 anos, presenteando-a com o livro Nosso Lar de André Luiz.

9 - Avô paterno.

10 - É grato à misericórdia divina.

Caso nº 12

Nome: **JOÃO JORGE DE LIMA**

Idade: **25 anos**

Nome do Pai: **João Cândido de Lima**

Nome da Mãe: **Laura Martins Pereira Lima**

Data e local do nascimento: **7/5/1949, em São Joaquim da Barra - SP**

Data e local do falecimento: **24/8/1974, próximo de Moji-Guaçu - SP**

Causa da morte: **acidente automobilístico**

O espírito do jovem João Jorge de Lima esclarece a necessidade da oração, sem desespero, para os que desencarnam, a fim de não perturbar a adaptação à nova vida.

Importante destacar para nossa meditação: “Aí, não somos preparados na Terra para enfrentar o problema da vinda para cá. Penso que a falta de conhecimento coloca noventa por cento de dificuldades nos problemas que a morte do corpo nos obriga a aceitar”.

Realmente, muitos de nós na Terra nos recusamos a pensar na vida após a morte física. Não desejamos enfrentar uma realidade, da qual ninguém consegue escapar. Para os que desejarem conhecer melhor a vida do “outro lado”, sugerimos o estudo das obras de Allan Kardec. O mestre lionês codificou com equilíbrio e bom senso os esclarecimentos dados pelos espíritos superiores que compõem a base do Espiritismo.

Indispensável, também, o estudo dos livros de André Luiz, através da psicografia de nosso Chico Xavier, pois esclarece o relacionamento na Vida Maior. Somente pelo estudo será possível conhecer o que nos aguarda, realizando a preparação para superar as dificuldades e problemas que possam aparecer.

João Jorge era filho do Sr. João Cândido de Lima e de dona Laura Martins Pereira Lima. Nasceu em São Joaquim da Barra, Estado de São Paulo, em 7 de maio de 1949.

Realizou seus estudos primários e secundários em sua terra natal. Em sua vida estudantil, destacou-se em atletismo, chegando mesmo a ser campeão regional em esportes juvenis. Conseguia excelente resultado no arremesso de peso.

Cursou a Faculdade de Medicina Veterinária e Agronomia de Laticabal, colando grau como engenheiro agrônomo em X de dezembro de 1973, passando a exercer sua atividade profissional

na Usina de Açúcar Nossa Senhora Aparecida, em Itapira, neste Estado.

No dia 24 de agosto de 1974, quando se dirigia a São Joaquim para visitar a família, sofreu um desastre automobilístico próximo de Moji-Guaçu, falecendo no local.

O desencarne do filho, no vigor de seus 25 anos, deixou a família desorientada.

O sr. João Cândido não era espírita, nem conhecia Chico Xavier. Contou-nos que foi através do amigo Manoel Benedito Erreira, residente na mesma cidade, que conheceu o querido médium.

Disse-nos o Sr. João Cândido que o recebimento desta mensagem trouxe uma felicidade e uma alegria muito grandes, para toda sua família. “Foi como se o João Jorge estivesse num país distante, enviando, de lá, sua cartinha”.

A família aceita a reencarnação, mas, segundo disse, estão estudando para compreender melhor a abençoada Doutrina dos Espíritos.

É isso mesmo, Sr. João, dizemos nós, não basta só aceitar as coisas frente a uma evidência dessa natureza, é preciso estudar para conhecer e discernir com proveito.

A mensagem

“Meu querido pai, minha querida Maria José (1), nossa querida Zezé (2), meu bom irmão Antônio Garcia (3), rogo a bênção de Deus em nosso favor.

Venho pedir aos meus para que não chorem assim com tanta mágoa.

Há quase dois anos, a lei de Deus me trouxe para a vida nova, mas, querida irmãzinha, seu mano está preso, preso às aflições em casa.

Não chorem mais com essa dor que mais nos parece um braseiro no coração.

Querida Maria José, preciso de sua conformação junto da mãezinha Laura (4), de meu pai.

Naquele dia de agosto eu devia passar por Mogimirim, alcançando a Anhangüera perto de Limeira, mas entendi que por Moji-Guaçu (S) seria um atalho e a viagem seria de menor tempo e arrisquei. Sai de Itapira (6) alegre, mas tudo aconteceu como

devia acontecer. Querida irmã, tudo aquilo que não depende de nós, e que sucede contrariamente aos nossos desejos, vem da lei de Deus. Quando o choque dos veículos me abateu, senti-me num sono profundo, ouvi que me chamaram em casa, com muitas lamentações. No princípio nada compreendi. Parecia-me num sonho- pesadelo, mas o amparo do avô Manuel (7) que me acolheu carinhosamente, era para mim um socorro que não sabia como receber. Não conhecia as pessoas no começo de meu novo caminho, pois tive a idéia de me achar num hospital do mundo, no entanto, aos poucos, meu avô Manoel e a vovó Gabriela (8) me esclareceram.

Desde então, estou lutando muito para retornar à tranquilidade.

Estou ligado à nossa casa por fios que desconheço e hoje, que sou trazido a lhes dar notícias, rogo as preces da conformação e da fé em Deus em meu auxílio.

Zezé, minha querida irmã, peço a você fazer este meu pedido, finalmente à nossa Regina (9).

Em verdade, os nossos sonhos de noivado se desfizeram na Terra, mas, acima de tudo, somos irmãos. Nossa querida Regina é uma criatura admirável e logo que eu estiver mais tranqüilo tentarei colaborar para vê-la feliz.

Aí, não somos preparados na Terra para enfrentar o problema da vinda para cá. Penso que a falta de conhecimento coloca noventa por cento de dificuldades nos problemas que a morte do corpo nos obriga a aceitar.

Papai amigo e querida irmã, como peço igualmente a você, meu caro Garcia, ajudem-me com as orações da esperança e lembrem-se de que ninguém morre. Nossos familiares nos auxiliam tanto em nossas doenças e provações do mundo... Por que não nos auxiliarem na renovação em que nos vemos, nós, os que perdemos uma estrada para entrarmos em outra?

Tenham confiança em Deus e amparem-me.

Estou precisando muito da paz em mim. Estarei com vocês nas orações. Vovó Gabriela, aqui comigo, abraça-os e eu, querido pai e querida irmã, lembrando a mãezinha e todos os nossos, deixo-lhes nestas escritas o coração reconhecido de filho e de irmão que pede a Jesus nos fortaleça e nos abençoe.

João Jorge.”

Mensagem psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier tia reunião no Grupo Espírita da Prece, de 23 de julho de 1976, em Uberaba, MG.

Esclarecimentos

- 1 - Maria José Lima dos Santos - irmã
- 2 - Apelido familiar de Maria José
- 3 - Antônio Garcia dos Santos - cunhado de João Jorge
- 4 - Laura Martins Pereira Lima - sua mãe
- 5 - Local do acidente
- 6 - Local onde trabalhava
- 7 - Manoel Cândido de Lima - avô paterno, desencarnado no dia 22 de janeiro de 1926.
- 8 - Gabriela Inocência da Conceição - avó paterna desencarnada em 1º de abril de 1973
- 9 - Regina Yara Di Giorgio - sua noiva

Caso nº 13

Nome: **YOLANDA CAROLINA GIGLIO VILLELA**

Idade: **27 anos**

Nome do Pai: **José Nogueira Villela**

Nome da Mãe: **Anita Giglio Villela**

Data e local do nascimento: **23/5/1949, em Viradouro - SP**

Data e local do falecimento: **4/7/1976, em Bebedouro - SP**

Causa do falecimento: **acidente automobilístico**

Yolanda Carolina Giglio Villela nasceu em Viradouro, em 23 de maio de 1949. Seu desenlace verificou-se em 4 de julho de 1976. Era filha de José Nogueira Villela e Anita Giglio Villela.

Landa, como era tratada pelos familiares, era formada em Letras. De gênio muito alegre, extrovertida, passava pelos piores obstáculos sem guardar qualquer rancor. Perdoava fácil. Gostava de música, poesia e de estudar assuntos espirituais.

Os pais de Yolanda são católicos, mas ela era de convicção espírita, razão de dizer na mensagem que os conhecimentos obtidos ajudaram muito.

Um mês antes do desenlace, convidou o irmão, os pais e um aluno para conhecerem Chico Xavier. Os pais lhe pediram para transferir a viagem para as férias de julho, tendo ela afirmado que se não fosse no dia planejado (4 de julho de 1976), não teria outra oportunidade. A viagem foi realizada.

Em Uberaba, Landa chorou, comovida pela humildade de Chico. Nesse dia, foi recebida uma mensagem do espírito Tânia, do Rio de Janeiro. Após a leitura da carta, Landa disse a seu irmão que parecia ver seus pais aguardando sua mensagem.

Nessa visita ela perguntou ao Chico o que deveria fazer a respeito de sua mediunidade, tendo o médium respondido: “Minha filha, é preciso trabalhar”.

Também sua mãe se dirigiu ao Chico, pois gostaria de obter uma mensagem do mano Orlando, ou do sobrinho Orlandinho, desencarnados, ouvindo do querido médium: “Telefone toca de lá para cá e não daqui para lá”. É muito importante ponderar sobre isso, pois não são poucos os que vão a Uberaba desejando ou mesmo exigindo de Chico Xavier mensagem dos entes queridos.

Após o desencarne, os familiares de Yolanda passaram a ir com frequência a Uberaba. Da primeira vez, obtiveram o seguinte

bilhete: “Jesus nos abençoe. O Padre Primo, da Cidade de Barretos, diz que sua querida filhinha Landa está sob o amparo de abnegado amigo e parentes da Vida Maior. Confiemos no amparo de Jesus”.

Foi na oitava visita que receberam a mensagem de Landa.

A família ficou sabendo que o acidente aconteceu quando ela ia visitar dois meninos pobres. Um deles havia lhe telefonado, pedindo sua presença.

A jovem ajudava sempre, mas os familiares não tinham conhecimento.

Meditemos no valor inestimável dessas missivas, que nos têm indo através da mediunidade de nosso Chico Xavier. Elas devem ler estudadas como evidências de sobrevivência e do relacionamento com o outro plano da vida.

O Espiritismo em sua missão de consolador é a luz do nosso caminho. Nos dias difíceis que vivemos, com as facilidades do mundo nos convidando à acomodação, eis que os chamados “mortos” voltam para provar que a morte é simplesmente mudança de plano.

A vida é de Deus e está em toda parte.

Reflitamos nos ensinamentos espíritas cristãos, aproveitando o tempo em auxílio aos semelhantes.

A mensagem

“Mensagem de Amor. Querida mamãe, querido papai, meu querido João Batista (1). Deus abençoe a nós todos.

Estou ainda quase sem forças.

Quase como no instante em que me levantei de mim mesma, di pois de me haverem erguido, à maneira de uma criança.

E venho, querida mãezinha, não apenas atraída por seu carinho, mas trazida na corrente de suas petições e de suas lágrimas.

Peço agora com mais insistência, não se entristeça, ajude-me com aquela fortaleza que em seu espírito nunca vi esmorecer.

Perdoem-me, o seu coração e o coração de meu pai, se voltei tão às pressas à vida que me convidava às grandes renovações.

Tenho o reconforto de afirmar-lhes que não provoqueei o choque do Opala (2). Pensei que pudesse fazer uma ultrapassagem pacífica, habituada que me achava a visar dimensões e examinar caminhos de relance.

Mãezinha, não julgue que sua filha pudesse, por um instante só, enfraquecer-se na fé, a ponto de buscar a desencarnação voluntária (3).

Dias antes me sentia em nossa casa como quem trazia a cabeça e as mãos crescidas (4), não sabia o que se passava.

Inclinei-me a refletir sobre mediunidade, mas, somente aqui, vim a saber que estava sendo preparada com carinho para a volta. Os conhecimentos foram valiosos

Tudo, mamãe, foi muito rápido.

Um choque difícil de escrever e, depois, aquela idéia de que o desmaio era natural e inevitável, um sono agitado por pesadelos, porque a gente não se despede do corpo sem desatar muitos laços e nem se desliga com muita facilidade do ambiente querido em que se nos desenvolveu a experiência familiar.

Quando acordei, porém, escutava seus apelos, suas perguntas, suas aflições e suas lágrimas, em forma de palavras e sons que me ecoavam por dentro do coração.

Senti-me perdida, como quem se reconhece num hospital que não pediu e nem esperou.

Os conhecimentos que trazia comigo me foram valiosos, porque era justo que eu a chamasse aos gritos, manifestando minha estranheza em altas vozes, mas quando vi o tio Orlando (5) com aquele rosto sereno a fitar-me, ele que partira, antecedendo-me na vida espiritual, creio por 11 meses, compreendi tudo.

Achava-me, como ainda me encontro, numa instituição de recuperação em que o amigo maior é o Padre Antônio (6), direi Antônio Preto, de quem ouvira tantas vezes falar.

Acolheu-me com brandura e soube que estávamos todos numa casa de socorro espiritual de urgência, fundada junto a Bebedouro pelo sacerdote Francisco Valente (7), que nos deu tanto amor n; a formação do recanto em que Deus enviou a felicidade para morar conosco.

Lutei muito, querida mamãe, porque não é fácil deixar a existência no lar, nem mesmo quando temos aquele ideal de estudar a vida em outros planos e em outros mundos, que sempre me marcou as idéias de menina voltada para os assuntos de espírito.

Rogo a dizer a nossa Do Carmo (8) e as amigas que a morte me apareceu na condição de uma benfeitora, e que não fui eu quem lhe bateu às portas.

Mãezinha, a senhora sabe que suicídio não constava de nossos propósitos, isto é, dos meus.

Páginas de amor e ternura, meditações sobre a vida espiritual que eu tenha escrito, sabe nosso querido João Batista que eram pensamentos soltos, nos quais, muitas vezes, me sentia sob influências mediúnicas.

Rogo ao querido irmão auxiliar-me com o seu encorajamento e fé em Deus.

Joãozinho, meu irmão, estamos no tempo dos nossos testemunhos de confiança em Deus.

Estude e siga em frente. Sua irmã não morreu.

O que sucedeu foi mudança de lugar e de clima, sem transformações em nosso amor de irmão que, se tanto e que com a benção Be Jesus, prosseguiremos unidos.

Mãezinha, agradeço as suas preces e as orações dos familiares, sem me esquecer dos pensamentos de amor da vovó Carolina (9) e da tia Geni, em Viradouro (10).

Aqui, tenho encontrado muito amor, através de gestos de proteção que não plantei.

Nossos irmãos do Grupo do Calvário ao Céu (11) estão irmanados aos outros, aqueles, sob a proteção de São João Batista, distribuem socorro e bondade sob os nossos céus. Mamãe, perdoe sua filha, se minhas idéias pareciam por vezes extravagantes.

Eu sei que sua ternura tantas vezes silenciava para que sua Landa (12) estivesse crendo em sonhos e realizações distantes da verdade que impera na vida.

E me lembro dos seus olhos expressivos a me falarem sem palavras de suas preocupações por mim.

Creia, mamãe, que não vim para cá trazendo aflições maiores que as nossas, você, papai, João Batista, Maria do Carmo e os nossos, parece que a gente mais jovem quando sai da Terra de repente, na maioria dos casos, parece considerada como sendo pessoas que se afastam do mundo por desilusões e desenganos, mas não é assim.

Cada qual na Terra dispõe de uma quota de tempo a fim de fazer o que deve.

A parcela que a vida me reservava era curta.

Mas, lenho a idéia de que tive os melhores pais da Terra e os melhores irmãos, porque recebi todos os recursos de casa para realizar em mim as construções espirituais que pude.

Dizer obrigada é tão pouco, mas digo assim mesmo: obrigada mãezinha, por seus braços que me guiaram na vida, por seus sacrifícios por mim, pelas orações que aprendi nos seus lábios. I que as teorias do progresso humano não me fizeram esquecer; por suas noites de vigília, por suas inquietações, acompanhando me com suas preces quando me ausentava de casa, obrigada pelas repreensões que eu merecia e que ficaram sempre em seu carinho, sem que você me falasse dos receios que eu causava à Mia ternura, obrigada por tudo, mas por tudo o que você me deu e obrigada a todos os que me concederam em família para servirem de protetores e companheiros.

Estou ainda muito pobre de forças, mas Deus concederá à aia filha energias novas e serei útil.

Mãezinha, meu pai, João Batista, tia Geni e todos os meus «ides queridos, termino, dizendo que estou agradecida, amando a todos cada vez mais.

E o papai me permitirá terminar esta carta, dizendo a mãezinha, naquele abraço total, quando voltava à casa depois de qualquer ausência.

Mãezinha, você é tudo para mim, mamãe, querida mãezinha, abençoe-me e deixe que me ajoelhe diante das preces outra vez para repetir que nós duas confiamos em Deus.

E receba todo o carinho, com muitos beijos de sua filha, agora mais sua filha no coração.

Yolanda.”

Mensagem psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, em 15 de outubro de 1976, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG.

Esclarecimentos

1 - João Batista Villela é seu irmão caçula.

2 - Opala é o carro que se chocou com o seu Chevette.

3 - Surgiram muitas dúvidas sobre o acidente e uma delas era a de que lei ia provocar o choque. Fato este que Landa faz questão de rechaçar, porque, de maneira alguma, ela procurou a morte

4 - Dias antes do acidente ela comentara com seu irmão que, numa noite, sentira as mãos e a cabeça crescidas e no choque li quebrou as duas mãos, sofrendo também fratura no crânio.

5 - Orlando Giglio, tio materno com quem tinha grande afinidade espiritual. Faleceu no dia 8 de março de 1975, portanto 11 meses antes de sua sobrinha. Também foi vítima de desastre automobilístico.

6- Padre Antônio Preto, desencarnado em 17/12/1975, vítima do capotamento de seu carro, fora vigário há muito tempo na cidade de Bebedouro e mantinha laços de amizade com a família Villela.

7 - Foi um dos primeiros sacerdotes de Bebedouro.

8 - Maria do Carmo, sua irmã mais velha.

9 - Avó materna, desencarnada em 23 de janeiro de 1949, em Viradouro.

10 - Geni Gargia Giglio, residente em Viradouro, estava presente em Uberaba.

11 - Centro Espírita da cidade de Bebedouro, onde Landa e João Batista freqüentaram por várias vezes.

12 - Landa era seu apelido familiar.

Caso nº 14

Nome: **CARLOS ALBERTO ANDRADE SANTORO**

Idade: **20 anos**

Nome do Pai: **Constantino Santoro**

Nome da Mãe: **Almira Andrade Santoro**

Data e local do nascimento: **6/8/1951, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **23/2/1972, em Votuporanga - SP**

Causa da morte: **acidente aviatório**

Os pais de Carlos Alberto foram visitar Chico em Uberaba e acabaram recebendo a comovente mensagem, que publicamos nesta edição, acompanhada de notas, observações, comprovantes de identificação coligidos pelo nosso companheiro Romeu Grisi, também de Votuporanga.

Aliás, Romeu Grisi e sua esposa, dona Hilda, oito dias depois, foram a Uberaba, recebendo também, durante os trabalhos, uma mensagem de Carlos Alberto, esclarecendo dúvidas quanto à sua participação em encarnação anterior, na Revolução Constitucionalista de 1932. Na mesma mensagem também faz um levantamento histórico de Votuporanga, onde desencarnou em 1972.

Vale observar que, além de citar os nomes dos fundadores da cidade, também se referiu ao Dr. Orlando, antigo morador da localidade e um dos diretores do Centro Espírita Emmanuel.

Carlos Alberto esclarece que viveu duas encarnações neste mesmo século.

A primeira teve por término o ano da Revolução Paulista de 1932 e a segunda teve início em 1951, encerrando-se com o acidente aviatório.

Como bem observa Romeu Grisi, responsável pela pesquisa que publicamos, houve de Carlos Alberto uma regressão no tempo e no espaço.

A mensagem

Meu querido papai, minha querida mãezinha, e meus queridos irmãos. Peço a bênção de Deus para nós todos.

Dias cobrem os dias e até as coisas que conhecemos na terra se superpõem umas às outras dando a idéia de que o esquecimento domina tudo.

Dizemos “tudo passa”, entretanto, meus amados, “tudo fica” porque os negativos fotográficos estão incrustados no gabinete da memória e basta querer para que as imagens se reproduzam com todos os traços que desejamos lembrar e até mesmo com aqueles outros que possivelmente não queríamos rever.

Digo assim para mostrar-lhes que o nosso lar feliz está em mim, como sempre, que Antônio Carlos (1) está em meu coração como sendo o irmão de quem nunca desejava me separar, que o Carlos Almir, Carlos Alcir, a Rosa (1) e todos os nossos estão comigo, como se eu vivesse no cinema da saudade, embora com os filmes da juventude presente, repletos de esperança e de sol.

Papai, eu sei que o senhor desejava minhas notícias. Penso que pela intuição o senhor e mamãe sabem tudo. Sabem que eu não queria vir para cá cedo assim, que a minha sede de aprender nunca se esgotava e foi por isso que o Aero clube me conquistou.

Posso dizer que deixei meu corpo terrestre aprendendo... Compreendo. Isso não dá conformação, nem alegria, mas, de algum modo, me sinto satisfeito ao pensar que sempre tentei cumprir os meus deveres de rapaz cristão e espírita, com bastante conhecimento da responsabilidade de viver.

Não sei até hoje por que manobras o aparelho nos desobedeceu. Vi nos olhos do instrutor Denizard (2) aquela expressão de espanto que me contagiava, mas isso não durou muito tempo. A queda era verdadeira e a perda do corpo não menos certa. Creiam, porém, que as nossas conversações e preces me ajudaram no momento X. Entendi que o meu raciocínio sofrerá um baque indescritível e que os pensamentos me escorriam da cabeça para fora, assim como quando o sangue escapa das veias num processo hemorrágico.

Meus últimos pensamentos, porém, naquela hora de mudança, foram para Deus, pedindo a Ele, nosso Pai Celeste, que os fortificasse, que desse aos meus pais e irmãos queridos compreensão e conformidade. Mas vocês, querido papai, reconhecem como dói no coração aquela expressão ‘nunca mais’. Eu sabia que esse nunca mais se referia ao corpo e não a mim, o espírito imortal que sobreviveria ao desastre, mas, ainda assim, o gosto de adeus é por demais amargo para que a gente o sinta sem chorar...

Chorei, dentro de uma imobilidade que eu não saberia descrever, e, em seguida, notei que mãos de enfermagem me anestesiavam, lia o sono, o sono da bênção, porque entre a morte do corpo

e o renascimento na Vida Espiritual, Deus colocou um desmaio providencial. Quando acordei, me vi sem qualquer ligação com o nosso amigo Denizard e com a nossa gente amiga de Votuporanga.

Pensava naqueles companheiros de tarefa de todos os dias. Papai, lembrava-me de todos - do Lidai (3), do Dr. Orlando (4), do Carmelo (5), e do Romeu (6), entretanto, como que uma nova personalidade estava em mim, como imagem que estivera oculta. Vi-me em outra cidade diferente da nossa e sentia-me ligado espontaneamente a todos os que me vigiavam com ternura.

Meu avô Santoro (7) estava velando por mim, mas, no meu íntimo, eu era outro rapaz do tempo em que o País estava convulsionado por lutas muito grandes. Tive a idéia de estar na cidade onde havia assumido o compromisso de deixar o corpo violentamente. Despertava, sob o céu em que fizera a dívida que eu resgatara. Conte, papai, tudo isso ao Romeu. Parecia sonhar, mas não era sonho. Eu me via na cidade onde me fizera devedor.

Acordei, achava-me num educandário hospital dirigido por antigos benfeitores de São José do Rio Preto. Meu bisavô Santoro (7) me afagava e minha tia Maria (7) me falava com bondade, mas não precisaram doutrinar-me quanto à Grande Renovação. Ouvi as preces de mãezinha e os acontecimentos de casa, naqueles instantes recentes que se sucediam à minha desencarnação violenta, desenrolavam-se diante de meus olhos com uma persistência de pasmar. Então compreendi que, mesmo nós, os espíritos da mocidade e da madureza, ao que penso, não nos achamos assim tão preparados para a transferência de plano, como julgamos, porque o choro do Antoninho Carlos me arrasava e as lágrimas do senhor e de minha mãe caíam sobre minha alma como se fossem gotas de algum ácido que me queimava por dentro todas as energias do coração.

Mas a prece veio por brisa de amor apagar o fogo do sofrimento que lavrava. A conformação perante as Leis de Deus nos instilava vida nova e fui melhorando. Encontrei muitos companheiros de doutrina que me ajudaram, mas eu sempre mantinha uma profunda admiração por nossos rapazes mortos ao tempo de certas lutas. Papai, o senhor lembrará facilmente. Eram os nomes de Carmo Turano, de Elídio Verona, de Isoldes, de Antonio Duarte e de João Batista de Araújo (8), que eu sempre rememorava. Pois todos eles me apareceram na beleza do ideal em que viveram para a terra que Deus me dera para viver.

Formei com eles e outros um pequeno grupo de trabalho e cooperadores de antigos mestres da cidade, dentre os quais o professor Benedito Corrêa, as professoras dona Ana Veronesi, dona Rosa Albano, dona Maria Júlia Alvarenga e dona Gertrudes Amaral Sales (9) e estamos colaborando com nossa juventude e com os nossos amigos de Rio Preto, na parte espiritual da cidade, sempre tão querida e sempre tão nossa. O serviço a fazer, graças a Deus, tem crescido para a nossa felicidade, não que desejemos venham os outros a precisar de nós, mas pela oportunidade de aprendermos a ser úteis, precisando muito mais deles do que eles de nós. Aquele que nos recebe com amor nos dá sempre muito mais do que qualquer valor que lhe possamos oferecer. Aqui reformulei o que eu pensava de caridade.

Creio que espíritos existem que pedem a Deus existências de imensa luta, não só para se elevarem, mas a fim de se converterem no material de ensino àqueles outros que se colocam na condição de doadores, às vezes damos um momento de assistência espiritual e recolhemos lições para muitos meses de meditação construtiva.

Trabalhar estudando e estudar trabalhando, para mim, são lis verbos que se complementam. Continuemos, querido pai, agindo na construção do bem, quanto pudermos. Só o bem permanece nas recordações que ficam, porque só o bem fornece alegria bastante para ser recordado.

Antônio Carlos, peço a você, não esmoreça. Um dia, você observará que as tarefas executadas em regime de obstáculo tem muito mais valor que as outras feitas por nós, com os movimentos livres. Estamos juntos. Agradeço a fé em Deus e na Vida com que me fitam os retratos. Agradeço à mãezinha esse silencioso pior recheado de saudade que recebo todos os dias. Para nós, m verdade, a dor da saudade é muito grande porque é mais consciente.

Não choramos pela separação, assim como quem caminha in rumbo,mas sentimos a ausência com aquela certeza de reencontro que tanto mais dói quanto mais demora a acontecer. Estamos, contudo, com Deus e em Deus.Vivemos e trabalhamos, dialogamos e nos entendemos uns com os outros, sempre juntos.

Agora é o ponto final em papel e lápis. Noite adentro, continuaremos em nosso intercâmbio, agradecendo a Jesus a felicidade de crer e o dom de esperar sem desesperar.

Queridos paizinhos, e queridos irmãos, agradeçam por mim os amigos que me toleraram escrevendo esta carta de filho saudoso.

Ainda um ponto. O nosso amigo Denizard está em outros setores de que não posso fornecer notícias tão detalhadas. Mas sei que vai bem.

Queridos meus, recebam o coração do filho reconhecido e do irmão que não os esquece.

Seja a bênção de Deus com todos vocês, e que as estrelas d li Paz e da União continuem enfeitando a nossa casa por dentro para que o nome de Jesus seja sempre para nós todos uma luz I uma bênção, são os meus votos de coração do filho e irmão reconhecido.

Carlos Alberto.”

Mensagem recebida por Francisco Cândido Xavier em sessão pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG, na noite de 11/3/1977.

Esclarecimentos

1 - Cap. Constantino Santoro, progenitor dona Almira Andrade Santoro, genitora. Carlos, Carlos Almir, Carlos Alcir e Rosa, irmãos.

2 - Denizard Vidigal era diretor e instrutor do Aeroclube local na época, desencarnado também no desastre aviatório.

3 - Lidai Benini, advogado, funcionário do Banco do Brasil em Votuporanga e militante espírita quando se deu o acidente. Desencarnado em 1974.

4- Dr. Orlando Van Erven Filho, médico residente em São José do Rio Preto, e um dos fundadores do Centro Espírita Emmanuel de Votuporanga. Desencarnou em 1976.

5 - Carmelo Grisi, comerciante aposentado, residente em São José do Rio Preto, velho militante da doutrina espírita.

6 - Romeu Grisi, agricultor em Votuporanga, um dos fundadores do Centro Espírita Emmanuel local e da Sociedade Beneficente Irmã Elvira.

7- Avô Santoro, bisavô Santoro e tia Maria, todos desencarnados.

8 - Revolucionários de 1932: Carmo Turuno, nascido em Rio

Preto, em 4/10/1910, Antônio Duarte da Fonseca (Totó Duarte), nascido em Tambaú, em 20/10/1905, Elydio Antônio Verona, nascido em São Carlos, em 10/7/1913, Ipiroldes Martins Boerges (Isoldes) nascido em Serra Azul, em 22/2/1915 e João Baptista de Araújo, nascido em Franca, em 8/2/1898, todos desencarnados em combate.

9 - Professor Benedito Corrêa lecionou em 1919 na Escola Masculina do Taperão, já desencarnado;

- Professora Ana Veronesi, lecionou na Escola Masculina do Taperão em 1919, já desencarnada;

- Professora Rosa Albano, lecionou na Escola Mixta de Monte Aprazível em 1920, já desencarnada;

- Professora Maria Júlia Alvarenga, lecionou na Escola Feminina de Ibirá em 1918, já desencarnada;

- Professora Gertrudes Amaral Sales, lecionou na Cidade do Rio Preto antigo.

10 - Carlos Alberto Andrade Santoro, nascido em São Paulo, capital em 6/8/1951 e desencarnado em 23/2/1972 em Votuporanga, SP, era funcionário da câmara municipal, aluno da Faculdade de Ciências e Letras de Votuporanga, fazendo na ocasião o curso de piloto civil no Aeroclube local.

Nota: O comunicante relata que viveu em duas épocas neste mesmo século. A primeira teve por término o ano da Revolução Paulista, ou seja 1932; a segunda teve início em 1951 e o fim no ano em que se deu o acidente aviatório. Como se observa, houve de Carlos Alberto uma regressão no tempo e no espaço.

A MENSAGEM É COMPLEMENTADA OITO DIAS DEPOIS DA PRIMEIRA (em 19/3/1977)

“Meu caro Romeu (1) e prezada irmã Hilda (2), Jesus nos abençoe.

Peço, digam a meus queridos pais e aos companheiros de nossa querida terra de Votuporanga que não me esqueci daquele pedaço de chão abençoado e florido em que temos tão grande parte do coração.

Esclareço que, após 1932, quando partilhei de lutas grandes, renasci de uma família disciplinada e afetuosa, supervisionada pelo entendimento e responsabilidade de militares dignos, mas meu

tempo em Votuporanga seria curto, porque os meus compromissos haviam ficado mais fortemente estampados em São José do Rio Preto.

Entretanto, meu caro Romeu, diga, por favor, aos nossos companheiros, que tamanho é o meu carinho por Votuporanga, que, na segunda-feira última ida 14, à noite, acompanhei o nosso amigo Dr. Orlando à região em que se localizava a Fazenda Marinheiro de Cima (3) para assistir à festa dos 40 anos da idéia de formação da cidade que nos fala tão de perto ao sentimento.

Ali se reuniam os pioneiros, que oravam agradecendo a Deus dádiva da cidade e progresso dela. Estávamos não longe de Cosmorama (4) e bandeiras tremulavam. Em algumas delas vi os nomes de fundadores, como sejam o irmão Demétrio Acácio Lima (5), o irmão Sebastião Braga (6), o irmão Guilherme Von Trumbach (7) e do irmão Otávio Ritter (8). Nomes eram muitos, se me engano em alguns, perdoem-me os erros de memória.

A Vila Monteiro (9) foi recordada, o trabalho dos iniciadores relembrado carinhosamente, e dali rumamos para a cidade propriamente considerada onde visitamos o Albergue Noturno Allan Kardec (10) e o “Bezerra de Menezes” (11).

E nesse sentido rogo a você, Hilda e ao nosso Carmelo (12), encorajarem o Carmelinho (13) nas tarefas da direção.

Serviço com Jesus é começar com sinceridade que o resto a fazer aparece em forma de recursos espontâneos, trazidos por aqueles mesmos que amam a Jesus e a sua obra de fraternidade universal.

Muita coisa teria a dizer sobre reencarnação e desencarnação, vida e memória, mas precisava deste adendo à nossa mensagem que você, meu caro Romeu, saberá emplacar em termos de explica-fio e raciocínio certo.

Agora, é dizer ‘boa noite’ e agradecer.

Um beijo aos meus pais e irmãos, especialmente ao Antônio Carlos, ao nosso querido Carlinhos.

E vocês, meus bons amigos, recebam o abraço muito fraterno do irmão e companheiro reconhecido,

Carlos Alberto (14).”

Esclarecimentos

1 - Romeu Grisi, agricultor em Votuporanga e Diretor-Fundador

- do Centro Espírita Emmanuel e da Sociedade Beneficente Irmã Elvira.
- 2 - Linda Sestini Grisi, esposa de Romeu Grisi.
 - 3 - Propriedade da Cia. Theodor Wille, imensa gleba localizada no sertão de Tanabi e que foi loteada para a fundação de Votuporanga.
 - 4 - Cidade próxima a Votuporanga.
 - 5 - Pioneiro da fundação de Votuporanga.
 - 6 - Idem.
 - 7 - Idem.
 - 8 - Idem.
 - 9 - Antigo nome da Cidade de Álvares Florence.
 - 10 - Albergue Noturno de Votuporanga.
 - 11 - Departamento Assistencial da Soe. Beneficente Irmã Elvira, de Votuporanga.
 - 12 - Carmelo Grisi, progenitor de Romeu Grisi.
 - 13 - Carmelo Grisi Júnior, irmão de Romeu Grisi.
 - 14 - Carlos Alberto Andrade Santoro, filho de Constantino Santoro e Almira A. Santoro e irmão de Antônio Carlos, Carlos Almir, Carlos Alcir e Rosa Maria. Desencarnou em 23/2/1972.

Caso nº 15

Nome: **CARLOS MARINO VOCHI**

Idade: **16 anos**

Nome do Pai: **Alcides Vochi Filho**

Nome da Mãe: **Helena dos Santos Vochi**

Data e local de nascimento: **8/9/1957, em Sorocaba - SP**

Data e local do falecimento: **17/8/1974, em Sorocaba - SP**

Causa da morte: **acidente automobilístico**

Carlos Marino Vochi nasceu em 8 de setembro de 1957, filho do Sr. Alcides Vochi Filho e de dona Helena dos Santos Vochi. Desencarnou vítima de acidente automobilístico na noite de 17 de agosto de 1974, na estrada entre Sorocaba e Votorantim, falecendo no local.

Carlos cursava o segundo ano do Ginásio Dr. Achilles de Almeida, em sua cidade e era funcionário da Comercial Eletrolar S.A. Com seus quase 17 anos, era um rapaz alegre, que apreciava bailes, gostando de aproveitar bem os momentos de sua vida.

Era filho único. Trabalhava de dia e estudava à noite. Seu objetivo era poder, no futuro, ajudar mais os pais, que ganham pouco como empregados de fábrica.

Com os colegas, não falava em religião, mas, se alguém o interpelasse, imediatamente dizia colocando a mão no coração: “JC está aqui”, querendo se referir a Jesus Cristo.

Dizia que não gostava de dormir, porque perdia momentos de aproveitar a vida. Sua atitude de querer viver intensamente parecia um indício de que pressentia o futuro.

No dia do acidente prontou-se para ir a uma festa de aniversário no Salão Paroquial de Santa Rita, localizado na Vila Santana. Como estava frio e garoava, sua mãe recomendou-lhe a japonsa.

Despediu-se da mãe; no portão, voltou-se e olhou demoradamente a casa, coisa que não costumava fazer.

Juntou-se aos colegas José Gentil, José Luiz Navarro e Ricardo Maldonado, indo no carro deste à festa.

Consta que saíram da festa por volta das 11h15, com intenção de ir a um baile em Votorantim, localidade vizinha de Sorocaba. Passaram na Rua Campos Sales, onde haviam marcado encontro com outro colega, Jefferson Domingos Alonso, que, tendo se atrasado, não foi.

O acidente se verificou quando, numa lombada, Ricardo tentou ultrapassar outro carro; apareceu um caminhão e ele tentou inutilmente desviar. O caminhão bateu justamente no lado esquerdo do carro, no banco de trás, onde estava sentado Carlos Marino. Os colegas saíram feridos, mas Carlos faleceu momentos após a colisão.

Os pais ficaram desesperados. Souberam que Chico Xavier recebia mensagens. Na primeira vez dona Helena foi numa excursão, mas não conseguiu falar com Chico Xavier. Na segunda vez foi só, mas Chico não estava em Uberaba. Foi uma terceira vez. Apesar da multidão que estava no Centro, conseguiu falar-lhe por alguns minutos. Chico lhe disse: “Quem, da sua família, já desencarnado tem o nome de Luiz e Anna?”. Dona Helena, lembrou-se de sua bisavó Anna Silveira, falecida há 35 anos, que mal conhecera e de Luiz Américo Machado, seu tio falecido há 15 anos. Logo em seguida Chico acrescentou: “Quem é Marino?”. Lembrou-se do filho Carlos Marino Vochi. “Ele se encontra ao seu lado”.

Naquela noite, recebeu a mensagem. Voltou para Sorocaba com a carta colada ao coração, sua alegria era imensa, pelo consolo que recebera. Agradecia a Deus e a Chico Xavier.

Hoje ela e o marido acreditam no Espiritismo. Estão estudando com carinho para reconhecer o relacionamento na Vida Maior.

Esses fatos nos despertam para compreender a importância de cinquentenário da mediunidade da figura querida de Chico Xavier.

A seguir, transcrevemos a mensagem de Carlos Marino Vochi, psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, na noite de 27/8/1976, em Minas Gerais.

A mensagem

“Querida mãezinha, peço a sua bênção.

Não sei como iniciar esta carta, mas creio que devo fazer isso, começando por pedir perdão.

Perdão pelos sofrimentos que deixei no seu caminho e no caminho do papai, sem pensar que a despedida viria para seu filho em tempo curto.

Mãezinha, apesar de tudo confio, apesar de tudo sei que lembram sem mágoa.

Sei que em seu coração existe um relógio invisível, contando as horas e quando se decidi a vir de Sorocaba (1) para cá, encontrei-a enumerando nos dedos quanto tempo de ausência deveríamos registrar. Dois anos e dez dias (2). Se convertemos tudo isso em minutos para definir nosso tempo de saudade, creio que estaremos encontrando o sentido dos valores eternos.

Mãezinha, a faixa de aflições maiores já passou. O que resta é uma chuva de lágrimas, parecendo o aguaceiro que remanesce da tempestade. No princípio, é o vento e o granizo, como a destruírem tudo, mas depois, vem o frio e a garoa quando não se vão embora. É o que nos acontece, mas venho pedir sua calma e coragem. Lembre-se, mamãe querida, que meu pai precisa reviver e isso acontecerá com o seu regresso para a nossa fortaleza e esperança. Roguei ao papai Alcides (3) serenidade e coragem. Dói-me, mas dói-me profundamente, vê-lo acabrunhado a pensar em mim como sendo um filho que desapareceu para sempre.

No começo da nova situação, chorei muito. No instante preciso daquele choque impossível de descrever, por mais que me esforçasse para ficar aceso, a cabeça esmorecia como se um sono provocado por remédios me atacassem. Pensei nos amigos, ouvi gritos, quis auxiliar ao Ricardo (4), ao Gentil (5), ao Luiz (6) e saber como se dera a batida contra o veículo pesado à frente, mas sentia que mãos carinhosas me passavam pela testa e, por dentro de mim, aparecia uma ordem de dormir em prece, a qual não conseguia resistir. Dormi então e sonhei que trazia o peito ferido e com uma dor que não cessava... Queria acordar e certificar-me de que as impressões daquela prova não passavam de pesadelo. No entanto, o sono se aprofundou, até que me perdi no unido do repouso sem sentido e sem direção. Dormi profundamente e consegui despertar ouvindo a sua voz (7) em Bom Jesus, querendo me ver, através do pranto com que fixava a sua atenção sobre as velas acesas.

Mamãe, é muito difícil aceitar um baque daqueles. Seu carinho pode avaliar o que reclamei nas primeiras horas. Achava em mim aquele seu menino rebelde que trazia os cabelos descuidados e a memória fraca no arquivo dos bons conselhos. Só mesmo a ternura de vovó Anna (8) e a dedicação de meu tio Luiz (9) conseguiram auxiliar-me. Aqui, o tempo não passa de balde sobre nós.

O tempo me mostrou quanto era querido por meus pais e quanto amor devia me enriquecer para o futuro... Entretanto, mãezinha, e pouco a pouco, o tempo igualmente me fez sentir que as minhas horas no plano físico deviam ser aquelas mesmas, nas quais o setembro de 1957 (10) devia encontrar um término no agosto de 1974 (11).

Estou agora mais tranqüilo, retomando estudos e me adaptando ao trabalho, a fim de ser útil e aprender a ser mais útil. Peço que não chorem mais com tanta dor. Pensemos que a vida não encontra ponto final. Continuamos para além de tudo o que li vê na Terra, para sermos mais felizes e mais unidos estrada adiante. Peça ao papai para não se recriminar por ter-me concedido facilidades que ele não teve na infância. Não é isso, mamãe. Sou grato a todas as vantagens de que me cercaram, entretanto reconheço hoje que se não viesse para cá naquele entrechoque de máquinas, teria vindo de maneira semelhante. É verdade que, segundo penso, os filhos só conseguem reconhecer o quanto são queridos pelos pais, depois que perdem o corpo físico, mas isso nos serve de ensinamento dos melhores. No meu caso, descobri as minas de carinho e de amor que possuía em casa, ao vê-los em lugar para colocarem o coração cansado de saudade e de pranto... Vi tudo, mamãe, especialmente quando me tomavam das lembranças mais íntimas para reconstituírem a minha presença. Creio que o sofrimento de seu filho não foi menor, porque não é fácil para nós aparecermos sem sermos ouvidos e misturar as nossas lágrimas com as lágrimas daqueles que mais amamos. Agora que pude materializar no papel e no lápis os meus sentimentos, rogo-lhes esperança e alegria.

Agradeço por não haverem julgado a ninguém no processo de nossa separação.

Meus amigos e eu não estávamos excitados (12). Tudo estava normal em nós e a conversa era sobre a vida...

É verdade que um cochilãozinho esteve no assunto, mas não deu para formar o acidente e causar o inevitável. Cochilãozinho, mamãe, era o meu mesmo, posso dizer assim.

Não procurem destampar espinhos que, afinal de contas, acabarão sendo maus. Tudo estava bem e tudo está bem e espero que continue muito bem com a sua confiança em Deus, atitude que espero igualmente no papai. Mãezinha, o que é nosso chega à nossa poria com endereço exato.

Pense nisso e reconheça que se filho viajou para cá na ocasião marcada na passagem de volta que, alias, no mundo, todos trazem consigo, embora ignorando em que condução e hora serão todos chamados no grande embargue.

Peço dizer ao papai que as preces do meu avô Alcides (13) muito me auxiliam e quero dizer à senhora, que o meu bisavô Santos (14), tem sido aqui para mim um protetor e um amigo de todos os instantes. Mãezinha, sou seu filho único, mas os outros, os rapazes que não dispõem de pais, são também seus filhos. Lembre isso a meu pai e sigamos de agora em diante, de mãos dadas como uma família maior, a família dos menos favorecidos do que nós, que Jesus nos entregou (15).

Não posso escrever mais. Prazo acabou. Amigos encerram o Tempo. Portas da oportunidade estão fechando para que os outros, os amigos que nos assistem, possam seguir ao descanso.

Parece que aí na Terra enquanto no corpo mais pesado, todos temos a obrigação de renascer pela manhã, viver um pouco e ensaiar a morte, todas as noites. É preciso ir acabando com a temerária. A morte é assim como a sombra. Desde que se faça luz, a sombra não existe.

Mãezinha, à senhora e ao papai, com todos os nossos corações queridos do grupo familiar, incluindo os meus amigos, um abraço de muito carinho e de muita gratidão pedindo, porém, para que me sinta ao seu lado, com o amor de todos os dias, ao deixar em sua querida face, um beijo - aquele beijo de sempre do seu filho

Popó (16)
Carlos Marino Vochi.”

Esclarecimentos

1 - Dona Helena confirma como sendo verdadeiro o fato. Durante a viagem feita de São Paulo para Uberaba, foi contando nos dedos o tempo que fazia desde a data do falecimento.

2 - De fato, dois anos e dez dias exatamente tinham decorrido desde o falecimento de Carlos Marino Vochi. O óbito se deu em 17 de agosto de 1974. A mensagem foi recebida em 27 de agosto de 1976. Se fizermos o cálculo, exatamente dois anos e dez dias.

- 3 - Alcides Vochi Filho, pai do comunicante
- 4 - Ricardo Maldonado dirigiu o automóvel em que se deu o acidente. Residente em Sorocaba, na Rua Campos Sales. Amigo do comunicante.
- 5 - José Gentil, residente na Rua Francisco Scarpa, Sorocaba. Amigo do comunicante.
- 6 - José Luiz Navarro, residente na Rua Conselheiro João Alfredo, em Sorocaba. Amigo do comunicante. Estava no carro.
- 7 - Conta dona Helena que, durante o velório, contemplava o caixão rodeado de velas acesas e implorava ao Bom Jesus que desse forças a si e ao seu marido para suportarem tanta dor, perder o filho único.
- 8 - Vovó Anna Silveira, bisavó do comunicante, falecida em Angatuba, há 35 anos.
- 9 - Luiz Américo Machado, tio do comunicante, falecido em Angatuba, há 25 anos.
- 10 - O comunicante nasceu em 8 de setembro de 1957.
- 11 - Faleceu no dia 17 de agosto de 1974.
- 12 - Dona Helena explicou que houve uma série de boatos dizendo que os ocupantes do carro encontravam-se bêbados ou sob efeito de maconha. Ficou muito magoada com isso. O esclarecimento veio tranquilizá-la.
- 13 - Alcides Vochi, ainda vivo, residente em Sorocaba. O comunicante, em vida, nunca soube que seu avô era dado a fazer preces.
- 14 - Teodoro dos Santos, falecido há 38 anos em Angatuba.
- 15 - Na frase em que diz “sou seu filho único, mas os outros, os rapazes que não dispõem de pais são também seus filhos”, a mãe afirma que o comunicante quer se referir ao filho adotivo, a criança que pegaram para criar, e que se deu antes da mensagem.
- 16 - Apelido do comunicante. Consultamos duas testemunhas, colegas do mesmo, uma que fora sua namorada, e disseram que de fato este era seu apelido.

Caso nº 16

Nome: **IZÍDIO INÁCIO DA SILVA**

Idade: **18 anos**

Nome do Pai: **Cacildo Inácio da Silva**

Nome da Mãe: **Leila Sahab Inácio da Silva**

Data e local de nascimento: **21/3/1955, em Buriti Alegre - Estado de Goiás**

Data e local do falecimento: **26/2/74, em Goiânia - Estado de Goiás**

Causa da morte: **acidente automobilístico**

Izídio Inácio da Silva, nascido em 21 de março de 1955, filho do Sr. Cacildo Inácio da Silva e dona Leila Sahab Inácio da Silva, desencarnou no dia 26 de fevereiro de 1974, vitimado por acidente automobilístico em Goiânia.

Formado em contabilidade, sempre foi companheiro de seus pais. Era responsável e muito amoroso.

Moço alegre, simples, dinâmico, humilde. Amava o campo, o gado, a terra. Adquirira sua própria fazenda com seu esforço e com a ajuda do pai.

Gostava de carros, de esportes, de namorar. Foi um dos principais corredores de Kart em Goiânia, tornando-se popular. Amava a velocidade.

Dedicou-se ao futebol. No clube onde militava era um dos diretores, recebendo uma homenagem póstuma numa partida de basquete que levou seu nome.

No dia 19 de fevereiro de 1974, foi com um amigo, o Zé da Brahma, assistir a um “pega ou racha”, treino de carros, pois, em alguns dias, o amigo iria participar de uma corrida. Izídio, que já fora corredor, desejava ensinar-lhe alguns “macetes” em matéria de equilíbrio; mas sobreveio o capotamento do auto em alta velocidade.

Fato interessante a relatar é que quinze dias antes do acidente, Izídio beijava tanto sua sobrinha e afilhada que seu pai, ao pensar em lhe chamar atenção, ouviu uma voz: “Não faça isso que Izídio aí durar pouco”.

Dona Leila contou-nos que era católica. Possuía noções de Ipiritismo e sete dias após a morte do Filho começou a freqüentar a Irradiação Espírita Cristã, encontrando grande consolo.

Em meados de 1974, quatro ou cinco meses após o acidente, Chico Xavier foi a Goiânia receber o título de Cidadão Goianense.

Chico proporcionou, naquele mesmo dia, uma noite de autógrafos na Irradiação Espírita Cristã, local onde dona Leila conseguiu trocar algumas palavras com o médium, recebendo dele o convite para ir a Uberaba. Dona Leila ofereceu-lhe uma foto de lembrança da primeira missa realizada para o filho.

Esteve em Uberaba no dia 12 de outubro de 1974, quando recebeu a primeira mensagem. Esta que publicamos é a segunda, repleta de elementos para nossa meditação.

Agora que você conhece algo da personalidade do jovem I.ídio, leia a mensagem através da qual ele procura transmitir ensinamentos valiosos, não só para sua família, mas para todos nós que continuamos na vivência terrena, procurando obter a experiência que nos falta para sermos felizes.

A mensagem

“Mamãe, abençoe seu filho e continue pedindo a Deus por mim.

Tanta escora encontrei nas suas preces que, de certo modo, me habituei com a segurança. Aliás, querida mamãe, que filho se reconhecerá de outra maneira?

Pedi vez e tento falar escrevendo. Minhas saudações alcançam a Iodos, com os meus votos a Leila (1) e ao Nilson (2) por um Futuro abençoado constantemente por Deus.

Mamãe, parece-me que a gente, quando se desvincilha do Corpo físico, regressa à condição de criança. Referimo-nos à Divina Providência com tanta facilidade e o nosso pensamento se eleva para o Alto com tanta freqüência que a renovação, por aqui, apresenta igualmente um começo ou recomeço em que a fé, na essência, é a base mais importante de nossas afirmações.

Creia que me regozijo com as novidades. O seu trabalho é hoje tão grande que me sinto, por vezes, com dificuldades para Caminhar nos seus passos.

(fracas a Jesus, o seu carinho compreendeu, precisávamos disso: converter saudades em oração, e crença em serviço aos outros. Visito em sua companhia a nossa família nova - a família que adquirimos por extensão. Escuto seus convites ao trabalho e acompanho-a com aquela satisfação de menino feliz.

Até fevereiro de 74 (3), era jornada com meu pai, respirando aquele cheiro maravilhoso de capim verde ou molhado, era a gleba

cercada, os limites a se ampliarem e o gado amigo dando idéias a seu filho de que aquelas cabeças, sustentadas em quatro pés, eram quase criaturas humanas, pedindo compreensão. O amor pelo campo não sofreu qualquer modificação. Fitar os céus e estudar na terra acolhedora são ainda um prazer no meu coração.

Entretanto agora, mãezinha, sem deixar de ser o que sou, rejubilo-me com seus artesanatos de balas e enxovais, especialmente tudo que signifique elementos de auxílio aos nossos irmãos, Com obstáculos maiores do que os nossos, nos quais as suas queridas mãos sabem transformar o seu próprio esforço em recursos de socorro aos nossos semelhantes. Muito grato quando você procura colocar minhas mãos nas suas no serviço do bem. Sei que apregoar caridade seria pedante em mim, no entanto, reporto-me Com muito orgulho à cozinha onde procuro aprender, de longe embora, tudo aquilo que venha a ser ideal, mais trabalho, somando beneficência.

Agradeço igualmente ao papai o quanto nos auxilia.

Mamãe, aqui se nos achamos ligados à família, acompanhamos todas as ocorrências em casa. Não fique triste se meu pai não consegue ainda se desligar daquelas idéias de tristeza e quase desânimo que, por algumas vezes, ainda lhe aparece no espírito.

É assim mesmo. Ele crê em Deus, ele sabe que continuo existindo. Mas entendi com a vovó Laudelina (4) que ele é extremamente sensível. Na terra surgimos na mesma forma: cabeça, tronco e membros, (veja lá se me lembro da escola com exatidão). Mas, por dentro do crânio, a vida é muito diferente de uns para os outros. Paciência, mamãe. Aquela severidade de meu pai é amor vestido num tecido forte. Mas, no íntimo, é aquele protetor que lemos e conhecemos. Nosso caro Nilson conhecerá conosco tudo isso. Digo assim, porque Nilson é o caçula da casa, é aquele filho do coração que chegou por último e terá essas honras de mais moço até que nosso grupo alcance novas promoções.

Peço ao seu carinho dizer ao papai para não acolher qualquer desânimo. Compreendo que no coração dele aparece saudade rogando renovações; entretanto, certas renovações em família não devem ser apressadas. De meu lado, no que se refere a isso, não perdi o meu encantamento pela terra. Entendo que o dinheiro e uma bênção de Deus para se aplicar, mas a leu a é uma bênção de Deus, em que conseguimos e devemos produzir pura o bem de todos.

Aqueles projetos para o Norte, com Araguaína em nossa mira, continua comigo. Isso não quer dizer que me apeguei a patrimônios materiais, ou que não encontrei vida melhor, que a vida na fazenda. Não é isso. Penso em trabalho e proteção para aqueles que a bondade de Deus nos confiou ao zelo de cada dia. Papai e a senhora façam porém o melhor. Apesar de tudo não me podem recusar o direito de respeito às alegrias que me deram e às lições que me ensinaram.

Quero dizer à Leila e ao Nilson que estamos contentes, muito contentes ao vê-los de aliança dupla, anel de ouro do coração, caminhando lado a lado para frente.

Estamos agradecidos a todos o amor com que somos lembrados em casa.

Aqui, temos atividades e mais atividades, não temos tanto 'soçaito' mas cultivamos reuniões fraternas com muita esperança e com muitos planos de melhora crescente.

Vovó Laudelina e tia Nenê (5) estão comigo com outras afeições em anexo. Tudo com muita alegria e mistura com as nossas preces a Deus pela felicidade de todos.

Nosso abraço a Lau (6), ao Carlos (7), à Júlia (8), à Blanche (9), ao Flávio (10), à Urquiza (11), e a todos os corações queridos.

Mamãe, rogo as suas preces pelo amigo José (12) - o Zé da Brahma; devo auxiliá-lo e preciso de seu concurso.

Sou portador de notícias do amigo Geraldo (13) para nossa irmã dona Nenzinha (14). Ele está muito bem, conquanto, naquela rede de ansiedade entre os dois mundos - saudade prá lá e saudade piá cá. No entanto a proteção aqui é uma cobertura jóia e todos devemos aguardar tudo de bom para nosso amigo e para dona Nenzinha com os nossos entes queridos.

Lembro, mamãe, que a nossa gratidão ao amigo Dr. Vieira (15) não pode esmorecer e peço dizer a ele que o Maurício (16) vai num reajuste dos melhores.

Mamãe, é tanta emoção ao escrever tudo isso que tenho um nó na garganta, como se a minha garganta estivesse nos dedos com que me faço sentir.

Rogo comunicar ao papai que estamos cientes quanto à cirurgia e que se meu avô Izídio não está aqui com o neto, é porque está embalando o filho querido garantindo-lhe mais força nas forças habituais.

Mamãe, agradeço por tudo. Perdoe seu filho se falei em seu

trabalho sempre renovado na visitação aos nossos companheiros de experiência. Afinal sou seu filho e fico feliz ao reconhecer que o seu coração me ouviu os rogos na carta de outubro, há quase dois anos. É isso. O câmbio se modifica, entendemos que é sempre melhor dar do que receber, porque estamos sempre recebendo da bondade de Deus para sermos mais úteis.

Um beijo na frente de Leila, sem me esquecer da Nazira (17).

Com o meu coração dividido entre a senhora e meu pai, peço-lhe guardar o amor e a saudade, o carinho e a gratidão num beijo do filho sempre mais reconhecido.

Izídio.”

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, na noite de 20 de agosto de 1976, no Grupo Espírita da Prece em Uberaba, Minas Gerais.

Esclarecimentos

- 1 - Irmã de Izídio
- 2 - Cunhado de Izídio
- 3 - Data do acidente e desencarne
- 4 - Avó paterna de Izídio, desencarnada
- 5 - Sua tia, era cunhada de seu pai
- 6 - Apelido de sua irmã Laudelina
- 7 - Seu cunhado
- 8 - Sua irmã
- 9 - Sua irmã
- 10 - Seu cunhado
- 11 - Amiga da família que ajudou a criá-lo.
- 12 - Companheiro de Izídio que desencarnou no mesmo acidente automobilístico.
- 13 - Pai de Nilson, desencarnado em janeiro de 1976.
- 14 - Apelido familiar de dona Maria Rodrigues, esposa de Geraldo e mãe de Nilson.
- 15 - Abnegado médico que deu assistência a Izídio nos seis dias que esteve em coma.
- 16 - Filho do Dr. Vieira que desencarnou em maio de 1976, com apenas sete anos, vítima de queimadura.
- 17 - Sua prima

Caso nº 17

Nome: **MARCO ANTÔNIO PERES FERNANDES**

Idade: **21 anos**

Nome do Pai: **José Peres Fernandes**

Nome da Mãe: **Lourdes Ribeiro Fernandes**

Data e local de nascimento: **18/9/1954, em São Paulo - SP**

Data e local de falecimento: **06/06/1 976, em Caraguatatuba-SP**

Causa da morte: **acidente automobilístico**

Prezado leitor, temos observado em nossas entrevistas, como alguns jovens pressentiram o desenlace próximo. Foi o que ocorreu com Marco Antônio Peres Fernandes, segundo nos relatou sua mãe.

Marco estava passeando em Ubatuba, dirigia uma Kombi em direção à cidade de Caraguatatuba, quando, ao fazer uma curva, foi levado por forte vento que tombou o veículo.

Desencarnou com 21 anos este rapaz de gênio ora alegre, ora triste.

Estava só, naquele momento, pois acabara de deixar seus amigos.

Filho amoroso e dedicado à família, tinha excelente relacionamento com todos. Possuía diploma de eletricitista; havia completado o curso ginásial e fazia o colegial.

Marco Antônio Peres Fernandes, filho do Sr. José Peres Fernandes e de dona Lourdes Ribeiro Fernandes, nasceu em 18/9/1954. Após a desencarnação do filho, dona Lourdes, que era budista, foi procurar Chico Xavier, porque estava revoltada contra tudo. Buscava um remédio que lhe devolvesse a vontade de viver e lhe renovasse a esperança perdida.

Declarou-nos que ainda não está de todo recuperada, mas a mensagem do filho trouxe-lhe novo alento.

Hoje aceita a reencarnação como um fato.

Dona Lourdes e o Sr. José nos apresentaram com a mensagem impressa do filho. No final, encontramos o depoimento de ambos, que transcrevemos:

“Você acabou de ler a primeira mensagem de nosso filho Marco, psicografada por Chico Xavier em 9/9/1977, um ano e três meses, precisamente, após sua morte física.

Se você tiver, ou vier a ter, um caso semelhante, saberá quão

felizes ficamos ao tomarmos conhecimento, através de sua mensagem, de como se encontrava em sua nova vida - a espiritual - de como tem reagido para se 'equilibrar' nessa outra fase da vida.

Queremos deixar aqui consignada a nossa total gratidão ao nosso bom Deus, por nos ter propiciado tamanha felicidade e lhe rogamos abençoar cada passo de nosso filho querido. E a nós, que aqui ainda permanecemos, lhe pedimos nos reger com sua benevolência. Mamãe Lourdes. Papai José”.

Espiritismo é luz em nosso caminho, alargando-nos a capacidade de ver, dilatando-nos a interpretação dos fatos. Muitos pensam que desejamos fazer proselitismo, quando na verdade procu-i amos confortar os corações que sofrem a dor da separação física.

A Doutrina Espírita ensina-nos a conviver com a saudade dos entes queridos, que nos precederam na volta à verdadeira Md a espiritual.

Quando a dor aparecer, não se revolte, creia e confie, que Deus sempre enviará um lenitivo ao seu coração.

A mensagem

“Querida mamãe, meu querido pai, queridos irmãos, devo lembrar a paternidade Divina e pedir a Deus que nos abençoe.

Mãezinha Lourdes (1) não sei bem como expressar a emoção no papel. A emoção que me possui de improviso. Somente agora, vejo que escrever é como transmitir o que vai por dentro de nós, principalmente quando fazemos isso de uma vida para outra. Nunca pensei que me veria aqui, numa experiência dessas. E o tio Manoel (2), que me auxilia desde as primeiras horas em que readiquiri a consciência de mim mesmo, ampara o meu pensamento e a minha mão para que eu me manifeste no mínimo de tempo. Sou assim impelido a escrever, de corrida, eu que estimava pensar muito, antes de fazer quaisquer anotações.

N Mas a carta de um filho abraçando os pais queridos, não é uma página da imprensa. É o coração que se estampa nas linhas que se sucedem umas às outras, à feição de nossos confidentes, para falarem de minha vida nova. Não lhes posso dizer que sofro, embora a falta de casa ainda seja em mim um problema a resolver. Tenho, entretanto, a companhia do tio Manoel, do Irmão Ribeiro (3), que andou com nossa família, envergando a posição de parente

da mamãe, e a vovó Ana (4) que me ajudam como se eu fosse ainda uma criança. Ao lado de outros amigos, eles me recomendam solicitar à mãezinha para que não chore mais assim, com tanto fel no sentimento, e nem incrimine os médicos de Caraguatatuba (5) que me socorreram carinhosamente. Mamãe, quero dizer à senhora e ao papai que o vento naquele dia 6 de junho era de um poder fulminante (6). Tentei frear a máquina ou acomodá-la em outro sítio, mas a força do furacão era dessas que arrancam árvores centenárias pela raiz. Seguia calmo pela estrada de Ubatuba, pensando em distração nas férias, quando a calamidade desabou. Parecia que eu e a máquina estávamos sendo sugados por um vulcão aéreo. Seria impossível sobreviver no corpo, de vez que senti a cabeça quase a quebrar-se, não dormi nem desmaiei sob o arranco, pois fiquei como que paralisado na forma física sem conseguir movimentar um dedo. Nada via, mas ouvia todos os rumores em derredor de mim. Meu cérebro ainda verde, se recusava a entregar-se. No íntimo, eu rezava e pedia a Deus me desse vida para chegar em nossa casa. Arrastei-me como se fazia preciso. Nessa situação, percebi que me transportavam para lugar desconhecido, de vez que meus olhos se haviam apagado. Não sei quantas pessoas me atenderam porque aquele não era um momento em que meu raciocínio quisesse pesquisar isso ou aquilo e sim um minuto de aflição em que agradeceria qualquer socorro, viesse de onde viesse. Notei que as mãos do médico pousaram sobre minha cabeça e, para defendê-lo, posso dizer-lhes que guardei de memória o que ele falou (7) em voz alta: ‘- Meu Deus - disse ele - tantas vidas jovens desaparecendo. Este garoto poderia ser para mim um irmão ou um filho!...’ Não me lembro de outras frases, porque minha cabeça estava inerte e dolorida e meu impulso se dirigia para o socorro que ansiava receber. Acontece, mãezinha, que outras mãos me afagaram e um sono profundo me tocou todas as energias. Era um pesadelo em que me via regressando para casa, a ouvir os gritos de dor. Tudo me parecia nebuloso, incompreensível. Assim estive por muito tempo. Imaginem a senhora e meu pai que esperei pela vinda da vovó Ana para despertar. Ela veio depois, mas em condições diferentes. Vivera a existência das mães abençoadas pelo trabalho e pela renúncia no lar e não teve qualquer dificuldade para retomar-me aqui.

O trauma que sofri foi bastante longo, não sei precisar de quantos meses. Ainda me vejo na posição de convalescente que

muito pouco se refaz no domínio das próprias forças. Quando acordei totalmente, vendo a vovó Ana ao meu lado, respirei com alívio. Acreditei que voltava ao nosso ambiente e chamei por vocês iodios. Minha avó, que me foi também mãe pelo coração, me comunicou que estivera muito saudosa e viera ver-me. Uns amigos e parentes nossos procuraram dosar a verdade para que eu não caísse outra vez em nova perturbação. Muito devagar ela contou-me que estávamos em outras faixas da vida. Comecei a chorar e bastou que a dor me acudisse ao pensamento para ver a senhora, mamãe, chamando por mim, para escutar a Carmen (8), para registrar o que diziam meu pai e meus irmãos. Eu não queria morrer e, por isso, contrariava-me a realidade que me buscava. Mas isso foi só no princípio, porque logo após, comecei a recordar que a senhora nos ensinara em casa a confiar em Deus e procurei renovar-me na oração.

Mamãe, a saudade, porém, é tão grande que não sei explicar. Entretanto, embora saudoso, venho pedir a sua paz a fim de que me tranquilize. Mãezinha, veja como precisamos de você, em nossa Casa. Olhe o Serginho (9), necessitando de sua proteção e de seu amor. Não chore mais, a ponto de adoecer por minha causa. A senhora e papai sabem que eu era aí um rapaz que amava o dever bem cumprido, também eu pensava que me casaria mais tarde, que haveria de ter um lar em que meus pais descansassem assim como me haviam doado carinho e tanto repouso em criança, mas as leis e Deus funcionam acima de nós. Se aquele vento deveria arrebatá-me da estrada e arrasar comigo, isso tem sua razão de Ser. Ainda não tenho crânio para penetrar nesses assuntos do passado, porque tudo em mim se restaura muito lentamente, mas a sei o bastante para não reclamar. Rogo-lhes orar por nós todos, incluindo-me em suas preces, à medida que o seu pensamento se desanuvie o meu igualmente melhorará. Os filhos aqui não se desvinculam tão depressa dos pais que amam. Parece-me que um laço, numa espécie de cordão, me liga ainda ao seu coração, como nos tempos de meninice, quando a buscava para deslanchar-me de qualquer susto. Sei que o papai tem sofrido muito, mas faz-se de forte para não aumentar a nossa fraqueza. Pois hoje, mãezinha, venho pedir-lhe calma e aceitação das leis de Deus. Não conserve mágoa de ninguém. Não houve culpa em pessoa alguma no caso de seu filho.

Pense nos médicos de Caraguá abençoando a todos. Ore

por eles, mamãe, para que Deus os recompense pelo bem que me fizeram.

E ajude-me com as suas lembranças iluminadas de fé. Não permita que as lágrimas lhe venham aos olhos, senão para agradecer a Deus as bênçãos que temos recebido. Um abraço ao Sérgio e a todos de casa. Não posso prolongar a escrita porque o tio Manoel me diz que o nosso horário está esgotado.

Papai, querida mamãe, perdoem-me se ainda não lhes posso falar com mais calor de alegria.

Por enquanto, saibam que, se choram, eu não consigo fazer outra coisa. Vamos refletir nos outros rapazes que perdem o corpo sem carro, naqueles outros que estão doentes e aceitam os desafios da noite, com febre nas calçadas, nos que fugiram de casa e foram colhidos pelos tóxicos que os enlouquecem, nos que desejam estudar e estão escravizados à penúria e naqueles muitos que acordam buscando o serviço pesado com o estômago vazio. Aliviar as necessidades e sofrimentos dos outros será descarregar pesados fardos que ainda trazemos. Papai e mamãe, a todos os nossos corações queridos um abraço do coração, ao mesmo tempo que lhes peço receberem todo o carinho e toda a gratidão do filho que pede a Deus recompensá-los por toda a proteção que me dispensaram e por todo o amor com que me sustentaram a Vida, sempre o filho reconhecido que lhes pede a bênção e lhes beija as mãos, misturando o amor e a saudade nesse mesmo beijo de alegria e esperança, carinho e agradecimento.

Mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG, no dia 9/9/1977 (um ano e três meses após sua morte física).

Esclarecimentos

- 1 - Dona Lourdes Ribeiro Fernandes - sua mãe.
- 2 - Manoel Fernandes - tio paterno.
- 3 - João Ribeiro - avô materno.
- 4 - Ana Fernandes - avó paterna, desencarnada em 7/7/1976.
- 5 - Local em que foi atendido pelo médico Dr. José Bourabeby.
- 6 - Descreve como ocorreu o acidente.

- 7 - Alusão às palavras ditas pelo médico, já mencionado, ao atendê-lo. Veja como ficam gravadas em nós as palavras...
- 8 - Carmen Peres Fernandes - sua irmã encarnada.
- 9 - Serginho Peres Fernandes - seu sobrinho.

Caso nº 18

Nome: **GILBERTO PEREIRA TEIXEIRA**

Idade: **18 anos**

Nome do Pai: **Ludgero Pereira Teixeira**

Nome da Mãe: **Rosaria Montanher Teixeira**

Data e local do nascimento: **19/5/1959, em Presidente Venceslau - SP**

Data e local do falecimento: **13/7/1977, em São Paulo – SP**

Causa da morte: **acidente com bicicleta**

Estivemos no bairro do Cambuci, em São Paulo, para conhecer os familiares do jovem Gilberto Pereira Teixeira, que havia enviado sua mensagem através de Chico Xavier.

Encontramos no lar do Sr. Ludgero e dona Rosaria um ambiente de paz e serenidade. Explicaram-nos a personalidade do filho querido, e o encaminhamento ao estudo da Doutrina Espírita, na qual estão encontrando as respostas que procuraram durante muitos anos. O Sr. Ludgero Pereira e dona Rosaria Montanher Teixeira são os pais do jovem comunicante, que nasceu em Presidente Venceslau, Estado de São Paulo em 19/5/1959 e desencarnou em 13/7/1977, vítima de acidente com bicicleta.

Estudava à noite no 2º ano do Colégio Prof. Roldão Lopes de Barros, trabalhando de dia como funcionário de carreira do lanço do Brasil, agência metropolitana do Cambuci.

Tinha 18 anos e dois meses quando ocorreu o acidente. Filho amoroso, costumava sair de casa após beijar a mãe, a avó materna e despedir-se do pai. No dia do acidente, saiu com um amigo, colega de trabalho, para exercitar-se na bicicleta, ganha do pai, no circuito fechado conhecido como Morro do Klabin, local onde ocorreu o acidente. Desequilíbrio-se no veículo e caiu de cabeça no asfalto, dia 9/7/1977. Internado na Beneficência Portuguesa, foi atendido pela equipe de neurologistas chefiados pelo Dr. Valter Carlos Pereira.

Ficou em estado de observação na unidade de choque do hospital durante quatro dias.

Rapaz inteligente, dedicado e responsável com suas obrigações, tinha bons sentimentos.

Sua meta era a engenharia civil ou eletrônica.

Nunca causou problemas aos pais, só lhes deu alegrias. Era de gênio alegre e comunicativo. Não se prendia às coisas materiais,

mas se ligava aos companheiros sem distinguir sua condição social ou econômica.

Após a desencarnação do filho, dona Rosaria procurou Chico Xavier em Uberaba, encontrando lenitivo ao seu coração de mãe. Com o recebimento da mensagem, novo alento e novos horizontes se abriram para o casal.

Atualmente realizam o “Evangelho no Lar”, que consiste em reunião de estudo e prece em família, sempre no mesmo horário uma vez por semana.

Procure, caro leitor, consolar aquele que sofre a dor da separação física. Os momentos em que podemos ser úteis ao nosso próximo representam instantes de real felicidade. Como é bom ter um amigo ao lado, quando a provação nos visita para o teste indispensável.

Através do estudo do Espiritismo, temos as respostas às nossas indagações, encontrando luz em nosso caminho, paz ao coração.

Deus é pai de amor. Torna-se preciso conhecer suas leis e aceitar sem revolta a prova que nos visita.

Estude, medite e pratique o Evangelho, caminhando pela vida como filho responsável e previdente. Auxiliando aos que sofrem provações e dificuldades maiores que as nossas, vamos encontrar a verdadeira felicidade.

Essa é a grande lição desta mensagem e do comportamento de uma família cristã que sabe que a morte não existe e que o espírito do filho não está longe de seus corações.

A mensagem

“Querida mãezinha, peço a sua bênção, que espero me seja também concedida por papai Ludgero.

Suas preces me falam com tanta altura ao coração e a aflição de meu pai me alcança de tal modo os recantos mais íntimos »la alma, que fiz quanto pude para trazer algumas notícia.

Mamãe a vida na Terra parece uma presença de flor (1). Muitas caem da árvore em que nasceram, depois de haverem cumprido a tarefa que lhes vitaliza as estruturas, outras são esmagadas pelas rodas do destino.

Em meu caso, tenho a idéia de que, embora não sendo flor alguma, certo movimento de bicicleta (2) me desequilibrou e cai de cabeça no chão duro, de pedra e asfalto. Um choque. Desmaio,

Hematomas, médicos trabalhando para me devolverem ao jardim de nossa casa, mas o termo estava marcado a sinal vermelho para mim. Peça ao papai que me compreenda. Às vezes, o velho e meu melhor amigo pensa que mais vale morrer para saber o que houve comigo, entretanto, rogo que esperem, o tempo tudo dirá, e o suicídio é sempre uma ferida aberta que ninguém sabe quando ganhará cicatrizes. Lembrem-se a senhora, papai e vovó Virgínia, (1) que Regina (4) e Solange (5) estão aí requisitando atenção. Quando acordei aqui sob os cuidados de vovô João (6) tremi de susto, ao verificar quanto sofrimento ficava conosco. Interpunha-se entre nós uma espécie de barreira que não conseguia transpor. E vocês não poderiam fazer outra coisa senão chorar pedindo Deus por minha paz”.

EXPLICAÇÃO DO ACIDENTE

“Agradeço essas orações por mim, mas quero que a senhora pense em trabalho e renovação. Mãezinha, não agi imprudentemente, nem ninguém me levou a fazê-lo.

A guinada que me provocou a queda foi uma pirueta efetuada por mim mesmo; não supunha que tudo resultaria naquele adeus de longos dias de leito no sofrimento e na angústia de querer inutilmente levantar meu corpo que não mais me obedecia. Agora peço-lhes auxílio e socorro.

Rogue à Regina para conformar-se com segurança. Não sei fazer isso por ela. Mas, onde a querida irmã deseje cultivar a bênção da prece, ajudar-me-á de maneira segura. Ando triste e aflito, não só por ver a senhora inconformada, embora serena por fora, e por anotar os sofrimentos de papai ao recordar-me.

Sei que ele me queria num futuro brilhante, garantindo o nome da família para a frente, mas Regina Maria e Solange serão nossas melhores companheiras para isso.

Reconheço que o sofrimento da casa é muito grande, no entanto, creio que Deus me livrou de males maiores. Ficaria amargurado se tivesse perdido a cabeça nos tóxicos que envenenam, pouco a pouco, tantos rapazes.

Graças a Deus isso não aconteceu. Sempre vi em meu pai Ludgero o retrato fiel que me cabia transportar para dentro de mim.

Naquelas horas últimas de julho passado (7), ouvia tudo que

se pronunciava em torno de mim. A única novidade é que a boca não poderia responder. Quando chegou a última hora já me havia preparado para sair. Sentia muita dor na cabeça e ignorava o que pudesse fazer para me acalmar.

Não conseguiria transmitir o que sofri naqueles dias do fim, aliás aguardado por todos.

Agora, porém, tenho a esperança de que meu avô João e meu tio Antônio (8) me assegurarão a alegria de ver tudo transformar-se em paz e esperança.”

OS RECADOS À FAMÍLIA

“Prometo melhorar-me logo que a senhora e papai conseguirem mostrar uma resignação mais calma e verdadeira. Até que isso aconteça, informam-me aqui que o nosso coração na maior parte do tempo está como quem vive quase que dentro de uma névoa permanente. Ajudem-se a desfazer essas sombras luas.

Peço a Regina Maria que me ampare, ela tem muitas lembranças minhas e ao falar-me, tocando algumas ou fixando algum retrato para conversar comigo, mesmo em suposto silêncio, isso indo me atinge, e as lágrimas voltam do coração para os olhos, com o desejo de realizar o impossível.

Mãezinha, sustente-me com a sua fé em Deus. Rogo as preces de vovó por meu fortalecimento. Estou ainda muito fraco para saber muito coisa que preciso aprender, mas não consigo atinar com os caminhos que devo percorrer por mim mesmo. Queria falar muito de minha situação, para explicar às outras mães e mi nos pais presentes de quanto necessitamos deles para que a unidade nos felicite. Se pudesse, diria a todos para que pensem, a nosso respeito, na condição de trabalhadores que foram chamados a trabalho terrestre de pouco tempo.

Imaginem-nos como éramos aí antes dos desastres ou das doenças que nos touxeram para este lado da vida. Lembrar-nos guardados em urnas ou do corpo embalsamado em remédios e jazigos nos tornam acabrunhados e tristes.

Mentalizem a nossa figura tal qual éramos. Isso nos ajudara muito. Mãezinha, diga ao papai que o meu bisavô Teixeira (9) tem sido para mim um grande amigo. A família é um grupo que pode esvaziar se de um lado mas se ampliará sempre do outro.

Aí na Terra ficamos muito parados nos que morrem, mas pouco nos recordamos dos que nascem. E os que nascem são os representantes do nosso futuro. Tenhamos fé.

Mais uma vez rogo as suas consolações para meu pai que ainda não se refez de nossa separação e abraça ele por mim.

Um beijo às meninas (10), elas não precisam imaginar que lhes faltarão companheiros para as festas, além disso, embora ‘in outro corpo, saberei zelar por elas e auxiliá-las quanto me seja possível.

Mamãe Rosaria (11), ou querida mãezinha Rosa, receba com papai todo o amor de seu filho e companheiro de trabalho, sempre seu filho do coração, com este mesmo coração em que a senhora e meu pai moram comigo para sempre, sempre seu filho.

Gilberto (12).”

Esclarecimentos

1 - Gilberto fez redação em conjunto com os colegas de escola (trabalho de equipe), quando cursava o 2º ano colegial.

2 - Relato do acidente

3 - Virgínia Barreiros Montanher - avó materna encarnada

4 - Regina Maria Teixeira - irmã mais velha

5 - Solange Teixeira - irmã caçula

6 - João Barreiros - bisavô materno

7 - Dia 9/7/77 - dia do acidente

8 - Antônio Montanher - tio materno desencarnado em 16/2/77.

9 - Teixeira - ascendente paterno, ainda a família não tem o nome completo.

10 - Costumava levar as amigas, colegas de escola, vizinhas, às festinhas, era o companheiro delas.

11 - Sua mãe

12 - Segundo nos disse seu pai, a “fisionomia” da assinatura é de grande semelhança.

Caso nº 19

Nome: **ROSEMARI DAURÍCIO**

Idade: **23 anos**

Nome do Pai: **Francisco Daurício (falecido)**

Nome da Mãe: **Terezinha de Jesus Beraldo**

Data e local de nascimento: **27/10/53, em São Paujo - SP**

Data o local de falecimento: **18/12/76, em São Paulo - SP**

Causa da morte: **acidente automobilístico**

Dona Terezinha de Jesus Beraldo é a mãe da jovem Rosemari Daurício, cuja mensagem levamos ao conhecimento do leitor. Encontramos uma senhora simples, que nos recebeu com mui-i;i amabilidade, contando fatos que fazem parte da vida de sua querida filha.

Rosemari Daurício nasceu em 27/10/53, em São Paulo, desencarnando na mesma cidade em 18/12/76, em acidente automobístico ocorrido na Avenida 23 de Maio. A filha do Sr. Francisco Daurício, já falecido, e da dona Terezinha, tinha curso de administração de empresas e trabalhava no Banco Itaú, Agência Paulista, Trianon. Enfrentando com a mãe os problemas familiares com muita luta, mas com perseverança no trabalho, Rosemari já havia conseguido comprar a casa para a mãe e um carro.

Rosemari guiava o carro por ocasião do acidente, estando com ela uma amiga, que também faleceu, porém as duas meninas, que estavam no banco traseiro do Volks, nada sofreram.

Rosemari tinha pressentimento que iria partir em breve, avisando sua mãe e alguns amigos. Por ocasião da separação física, dona Terezinha ficou completamente transtornada; teve forte hemorragia em maio de 1977, tendo que ser operada. Ficou em convalescença quatro meses, período no qual leu livros que havia ganho de alguns amigos: **Jovens no Além** e **Somos Seis** (livros que têm batido recordes de vendas). Resolveu procurar Chico Xavier, mas só obteve a mensagem em sua segunda visita. Com ela, voltou-lhe a esperança e a vontade de continuar vivendo.

Desejamos destacar, nesta mensagem, que encontramos colocada, aparentemente sem significado, a letra “N” (ene). Dona Terezinha esclareceu-nos que não atinava com seu significado, mas, de volta ao lar, lembrou-se que tinha um hábito peculiar: o de beijar a filha no nariz.

Embora estejamos habituados, nas entrevistas para a Folha Espírita, a encontrar riqueza de detalhes que identificam as entidades comunicantes, cada vez ficamos mais empolgados com o trabalho.

Tivemos oportunidade de conversar com os jovens Argeu Dantas e Maria Kato, amigos de Rosemari, obtendo deles interessantes relatos.

Ela era de gênio expansivo e tinha muitos amigos. Disseram-nos que o relacionamento entre mãe e filha era como de duas grandes amigas. A mãe era a companheira nos bailes, festas, passeios. Eram inseparáveis.

Desejamos destacar, para nossa meditação, o exemplo de dona Terezinha de Jesus Beraldo, que soube ser amiga, confidente e mãe abnegada de sua filha. Embora vivamos numa época de crise de sentimentos, o certo é que nada poderá substituir o amor no relacionamento entre os seres humanos.

Abaixo, a homenagem de Rosemari à mãe.

DE ROSEMARI PARA A MÃE

N

Mamãe, Deus não nos abandona

Amor é a nossa união

N

Minha vida anjo que adora;

A luz sublime em que moro

Está no seu coração

Agora estamos mais juntas

N

Meu anjo lindo e imortal

O Senhor lhe guarde a vida

Rosa em luz do meu Natal.

Beijos N de sua Rosemari

Recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier.

(Obs: verifique a letra “N” de nariz).

A mensagem

“O consolo ao coração de mãe - guarde no coração a alma toda de sua filha agradecida. Rosemari.

Querida mamãe, abençoe sua filha. Venho pedir seu auxílio.

Meu avô Francisco e minha tia Maria velam por mim e me receberam de braços abertos.

Recorde a lembrança de Jesus que ofereci à senhora antes de vir para cá. Jesus protegerá seus dias, querida mamãe. Não julgue que procurei a morte para prestar-lhe auxílio. Minha querida mãe Terezinha, eu não faria isso. Éramos nós duas a lutar pela vida, escoradas uma na outra. Não teria coragem de abandoná-la, porque a senhora nunca me abandonou. Acontece que eu pensava distraidamente nas festas de Natal, quando perdi o controle do volante e me deixei esmagar por outra máquina. Simples encontro de máquinas e a provação no meio do assunto para que os princípios da vida se cumprissem.

A única tristeza que ainda tenho é a de vê-la em lágrimas incessantes, julgando que sua filha teria procurado a morte para que seguros e pensões lhe dessem a tranquilidade merecida. Isso não aconteceu. O desastre não foi provocado. Sofri as conseqüências de alguma vida passada que ainda não sei penetrar. Meu avô Beraldo promete explicar-me logo que eu a veja serenada. Não chore mais, nem se sinta sozinha. Muitos parentes do lado Daurício e da parte Beraldo estão me auxiliando.

Por outro aspecto, não creia que namorados ou afeições da Terra me fizessem desiludida. Trabalhava com ânimo firme e pretendia continuar estudos para que nós duas encontrássemos um futuro melhor. As leis de Deus porém me trouxeram mais cedo.

Agora, peço-lhe calma. Tudo está melhorando. Recorde o que eu lhe dizia: - 'Mamãe, fique tranqüila porque realizaremos todos os nossos desejos'. Eu não falava isso pensando outra coisa. A senhora não está só. Pense no muito que poderá fazer pelos que sofrem mais do que nós.

Logo que possível, peço para que a senhora faça parte de um grupo de ação cristã, onde esqueça o que deve ser esquecido. O fardo mais pesado que se carrega no mundo somos nós mesmos, quando não dividimos, o tempo e a vida, em favor de outras pessoas.

Às vezes, querida mãezinha, pensamos beneficiar alguém, com ou aquele recurso de que sejamos portadores, mas o bem não fica nisso. A pessoa que nos recebe o concurso nos auxilia a diminuir a carga de nossas tristezas e lembranças, O pão que

se dá na caridade é a moeda de Deus com que compramos alegria e esperança. Não fique imóvel com as nossas recordações. Estenda, mamãe, as suas mãos para ajudar, pensando que estamos juntas. E estaremos mesmo juntas, porque o amor não desaparece. O que a senhora possui é seu, é conquista sua. Nada recebeu por favor, porque se fôssemos contar os seus sacrifícios por mim, a conta seria inesgotável.

Não se esqueça de Deus e cultive a oração. A prece é uma luz que nos transforma por dentro. E creia que serei sempre sua filha reconhecida, aprendendo agora a trabalhar de outro modo a fim de lhe ser mais útil.

Abençoe a sua Rose e receba um beijo de carinho e gratidão na face carinhosa e sofrida - aquele mesmo beijo em que procurava surpreendê-la quando voltava do trabalho, ou quando a encontrava desprevenida.

Muito grata por tudo o que a senhora fez e faz por mim, e guarde no coração a alma toda de sua filha agradecida.

Rosemari.”

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, em 15/10/1977, em Uberaba, MG.

Caso nº 20

Nome: **SÉRGIO CALAMARI**

Idade: **24 anos**

Nome do Pai: **Carlos Leopoldo Calamari**

Nome da Mãe: **Etelvina Calamari**

Data e local de nascimento: **9/2/1952, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **29/2/1976, em Araçatuba - SP**

Causa da morte: **afogamento**

“É preciso que saibamos aceitar o que Deus determina para nós, nos dias de hoje, porque talvez a Divina Providência esteja nos retirando de duras provações que nos arrasariam no dia de amanhã.”

Destacamos este trecho da mensagem familiar do jovem Sérgio Calamari, para nossa meditação, pela profundidade que revela.

Conhecemos o casal Calamari, graças à gentil apresentação de nossa companheira Haidê Abujade. Relataram-nos seus pais menores da personalidade do filho e da mensagem enviada através da mediunidade segura de Chico Xavier.

Sérgio nasceu em 9/2/1952, regressando à vida espiritual em 29/2/1976, aos 24 anos de idade.

O filho do Sr. Carlos e de dona Etelvina era de gênio alegre e calmo. Gostava de praticar futebol e natação. Trabalhava na Fábrica Nacional de Vagões, escritório de São Paulo.

Os pais notaram que nos, últimos meses, Sérgio andava tristonho, tendo inclusive feito um seguro de vida, quatro meses antes do acidente.

O fato ocorreu quando, no carnaval de 1976, aproveitando os dias de folga, foi à Araçatuba, cidade do Interior do Estado de São Paulo, onde residiam os pais de sua noiva, que também trabalhava em São Paulo. Naquela cidade, resolveram passear no local denominado Country Clube e ali verificou-se o acidente.

Desejamos destacar que o espírito, na mensagem, esclarece que a morte não se deu por afogamento, mas em virtude de partida cardíaca. Segundo o laudo médico, Sérgio não engoliu água.

Dona Etelvina foi à Uberaba por sugestão do Sr. Wady Abrahão, após ter lido o livro **Jovens no Além**. Somente em sua terceira visita a Chico Xavier, conseguiu receber a carta do filho.

O Sr. Carlos e dona Etelvina não eram espíritas. A mensagem trouxe aos pais nova visão da vida e a aceitação da temporária separação física. O Sr. Carlos, que não dormia, não comia, nem trabalhava, venceu sua indiferença e passou a viver novamente. A esperança voltou ao lar da família Calamari, que procura pôr em prática as recomendações do filho na carta.

A mensagem

“Querida mamãe, abençoe seu filho.

A sua fé me chamou tanto, mamãe, que, embora ainda esteja em convalescença, aqui estou para dizer à senhora e a meu pai que estou melhorando. Sei que o anseio de notícias daqueles que amamos é quase uma doença na alma, uma tristeza agitada, mesmo que a fé esteja no caminho a guiar-nos em rumo certo. Venho pedir-lhe coragem e confiança em Deus, à senhora e ao papai, porque, se eu pudesse, teria ficado aí, preparando um futuro melhor para nós.

Mas, creia, mãezinha, que não podemos mais do que Deus, e Deus determinou que eu viesse para cá, no momento em que eu e Cleonice (1) planejávamos um lar, que diminuísse o trabalho de nossos queridos pais.

Naquele dia de fevereiro (2) estava na marca certa, dia de sinal vermelho para mim.

Não julgue que eu tivesse perdido o corpo em afogamento, foi o coração que parou de repente, impedindo a entrada de sangue que o renovasse.

Caí de uma vez, experimentando uma tonteira de que não me refiz.

Foi um fracasso? Teria sido se somente pensássemos em termos de vida, vida passageira que desfrutamos na Terra.

Ouvia tudo o que se falava em matéria de salvamento, mas não conseguia mover uma palha.

Nossos amigos Frazani (3) e Cleonice sofreram muito com aquele ponto final em Araçatuba (4), mas tinha de ser assim. Não poderia ir mais além. No íntimo eu sabia por intuição, que o fim estava ali, naquelas águas. Aceitei com resignação o que Deus ordenara, mas venho pedir-lhe para que a senhora e meu pai encontrem a resignação necessária.

Papai me preocupa muito, porque se fez mais fechado dentro

dele mesmo, quando o interesse é sair de si mesmo para ver dores maiores dos que sofrem mais do que nós mesmos. Imagine, mãezinha, que perdi a existência em meio de tantas águas, quando há tanta gente com sede de água pura, com sede de um chá quente que lhes aqueça os pulmões frios e doentes. Mamãe, reanime o meu pai que jaz em profundo desalento. Ele e a senhora têm muitos filhos nos lares dos necessitados, que exigem quase tudo para conseguirem sobreviver.

Estou bem, a saudade é ocorrência natural, se devesse sair de São Paulo para qualquer outra cidade, o meu regime de saudade não seria diferente. Mas podemos transformar o vazio em alegria, Socorro para os outros. Que papai pense nisso para evitar a queda nas poças de lágrimas que não me ajudam em ponto algum.

Ajudará a senhora e a ele, a nossa Eunice (5) ao lado do Carvalho (6). A melhor maneira de lembrar os que morrem é justamente adquirir um espaço na Terra, para abrigar meninos e meninas que começam a vida, às vezes rejeitados pelos próprios pais.

Mamãe, é preciso parar com as horas vazias de trabalho por nossa causa, os que chegamos na vida espiritual mais cedo que esperávamos.

Não tenho ainda bastante experiência para escrever muito, como eu desejava, mas venho pedir à senhora, com muita sinceridade, acalme o coração e auxilie-me com as suas preces de bondade e de amor. É preciso que saibamos aceitar o que Deus determina paia nós, nos dias de hoje, porque talvez a Divina Providência esteja nos retirando de duras provações que nos arrasariam no dia de amanhã.

Minha avó Amábile (7) tem sido aqui para mim outra espécie de mãe, carinhosa e dedicada. E o vovô Pascoal (8) tem me ajudado como um pai, cujo carinho nunca poderia rejeitar.

Mamãe, conduz a meu pai o meu pedido de resistência e fé na Bondade de Deus. Ele não me perdeu. Serei o mesmo filho noutra forma e trabalharemos mais juntos.

Rogue a Cleonice calma e coragem, Jesus nos guiará no futuro pai a as realizações que se fizerem precisas.

E diga a Eunice para tudo fazer para sustentar a felicidade doméstica A querida irmã tem sofrido algumas pequenas provas, mas o nosso Carvalho é um homem bom e trabalhador. Tudo melhora por fora de nós, quando nos melhoramos por dentro.

Hoje, mãezinha, não posso escrever mais, tenho a cabeça ainda um tanto tonta pela situação inesperada em que me vi. Não pensem que estou em condições inferiores. É que ainda estou me refazendo e não posso pensar, sem fazer às vezes certas pausas. Mas, apesar da falta que sinto de casa e de todos, continuo lutando para aceitar o que me aconteceu.

Com as suas preces vou melhorar e quando escrever de novo hei de fazer isso com a precisa segurança.

Hoje é só para pedir à senhora e a meu pai que me ajudem para que eu lhes possa ser útil.

Aceitem um beijo de muito respeito e muito amor, de todos aqui, à senhora e a meu pai, todo o meu coração.

De seu filho

Sérgio Calamari.”

Esclarecimentos

- 1 - Cleonice Frazani - noiva
- 2 - Dia 29 de fevereiro (desencarne)
- 3 - Família da noiva
- 4 - Local: Country Clube
- 5 - Sua irmã
- 6 - Ademar Nunes Carvalho - seu cunhado
- 7 - Avó materna - Amábile Pivateli
- 8 - Avô materno - Pascoal Pivateli

Caso nº 21

Nome: **MAURÍCIO GARCEZ HENRIQUE**

Idade: **15 anos**

Nome do Pai: **José Henrique**

Nome da Mãe: **Dejanira Garcez Henrique**

Data e local de nascimento: **19/12/1960, em Goiânia - GO**

Data e local do falecimento: **8/5/1976, em Goiânia - GO**

Causa da morte: **acidente com arma de fogo**

Nascido em Goiânia em 19/12/60. Filho de José Henrique e Dejanira Garcez Henrique. Iniciou sua vida escolar no Colégio Padre Donizete, freqüentando posteriormente o Sesc de Campinas, o Instituto Lúcio, de Campinas, o Colégio Estadual Assis Chateaubriand, concluindo o curso ginásial no Colégio Castelo Branco, em dezembro de 1975.

Em 1976, quando desencarnou, em 8 de maio, preparava-se para o vestibular no curso intensivo do Colégio Carlos Chagas.

Sua breve e saudosa passagem terrena foi caracterizada por uma personalidade extremamente carinhosa, alegre e saudável, marcada por um espírito caridoso e de profunda compreensão a igualdade de todos.

OS FATOS

Maurício Garcez Henrique, de 15 anos, tinha entre seus amigos outro jovem, de 18 anos, José Divino Nunes. Moravam na cidade Goiânia de Campinas, nas proximidades da capital de Goiás, pertencendo ambos a famílias muito conhecidas daquela localidade.

Em maio de 1976, numa manhã de sábado, um tiro acidental atingiu Maurício, estando a arma em mãos de José Divino.

Transportado para o hospital, ali veio a desencarnar.

Angustiadados, como outros pais, os progenitores de Maurício foram receber assistência espiritual de Chico Xavier, em Uberaba no Grupo Espírita da Prece. Ali, surpreendentemente, chegou a mensagem de Maurício para os pais e cuja íntegra publicamos em uma das edições da **Folha Espírita**.

A mensagem, como se verifica no seu texto, exclui qualquer responsabilidade de José Divino.

JUSTIÇA ABSOLVE COM BASE EM DOCUMENTO DO ALÉM

O processo-crime teve seu andamento normal, chegando finalmente às mãos do juiz para a manifestação final.

Este, tomando conhecimento da mensagem anexada aos outros, absolveu o réu, praticamente dois anos após o desenlace de Maurício Garcez Henrique.

Não se conhece precedente na história judiciária, porém essa decisão é daquelas que abrem amplo caminho para um futuro não muito distante em que as circunstâncias serão pesadas não apenas tendo em conta os fatos constantes dos autos, como também outras observações de interesse para o conhecimento da Verdade real, colocada acima da Verdade formal.

Um dos jornalistas, que bem exploraram a matéria, Orlando Criscuolo, dos **Diários Associados**, aproveitou a oportunidade para narrar um fato que fortalece a própria decisão do juiz e sua disposição de aceitar a manifestação psicografada como peça essencial à apuração da verdade e à sentença.

Vamos transcrever o trecho da reportagem de Orlando Criscuolo, que serve para documentar o alto conceito em que é tido o médium Chico Xavier e o valor probante de um documento como a mensagem que, do além, o filho enviou aos pais.

Narra o jornalista: “A seu lado, contrastando com o ambiente de respeito e que se podia sentir nos músculos de todos os rostos das pessoas que superlotavam a pequena sala onde nos encontrávamos, eu não conseguia dissimular um sorriso maroto que brotava de dentro de mim.

Era o repórter procurando por meios menos honestos encontrar um caminho para denunciar publicamente uma farsa ou uma ‘mistificação grosseira’ que já estava sendo aceita por uma incalculável multidão como uma verdade incontestável.

Francisco Cândido Xavier largou lentamente a carta-mentira sobre a mesa, colocou a mão esquerda sobre os olhos sempre cerrados, e enquanto os dedos da mão direita se crispavam em torno do lápis, seus lábios pronunciaram uma frase que o lápis ágil se encarregou de marcar no papel:

‘Que Deus te perdoe, meu filho’.

Todos os olhares, a maioria de espanto se voltaram para mim. Ele apanhou a ‘carta-mentira’ e colocando-a junto às minhas

mãos abertas sobre a mesa, com uma serenidade que só os santos podem ter, disse:

‘Para este mal, só há um remédio: a verdade’.

Não fui capaz de escrever uma só linha em forma de reportagem sobre esse encontro. Pela primeira e única vez em minha vida, eu senti medo”.

O Juiz da 6ª Vara Criminal, Orimar de Bastos, considerou o delito não enquadrado em nenhuma das sanções do Código Penal Brasileiro, porque o ato cometido, pela análise apresentada, não se caracterizou de nenhuma previsibilidade.

O magistrado fez remessa dos autos ao Tribunal de Justiça para apreciação pelo duplo grau de jurisdição.

De acordo com o laudo pericial, no dia 8 de maio de 1976, um sábado de manhã, os dois amigos encontravam-se na casa de José Divino, em Campinas, conversando, quando a vítima pegou um revólver de dentro da pasta do pai do acusado. Maurício tirou dele as balas e acionou o gatilho duas vezes em direção ao seu colega, por brincadeira. O rapaz disse-lhe que deixasse a arma, tomando-lhe das mãos.

Maurício foi até a cozinha buscar cigarros, enquanto José Divino ficou com o revólver, dirigindo-se até o rádio para mudar a estação, o rádio estava sobre o guarda-roupa, que fica ao lado da porta que dá para a cozinha, porta esta aberta, impedindo a visão do acusado relativamente a quem entrasse por ela. Ao mudar a estação do rádio, ele instintivamente puxou o gatilho, fazendo a arma disparar. Nesse instante, ouviu um grito de Maurício e virou-se em sua direção. A vítima se agachou e só então seu colega notou que o tiro o alcançara. Aquela era a primeira vez que ele pegava em arma de fogo e disparou apenas uma vez.

O advogado José Cândido da Silva, em suas alegações finais, citou Nelson Hungria, que diz: “os motivos determinantes constituem no Direito Penal moderno a pedra de toque do crime, não há crime gratuito ou sem motivo e é no motivo que reside a significação mesma do crime”.

A peça preambular enquadrou o réu nas sanções do artigo 121 do Código Penal. O advogado alegou que não ficou provada intenção criminosa, ao contrário, ressalta dos autos que “não havia motivo para o réu eliminar a vida do seu colega, amigo do dia a dia, verdadeiro irmão”. O evento não teve testemunha

e, segundo a perícia, inexistiu contradição entre sua palavra e os dados técnicos.

O Juiz Orimar de Bastos diz em sua sentença que: “temos que dar credibilidade na mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier, anexada aos autos, onde a vítima relata o fato e isenta de culpa o acusado, discorrendo sobre a brincadeira com o revólver e o disparo da arma”. Esse relato coaduna-se com as declarações prestadas por José Divino, quando de seu interrogatório.

O Juiz Orimar de Bastos teve o privilégio de iniciar uma nova visão interpretativa do crime.

A mensagem

“Querida mamãe, meu querido papai, querida Maria José (1) e querida Nadia (1).

Estou em oração, pedindo para nós a bênção de Deus. Não posso escrever muito, venho até aqui com meu avô Henrique (2), só para lhes pedir resignação e coragem.

É preciso nos lembrarmos de Deus, nos acontecimentos da ferra. Não sei bem falar sobre isso. Estou aprendendo a viver por aqui, embora já saiba que saí daqui mesmo para nascer com meus entes queridos, na Terra.

Peço-lhes não recordar a minha volta para cá, criando pensamentos tristes. O José Divino (3) e nem ninguém teve culpa em meu caso. Brincávamos a respeito da possibilidade de se ferir alguém, pela imagem do espelho: e quando eu passava em frente de minha própria figura, refletida no espelho, sem que o momento fosse para qualquer movimento meu, o tiro me alcançou, sem que a culpa fosse do amigo ou minha mesmo. O resultado foi aquele.

Hospitalização de emergência, para deixar o corpo longe de casa.

Se alguém deve pedir perdão, sou eu mesmo, porque não devia ter admitido brincar, ao invés de estudar.

Mas meu avô e outros amigos me socorreram e fui levado para Anápolis, para ser tratado por uma enfermeira que dirige uma escola de fé e amor ao próximo, que nos diz ser a irmã Terezona (4), amiga das crianças.

Soube que ela conhece meu avô e nossa família, sendo agora uma benfeitora, que preciso agradecer e mencionar.

Quanto ao mais, rogo à Nádia e à Maria José, minhas queridas irmãs, para não reclamarem e nem se ressentirem contra ninguém.

Estou vivo e com muita vontade de melhorar.

Queridos pais, tudo acontece para o nosso bem, e creio que seria pior para mim se houvesse enveredado pelos becos dos tóxicos, dos quais muito pouca gente consegue voltar sem graves perdas do espírito.

Estou com saudades, mas estou encarando a situação com fé em Deus e com a certeza de um futuro melhor.

Recebam, querido papai e querida mamãe, com as nossas queridas Nádia e Maria José, e com todos os nossos, um abraço de muito carinho e respeito do filho que lhes pede perdão pelos contratempos havidos.

Prometendo melhorar para fazê-los tão felizes quanto eu puder, sou o filho e irmão saudoso e agradecido.

Maurício Garcez Henrique.”

Mensagem de Maurício Garcez Henrique recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública, na data de 27/5/78, na cidade de Uberaba, MG.

Esclarecimentos

- 1 - Nádia Conceição Henrique e Maria José Henrique - irmãs de Maurício.
- 2 - Apolinário Henrique, avô paterno de Maurício, já desencarnado.
- 3 - José Divino Nunes - amigo envolvido no acidente.
- 4 - Maria Tereza de Jesus - Fundou em Anápolis a Romaria de São Bom Jesus da Lapa nos idos de 1931. Segundo informações colhidas com o avô materno de Maurício, Sr. Humberto Batista, que conheceu pessoalmente Terezona, ela se dedicava a auxiliar as crianças.

Caso nº 22

Nome: **JORGE LUIZ MOTONO CAMARGO**

Idade: **21 anos**

Nome do Pai: **Oswaldo Camargo**

Nome da Mãe: **Iris Motono Camargo**

Data e local de nascimento: **16/4/1955, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **18/3/1977, na Rodovia Fernão Dias**

Causa da morte: **acidente automobilístico**

Estivemos no bairro da Bela Vista, em São Paulo, onde os familiares e amigos do comunicante nos forneceram dados, para conhecer sua personalidade.

Jorge Luiz Motono Camargo nasceu em 16/4/1955, renascendo para a vida espiritual em 18/3/1977, portanto esteve entre nós por 21 anos.

Enviou sua mensagem, dez meses após o desenlace. Era de gênio alegre, expansivo, dinâmico. Tinha diploma como Técnico em Contabilidade, os cursos de importação e exportação, e de estatística, feitos na Federação das Indústrias. Estudava Engenharia Operacional na Faculdade de Guarulhos.

A noiva Denise define-o como um ser estudioso, dedicado e de grande discernimento.

O tio Carlos Pastore, que conviveu intimamente com ele, disse-nos possuir um corpo de homem, mas o espírito de criança. Com ambos, Jorge Luiz comentou que iria morrer em desastre.

Levy de Albuquerque, amigo íntimo por mais de dez anos, lembrou a criatura estudiosa, responsável, que lutava muito para vencer.

Jorge Luiz trabalhava como gerente administrativo na Pedreira Cachoeira, situada nas imediações de Guarulhos, às vezes dormia no emprego.

No dia do acidente, despediu-se da mãe dizendo-lhe: “Tchau mãe, a senhora não vai me ver mais”.

Podemos imaginar o sofrimento dos pais, quando souberam do acidente. Entretanto, através da mediunidade abençoada de nosso Chico Xavier, o filho veio consolar os pais, alertando-lhes das vibrações recebidas. Pediu ajuda para restaurar suas energias, lembrando lhes que existem muitos rapazes sem mãe e sem pai, necessitados de proteção.

O recebimento da mensagem trouxe aos pais instantes de alegria e de emoção indescritíveis.

O Sr. Oswaldo e dona Íris, pais do jovem Jorge Luiz, desejam que a mensagem possa consolar e esclarecer outros corações, que passam pela prova da separação física.

“A vida é uma troca incessante de sentimentos e, no câmbio do amor ao próximo, é que encontramos a riqueza da alegria perfeita.”

Nessa mensagem de Jorge Luiz Motono Camargo, jovem desencarnado aos 21 anos, temos muito em que meditar. Interessante destacar por exemplo, o “diálogo terapêutico”, realizado pelo avô Rafael, para esclarecer sua situação de desencarnado. Tal fato ocorre muito mais do que podemos imaginar, uma vez que continuamos a desejar a presença dos familiares.

Ninguém deve alimentar idéias de morte na cabeça, pois vida é uma doação de Deus. A morte física nada mais é que um esgotamento dos órgãos, por isso mesmo não se conhece quem não tenha tido necessidade de enfrentá-la. É importante saber que a Doutrina dos Espíritos procura nos ensinar como viver bem, aproveitando nosso tempo de vida corpórea. Ela esclarece-nos com relação à morte física, isto é, quanto ao esgotamento de nossos órgãos, explicando que realizamos uma mudança de plano, passamos para outra dimensão. Lá encontramos nossos parentes, que nos assistem com muito carinho.

A mensagem

“Querida mãezinha, querido pai, rogo a Deus nos abençoe. Venho pela estrada de lágrimas pedir-lhes consolação e esperança.

Mamãe, não sei explicar o que sinto. O avô Rafael (1) tem lido para mim um apoio certo e tia Luíza (2) procura substituir a sua dedicação junto de mim. Entretanto, quero dizer ao papai Oswaldo (3), que o vovô Clodomiro (4) tem sido um refúgio de forças para o meu coração.

Compreendi que precisava dizer algo que arranque mamãe da torrente de pranto em que a vejo mais cansada e mais doente, a cada novo dia.

Mãe querida, não acredite que haja culpa em alguém quanto à minha vinda súbita para cá. Não posso esclarecer com acerto

os assuntos relativos ao passado e presente, mas o tempo, com a bênção de Deus, nos trará novos recursos de aprendizado.

Afirmo, no entanto, com os apontamentos aqui recebidos, que o meu encontro com a libertação do corpo físico, em plena estrada, quando me achava em serviço, era problema de equação justa e certa. Não suponham, queridos pais, que estivesse desatento no carro. Mantinha-me no trânsito correto e nada me turvava a imaginação. Refletia nos meus encargos para com a Pedreira Cachoeira (5) e resguardava minha atenção para cumpri-los, quando a pesada máquina me colheu de improviso. Creio que pela velocidade do veículo, por mais competente fosse o motorista, não disporia de tempo a fim de sustar a marcha.

No princípio, foi um choque indescritível para mim. Um pássaro sob o tiro do caçador não teria caído com tanta violência qual me aconteceu. Dores não senti. Creio hoje que, nesses acidentes terríveis em que se perde a vida do corpo físico de uma só vez, algo sucede na mente, com tamanha força, que os registros de sofrimento na veste a ser compulsoriamente abandonada realmente não funciona. O que se verificou em plena estrada não sei contar do ponto de vista dos que ficaram.

Vi-me fora do veículo corpóreo com tanta rapidez como se saltasse obrigatoriamente da moradia física, assim como a noz se libera do invólucro que a retém. Estava raciocinando com segurança, mas, aos poucos, as forças se me esvaíram de todo. Braços carinhosos me recolheram, lembrando a dedicação de meu pai, quando, em menino, me achava doente. Um sono pesado me cerrou as pálpebras e nada mais consegui identificar, senão que sonhava, revendo meus dias de criança.

Foi um retrospecto ligeiro em que me enxerguei nas telas da mente na infância em casa... Depois, o sono pareceu mergulhar em ondas mais profundas e perdi a noção de mim mesmo.

Quando acordei, ouvi os gritos da mãezinha Íris (6), chamando por mim.

A idéia de hospitalização não me saía da cabeça.

Não julguei haver atravessado as barreiras da morte.

Com alguma dificuldade, pedi, aos enfermeiros que me atendiam, a volta para o lar ou a presença dos pais ao meu lado, já que a voz de mamãe se fazia ouvida por mim, de modo estranho, como se um fone estivesse instalado em meu peito.

Foi o vovô Rafael o primeiro a chegar junto de mim para o que denominam aqui diálogo terapêutico.

Quando me informei que as portas de nossa casa não mais me conheciam por um filho ainda vivo, chorei muito. Queria vê-los, conversar, pedir o meu regresso aos estudos e colegas em Guarulhos (7), mas meu avô me reconfortou, explicando que, na Terra, todos temos um dia de acordar em região diferente. Era preciso coragem, fortalecer-me e reviver para o socorro aos pais queridos.

Não tenho ainda muita segurança para agir sozinho ou deliberar por mim próprio, porque a dor de mãezinha é ainda uma Ferida dentro de mim. Estou dependente, à feição de alguém que ainda não se viu desligado daquele cordão umbelical da vida psicológica de cada um, entretanto, os meus queridos vovô Rafael, e vovô Clodomiro me prometeram a obtenção da presente oportunidade, a fim de rogar à mãe para que se console.

Papai Oswaldo, agradeço ao senhor por todo o apoio com que busca me ajudar, tanto quanto agradeço à querida mãezinha a luz das orações com que me clareia os passos novos, entretanto, peço para que se reconfortem na fé viva em Deus e na confiança em nosso amor.

Preciso conquistar energias novas para ser 'eu mesmo', agora que a vida se modificou intensamente para mim.

Mãezinha, reflitamos que não vim para cá satisfazendo a qualquer sugestão infeliz.

Seu filho foi surpreendido pela grande transformação quando procurava cumprir os meus próprios deveres. Não admitam que possamos viver ou suportar as provas da vida sem que Deus esteja velando por nós. Não fosse a saudade, diria que estou feliz, mas somos também felizes quando lutamos ou sofremos com o sol da esperança no coração.

Ajude-me.

Mãezinha, busque retomar a sua saúde e fique tranqüila. Não me procure pelo portão da viagem provocada... Atualmente quem espera sou eu, seu filho que tanto lhes deve. E farei o possível para ser digno do amor com que me sustentam. Recordem-me doente. Mãe, a senhora que sempre me buscava defender a tranqüilidade da noite, tateando o leito para saber se eu dormia, auxilie seu filho agora a asserenar-se com a sua conformação. Pensemos nos rapazes sem mãe e sem pai, necessitados de proteção, a fim de auxiliá-los, porque, de minha parte, devo igualmente esfor-

çar-me por descobrir aqui os pais desolados ou infelizes para ajudá-los qual se fossem os pais queridos que Deus me concedeu.

A vida é uma troca incessante de sentimentos e, no câmbio do amor do próximo, é que encontraremos a riqueza da alegria perfeita.

Lembrem-me não morto, mas na vida, no entusiasmo com que aguardava para o futuro o meu diploma na engenharia. O corpo se transformou simplesmente num retrato que não mais corresponde à realidade. Fortaleçam-se ambos e estarei mais forte; procurem sorrir para o mundo e o sorriso da paz brilhará igualmente.

Rogo mais uma vez para que não imaginem culpas ou culpados em meu caso.

Tudo é vida e alegria, amor e confiança quando nos entregamos a Deus.

Com este pedido me despeço.

Não me suponham ainda capaz de memorizar muita coisa, listamos enxugando as lágrimas e levantando o coração, o que somente conseguirei fazer se me apoiarem como preciso.

Lembranças a todos os nossos familiares e amigos e recebam, meu pai querido e querida mãe, todo o coração, repleto de amor e gratidão, do filho agradecido que os reúne no mesmo abraço 'e carinho e reconhecimento.

Jorge Luiz.”

Esclarecimentos

- 1 - Avô materno - Rafael Motono
- 2 - Luíza Contardi
- 3 - Pai - Oswaldo Camargo
- 4 - Avô paterno - Clodomiro Camargo
- 5 - Local onde trabalhava como Gerente Administrativo.
- 6 - Mãe - Iris Motono Camargo
- 7 - Cidade em que estudava.

Caso nº 23

Nome: **MARCO ANTÔNIO MIGOTTO**

Idade: **22 anos**

Nome do Pai: **Antônio Migotto**

Nome da Mãe: **Lucila da Silva Migotto**

Data e local de nascimento: **16/5/1955, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **2/10/1977, em São Paulo - SP**

Causa da morte: **acidente automobilístico**

O jovem Marco Antônio Migotto nasceu em 16/5/1955, desencarnando em 2/10/1977, na Avenida Santo Amaro, próximo ao Hospital São Luiz. Seu hobby era fazer balões; gostava de viagens, festas e de vida intensa.

Havia concluído o curso técnico em contabilidade e estava terminando o curso de inglês, pois pretendia conhecer os Estados Unidos da América.

Tinha feito, na Transbrasil, o curso de comissário de bordo, e ia iniciar o trabalho dia 10/10/1977.

O recebimento da mensagem trouxe à sua mãe dona Lucila um verdadeiro desabafo, pois, ao ouvi-la chorou, o que sequer conseguira até aquele momento.

A notícia do acidente foi-lhe transmitida por telefone com muita frieza e, por isso, acredita ter sido preparada pelo mundo espiritual para receber a notícia de maneira tão brusca.

Em nossa existência, também temos, como parte de nossa experiência pessoal, o recebimento de notícia transmitida de maneira fria, do desenlace de um de meus irmãos, quando contava meus 17 anos.

Desejamos formular um apelo a todo aquele que venha a ler incumbido de transmitir notícia triste, mesmo a pessoa que nunca viu. Faça-o com respeito e carinho, condoendo-se do sofrimento do seu semelhante e evitando, no limite do possível, um choque maior. Se houver condições, inclusive, procure, pessoalmente, o destinatário da notícia traumatizante.

A mensagem

“Querida mãezinha Lucila (1), peço a sua benção, com a benção de meu pai, que me reconfortam o coração. Ainda não

sei manejar o lápis com segurança, mas meu avô João Luiz (2) me afirma que você está esperando notícias.

Mãezinha, é tão difícil falar de notícias quando a gente ama tanto e não se vê reciprocamente para um abraço em que os olhos possam ler uns nos outros o que está acontecendo... Mas, não se aflija. O que sucedeu com seu filho é a saudade que passou a morar entre nós. Você pode avaliar o que foi a transformação. Despertar longe de casa, sem passagem de volta e assumir uma vida completamente nova em que os assuntos da retaguarda me pesavam na cabeça, foi muito difícil. Quando me conscientizei da situação diferente em que me achava, a preocupação pelo Cláudio (3) me inquietava, porque muito espontaneamente me supunha num hospital para acidentados.

Os meus chamados e exigências para que a família me assistisse foram inúteis. Sentia-me na posição do menino contrariado, repentinamente desvalido, mas os avós vieram e me consertaram. Meu avô João Luiz e meu avô Ângelo (4) começaram a me esclarecer e a me clarear a memória. Quando aceitei a verdade, vi-me ligado ao seu coração e sentia o seu pranto a correr sobre o meu coração.

A luta, mamãe, foi muito grande, mas hoje já consigo pedir-lhe calma e confiança em Deus. Lembremo-nos do Antônio (5), do Júlio César (6) e do Marcelo (7) que estão aí a requisitar proteção e assistência.

E, agora, um filho cuja presença peço ao seu amor sentir-me tal qual sou.

Mamãe, eu estou simbolicamente no Cláudio, no amigo que ficou amargando tantas provas. Sei que, para ele, a retenção em casa não é sofrimento, porque ele nasceu para demonstrar serenidade e valor, mas peço ao seu carinho e ao carinho de todos os nossos doarem a ele tudo quanto quiserem destinar a mim. Mãezinha, chorei com as suas lágrimas e com os pensamentos de meu pai; entretanto, ao observar o nosso Cláudio, com os remanescentes do choque preso ao lar, qual se fosse transformado em prisioneiro, entre as paredes do mundo familiar, senti um sofrimento inexplicável... Pareceu-me a princípio, que eu morrera no amigo ou que ele morrera em mim. Agora, vou melhor. É preciso praticar aceitação como se exercita qualquer esporte. Nosso Cláudio vencerá e nós venceremos porque Deus, pela nossa fé, nos multiplica as energias. Leia para ele as minhas palavras. Desejo que ele saiba que continuamos no mesmo veículo, juntos sempre.

Cláudio me ouvirá, escutando as suas palavras de mãe repetindo as minhas.

Mãe, querida, meu avô João Luiz me pede atenção para o tempo. Escrevo em regime de recado público e não posso abusar dos que nos auxiliam a manter o clima de equilíbrio com as atenções colocadas em nós. Um abraço para os irmãos e para os amigos. Reuni o seu devotamento de sempre com o carinho de meu pai na mesma gratidão, rogando à sua ternura de mãe guardar em sua alma querida todo o coração do seu filho agradecido.

Marco Antônio Migotto.”

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública, na noite de sexta-feira, dia 15/9/1978, quando se completavam 11 meses e 13 dias do falecimento de Marco Antônio Migotto.

Esclarecimentos

- 1 - Sua mãe
- 2 - João Luiz da Silva - avô materno falecido há 16 anos.
- 3 - Cláudio - amigo que conduzia o carro no dia do acidente.
- 4 - Ângelo Migotto - avô paterno, falecido há 9 anos.
- 5 - 6 e 7 - Antônio, Júlio César e Marcelo - seus irmãos

Caso nº 24

Nome: **LUIZ ADAMO NUCCI**

Idade: **29 anos**

Nome do Pai: **Adamo Nucci**

Nome da Mãe: **Aracy Galletto Nucci**

Data e local de nascimento: **1/1/1947**

Data e local do falecimento: **11/7/1976, em São Paulo - SP**

Causa da morte: **acidente com moto**

“Pensei em todas as orações que a senhora me ensinava em pequeno e comecei a ser criança, a sua criança longe de casa.”

Despertando, no mundo espiritual, assistido pelos avós, Luiz Adamo lembra-se de orar, buscando o reconforto da prece, conforme lhe ensinara a mãe. Destacamos esse tópico da mensagem, para meditarmos sobre a importância da prece em nossa vivência diária. Deixemos que alguns acreditem ser ela algo superado, sem utilidade prática, pois esses estão fora da realidade de nossas vidas, quer no plano material, quer no espiritual. As mães são os anjos tutelares que Deus colocou em nossos caminhos. Com elas aprendemos a conversar com Deus, desde nossos primeiros anos de vida. A prece acalma, reconforta e fortalece.

Luiz Adamo Nucci nasceu em 1/1/1947 e desencarnou em 11/7/1976. Seus pais, Adamo Nucci e dona Aracy Galletto Nucci, acompanharam com carinho os estudos do filho no Colégio Salesiano de Campinas, em regime de internato durante quatro anos, onde completou o ginásio.

Trabalhou com couro, artesanato de metal, foi fotógrafo e ultimamente dedicava-se à confecção de roupa jovem. Espírito alegre, contava com muitos amigos. Tinha verdadeira paixão pela motoca. O acidente, que ocasionou sua morte física, verificou-se no Elevado Costa e Silva, conhecido como “minhocão”. Ao bater no gradil, seu corpo foi projetado a 100 metros. Era desprendido das coisas materiais, procurando sempre ajudar ao próximo. Era muito ligado às crianças, animais e flores. Trabalhou em Manaus algum tempo. Viajara pela Espanha, Portugal, França e Inglaterra, falava corretamente o idioma desses países. Era chamado carinhosamente pelo apelido de Zumbeta.

Interessante notar a presença do sol em seus trabalhos, quer

em desenhos, quadros de pintura, ou até mesmo nas conversas, conforme constatamos junto aos seus parentes e amigos.

Desejamos destacar esses versos, escritos por ele pouco antes do acidente: “Cy (alusão à sua mãe), hoje eu vi um pôr-do-sol Incrível no Pico do Jaraguá. É engraçado, eu senti que ele me chamava... Zumbeta um cavaleiro do asfalto, sem lenço e sem documento, simplesmente Zumbeta”.

Dona Aracy, após a morte do filho, chegou a ser internada, tal a insistência de pessoas que a visitavam, desejosas de convertê-la li suas religiões. Depois que saiu do hospital, sua mãe resolveu levá-la à Uberaba para conhecer Chico Xavier. Voltou várias vezes àquela cidade mineira, até o recebimento desta mensagem do filho querido. Ela lhe trouxe novamente a vontade de viver e trabalhar.

Quando deixávamos o bairro da Lapa, em São Paulo, onde realizamos a pesquisa, não conseguimos conter as lágrimas de gratidão ao médium Chico Xavier. Há quase cinco anos estamos realizando este trabalho de pesquisas e entrevistas com pais de jovens desencarnados, e somos testemunhas de quantas mães devem a ele o reequilíbrio.

A mensagem

“Mamãe Aracy, abençoe-me.

A morte foi um sono tão breve, que despertando aqui ainda escutava o ronronado da moto. Tive tristeza sim, tive era muita esperança que eu deixava um futuro, que regressava à estaca zero, mas embora escutasse as suas lágrimas e o choro de nossa gente, sabia que a senhora perdoava seu filho, compreendendo-me.

Mãezinha, a moto não era para mim simples máquina. Era uma companheira, gostava de lustrá-la, guardá-la e preservá-la. Interessante para meu coração de quase menino, ela possuía uma alma, a minha própria alma, porque parecia adivinhar os meus pensamentos, tomando a direção que eu pretendesse sem qualquer rebeldia.

A senhora sabe que eu não a usava para qualquer pilhéria. Às vezes, pelas ruas afora, aprendia com ela a fazer meus desenhos. Ela me revelava ângulos que mal conseguia imaginar, antes que as rodas criassem os arabescos no asfalto ou no pó.

Por todo esse amor que eu mantinha para com essa companheira de condução e trabalho, reconheço que o seu coração nunca me separou dessa irmã que me obedecia em tudo. Sei que

muita gente se apavorava, só encontrava perigo e prejuízo numa engrenagem que eu amava tanto; mas buscava a aprovação de seus conselhos de mãe e sabia que a sua bondade não me contrariava.

Muito obrigado, mãe querida. Lembro-me do dia em que a senhora me disse não ter coragem de me separar da peça que me completava. Recordo que a beijei, você me fitava com receio, mas suas apreensões, por minha causa, não apagavam o seu amor que era a minha força.

Se voltei para cá, para este outro lado da vida, em companhia da minha amizade, toda feita de implementos e ligaduras, cabos e rodas, não foi surpresa um salto maior, um obstáculo inesperado e eu mesmo fui tão fraco, que não resisti ao impacto da máquina quase inteligente que me transportava. Caí no solo, batendo a cabeça em alguma coisa que me pareceu um pedaço de pedra ou aço e perdi a noção de mim mesmo. Foi quando me vi nos braços de uma senhora que me disse depois ser vovó Tereza (1), mas eu não tive recursos para demorar-me acordado; um sono profundo me tomou de todo e não sei quanto tempo gastei nessas de leito e rede.

Despertando, pareceu-me vê-la e ver todos de casa em verdadeiro pânico por minha causa.

A minha avó Tereza me explicou que eu estava retratando por dentro de mim aquilo que se achava muito longe de mim. Chorei, quis fazer alguma coisa para auxiliar, entretanto, minha madrinha, que também passou a me assistir, com meu avô Américo (2) me explicaram que devia ser forte e dominar-me, confiando em que Deus não nos abandona nunca. Pensei em todas as orações que a senhora me ensinava em pequeno e comecei a ser criança, a sua criança longe de casa.

Hoje, no entanto, estamos mais fortes; venho a seu encontro e peço a sua benção, de novo com a Vovó Tereza que está aqui conosco. Tenho acompanhado o que a senhora está escrevendo, mamãe e agradeço suas páginas de carinho e saudade.

Eu sei que meus amigos motoqueiros se parecem a criaturas corajosas, capazes de enfrentar o trânsito; às vezes parecendo formigas lutando contra os caminhos duplicados, semelhantes às cobras, gigantescas, ziguezagueando com velocidade de pasmar sobre o que encontrem, mas, mesmo assim, creia a senhora que eu não retiraria de meus amigos a vocação da motoca. Não sei se orgulho

de menino, mas, sempre notei que a motoca nos dá por aí a impressão de que somos bandeirantes ou pioneiros do vôo, índios atuais. Digo assim porque acredito que as criaturas mais tarde vão possuir aparelhos para transporte pessoal através do espaço e, se eu puder, quero trabalhar aqui nesses planos, porque estamos num mundo em que os inventos nascem dos espíritos sábios em pensamentos de luz.

Ainda não perdi o amor pelo desenho e pela engrenagem e conto que a senhora não verá nisso qualquer sentimento de desconsideração para nossa casa. Não posso dizer que vim para cá de moto, mas posso dizer que eu mesmo é que não agüentei a fortaleza de meu carro de duas rodas. Continuarei estudando.

Os pensamentos de meu pai e do irmão me auxiliam muito. E, sobretudo, a sua coragem de me apoiar em minhas corridas de serviço, ainda é motivo de muito orgulho para mim.

Não estou pensando. Quero apenas falar com simplicidade, de uma consciência que chegará para todos. Não sei se há muita diferença entre a motoca e um leito de hospital, ou entre ela e um avião, os caminhos para a volta são muitos e cada qual tem o seu.

Se alguém tiver medo de motoca, eu respeito, mas é porque a pessoa não sabe confrontar, de vez que tanto se deixa o corpo depois de um pulo da máquina, como se larga a vestimenta física numa hora em que uma veia se entrega ao capricho de não funcionar. Interpretamos em tudo a vontade de Deus comandando o progresso e vamos em frente.

Não vou enfileirar nomes para lembranças porque seriam muitos, mas o seu coração saberá entregar essas recordações de amigo a todos.

Muito carinho a meu pai por todo o auxílio que ele tem me proporcionado. E o que registro é para a senhora aquele beijo das grandes largadas quando nós dois sabíamos que eu nunca o de sua companhia para não voltar, estamos, como sempre, sempre juntos, receba todo o amor e reconhecimento de seu filho.

Zumbeta (3).”

Esclarecimentos

1 - Tereza Maroni - tataravó materna, desencarnada em 1880, aproximadamente.

2 - Américo Galetto - avô materno desencarnado em 1975.

3 - Apelido colocado por ele mesmo quando tinha 16 anos.

Caso nº 25

Nome: **ANDRÉA LODI**

Idade: **9 anos**

Nome do Pai: **Armando Lodi**

Nome da Mãe: **Edinah Grasseschi Lodi**

Data e local de nascimento: **25/11/1968, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **6/4/78, em São Paulo - SP**

Causa da morte: **acidente automobilístico**

A jovem Andréa Lodi, de nove anos, é a autora da mensagem que focalizamos para você, caro leitor.

Ela foi vítima de acidente automobilístico na Avenida dos Bandeirantes, dia 6/4/78. Nasceu em São Paulo, dia 25/11/68. Estudava no Colégio Nossa Senhora Aparecida, em Moema, no quarto ano do primeiro grau; estudava também balé.

Era filha muito carinhosa, em especial com o papai Armando. Aluna estudiosa e responsável, era muito benquista pelos colegas e professores, devido ao seu gênio alegre e extrovertido.

O casal Armando Lodi e Edinah Grasseschi Lodi são os pais da jovem comunicante, que enviou sua mensagem cheia de carinho através do médium Chico Xavier. O casal é de formação católica. Tinham dois filhos, Gilberto é o mais velho. Com a morte física da filha no acidente com o carro que dirigia, dona Edinah ficara desesperada, só pensando em morrer, ocorrendo-lhe até mesmo a idéia do suicídio.

Por sugestão de amigos espíritas, procurou lenitivo à sua dor, através do médium Chico Xavier.

Esteve em Uberaba por três vezes, mas só na última conseguiu receber a mensagem da filha.

A carta trouxe-lhe novo ânimo, novas idéias, que renovaram seu campo mental, possibilitando-lhe uma recuperação plena, afirmando-nos ela própria que o espiritismo lhe deu nova visão da vida.

O Sr. Armando fez questão de nos contar sobre um tio que, após ler a mensagem de Andréa, assegurou-lhe estar modificado, embora ainda tenha muito que ler e pensar sobre o assunto. Uma tia de dona Edinah, que perdeu um filho assassinado em Bragança Paulista, após o acontecimento nunca mais quisera alimentar-se

nem tratar-se, mas, ao ler a mensagem, está reagindo, tendo levantado da cama onde permanecia, voltando à vida normal.

Os benefícios diretos ou indiretos, produzidos pelas mensagens de Chico Xavier, são de incalculável avaliação em sua profundidade. Nós, os pequeninos tarefeiros que encontramos algumas dezenas de beneficiários pelo caminho, testemunhamos a grandiosidade dessa alma missionária, que em sua humanidade com ingentes esforços físicos, mesmo com sacrifício de sua saúde, tão comprometida pela doença e pelo peso dos anos, continua trabalhando em benefício de todos nós.

A mensagem

“Meu querido papai Armando (1) e querida mamãe Edinah (2), peço para que me abençoem. Estou bem.

Saudade de casa não poderia deixar de estar comigo, mas estou aqui junto do vovô Sílvio (3), que nos solicita calma e paciência.

Mãezinha, não se aflija pensando que poderia ter parado o carro em outro lugar (4).

Meu tempo na terra seria ligeiro, quando o veículo foi abalroado, notei que um choque me fazia adormecer de repente.

Como saí do lugar em que estávamos, ainda ignoro, mas acordei junto de uma senhora assim tão carinhosa e tão compreensiva, qual a senhora e a vovó.

Acalmou-me e só muito pouco a pouco me disse que era minha avó Ana (5) que não sei como retratar.

Sei que estou melhor e com o apoio do meu avô Sílvio estou num grande colégio cercado de jardins. Peço para ficarem tranqüilos. Meu avô me diz para que eu pense que eu vim para cá a fim de aprender muitas lições de internação longa.

Confesso que me vejo ainda muito desambientada, mas creio que, se meus pais me auxiliarem, a minha estranheza passará.

É preciso pensar em nosso querido Gilberto (6) e em outras crianças que são também nossas.

Nossos professores, aqui, muitos deles informam que possuem filhos na terra e que nos amam da mesma forma como as crianças dele são estimadas e protegidas por muita gente boa no mundo.

Papai, ajude a mãezinha a não pensar mais em que a minha vinda para cá poderia acontecer de outro modo.

Vovô Sílvio me informa que o senhor é sempre um filho maravilhoso e saberá compreender tudo quanto quero dizer e ignoro como expressar.

Quanto puderem, distribuam tudo o que pretendem guardar por minhas lembranças.

Estaremos ligados no amor, mas não presos a objetos que de certa maneira nos escravizam.

Perdoem-me se peço isto.

Mas vovô Sílvio diz que é preciso me decidir a fazer esta solicitação.

Desculpem-me se vou terminar.

Aqui me ensinam que, quando falamos para a Terra, é preciso saber podar a dor, para que os sofrimentos daqueles que amamos não sejam aumentados, mas me permitem dizer que as saudades da casa ainda me doem muito; entretanto, devemos aceitar as dificuldades como abraçamos as alegrias, pois umas e outras chegam de Deus.

Querida mãezinha, receba com o papai Armando e com o nosso Gilberto o coração repleto de carinho e de amor, esperança e reconhecimento de sua filha.

Andréa (7).”

Esclarecimentos

1 - Armando Lodi - pai

2 - Edinah G. Grasseschi Lodi - nome escrito corretamente quando muitos confundem com Diná ou Edna.

3 - Sílvio Lodi - avô paterno falecido em 13/7/73.

4 - Referência ao acidente, quando sua mãe guiava o carro, este, parado no sinal, foi abalroado por um caminhão.

5 - Ana Grasseschi - sua bisavó materna, falecida em 7/7/47.

6 - Gilberto Lodi - seu irmão.

7 - Andréa Lodi - com acento, nome que pode ser confundido com Andreia, ou Andréa, sem o acento, mas precisamente grafado na mensagem recebida psicograficamente.

Caso nº 26

Nome: **ILDA MASCARO SAULLO**

Idade: **71 anos**

Esposo: **Salvatore Saullo**

Filhos 4: **Antônio, Domenica, Ortensio e Mário**

Data e local de nascimento: **19/11/1906, na Itália**

Data e local do falecimento: **22/12/1977, em Roma - Itália**

Causa da morte: **câncer**

Foi através do companheiro Dr. Mário Reis, de Araras, SP, que conseguimos obter o endereço do Sr. Ortensio Saullo e de sua esposa dona Maria Teresa Saullo, filho e nora de dona Ilda, autora da mensagem.

A esse fenômeno, o pesquisador e sábio italiano Ernesto Bozzano, classifica por xenoglossia.

A acolhida na residência do casal, no Jardim da Saúde, em São Paulo, foi muito cordial e descontraída, e lá estivemos por duas vezes, para obter os informes necessários à nossa reportagem.

Dona Ilda Mascaró Saullo nasceu em 19/11/1906, desencarnando em 20/12/1977, dando sua mensagem 74 dias após sua morte física. Era casada com o Sr. Salvatore Saullo, e teve quatro filhos: Antônio, Domenica, Ortensio e Mário, o caçula, nascido após a guerra.

Mulher humilde, enfrentou grandes dificuldades e sofrimentos ao longo de sua existência, nunca se revoltando. Católica praticante, tinha fé inabalável. Apesar de sua luta pela sobrevivência, sempre repartia seu pão com os mais necessitados.

“Quando criança - esclarece o Sr. Ortensio - ouvia papai a lhe pedir: ‘Ilda, procure poupar um pouco para a nossa velhice’ mas ela lhe respondia com bondade: ‘Jesus não nos abandonará.’ Além das grandes dificuldades que passávamos, por volta de meus 30 anos, começaram os problemas sérios de saúde. Ao chegar o tempo da última guerra, as suas crises cardíacas foram se acentuando; lembro-me que, durante a noite, no período de guerra, ao soarem as sirenes de alarme, indicando bombardeio, todos deveriam se proteger nos abrigos subterrâneos. Mamãe, porém, nos recolhia junto dela no andar térreo do prédio onde morávamos. Não podíamos nos juntar aos demais no abrigo, pois ela sentia falta de ar. Sempre que isso acontecia, ela nos ensinava a orar,

até o término do bombardeio. Quando terminava, ela tinha crise cardíaca, devido à tensão e angústia porque passava. Nas crises era socorrida pelos filhos, pois papai foi prisioneiro de guerra por quase quatro anos. Passamos provações e grandes dificuldades. Eu, com apenas oito anos de idade, já estava enfrentando a vida para ajudar em casa. Assim passaram-se os anos, e a sua saúde cada vez mais se agravando, com reumatismo, problema cardíaco e diabetes. Não mais saiu de casa, ficando todo o tempo no leito. Com a minha vinda para o Brasil, o seu coração, já muito doente, agravou-se, sentindo a separação, pois éramos muito ligados; depois de um ano, mais ou menos, trouxe-os para cá. Permaneceram no Brasil por três anos, mas foram forçados a retornar, pois mamãe não se adaptava ao clima de São Paulo, tendo mesmo se agravado seu estado de saúde. Prometi-lhe que regressaria tão logo fosse possível, mas ela, sabendo do meu noivado, afirmou que meu lugar era aqui mesmo. Lembrando o seu pensamento, quando falava com papai, que Jesus não a desampararia, isto de fato aconteceu, porque ela sempre foi amparada, por seus filhos. Onze anos depois, em 1970, fui visitá-la, encontrando-a feliz por me ver, mas sempre doente, pouco saindo de seu leito. Sempre apegada ao seu terço e às suas orações, recebia as suas comunhões no leito, onde, duas vezes por semana, era visitada por um padre ‘a capela próxima. Nunca demonstrou qualquer sinal de revolta ou angústia, pela doença que há anos a mantinha no leito. Regressei em 1975, quando ela me mostrou um caroço surgido no seio.

Em junho de 1977, viajei novamente para lá, e sua alegria era tanta, que suas lágrimas demonstravam uma possível despedida. Naquela ocasião, minha esposa e eu estávamos freqüentando e lendo os livros da filosofia Seicho-No-Ie. Procurei transmitir à mamãe, em seu leito de dor, os ensinamentos que havíamos aprendido. E, na leitura da Sutra Sagrada, eu a fazia repetir que era filha de Deus perfeita, e que não havia doença em seu corpo. Após vários dias de repetição ela me disse: “Filho, você me pede para repetir tantas vezes que estou perfeita, que a doença não existe, quando eu estou muito doente e cheia de dores. Filho, estou cansada, peço a Jesus que me leve, pois não agüento mais. Só tenho pena do seu pai, pois vocês já têm suas famílias constituídas”.

Em setembro de 1977, com o caso gravíssimo de saúde de minha esposa, fomos encaminhados ao Chico Xavier, para nos

ajudar na decisão, e fomos iluminados, porque sua orientação abriu novos caminhos em nossas vidas. Em dezembro de 1977 dia 22, fomos avisados por telefone do desenlace de mamãe. Consegui chegar no enterro, no dia 23, em Roma. De volta ao Brasil, fui à casa de nosso querido irmão Chico Xavier, que sempre nos acolhe com imenso carinho e amor. Pedi notícias de minha querida mãezinha, a resposta dizia: “Que se encontrava em refazimento espiritual com a ajuda de seus familiares.” Em outra oportunidade, recebemos a mensagem escrita em italiano com semelhança de letra.

De outra vez, no entanto, a mensagem veio em italiano, através da pena de Francisco Cândido Xavier.

O Sr. Ortensio disse-nos que o pai e os irmãos foram avisados do recebimento da mensagem. Eles aceitam a autenticidade, mas Como desconhecem o fenômeno da psicografia, o Sr. Salvatore Saullo virá ao Brasil, procurando conhecer melhor o ocorrido. Dona Maria Teresa acredita na autenticidade, em primeiro lugar, porque foi recebida em italiano; em segundo lugar, pela semelhança flagrante da letra, da assinatura, como também de frases peculiares, que podem ser comprovadas pelas suas cartas recebidas periodicamente, e ainda, - segundo o Sr. Ortensio - pela citação do nome de seu pai, Salvatore Saullo.

A mensagem

“Ortensio, filho do meu coração. Acabo de chegar de Roma. Hoje já me sinto um pouco melhor. Um beijo em Salvatore e toda família. Deus com você, meu filho, sua mãe Ilda.”

“Ortensio, figli del mio cuore, sono appena arrivata da Roma. Oggi già me sento un pó meglio. Um bacio in Salvatore e tutta la famiglia, Dio com te mio figlio, la madre,

Ilda.”

Mensagem psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, nu 7/7/78, em Uberaba, MG, no Grupo Espírita da Prece.

Caso nº 27

Nome: **MAURO LIRA**

Idade: **15 anos**

Nome do Pai: **Triunfo Lira**

Nome do Mãe: **Yvete da Silva Lira**

Data e local de nascimento: **7/10/1961, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **6/7/1977, em S. Bento do Sapucaí - SP**

Causa da morte: **atropelamento**

São lágrimas de alegria porque uma nova fé está nascendo. Recado do jovem Mauro através da mediunidade de Chico Xavier.

Conhecemos o casal Lira em Uberaba, numa de nossas visitas habituais, mas realizamos a entrevista no bairro de Pinheiros, onde reside.

O Sr. Triunfo e dona Yvete são os pais do jovem Mauro Lira, e nos forneceram dados importantes sobre sua personalidade.

Mauro nasceu em São Paulo, dia 7/10/1961, falecendo em 6/7/1977, na cidade de São Bento do Sapucaí, por atropelamento, local onde passava férias. Estudava no Colégio Objetivo, na oitava série, do primeiro grau.

Mauro, em seus quase 16 anos, gostava de esportes e os praticava. Tinha predileção pelo futebol, kung-fu, capoeira e natação. Praticava o kung-fu e capoeira, porque se sentia bem. Era torcedor do Corinthians, procurando sempre ir ao campo, para poder ficar no meio do povo. Era filho muito responsável, mas não exteriorizava seus sentimentos, talvez como prenuncio da partida, pois seis meses antes, avisara a família que iria viajar. Dizia que se acostumassem sem a presença dele, mas que não deixaria de comunicar-se.

Dona Yvete é espírita convicta há 15 anos, quando teve problemas com sua mediunidade. Conseguiu o reequilíbrio, graças ao estudo, orientação e freqüência às reuniões espíritas.

O Sr. Triunfo não acreditava em nada, até o momento em que recebeu a mensagem do filho querido. Foi cursilista. Sempre teve fé em Deus, mas não aceitava que se falasse em Espiritismo, embora permitisse à esposa freqüentar as reuniões.

Dona Yvete, quando do recebimento da carta, teve uma gran-

de emoção. Não teve dúvidas da autenticidade, procurando estudar mais a Doutrina Espírita para compreender melhor.

O Sr. Triunfo foi a Uberaba procurar o médium Chie Xavier por desespero. Não acreditava mais em nada. Com o recebimento da mensagem, sentiu voltarem-lhe as forças, a esperança. Um novo alento o embalou, animando-o a retomar os negócios que havia abandonado. Nessa nova fase, a ajuda aos mais necessitados é o objetivo supremo de sua existência.

O Espiritismo colabora, sempre, na transformação das criaturas. O conhecimento das vidas sucessivas, a certeza da sobrevivência do espírito, após a morte física, esclarece-nos da necessidade de nossa reforma íntima, fortalecendo nosso aprendizado terreno.

A mensagem

“Querida mamãe, meu caro papai, peço a bênção.

Consegui chegar até aqui, a fim de escrever alguma notícia, mas noto que sem meu tio Manoel (1), que me trouxe, isso seria difícil para mim.

Parece-me que fazer anotações aqui, diante de tantos amigos, é mais complicado que fazer uma prova de habilitação no Objetivo (2).

Graças a Deus, porém, vejo aqui somente faces amigas. Ninguém quer me examinar ou saber o que acumulei na cabeça em matéria de conhecimentos gerais. Tenho a idéia de que estamos aqui numa família maior, que pensa em Deus e em nossa paz. Isso me reanima.

Venho, meu pai, rogar ao senhor e à mamãe Ivete (3) para não chorarem tanto, assim como quem traz um fogo no pensamento. Podemos chorar, sim, porque eu mesmo preciso de encorajamento de meu tio para não entorpecer a mão com as minhas lágrimas. São lágrimas de saudade, mas saudade misturada de imensa gratidão por tudo o que me deram aí no mundo. Lágrimas de alegria, por que uma fé nova está nascendo em meu coração. E, com a bênção de Deus, não posso ser aí o filho diplomado, auxiliando a família com os rendimentos de uma boa profissão, posso cogitar de outros lucros.

Serei, mamãe, para a senhora e para meu pai, um pouco mais de esperança diante do futuro, reacendendo, dia por dia, a chama de nosso amor.

Serei para Miriam (4), para o Edson (5) e para o Antoninho (6), um companheiro capaz de ajudá-los, desde que Deus me ajude. Tenho fé.

A princípio, sofri o que não esperava. O choque foi nosso, porque na segunda-feira (7) o papai me levava para São Bento (8), para um recreio de férias e na quarta-feira (9) o atropelamento me estendeu no chão. Não tive dores. Tive ansiedade. Queria falar-lhes, comunicar-me depressa em casa, mas tudo foi tão rápido que não tive outro remédio senão ceder ao sono que me tomou inteiramente. Acordei numa escola-hospital, acreditando que o desastre me deixara com possibilidade de recuperação, mas quando os médicos daqui observaram que melhorava em minhas disposições íntimas, foi o estalo maior no coração.

Sabendo-me em outra espécie de vida, chorei como quando em criança, e comecei a ouvir as queixas e as preces de casa. Mamãe me aparecia tão viva por dentro de mim, a chorar e a perguntar-me quanto ao porquê da provação que experimentávamos, como se eu tivesse um espelho no pensamento e um telefone nas entranhas do coração: ‘Meu filho, por quê, por quê?’ (10). As palavras me chegavam com tanta segurança que eu não conseguia desviar-me de nossa dor.

Sei que as orações e a confiança em Deus nos suavizaram as feridas da alma e é por isso que melhorei um tanto e aqui me encontro a pedir-lhes coragem e resignação.

Recordemos os irmãos que deixei. Antônio é uma criança, Miriam é uma flor de Deus em nossa casa e Edson é o companheiro que precisa de nosso amor.

Não culpem a ninguém quanto ao meu regresso violento, lembremos que a nossa cautela era tanta nas ruas movimentadas de São Paulo e saí da cidade imensa para o encontro com outras realidades, no sossego verde da fazenda. Tudo tem a sua razão de ser.

Ainda não sei ensinar ou consolar, mas encontrei no tio Manoel e em vovó Maria (11), que me embalou de novo como sendo um filho pequeno, dois anjos de proteção. Outros amigos me auxiliam. Mas, se o senhor, meu pai, e se a senhora, mamãe, ficarem mais fortes, vou melhorar muito e mais depressa. Por enquanto, existe uma nuvem comigo quando começam, em casa, a recordar aquela passagem que devemos rememorar, não como sendo uma despedida, mas, sim, por viagem inesperada que se

faz na marra, quando a Lei de Deus está funcionando. Mas a gente acaba compreendendo que Deus tudo permite nessas ocasiões, como sempre, para o nosso próprio bem. Consola-me pensar que eu não estava em nenhuma atitude de imprudência. A máquina pesada me buscou, parecendo um cobrador de contas a que não se pode resistir.

Estou bem melhor e só não estou de todo bem, porque a saudade ainda sangra em nós por ferida que, em vez de sangue, verte lágrimas. No entanto, é uma saudade que a fé em Deus está curando devagar, mas com muita firmeza.

Pais queridos, lembrem-me nas preces de sempre e mentalizem minhas figuras como fui e como sou, não como quando passei: quando passei para cá, na obrigação de experimentar a prova que já era.

Agora, é a nossa esperança na tranquilidade e na segurança de nós todos.

Mãe querida, abençoe-me. Papai, abençoe-me também e, agradecendo a presença de todos esses bons amigos que me oferecem, deixo-lhes aqui o meu coração de filho reconhecido. Sempre o filho que tanto lhes deve e que pede a Deus recompensá-los com a felicidade que fazem por merecer e que está nos passos dos pais queridos em todas as ocorrências de nossa casa, com o carinho de sempre.

Mauro.”

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG.

Esclarecimentos

- 1 - Manoel Lira Rodrigues - tio-avô paterno
- 2 - Colégio Objetivo - onde estudava.
- 3 - Dona Ivete Lira - sua mãe
- 4 - 5 e 6 - Miriam, Edson e Antoninho, seus irmãos
- 7 - Dia 4/7/1977 - o pai levou-o a São Bento de Sapucaí.
- 8 - São Bento de Sapucaí - local onde foi atropelado
- 9 - Dia 6/7/1977 - dia em que foi atropelado.
- 10 - Reproduzindo palavras de sua mãe.
- 11 - Maria Rodrigues Diez - bisavó paterna

Caso nº 28

Nome: **JOÃO CARLOS FREDERICO COELHO**

Idade: **14 anos**

Nome do Pai: **João Coelho**

Nome da Mãe: **Itália Frederico Coelho**

Data e local de nascimento: **4/12/1963, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **12/5/1 978, em Aparecida do Norte - SP**

Causa da morte: **acidente**

Conhecemos dona Itália Frederico Coelho e o Sr. João Coelho na tarde de autógrafos, dados por Chico Xavier no Centro Espírita União, em São Paulo, no mês de outubro de 1978. A festa, organizada pelos diretores da entidade, Francisco e Nena Galves, foi desses eventos que ficam marcados em nossos corações.

Falou-nos sobre a vida de seu querido filho, João Carlos Frederico Coelho, vitimado por um acidente na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte, na hora da missa, quando orava ajoelhado, e uma telha jogada, não se sabe por quem, caiu-lhe na cabeça. Embora atendido com solicitude e urgência, pelo pessoal da Basílica, não resistiu ao ferimento.

João Carlos nasceu em 4/12/1963 e desencarnou em 12/5/1978. Tinha ido a Aparecida do Norte, em companhia do Sr. José Ribeiro, sogro de sua irmã Maraisa, que telefonou para São Paulo, pois o menino não podia ser transportado. João Carlos era de gênio alegre e expansivo, cumpridor dos deveres, tinha muitos amigos.

Dona Itália procurou Chico Xavier, levada por dona Lídia, uma amiga da família.

A mensagem trouxe o esclarecimento, o conforto que serenou os corações.

Na mensagem, o filho faz alusões ao incidente verificado naquela cidade, com a imagem. É confortador saber que Deus, em sua infinita misericórdia, nos permite escolher o caminho da fé, e nos respeita a convicção, sem a mínima violência, no sentido de, em qualquer momento, nos impingir algo que não faça parte de nossas convicções.

Após a transição a que chamamos morte, seremos atendidos no mundo espiritual, de acordo com nossa religião. A intolerância religiosa é do espírito humano. Com o Espiritismo temos o conheci-

mento da dinâmica das leis divinas, o esclarecimento da responsabilidade de nosso posicionamento diante da vida. Cada um irá responder por seus atos.

A mensagem

“Querida mãezinha Itália (1), querido papai, peço para que me abençoe. Venho até aqui com o meu avô Manoel (2) para trazer notícias. Se não fosse a saudade, tudo estaria bem, mas, dizem aqui, que a saudade, para quem alimenta a fé em Deus deve ser esperança. Sei que desejavam saber alguma novidade a meu respeito, mas antes do que me aconteceu, só me lembro do sábado, dia 6 (3), quando me preparava com muita alegria para cumprir meus votos no Santuário de Nossa Senhora Aparecida (4). Lembro-me que estava em oração ao lado do nosso amigo senhor José (5), quando senti uma pancada na cabeça. Não pude me sustentar de pé, recordo que me carregaram para Um hospital e guardo de memória um peso, de muita dor na cabeça. Mais nada, senão que dormi, graças a Deus, pensando nas orações.

Acordei num lugar de muito repouso e dois amigos me disseram ser o vovô Manoel e o meu bisavô Frederico (6).

Eu estava na posição de um doente anestesiado, até que aos poucos fui reconhecendo a vida nova em que me achava. As lágrimas da mãezinha caíram sobre o meu coração de modo para mim inexplicável e ouvia as pessoas, muitas pessoas de nossas amizades, perguntando porque fora eu acidentado com um corpo estranho na cabeça, quando fazia preces para Nossa Mãe do Céu, mas não somente meu avô Manoel, mas outros amigos me esclareceram que eu não encontraria um lugar melhor para sofrer a prova, além daquele em que me punha sob a proteção de Deus, que os mensageiros de Nossa Mãe Santíssima não me abandonaram e, nos tempos últimos, me fizeram saber que até a imagem venerável sofrerá pedradas, como que a responder aos cristãos que Nossa Mãe Celeste, ferida no símbolo de sua proteção para nós, permitia a si mesma suportar desacatos, na figura em que seu nome deve ser respeitado como a esclarecer-nos que ela também sabe sofrer com os seus filhos, que somos nós, os atentados daqueles que ainda não conhecem Jesus. Mãezinha, peço-lhe coragem e fé, pedido igual que faço a meu pai, a fim de estarmos tranqüilos

em nossa confiança. Estou quase bem e se não estou bem de todo é pela falta que sinto de nossa união em casa, mas lembremos que o Elzo (7) e a Maraisa (8) precisam de nossa alegria e fiquemos contentes, na certeza de que a bondade de Deus nos oferece sempre o melhor.

Agradeço a todos os que me auxiliaram. Somente aqui é que eu soube que não foi uma pedra que me atiraram e sim uma telha (9), que de certo veio das mãos de alguém que auxiliava as Leis de Deus a se cumprirem, pelo menos é o que o meu bisavô Frederico me ensina a reconhecer. Agradeço as orações, as flores, as bênçãos, as palavras de amor que tenho recebido e peço-lhes para não deixarem a fé que sempre tivemos. Não me alongo a escrever, porque minhas forças não dão mais. Sou um menino convalescendo, depois de um tratamento que, segundo penso, ainda demorará, mas os amigos aqui me disseram que mãezinha precisava de minhas notícias, a fim de não querer vir para cá ao meu encontro, não por suicídio, porque a nossa fé não comporta isso, mas pela ansiedade do nosso reencontro.

Pais queridos abençoem-me, é o que lhes peço mais uma vez. E peço ainda para que esqueçam, e desculpem as mãos que, sem qualquer impulso intencional, me alcançaram. Estejamos com Deus, tanto quanto Deus está conosco. Muitas lembranças para os irmãos queridos Maraisa e Elzo e para os dois um beijo de respeitoso amor do filho reconhecido

João Carlos Frederico Coelho.”

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em 1/9/1978, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG.

Esclarecimentos

- 1 - Itália Frederico Coelho - sua mãe
- 2 - Manoel Coelho
- 3 - Último dia que passou com a família; no dia seguinte viajou para Aparecida do Norte.
- 4 - Local do acidente
- 5 - José Ribeiro - sogro de sua irmã Maraisa
- 6 - João Frederico
- 7 - Elzo Ribeiro - seu cunhado.
- 8 - Maraisa - sua irmã.
- 9 - Destaque se que ele só teve conhecimento do fato como espírito, após algum tempo.

Caso nº 29

Nome: **FÁTIMA SOLANGE DE ASSIS CAMPOS**

Idade: **14 anos**

Nome do Pai: **Máximo de Assis Campos Netto**

Nome da Mãe: **Maria José Campos**

Data e local de nascimento: **1/7/1963, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **4/2/1978, na rodovia Fernão Dias (Guarulhos) - SP**

Causa da morte: **acidente automobilístico**

Foi através de dona Edinah Lodi, mãe de Andréa, que conhecemos dona Maria José. Ela nos contou das dificuldades que, juntamente com o esposo, teve para superar a dor da separação física da filha Fátima.

No dia 4/2/1978, quando a família se dirigia para Atibaia, num sábado de carnaval, logo no início da rodovia Fernão Dias, próximo de Guarulhos, o carro em que viajavam foi abalroado por um galaxie. No banco da frente estavam o Sr. Máximo e dona Maria José, e no traseiro Fátima e seu irmão Marcelo.

O casal foi hospitalizado, o filho Marcelo nada sofreu, mas Fátima, embora sem qualquer lesão aparente, faleceu no local.

Fátima Solange de Assis Campos nascera em São Paulo no dia 1º/7/1963.

Estudava no Colégio Estadual de 1º Grau Godofredo Furtado, em Pinheiros, onde iria iniciar os estudos da oitava série. Estudiosa, pretendia ser médica pediatra. Tocava bem violão. Gostava de decoração, de bailes e natação. Pintava muito bem. Era muito amorosa, mas, três meses antes do acidente, apresentava-se inquieta, agitada, atitudes que vinham como num repente, antecedendo uma tristeza indefinida.

Dona Maria José, após passar pelo Hospital das Clínicas, permaneceu por mais um mês no Pronto-Socorro Iguatemi, ocasião em que as atenciosas enfermeiras, preocupadas com seu estado de saúde, deram-lhe para ler os livros **Jovens no Além** e **Perda de Entes Queridos**. Essas obras ajudaram-na muito, principalmente o segundo, de dona Zilda Rosin, mãe que se viu separada de seus dois únicos filhos, Dráusio e Diógenes, vitimados por acidente, logo após sua formatura como engenheiros.

Quando saiu do pronto-socorro, após alguns meses, foi a Uberaba, mas, naquela ocasião, não conseguiu falar com Chico

Xavier. Em setembro de 78, voltou com o esposo a Uberaba, recebendo um bilhete que dizia estar a filha em recuperação de forças. Em outubro veio novo bilhete, porém este mencionava o amparo do avô Ruben, pedindo aos pais tranquilidade. Na terceira visita, em dezembro, receberam a mensagem.

Dona Maria José nunca perdeu a fé, lendo e orando constantemente. Quando recebeu a carta teve certeza que a filha havia sobrevivido à morte do corpo físico, e adquiriu a convicção que, quando chegar a sua hora de viajar, encontrará a filha querida.

Voltou a viver normalmente.

O Sr. Máximo revoltou-se contra tudo, até contra Deus, quando soube da morte da filha. Essa fase durou até setembro de 1978, quando foi à Uberaba conhecer Chico Xavier. Seu exemplo de humildade tocou-o profundamente.

Quando do recebimento da mensagem, não estava em Uberaba; tinha ido com o filho Marcelo a Atibaia, em visita à mãe. Ao ler a mensagem chorou muito, começando a crer que a morte física não é o fim, mas o princípio de uma nova vida.

Até hoje falam da filha, como se ela tivesse ido fazer uma viagem.

A mensagem

“Querida mãezinha, Deus nos proteja. É uma sensação estranha a que sinto, endereçar-lhe uma carta, em que procuro tranquilizá-la. Para mim, creia, não é fácil. Mas vovô Ruben (1) e a vovó Brasilina (2) me auxiliam a pensar mais depressa para não escrever devagar.

Mãezinha, desejo pacificar o seu espírito ainda alquebrado, ante o que nos sucedeu naquele sábado (3), em frente da Fernão Dias (4), no rumo de Atibaia (5). Foi tudo tão rápido que hoje, rearticulando minhas lembranças, fico imaginando que a morte física, no caso de sua filha, teve o aspecto de uma execução. Com isso não estou de modo algum menoscabando os desígnios da Vida Superior. Quero somente fixar em nossa memória a convicção de que estamos sob a direção de Deus, ainda que tenhamos a idéia de que nos achamos numa diretriz propriamente nossa. Posso afirmar-lhe que não senti qualquer dor no choque que me pareceu imobilizar a memória. Sem querer, entrei numa espécie de sono compulsivo, de que não pude escapar. Sonhava com a

realidade, para depois reconhecer que a realidade não era sonho. Sentia-lhe o corpo ferido em meu corpo diferente e as dificuldades de meu pai Máximo (6) a fim de se desvencilhar das dores que adquirira. Pensava em Marcelo (7) e tudo se me afirmava dentro de uma nebulosa, cuja duração ignoro como precisar. Quando tomei posse de mim mesma, notei que alguém me despertava para o conhecimento da nova situação. Era vovó Brasilina a preparar-me. Para ser franca, os meus dias de hospital não foram menores que os seus e os meus constrangimentos para retomar o próprio equilíbrio, segundo admito, foram semelhantes aos incômodos que meus pais queridos se viram objeto.

Mãezinha, se lhes posso pedir algo além do muito com que sempre me enriqueceram a existência, rogo para que vivam satisfeitos e tranquilos. Não somente o nosso Marcelo necessita de sua presença e da presença de meu pai; são muitos os corações que contam com ambos para viverem com a paz que lhes é necessária. Por enquanto, a recordação do fevereiro se foi, é uma ferida que se abriu em nosso pensamento; mas Deus concederá os recursos indispensáveis ao nosso reajuste perante a vida.

Mãezinha, retome as suas atividades e esteja certa que seguimos juntas. A marcha na terra pede uma sucessão de veículos que, em verdade, por agora não sabemos avaliar. Do carro a motor saem as peças, a fim de recuperar o veículo do corpo físico e, desse mesmo carro, tive de sair com urgência para continuar a viagem por aqui, trabalhando e procurando melhorar-me para melhor servir. Recordemos nosso Marcelo, e as outras Fátimas que são também minhas irmãs e igualmente suas filhas.

Mãezinha, às vezes, o pranto vem como nascente do coração para os olhos e a pessoa chora efetivamente com as lágrimas nas dimensões do sofrimento que nos atinge, mas há consolações ocultas que nos reanimam. A Lei Divina preceitua que ninguém deve lei abandonado e por esse motivo rogo-lhe calma e coragem.

Querida mãezinha, peço ao seu coração amigo, como rogo a meu pai para que não culpem a ninguém. Poderíamos ter sido nós os companheiros infelizes que se precipitaram sobre nós. Encerrem qualquer traço de ocorrência capaz de incriminar alguém. Se lhes posso pedir essa benção rogo para que me vejam no lugar de quem ficou sob os entraves da culpa de emergência e apaguem, por favor, quaisquer sinais de acusação contra alguém. Não sei que rumo tomaram as providências no tramito, mas estou viva

e conto com a tolerância dos meus pais queridos para qualquer tipo de processo em que essa ou aquela pessoa esteja sob preocupações inúteis por minha causa. Sei que não seriam capazes de acusar ninguém, mas insisto em minha solicitação porquanto essas tomadas de conta em foros e gabinetes machucam o coração de quem, como eu, nada tem a reclamar. Vovó Brasilina e meus avós Ruben e Máximo (8) me auxiliam em todos os meus apuros na adaptação à vida nova. Agradeço tudo o que fizeram no auxílio aos outros companheiros de estrada, porque a paz que doarem a esses amigos é tranqüilidade com que me enriquecem o coração. Não posso escrever mais.

Mãezinha querida, abraçe por mim ao papai e ao Marcelo e diga-lhes que estou bem. Sei que vou me habilitar aqui em várias funções de auxílio e para isso me esforçarei. Por enquanto me sinto na posição de uma peça em conserto nas oficinas dos reajustes espirituais. Nada tenho ainda de bom para oferecer-lhes, mas com o tempo alcançarei a segurança de que necessito de modo a lhes ser útil.

Querida mãezinha, abençoe a sua filha e receba um beijo iluminado de lágrimas e preces de alegria, da sua filha reconhecida que continua a trazê-la por dentro do coração.

Fátima.”

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG.

Esclarecimentos

- 1 - Ruben Lavoisier - avô materno falecido em 19/6/73.
- 2 - Brasilina Bernardo Arenzano - bisavó materna falecida em 7/5/68.
- 3 - Referência ao dia 4/2/78.
- 4 - Rodovia em que ocorreu o acidente.
- 5 - Cidade para a qual se dirigiam.
- 6 - Máximo de Assis Campos Netto - seu pai.
- 7 - Marcelo de Assis Campos - seu irmão.
- 8 - Máximo de Assis Campos, avô paterno falecido em 1928.

Caso nº 30

Nome: **PAULO EDUARDO TEIXEIRA DA SILVA**

Idade: **19 anos**

Nome do Pai: **Waldemar Teixeira da Silva**

Nome da Mãe: **Mirthes Cassemiro Teixeira da Silva**

Data e local de nascimento: **11/7/59, em Santa Rosa do Viterbo - SP**

Data e local do falecimento: **26/9/1978, em Pirassununga – SP**

Causa da morte: **acidente com arma de fogo**

Esta mensagem elucidica caso suspeito de suicídio. Apelamos pela revisão do fato às autoridades da Aeronáutica.

Singular é o caso que levamos ao seu conhecimento, caro leitor, através da entrevista realizada com o Sr. Salvador Barbosa, de Santa Rosa do Viterbo, Estado de São Paulo, que nos procurou III redação da Folha Espírita.

Paulo Eduardo Teixeira da Silva nasceu nessa localidade paulista, em 11 /7/1959. Os esportes preferidos do jovem eram futebol de campo e de salão, corrida pedestre, natação, basquete, salto em altura e ciclismo; suas diversões preferidas, bailes, caçadas, pescarias e piquenique. Não era extrovertido, mas participava ativamente de tudo, como afirmam seus amigos mais íntimos, Antônio Silva Coelho, Geraldo Paiva, Arlindo Caetano da Silva, Eduardo Florentino, todos residentes em Santa Rosa.

Paulo Eduardo possuía medalhas e troféus, conquistados em mus esportes preferidos, inclusive por sua participação na preliminar de São Silvestre, corrida tradicional na cidade de São Paulo. Seu desenlace, de maneira trágica, verificou-se no dia 26/9/1978 com 19 anos, na Academia da Força Aérea de Pirassununga, Estado de São Paulo, onde servia como soldado do Batalhão de Guarda e Segurança, tendo sua arma disparado quando estava no serviço do dia. O fato foi considerado pelos superiores como suicídio.

Seus pais, Sr. Waldemar Teixeira da Silva e Dona Mirthes Cassemiro Teixeira da Silva, procuraram Chico Xavier, em Uberaba, MG, conduzidos por Salvador. Nessa ocasião, estavam angustiados com o acontecimento, pois não conseguiram entender que se tratasse de suicídio.

Realmente, através da psicografia desse missionário do bem que é Francisco Cândido Xavier, o assunto foi esclarecido, tranqüi-

lizando seus corações. O filho relata, na mensagem, que ele seria Incapaz de atirar contra si próprio, e ainda descreve:

“Tomara os meus encargos no plantão com segurança e comecei a limpar as unhas com a ponta da arma e, inadvertidamente, embora apoiasse essa mesma na mureta existente no local, meus dedos se movimentaram sem que a minha consciência tomasse Sentido exato dessa operação quase que mecânica para mim, e detonei sem querer o projétil, que me alcançou a base do tórax, impondo-me a desencarnação instantânea.”

Desejamos fazer um apelo às nossas autoridades da Academia da Força Aérea de Pirassununga, no sentido de que revejam a “causa mortis” de Paulo Eduardo Teixeira da Silva, dando-a por ocidental. Há cinco anos estamos realizando entrevistas para a Folha Espírita, fazendo também um trabalho de pesquisa. Temos em nosso poder levantamento dos mais variados casos de outras pessoas que também receberam mensagens familiares. Composto b verdadeiro processo de cada caso, pode-se verificar a riqueza de fatos, datas e nomes relativos à vida íntima de cada família.

Assistimos, em vários casos, o momento em que a mensagem pra lida por Chico Xavier aos familiares, observando as reações emotivas de cada um. São certezas que, para nós, não deixam qualquer sombra de dúvida, quanto à autenticidade da comunicação.

Vimos, por exemplo, uma senhora de Goiânia suspender o processo que movia contra um rapaz por tê-lo julgado, de início, culpado, quando, numa brincadeira com arma de fogo entre os dois, seu filho faleceu. Gostaríamos ainda de destacar que, através de uma mensagem do jovem Jair Presente, de Campinas, foi corrigido um erro de registro no cemitério daquela cidade, fato constatado e corrigido graças ao trabalho de sua irmã Sueli Presente. São fatos que deverão ser considerados pelas autoridades da Academia da Força Aérea de Pirassununga, e nos colocamos, desde já, à disposição dessas autoridades, se desejarem conhecer o trabalho que realizamos. Lembramos, ainda, que a incorporação na Academia da Força Aérea de Pirassununga, foi em 17/7/1978, portanto, o acidente verificou-se dois meses e nove dias após seu ingresso, podendo o acidente ser atribuído, inclusive, à pouca experiência do jovem.

Estamos seguros de que mesmo o médium Francisco Cândido Xavier estaria disposto a auxiliar as autoridades militares no escla-

recimento do fato, a fim de que as anotações da ficha de Paul Eduardo pudessem vir a ser retificadas.

A mensagem

“Querida mãezinha Mirthes (1), meu querido pai, peço par que me abençoem. Sou trazido até aqui por meu avô José Teixeira (2). Estou constrangido pela inadaptação. O ambiente é de amigos entretanto, não estou sabendo como escrever. Ainda assim, é preciso tentar.

Desejo comunicar aos pais queridos que eu seria incapaz d atirar contra mim próprio. Aprendi, desde cedo, o respeito a Leis de Deus e semelhante gesto estaria incompatibilizado co a minha formação.

Sempre os vi lutando dignamente para criar-nos com segurança e encaminhar-nos para a vida reta, o exemplo é uma voz que fala em silêncio por dentro do coração.

Não me acovardaria a ponto de eliminar o meu próprio corpo.

Lutas de rapaz, rixas com namoradas, conflitos íntimos ou desajustes passageiros no trato com os meus companheiros não me fariam pensar nisso.

Claro que, em matéria de juventude, os namorados sempre cultivam alguma pequena queixa para discussão de encontros 0 bilhetes. Saí de Santa Rosa em paz com todos. Nossa Ivana (3) sempre soube conversar comigo na altura da jovem correta e compreensiva.

Ouvi os apontamentos de muita gente que me acreditou suicida, porque nem sempre fui alegre ou extrovertido. Sempre mc empenhei a pensar e a passar longos minutos comigo mesmo, confrontando assuntos e situações.

Até o problema de nossa querida amiga dona Maria (4), veio à tona nos comentários. É verdade que o atropelamento se verificara tempos antes, mas em meu íntimo, ao refletir na ocorrência, concluía, de minha parte, que me cabia viver e viver fazendo lodo o bem ao meu alcance para substituir aquela criatura, que atravessara os melhores tempos da vida, auxiliando e abençoando i quem dela precisasse. No peito de moço, lastimavam, como è justo, haver sido instrumento para a provação que vitimou nossa querida amiga, isso, no entanto, era comigo um compromisso de viver trabalhando mais.

Não me queixo dos amigos e conhecidos que me supuseram capaz de destruir o corpo que Deus me concedera, mas tranqüilamente respondo que o engano de muitos resultou simplesmente de uma suposição sem conteúdo de realidade.

Tomara os meus encargos no plantão com segurança e comecei a limpar as unhas com a ponta da arma e, inadvertidamente, embora apoiasse essa mesma arma na mureta existente no local, meus dedos se movimentaram sem que a minha consciência tomasse sentido exato dessa operação quase mecânica para mim, e detonei sem querer o projétil, que me alcançou a base do tórax, impondo-me a desencarnação instantânea.

Creiam, os pais queridos, que não mais controlei qualquer ação de meu veículo físico e, conquanto, por alguns momentos rápidos, intentasse falar sem poder, um sono pesado me cerrou a vida intracranéana e ignoro se dormi ou se desapareci de mim próprio por tempo que ainda não sei precisar.

Despertando em organização de socorro, cheguei a pensar que me achasse no Hospital Santo André (5), em Santa Rosa, talvez conduzido pela família, mas foi o meu avô José Teixeira quem me chamou à realidade, que tive de aceitar a contragosto. Não só meu avô Teixeira, mas também minha avó-bisavó Ana (6) e outros familiares me auxiliaram com carinho e segurança. Um médico (7), que me disse ser amigo do Dr. Guido Maestrello (8), me tratou com bondade e, muito pouco a pouco, ando reconstituindo minhas próprias forças.

Rogo à mãezinha Mirthes continuar com as orações em meu benefício.

Rogo a todos os nossos para que não se aflijam. Tudo passa com o bálsamo da proteção de Deus.

Se os meus superiores em Pirassununga puderem atender a solicitação dos queridos pais, estudando a posição que descrevo, para suprimirem a sentença de suicídio sobre o meu nome, ficarei satisfeito, mas, se isso não for possível, rogo para que não se preocupem. Jesus sabe a verdade e a minha consciência está tranqüila. E vivam fortes e felizes é o que peço aos pais queridos aos quais a Divina Providência me confiou.

Recordem o Jorge (9) e os outros corações de filhos abençoados, os meus irmãos que esperam tanto da assistência de casa e fiquem asserenados em nossa fé em Deus.

Espero melhorar-me para trabalhar e servir nas tarefas do bem aos outros.

Meu avô acredita que estou caminhando para a restauração total e tenho a esperança de ser útil a todos.

Peço à nossa estimada Ivana para esquecer qualquer inquietação a meu respeito. Desejo vê-la forte e feliz.

Querida mãezinha e meu querido pai desculpem-me pelos contratemplos involuntários que lhes dei. Confiemos em Deus.

Agradeço ao nosso Dodô (10) pela presença junto de nós.

E agradeço a quantos nos auxiliam aqui.

Esperando haver esclarecido o que houve naquela manhã de li lembro passado.

Agora peço para que me lembrem sempre, não na morte e sim na vida, porque a morte é apenas uma transferência de habitação, sem ser alteração em nós.

Muitas lembranças para os irmãos queridos, ao mesmo tempo que entrego aos queridos pais aqui presentes todo o respeitoso amor e todo o coração do filho sempre grato.

Paulo Eduardo.”

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG.

Esclarecimentos

1 - Tratamento carinhoso de Paulo, quando se dirigia a sua mãe.

2 - Avô paterno desencarnado em Cajuru, SP, em 20/3/1977.

3 - Namorada de Paulo Eduardo.

4 - Desencarnada em 14/6/1977, amiga da família Teixeira e vítima de atropelamento com bicicleta, numa costumeira brincadeira de cercar Paulo Eduardo.

5 - Local onde nascera Paulo Eduardo.

6 - Bisavó paterna, desencarnada há vários anos.

7 - Médico amigo do Dr. Guido Maestrello. Conforme informações de velhos moradores da cidade, seria o Dr. Constâncio Martins Sampaio, desencarnado há vários anos.

8 - Foi prefeito municipal e gerente da Fazenda Amália há mais de 50 anos, e cujo nome foi dado a uma praça da cidade de Santa Rosa do Viterbo.

9 - Jorge Teixeira da Silva - irmão mais velho de Paulo Eduardo, que participou com ele da preliminar da São Silvestre em 1977.

10 - Apelido, ou tratamento carinhoso, dado a Salvador Barbosa, amigo dos pais de Paulo Eduardo.

CARTA DO PAI DE PAULO EDUARDO

Santa Rosa do Viterbo, 20 de julho de 1979.

Prezado senhor Paulo Rossi Severino

A Paz do senhor reina entre nós

Primeiramente desejo cumprimentá-lo e agradecer-lo pelo grande esforço por parte de V.Sa. para a publicação da mensagem do meu querido e bondoso filho Paulo Eduardo Teixeira da Silva, na Folha Espírita, jornal este de divulgação internacional.

Para melhor divulgação da mensagem desejo informá-lo que meu filho Paulo Eduardo, aqui na vida terrena foi um filho exemplar, era obediente, alegre e muito carinhoso para com os pais e seus irmãos, gostava de praticar vários esportes, tais como: futebol, basquete, natação, ciclismo e corrida pedestre, tendo participado da preliminar da Corrida de São Silvestre em São Paulo, no ano de 1977, mas seu maior desejo desde pequeno era ser um oficial da Aeronáutica, para tanto, quando se alistou no serviço militar, escolheu a aviação. Estava ele, antes de acontecer aquele triste acidente no trágico dia 26/9/78, inscrito no curso de sargento especialista em Guaratinguetá, e quando ele passou nos exames médicos de seleção na Academia da Força Aérea de Pirassununga, sua maior alegria foi receber o resultado positivo daqueles exames, dando ele como apto para ingressar nas fileiras do Exército brasileiro. Sua desencarnação foi para nós e toda a família o maior golpe de nossa vida, e toda a população da cidade sentiu também esse golpe, pois era ele estimado e querido de todos, pois com o seu coração bondoso e seu rosto sempre alegre cativava a amizade e simpatia de todos; foi uma perda lamentável nos meios esportivos da cidade onde residimos.

Prezado Sr. Paulo, passados alguns meses da desencarnação de meu querido filho Paulo Eduardo, e como estávamos desesperados sem sabermos que rumo tomar, procuramos o estimado Chico Xavier e, após o recebimento da mensagem de Paulo Eduardo, ficamos mais confortados, pois sua mensagem nos deu bastante

tranquilidade, aliviou nossos corações de pais, pois sua mãe se achava desesperada com aquele acontecimento, pois esclareceu ele muitas dúvidas quanto ao comentário ocorrido na sua cidade natal, após sua desencarnação.

Esperando ter esclarecido a V.Sa. o comportamento de meu filho antes de sua desencarnação e a nossa satisfação, quanto ao recebimento de sua mensagem, antecipo a V.Sa. os meus sinceros agradecimentos.

Atenciosamente subscreve,
Waldemar Teixeira da Silva

Caso nº 31

Nome: **ROBERTO DE SALAS**

Idade: **20 anos**

Nome do Pai: **Diogo de Salas Fortunato**

Nome da Mãe: **Maria Stíbolo de Salas**

Data e local de nascimento: **14/4/1957, em São Paulo, SP**

Data e local do falecimento: **12/11/1977, em São Paulo, SP**

Causa da morte: **acidente automobilístico**

Temos, na carta-mensagem do jovem Garibaldi à família, algumas elucidações altamente construtivas.

Destacamos a importância de estarmos preparados para o instante da mudança de plano, a que chamamos morte. A compreensão de um sentido mais amplo da família humana, que ele denomina a “família extraparedes”. Fala em abater a saudade com a esperança.

Dá-nos a receita da felicidade que todos buscamos: “Desse modo, procuremos povoar o tempo com a felicidade para os outros, porque nesse tipo de felicidade encontraremos a nossa”.

Quem aproveita o tesouro do tempo, dedicando parte dele em auxílio ao próximo, vive feliz.

O Espiritismo, doutrina consoladora por excelência, é também esclarecedora; com ela temos a compreensão dos porquês da vida.

Não olvidemos que a estrada de nossos entes queridos pode ser bem diferente da nossa.

Respeitemos e aceitemos os desígnios divinos, pois a Justiça do Criador nunca falha.

Conhecemos dona Maria Stíbolo Salas, mãe do jovem comunicante, por apresentação de dona Itália Coelho, no festival promovido pelo Centro Espírita União, em outubro de 1979. Falou-nos emocionada sobre a vida de seu filho Roberto de Salas, nascido em 14/4/57 e cujo desenlace verificou-se em 12/11/1977, por acidente automobilístico, no bairro de Vila Bela, Vila Prudente, SP. Atendido no pronto-socorro de São Caetano, foi encaminhado depois ao Hospital das Clínicas, onde desencarnou.

Roberto era filho único e viveu 20 anos. Muito carinhoso e atencioso, fazia muitas amizades. Jogava basquete, iniciando-se no Clube Atlético de São José dos Campos, SP. Jogou, depois, no Trianon, de Jacareí, SP, e no Corinthians, SP, como titular.

Gostava de esporte, era muito alegre e sensível. Quando perdia um jogo ia até às lágrimas. Nunca bebeu nem fumou. Foi apelidado pelo técnico Edvard, de São José dos Campos, de Garibaldo.

Quando viajava com seu clube, sentia saudade e não via a hora de voltar. Em 1976, foi morar em Goiânia e jogou pelo Jóquei Clube daquela cidade, mas só permaneceu ali três meses. Dona Maria e seu esposo, Sr. Diogo de Salas Fortunato, lutaram com muita dificuldade financeira para educar o filho, mas nada lhe faltou. Por sua vez, Roberto gostaria de ver a mãe aposentada de seu trabalho, na Johnson & Johnson, para que ficasse em casa. Mas não teve essa alegria. Quando ocorreu o acidente, dona Maria ficou transtornada, sendo levada a Uberaba por seu irmão Teodoro, a esposa deste, Brígida, bem como sua outra irmã, Luba.

Esteve em Uberaba 11 vezes até conseguir receber a mensagem. Mas foi graças a essa mensagem que dona Maria conseguiu voltar a viver normalmente.

A mensagem

“Querida mãezinha, peço-lhe me abençoe. Venho até aqui com o meu avô Diógenes (1) para prolongar-lhe muita aceitação ante as Leis Divinas.

Mãezinha, explique ao meu pai que o Garibaldo (2) não morreu, e, por isto, me reconheço aqui sem vontade de comentar o meu caso, com lágrimas que possam apagar a chama da nossa alegria de viver. O acidente que me trouxe para este Lado Diferente da Vida foi semelhante a outros. Compreendi para logo que a carreira terminara ali, naquele ponto em que o meu uniforme da escola terrestre se fizera sem conserto. Compreendi e aceitei. Entre os meus colegas de partidas e partidas muitas vezes repetimos o slogan: ‘Os jovens também morrem’.

Por isso, de algum modo, não me faltava preparação. Agora precisamos imprimir nova direção no volante da vida. Reconheci que existem outros Robertos necessitados de socorro.

Espero que o seu coração querido e meu pai Diogo (3) me favoreçam com essa virada. Não estou fornecendo alguma de .mio Quero dizer que vou compreendendo a extensão da família extra-paredes. Mamãe, não pense com tanta dor em minha ausência. Novo dia aconteceu. É preciso vivê-lo com fortaleza de ontem, não parar na idéia de angústia é obrigação nossa. Temos muito

a fazer e a construir aqui e também aí. A vovó Faustina (4) me guardou nos braços. Se registrei alguma impressão de dor foi apenas a de arranhões que sararam depressa. Ficou a saudade sua. Vamos abatê-la com a força da esperança. Confiemos. Estaremos todos juntos.

Não desejo falar ao carinho nesta carta com a emoção por cima de meus raciocínios, o que aconteceu é que cheguei onde todos chegarão. Decerto que desejo a todos os amigos e a todos os companheiros de experiência humana uma permanência longa aí na Terra, mas que a viagem do retorno é certa, disso ninguém duvide. Desse modo procuremos povoar o tempo com a felicidade para os outros, porque nesse tipo de felicidade encontraremos a nossa.

Estimaria escrever muito para acentuar a nossa fé no futuro e vê-la sorrir, mas o tempo é escasso nas possibilidades de que disponho.

Querida mãezinha, a meu pai os meus pensamentos de respeito e de gratidão misturados ao imenso amor que ele me ensinou a cultivar, e, para o seu carinho, todo o carinho e reconhecimento do seu filho.

Roberto (Garibaldo)
Roberto Salas.”

Esclarecimentos

- 1 - Avô paterno Diógenes de Salas Fortunato, desencarnado em 6/5/1971.
- 2 - Alusão a ele mesmo; apelido que explicamos na reportagem.
- 3 - Seu pai, Diogo de Salas Fortunato.
- 4 - Faustina Fortunato Salas, avó paterna desencarnada em 23/5/61.

Caso nº 32

Nome: **AUGUSTO CÉZAR NETTO**

Idade: **26 anos**

Nome de Pai: **Raul César**

Nome da Mãe: **Yolanda César**

Data e local de nascimento: **27/9/42, São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **27/2/68, Praia Grande - SP**

Causa da morte: **afogamento**

“Ensine-lhe a não recusar a maternidade, recordando-lhe o próprio exemplo”.

Augusto César Netto nasceu em São Paulo, em 27/9/42, e faleceu afogado na Praia Grande, SP, em 27/2/1968. O filho do Sr. Raul César e de dona Yolanda César era alto, forte, gostava de esportes e os praticava comumente. Estudou desde curso primário no Liceu Eduardo Prado, concluindo naquele educandário os estudos em química industrial.

A família, de origem católica, foi a Uberaba quatro meses após a separação física do filho querido; entretanto, só recebeu a primeira mensagem quatro anos depois.

Dona Yolanda César é para nós uma estimada amiga, colaborando e estimulando o trabalho de pesquisa da **Folha Espírita**. Seu filho Augusto César é conhecido de nossos leitores pelo livro **Jovens no Além**, primorosa edição do GEEM (Grupo Espírita Emmanuel), contendo esclarecedores comentários do Dr. Caio Ramacciotti. Esse livro que tem consolado um número incalculável de famílias já conta com várias reedições.

Augusto César e Jair Presente são jovens amigos espirituais muito solicitados pelas mães para velar por seus filhos. Temos constatado a veracidade do que afirmamos, através desses anos de trabalho, ouvindo delas em nossos colóquios a esperança com que pedem colaboração.

Hoje escolhemos uma mensagem diferente, em que o comunicante responde à solicitação de ajuda que uma das mães presentes lhe fez.

A causa do sofrimento da filha era o aborto praticado, assunto sempre atual, principalmente agora, quando alguns em nosso País pretendem legalizá-lo através de lei. O Espiritismo é contra o aborto

por todas as conseqüências funestas que ele acarreta, principalmente por suas implicações espirituais. Augusto César explica à mãezinha a maneira de reparar o mal.

Não precisamos teorizar muito sobre o assunto, apenas desejamos ressaltar, ainda, que a Doutrina Espírita considera o aborto um crime perante a Justiça Divina, e quem o praticar sofrerá a conseqüência de seu ato.

Se livre é a sementeira, a colheita é obrigatória. Procuramos auxiliar as mães necessitadas, na criação e escolarização de seus filhos.

Desejamos homenagear nossas mães, que nos acolheram em seu seio regando com seu amor nosso caminho: sejam benditas para sempre.

Leia e medite nas palavras da mensagem, você mesmo irá tirar suas conclusões.

A mensagem

“Prezada irmã.

Creia que o seu pedido me sensibilizou o coração de rapaz inexperiente.

Após registrar-lhe o chamado, fui ouvi-la de perto. Suas mãos acariciavam o retrato da jovem senhora, aparentando um tanto mais de 20 janeiros, enquanto o seu pensamento nos dizia: ‘Anseio receber socorro para minha filha doente’.

E acrescentava: ‘Augusto, você, que não mais vive na Terra, auxilie-me a filha casada e enferma’.

Procurei conhecer a história dela nos clichês das suas lembranças.

A menina casara-se aos dezoito. Enlace feliz. Esposo dedicado e um lar florido de bênçãos. Tudo parecia felicidade sem alteração, quando apareceu o imprevisto. A gravidez chegara, no entanto a moça rejeitara a situação. Não queria filho sem encomenda prévia. Concordaria em ser mãe, porém quando quisesse. Sem haver controlado a própria natureza, decididamente, não.

O marido insistia. Disputava a criança. Sempre aguardara o instante de ser pai.

Despontaram desentendimentos e discussões. A moça, no entanto, vencera.

Dirigira-se à determinada senhora que lhe vendeu a colaboração e livrou se do encargo que considerava problema.

O companheiro, desgostoso, reclamara inultamente. O conflito demorou-se entre o dois e, a breve tempo, a mãezinha frustrada apresentava evidentes sinais de perturbação.

Providências e tratamentos.

A senhora foi internada num sítio de repouso, passando a conviver com desequilibrados e nervosos.

Anotei o endereço, e decidi-me a visitá-la. Posso agora dizer-lhe o que vi.

Não encontrei uma pessoa demente, qual seria de esperar. Surpreendi a imagem da angústia.

A filha de suas orações se reconhecia lesada, incapaz de governar os próprios pensamentos. E chorava deprimida. Mas não só isso. Acompanhando-a, estava ali a critura que ela expulsara do próprio seio, lamentando-se e acusando-a.

Entre os dois, as lágrimas se misturavam e os sentimentos se embatiam na mesma expressão de dor.

O quadro nos enterneceu de tal modo que, aos seus requerimentos de auxílio, endereçamos ao seu carinho igualmente os nossos, pedindo-lhe amparo, em favor da filha querida e daquele outro ser a quem ela houvera prometido novo berço no mundo.

Prezada irmã, não lastime.

Corra ao encontro de sua filha e dialogue com ela, esclarecendo-a para a vida melhor.

Ensine-lhe a não recusar a maternidade, recordando-lhe o próprio exemplo.

Diga-lhe que a senhora não lhe sonegou asilo no coração materno quando ela mesma precisou de refúgio na casa física.

Fale-lhe da grandeza da vida, do alto sentido da presença feminina sobre a Terra e dos nossos compromissos para com as Leis de Deus.

Coloque-a, outra vez, em seus braços beije-lhe a face e converse com carinho. Então esteja certa de que a senhora terá salvo a sua filha da alienação mental, e estará, em breve, auxiliando unia criança a reviver e sorrir.

Augusto César.”

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública do Centro Eurípedes Barnasulfo, na noite de 24/2/1980, em Peirópolis, MG.

Caso nº 33

Nome: **ROBERTO MUSZKAT**

Idade: **19 anos**

Nome do Pai: **Davi Muszkat**

Nome da Mãe: **Sônia Muszkat**

Data e local de nascimento: **16/11/1959, em S. Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **14/3/1979, em S. Paulo - SP**

Causa da morte: **choque anafilático**

O jovem Roberto Muszkat nasceu em São Paulo, em 16/11/1959 e renasceu para a vida espiritual em 14/3/1979, ao fazer uso de um tópicos nasal, que provocou um fatal choque anafilático, reação alérgica súbita e extremamente grave, vindo a falecer imediatamente.

A desolação e a saudade compeliram sua mãezinha Sônia e depois seu pai, o médico David Muszkat a procurar Chico Xavier, em Uberaba, em busca de notícias. Esta é a segunda mensagem de Roberto, escrita na data em que ele faria 20 anos de existência terrestre.

É uma impressionante evidência da vida além da morte. Várias expressões hebraicas são utilizadas pelo comunicante, relatando fatos e situações típicas dos costumes judeus, totalmente desconhecidos do médium que teve, inclusive, necessidade de recorrer ao auxílio do Dr. David para a inflexão da pronúncia e a explicação do significado ao público presente no Grupo Espírita da Prece.

Emocionou-se o pai do comunicante ante a leitura do nome Moysés Aron, seu genitor desencarnado, e as surpresas foram sucessivas no texto psicografado.

Roberto refere-se ao “Seder” promovido pelo seu avô Moysés, dias depois de sua morte física, ocorrida em 14/3/1979, quando ele acordou no mundo espiritual, cercado também por sua avó Rachel e por amigos desconhecidos. O Seder, ou as duas primeiras noites da Páscoa, é cerimônia judaica que estava próxima à data do desenlace de Roberto.

É uma grata surpresa a descrição da cidade espiritual em que ele se encontra, a luminosa cidade dos Profetas que se ergue no “Erets” Israel, onde moram todos os que sofreram torturas, os que foram martirizados, e queimados, perseguidos e abatidos por amor à Vitória do Eterno e Único Criador da Vida.

Roberto Muszkat destaca as belas palavras de Ruth e Noemi: “Onde fores também irei, o seu povo será o meu povo, o seu rei será o meu rei” para reafirmar aos pais e irmãos a mensagem de permanente união de sua alma, e a dos seus entes queridos, embora domiciliado, por imposição da morte física, em outra dimensão no Espaço Infinito.

Mas uma vez a mediunidade depurada de Francisco Cândido Xavier oferece ao mundo impressionante material probatório da vida que se desdobra além da tumba, muito mais bela e exuberante do que na própria Terra, convidando os homens à reflexão e ao estudo.

A mensagem

“Querida mãezinha Sônia, meu querido pai e irmãos sempre amados, a bênção da paz permaneça conosco.

Estou emocionado. Uma festa diferente num ambiente novo. Celebração dos 20 novembros na Terra. Não sei como escrever o que sinto. Ficaria contente se pudesse usar minhas próprias lágrimas de alegria para configurar em palavras o júbilo de que me sinto possuído. Pais queridos, nunca imaginei em minha existência ligeira pudesse comemorar o primeiro aniversário de minha permanência no Plano Físico, depois de haver passado pela chamada ‘liberação do corpo’.

Agradeço o carinho que colocaram em nossas lembranças. A mãezinha Sônia, para a nossa felicidade, tomou a veste branca após o luto de tantos meses de saudade e quase desolação. Os irmãos esvaziaram as poupanças para me presentear na pessoa de nossos companheiros menos felizes. E o céu, segundo esperamos, nos proporcionará, no entardecer de amanhã, uma festa brilhante, de corações para corações, como nunca pensei conseguir presenciar.

Dizer ‘muito obrigado’, é tão pouco, no entanto, pai querido, o que fazer senão aproveitar os recursos que se tem para manifestar os nossos melhores sentimentos? Desejava ser eu mesmo a dádiva de paz e fraternidade a ser entregue, a fim de louvarmos não a minha memória pessoal e sim o Eterno Doador de Tudo o que possuímos.

Não me descarto da nossa alegria, e, por isso, aspiro a dizer que todas essas benções pertencem à Sabedoria do Amor Infinito

que nos reuniu para sempre nos laços benditos da comunhão espiritual em que nos reconhecemos.

Querida Rachel, queridos irmãos Moisés, Renato e Ricardo, conservando igualmente a Rosana por flor de carinho a enfeitar-nos as lembranças, agradeço a vocês todos, irmãos queridos, pela felicidade que me ofertam é pelas mensagens de ternura que me dirigiram. Espero que nossos pais sempre queridos se orgulhem de nós, no desempenho de nossos deveres, através do tempo e da Vida. É verdade que a Lei me transferiu de residência, mas não me alterou os sentimentos. Sou o mesmo irmão amigo e reconhecido que lhes deve tanto. Aos pais amados o nosso reconhecimento por nos haverem recolhido nos braços, habilitando-nos para viver segundo os preceitos da Luz Divina que nos rege a existência. Mãezinha querida, agradeço a sua fé, o seu entusiasmo na construção do bem, a sua confiança na Espiritualidade e o seu dom de sevir, tão claramente manifesto, na preparação da alegria que me reservaram.

Estou feliz e formulo votos para que a nossa plenitude de paz doméstica consiga envolver todos os ingredientes de nosso encontro com a família maior, junto da qual nos reconheceremos cada vez mais integrados em nossos compromissos de fidelidade ao Santo dos Santos.

Papai querido, estou satisfeito e comovido com a sua presença. Conheço a extensão de suas responsabilidades e obrigações e sei quanto vale cada hora de sua presença, especialmente junto de nossos doentes, pedaços da família espiritual que os Mensageiros do Bem Eterno colocaram em nossos braços. Beijo-lhe as mãos reconhecidamente e faço preces do coração por sua tranqüilidade e segurança.

Conversei com a mãezinha Sônia sobre as minhas primeiras impressões da Vida Espiritual, quando pude tomar o lápis pela primeira vez, entretanto, hoje, com permissão de nossos Mentores Maiores, peço o seu consentimento para contar-lhe que o meu desligamento do corpo foi rápido. Horas antes nada previa com relação ao acontecimento significativo que me aguardava. Preparava-me para o descanso, depois de haver medicado o trato nasal, quando senti no peito algo semelhante a uma pancada que me alcançou todas as redes nervosas. Tentei falar mas não consegui. Um torpor suave se seguiu ao fenômeno e notei que um sono compulsivo mi invadiu a cabeça. Percebi, intuitivamente, que me

deslocava do corpo, embora permanecesse vinculado a ele, quando, em meio do esforço para definir o que sentia para a análise de meu próprio raciocínio, ouvi nitidamente sobre mim a voz inesquecível de alguém pronunciando as palavras santas: ‘Baruch Dajan Emét’ (1) e reconheci que a frase não partia dos nossos da casa... Busquei identificar-me com a sublime expressão de louvor, mas o torpor aumentava. O frio nas extremidades me compelia a admitir a presença da libertação física e rendi-me aos desígnios do Eterno, tentando seguir o rumo em que a voz se expressara, qual se me houvesse transformado num pássaro ansioso para saber a direção do meu novo ninho, já que não mantinha mais qualquer dúvida sobre a ocorrência que me separava da moradia corpórea, à maneira do inquilino que se vê expulso da própria habitação, atendendo às influências compulsivas, no entanto entre aquela voz e eu mesmo estava o desmaio que me consumia o discernimento... Foi quando tomado de estranha sensação de bem-estar escutei ainda as palavras: ‘Leshaná Habaá bi-Yeru-shalayim’ (2). Compreendi que era um adeus e dormi com a tranquilidade de uma criança. Mais tarde soube que meu avô Moisés Aron ditara em meu favor aqueles vocábulos santos para que me aquietasse, contando com os imperativos do Mais Alto. Quando acordei, me via num leito alvo com a vovó Rachel velando por mim. Dias se passaram sem que eu lhe saiba dar conta. Entendi sem relutância que eu já não mais me encontrava em nossa casa e sim numa ‘outra vida’, que se fazia surpresa e deslumbramento para os meus pensamentos de moço. Depois de algum tempo, o vovô Moisés veio ao meu encontro.

Reanimou-me. Restabeleceu-me o auto-controle e a auto-confiança. Quando me buscou para encontrar outros amigos no recinto dedicado à oração, no amplo educandário-hospital, chorei de emoção ao observar que formosa turma de pessoas amigas que eu não conhecia pronunciava as palavras: ‘Boi Beshalom’ (3). Em seguida cantaram, esses novos companheiros, o hino ‘Shalom, Aleishem’ (4). Terminando o cântico, meu avô Moisés achegou-se a mini e assinalando-me com o ‘Maguem David’ (5) falou aben-çoando-me:

— ‘Deus te faça igual a Efraim (6) e a Menashés (6)’. As lágrimas banharam meu rosto, enquanto o avô promovia o Seder (7), em cuja reunião pude fazer minhas perguntas. Vim a saber, então, que me achava em Erets Israel (8), ou Terra do Renasci-

mento, cuja beleza é indescritível. Ali, naquela Província do Espaço Terrestre, se erguia uma outra cidade luminosa dos Profetas. Os que choraram no mundo, os que sofreram torturas, os que foram martirizados e queimados, perseguidos e abatidos por amor à Vitória do Eterno e Único Criador da Vida operavam repousando ou descansavam trabalhando pela edificação da humanidade Nova. Com esses apontamentos não quero dizer que estava tanto quanto, prossigo, numa cidade privilegiada, porque outras nações as possuem nas esferas que cercam o Planeta, mas aquele recanto era o meu coração pulsando com milhares ou milhões de outros corações consagrados ao Pai Único.

Pai querido, lembrei-me de nossa união no Lar e chorei de saudade e esperança, amor e alegria. Revisei a imagem da família querida e reunindo o seu carinho, a ternura de minha mãe e a dedicação de meus irmãos por dentro de minha própria alma, envieilhes, sem saber como fazia semelhante mensagem, as palavras inoxidáveis de Ruth (9) e Noemi (9): ‘Onde fores, também irei, o seu povo será o meu povo, o seu rei será o meu rei’. Pelo que digo são capazes de avaliar as minhas emoções na Vida Nova em que me reconheço, começando a estudar, sob clima diferente do mundo físico.

Meu avô Moisés, presente aqui, me solicita terminar a narrativa do que me aconteceu e acontece. Veio ele com um amigo de nome Moritz Heiman e em minha companhia está o Moisés Zatirko que saúda os queridos pais Rosa e Borush. Desejava prosseguir, mas não posso. Meu querido pai, muito grato pelo crédito que me concede fazendo companhia à mãezinha e aos irmãos queridos para compartilharmos das mesmas alegrias e das mesmas orações. Diz meu avô que amanhã, antes de começar o novo dia do calendário, teremos o nosso ‘Oneg Shabat’ (10) e estamos todos felizes.

Pais queridos e amados irmãos, agradeçam por mim aos amigos que me hospedam neste recinto de paz e recebam todos juntos p abraço de muito carinho e muito amor, com muita esperança no futuro e muita fé em nossas realizações no presente, do filho e irmão reconhecido.

Roberto Muszkat.”

Esclarecimentos

1 - Abençoado Seja o Juiz da Verdade.

- 2 - Ano Que Vem em Jerusalém.
- 3 - Venha em Paz.
- 4 - A Paz Esteja Convosco.
- 5 - Estrela de David.
- 6 - Irmãos e filhos de Jacó. São mencionados na bênção sacerdotal.
- 7 - São assim chamadas as duas primeiras noites da Páscoa.
- 8 - Estado de Israel.
- 9 - Noemi tinha dois filhos, casados com moças moabitas (não-judaicas). Com a morte dos filhos, Noemi retornou a Israel, em companhia de sua nora Ruth. Esta converteu-se ao judaísmo e disse a Noemi: “Onde fores também irei, o teu Deus será o meu Deus, e a tua terra será a minha terra”. Reinando entre elas um amor de mãe para filha.
- 10 - Literalmente significa “Alegria do Sábado”. Este é um dia sagrado dedicado à satisfação espiritual e ao descanso físico.

Caso nº 34

Nome: **RICARDO LEÃO DE OLIVEIRA**

Idade: **18 anos**

Nome do Pai: **Antônio Oliveira**

Nome da Mãe: **Myssia Leão de Oliveira**

Data e local de nascimento: **27/11/59, em São Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **12/11/78, em São Bernardo do Campo - SP**

Causa da morte: **acidente automobilístico**

Ricardo Leão de Oliveira nasceu em São Paulo, em 27/11 /59, e faleceu em 12/11/78, na cidade de São Bernardo do Campo, vítima de acidente automobilístico. Fazia o Tiro de Guerra e trabalhava na Volkswagen do Brasil, como auxiliar de exportação. Gostava de praticar esportes, ler, escrever, compor músicas. Em novembro de 1976 ganhou o Festival de Música de Santo André, com música de sua autoria: “Girassol”. No colégio Santo André, onde estudou, ganhou o concurso de melhor redação com o tema “A Força dos Gestos”. Era muito comunicativo, fazia amigos com facilidade, e participava com êxito de tudo o que se propunha fazer. Dizia que só se realizaria quando tivesse uma filha e escrevesse um livro. No dia anterior ao seu falecimento, escreveu algumas poesias muito significativas, dizia não conseguir entender o porquê de estar vivendo, perguntando se seria aquilo mundo dos mortos ou dos vivos. Parecia saber o que iria acontecer. Deixou desenhadas várias capelas, e uma carta despedindo-se de um amigo.

Teve sucesso em tudo o que fez: deixou material para editar um livro de poesias e oito meses depois do seu desenlace, os pais ficaram sabendo que sua noiva esperava um filho dele. Nem mesmo Ricardo, quando em vida corpórea, sabia, pois a noiva estava grávida de dias.

Dona Nyssia prossegue: “com a partida do meu filho fiquei desesperada, sem saber o que fazer de minha vida, foi quando meu irmão Dorival Castanheira, condoído de meu estado, aconselhou-me a procurar Chico Xavier, em Uberaba - apesar de ele ser Católico praticante - afirmando que só o Chico poderia me confortar e esclarecer o porquê da separação física. No dia 3/2/79, eu, meu marido e minha nora fomos em busca de algo que pudesse ao menos nos consolar e orientar. No dia 9/2/79, em reunião pública, recebemos a comunicação do meu filho, deixando-nos

emocionados. Quando voltei novamente a Uberaba, eu já estava bem melhor e com a certeza que meu filho continuava mais vivo do que nunca, pois na mensagem ele diz coisas que o Chico não poderia saber como o caso do vovô Joaquim, desconhecido de nós mesmos e confirmado depois de averiguações: havia falecido aos 25 anos de idade, há 50 anos atrás. Meu filho menciona também a doença do pai. Realmente, meu marido ficou com problema no coração e só pensavam em morrer. Outro detalhe importante: veja a Claudinha em meu lugar. Depois fui entender que ele usou o nome da irmã, para avisar do nascimento da filhinha dele que ninguém sabia. A filha dele está com 18 meses e chama-se Marina, nome de sua preferência”.

Como poderia sair tudo isso da mente de Chico Xavier? A resposta lhe pertence, caro leitor, mas podemos adiantar que há Centenas de cartas como esta do jovem Ricardo Leão de Oliveira, consolando, confortando e mesmo esclarecendo seus familiares. A lei da reencarnação, quando aceita pelos povos, transformará o mundo e aí, sim, construiremos a civilização do futuro.

A mensagem

“Mãezinha Ny (1), meu pai Antônio (2), abençoem-me.

Querida Cida (3), peço a Deus por sua felicidade.

Ainda estou muito difícil de escrever, mas a minha avó Idalina (4) me trouxe para dizer alguma coisa que os tranquilize. Estou ainda muito embaraçado com as lágrimas.

Ouçõ a mamãe com tantos chamados e escuto tantas palavras tristes de meu pai e de Cláudia (5) que não sei se fiquei doente, depois de perder o corpo.

Que já mudei, não tenho dúvida, mas desejo solicitar-lhes auxílio. Não se morre.

A pessoa larga uma roupa usada e se enfia em outra vestimenta melhor. Isso é o que me aconteceu, mas à medida que falam o meu nome em pranto, isso é como se a dor me reatacasse por dentro...

Torno a me sentir batendo contra muros e rolando no ar para cair não sei onde. Ajudem-me (6).

Vou melhorar rapidamente se me sentir apoiado pela família. Querida Aparecida, perdoe-me. Tudo aconteceu de relance.

As máquinas estão em nossa cabeça e não nas ruas ou nas estradas (7). Basta um pequeno cochilo e a engrenagem desgovernada toma outros rumos.

Pensemos todos em Deus. Quem possui uma fé, vence tudo isso que está nos acontecendo mais depressa.

Orem por mim, como se estivessem a conversar comigo em casa. A oração assim é melhor (8), porque nos sentimos de novo num diálogo que realmente auxilia.

De parte de mãezinha, tenho um amigo que me ensinou a chamá-lo por vovô Joaquim (9) e estou muito agradecido.

Papai, não pense mais em morte (10), compreenda que estou vivo e que vou cooperar com o senhor de outro modo.

Mamãe, peço-lhe calma e confiança na vida.

Veja a Claudinha em meu lugar (11).

Cida, sempre querida, Deus abençoará a nós dois para que você seja sempre mais feliz.

Rogo a todos para que se fortaleçam, para que me veja melhor.

Boa noite. Voltarei mais tarde. A morte é a vida em outra moldura. Tenhamos paciência e confiemos em Deus.

Papai e mamãe, abençoem-me.

Aparecida, lembre-me com seus pensamentos alegres e com minha irmã recebam o abraço muito de coração do filho agradecido,

Ricardo.”

Mensagem psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública do dia 9/02/79, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG.

Esclarecimentos

1 - Modo carinhoso com que o esposo a chama.

2 - Antônio Leão de Oliveira

3 - Maria Aparecida Gomes da Silva, sua noiva

4 - Idalina Pereira de Souza - avó paterna

5 - Cláudia Leão de Oliveira - sua irmã

6 - O espírito pede para não ser lembrado com desespero, pois o afeta no mundo espiritual.

- 7 - Frase dita à noiva horas antes do desastre.
- 8 - Recomenda a maneira correta de nos comunicarmos com nosso entes queridos.
- 9 - Joaquim Trambusti - irmão da bisavó materna.
- 10 - Devido doença no coração, o Sr. Antônio andava pensando em morrer.
- 11 - A mãe não entendeu de início, só compreendendo quando soube da gravidez de sua futura nora.

Caso nº 35

Nome: **MAURÍCIO XAVIER DE VIEIRA**

Idade: **7 anos**

Nome do Pai: **Dr. José Vieira Filho**

Nome da Mãe: **Alexandrina Maria Xavier Vieira**

Data e local de nascimento: **1969, em Goiânia - GO**

Data e local do falecimento: **17/5/1976, em Goiânia - GO**

Causa da morte: **acidente - queimaduras**

Estivemos com amigos, em Uberaba, no fim do mês de janeiro, quando ficamos conhecendo o simpático casal Dr. José Vieira filho e sua esposa dona Alexandrina Maria Xavier Vieira, ocasião em que a nosso pedido, fizeram um relato sobre a vida de seu filho Maurício, vitimado por queimaduras.

“Foi uma criança encantadora. Quando nenê foi criado no berço, onde ficava horas e horas embalado por música, e é interessante observar que eram músicas eruditas. Esse hábito de ouvir música, ele conservou.

Era calmo, muito tranqüilo, saudável e a todos agradava, pois além de ter muita simpatia que cativava, era muito bonito fisicamente. Sua pele era muito rosada e seus olhos grandes cinzentos-azulados. Eu o chamava de minha rosa cor-de-rosa.

Cresceu sempre com muita simpatia e aos 7 anos era muito vivo, inteligente e na escola fazia excelentes progressos. Na praça onde morávamos era amigo de todos. Já estando alfabetizado, ganhou de seu pai um livrinho de história infantil espírita - **A Tartaruga Verde** - e ficava ao meu lado lendo em voz alta e com um sabor todo especial para mim, como ele arrastava os **erres** da tar-ta-ru-ga...

Tínhamos sempre muito diálogo, quando ele me contava de suas ‘namoradas’. Uma vez comprou no armazém do ‘seu Helou’ uma dessas balinhas que trazem aqueles anéis de vidro e me disse: ‘Mamãe, esse é o meu anel de noivado com a Adriana’. Adriana na uma menina, nossa vizinha, bem mais velha, mas de quem ele gostava muito.

Quando o Wagner brigava com alguém nas suas brincadeiras, o Maurício ficava todo valente para defender o seu irmão.

Não gostava de comer, passava o dia mascando chicletes.

Gostava muito de água e, aos cinco anos, nadava muitíssimo bem, só de mergulhos.

Mas isso não impedia que ele brincasse com fogo também. Uma vez, ele riscou fósforos por baixo do colchão do quarto da empregada. Essa brincadeira nos custou horas de muito susto. Quando estávamos todos em casa, seu pai e eu, ele não saía, preferia desfrutar a nossa presença.

Não gostava de ficar nem na casa de minha mãe, em Anápolis, Como faziam os irmãos e primos, a tal ponto de meu pai achar mie nós o proibíamos.

Costumávamos freqüentar os trabalhos do centro 'Irradiação Espírita Cristã', então, quando, às vezes, por um ou outro motivo, não o podíamos levar, ele ficava em prantos e às vezes aos gritos.

Uma criança muito carinhosa foi o Maurício. Sempre muito beijoqueiro, e quando estava mesmo por conta de brincar, começava beijando-me os pés. Depois me abraçava.

Na noite em que foi acidentado, ele trouxe da escola, escrito em cima da última tarefa feita, os seguintes dizeres de sua professora: 'Maurício você é um menino maravilhoso'.

Perdoem-me a corujice, mas é isso que ele sempre foi para mim.”

A ida à Uberaba trouxe ao casal o consolo de que necessitavam na ocasião. Através da Doutrina Espírita pela mediunidade de Chico Xavier, ambos têm encontrado sempre o amparo e esclarecimentos que os têm ajudado a vencer momentos difíceis, que ainda continuam sucedendo em família.

O Dr. Vieira refere-se ao médium Chico Xavier com o mais profundo respeito e reconhecimento.

A mensagem

“Querida mamãe, do seu coração querido e do papai espero a bênção que me reveste de paz.

Estamos em nossa romaria de saudade para falar de esperança. Compreendo, mãezinha, o vazio que a vovó Augusta (1) deixou em nosso caminho. A família parece a ampulheta funcionando... Ora está se ampliando em nosso lado espiritual, ora aumentando no plano físico... Regendo esse movimento está o Tempo, desempenhando os encargos de ministro de Deus. Renascimento e desencarnação constituem duas fases que nos assinalam

a estrada da evolução. Ah! se pudéssemos orientar a marcha unicamente pelos sinais verdes no trânsito, pelas sendas diversas que nos são apresentadas, seríamos felizes mais depressa porque há sempre os acidentes da alma nessa peregrinação para Deus. Encontros nos desencontros e vice-versa.

Refiro-me a isso simplesmente para imaginar a construção mais fácil de nossa felicidade geral, que, por vezes, custa a aparecer. Mas não nos influenciemos pelo pessimismo, tijolo a tijolo, significando o dia-a-dia prosseguiremos na edificação do conjunto de moradias iluminadas de amor, em que o futuro nos permitirá residir.

A querida vovó Augusta pensou tanto, com tamanha introversão, nos assuntos que nos preocuparam ultimamente, que adquiriu uma certa amnésia em cujo processo se anularam alguns centros importantes da vida do cérebro, inibindo-lhe a vivência normal, em que sempre a vimos por nosso anjo guardião, e apoio de nossa paz.

Mãezinha, o seu carinho já sabe e o papai igualmente não ignora. A vovó mentalizou no silêncio os problemas da tia Guth e ás provas do caminho a que me reportei como que a impeliram a viver quase ausente de si própria, nos tempos últimos à procura da filha, sonhando ou ansiando reencontrá-la em suas viagens espirituais. Creiam, porém, a senhora e meu pai, que os nossos Benfeitores conseguiram para ela o passaporte oportuno, através do qual não necessitou de qualquer demora no labirinto dos pensamentos de indagações permanentes no qual havia passado a viver. Ela mereceu a bênção da libertação, sem lágrimas, a emancipação sem angústia. Descansou à maneira de uma criança que requisitasse o retorno ao próprio lar. Agora, permanece o tratamento de reajuste e nesse tratamento vai conquistando melhoras substanciais. Naturalmente ainda não retomou a memória de maneira total e, em me fitando, na maioria das vezes imagina que sonha... Uma preocupação dominante, posso notar naquele maravilhoso coração que nos serviu de refúgio. A vontade de saber, e vovô Zico (2) fortalecido e bem tratado é a idéia que lhe rege todas as outras lembranças que lhe afloram à alma.

Por isso, pedimos ao seu carinho, e ao papai, solicitarem à tia Maria Helena a continuidade do amor com que ela se consagra à sustentação de nossa casa. Muitos amigos nossos me fazem portador desse pedido, porque em nossas regiões de experiências,

os pensamentos vibram e atingem as criaturas com endereço exato... E vovó Augusta recolhe as preces-anseios da filha querida, que vem rogando forças para se desincumbir do trabalho de assistência ao vô Zico e aos nossos que se reúnem a ele em nosso lar de origem. O meu avô Zeferino, com o nosso amigo Tarcísio vieram em minha companhia para que eu não me esqueça do pedido que transmito confiante aos pais queridos.

Agora, querida mãezinha, ficaria contente se pudesse escrever um capítulo especial de saudade, mas estará ele gravado em nossos corações. Peço ao Wagner e à Jeanina representarem junto ao papai, desejando a ele um Dia Feliz, com muita saúde e tranquilidade, agora e para frente, pois precisamos vê-lo sempre animado e valoroso na fibra de resistência e serviço, compreensão e bondade de que nos dá o exemplo incessante. Mãezinha Alexandrina (3), não permita que a tristeza passe por dentro de nosso espírito, embora as dificuldades que possamos experimentar a fim de cerrar-lhe a porta.

Pense em nós aqui, onde nos encontramos, como parte da família que continua trabalhando e confiando, à espera de nossa união para sempre, mais isso não expressa qualquer propósito de pressa. As obras de Deus são filhas da paciência e do amor nas bases do tempo. Que sejamos capazes de pensar nisso e prosseguir contentes com os desígnios divinos. Muitas lembranças a todos os nossos corações queridos e recebam os queridos pais muitos beijos de carinho e reconhecimento do filho que lhes pertence, hoje, quanto ontem, amanhã e sempre.

Saudades, muitas saudades do filho cada vez mais agradecido,

Maurício.”

Mensagem recebida no dia 9/8/80 pelo médium Francisco Cândido Xavier, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG).

Esclarecimentos

I - A doença da ‘vovó Augusta’ foi uma infiltração de metástases carcinomatosas no cérebro e nas meninges, sem o diagnóstico da localização do tumor primitivo.

Conclusão: doença de origem emocional, doença adquirida

pela vontade muito forte do reencontro com a filha Guth que foi barbaramente assassinada. Com um câncer violento como foi, ela partiu em tempo muito curto, sem manifestar o menor sintoma de dor ou qualquer outro problema característico da fase final da doença.

Não falou mais, por isso não sabíamos se estava ou não consciente. A mensagem veio esclarecer a dúvida se ela tinha ou não dores.

2 - 'Vovô Zico' se encontra deprimido, angustiado com os acontecimentos. Confirmamos o que a mensagem diz com respeito às preces enviadas ao Alto, no sentido de nos desincumbirmos de tantos trabalhos.

3 - Absolutamente verdadeiro o parágrafo sobre a tristeza que marcava de maneira profunda o coração dela, em virtude de tantos acontecimentos. A sua pressa em resolver os problemas de cada um - os desfalques da família - daí a frase: "Pense em nós aqui, onde nos encontramos, como parte da família que continua trabalhando e confiando, à espera de nossa união para sempre, mas isso não expressa qualquer propósito de pressa. As obras de Deus são filhas da paciência e do amor nas bases do tempo".

Caso nº 36

Nome: **GRAZIA RAPÉ**

Idade: **23 anos**

Nome do Pai: **Calógero Rapé**

Nome da Mãe: **Gesualda Saragozza Rapé**

Data e local de nascimento: **12/7/1957, em S. Paulo - SP**

Data e local do falecimento: **6/11/1980. em S. Paulo - SP**

Causa da morte: **homicídio**

Estávamos com amigos em Uberaba, MG, quando do recebimento desta mensagem, e Jorge Barsottini sugeriu nossa aproximação com a destinatária. Respondemos não ser o momento propício para a entrevista, pois ela se encontrava sob forte carga emocional, mas, se fosse permitido, haveria de apresentar-se outra oportunidade.

Realmente, 15 dias depois, éramos apresentados por uma amiga comum, Cleyde Oliveira Siqueira, que também nos acompanhou à residência do casal no bairro da Mooca, em São Paulo.

Tivemos uma acolhida fraterna, como sabem dispensar as pessoas de origem italiana.

Vamos fazer a colocação dos fatos, como nos foram relatados. É um caso muito especial e nossos leitores saberão compreender a extensão do drama vivido pelas famílias envolvidas. A família Rapé deseja que a mensagem da querida filha seja um lenitivo aos corações que sofrem.

Grazia Rapé nasceu na cidade de São Paulo, em 12/7/57, falecendo na mesma cidade em 6/11/80, despojada do corpo físico pelo esposo, que em seguida não quis mais continuar vivendo, pondo termo à própria vida.

Dona Dina disse-nos que ele estava doente por dentro, pois não existiam problemas aparentes. Estavam bem financeiramente e todo o apoio lhes era dispensado, pois residiam no mesmo prédio.

Era filha do Sr. Calógero Rapé (apelido familiar: Lillo) e de dona (Gesualda Saragozza Rapé (apelido familiar: Dina). Tinha Grazia mais dois irmãos: Tânia e Toni e deixou o filho Maurício. Ela teve uma infância precoce, pois aos quatro anos de idade já fazia roupas para as bonecas. Aos nove anos, lendo o livro **O Solar do Apolo** começou a se interessar por mediunidade. Estudou no colégio de freiras Virgo Pondes, de Guarulhos, desta-

cando-se pelo excelente aproveitamento. Falava corretamente o inglês, o castelhano e o italiano, aos 15 anos. Tricotava, fazia crochê, bordava, pintava muito bem, fazia flores. Corajosa, meiga, carinhosa, era fidalga por natureza. Refinada, gostava nas refeições de estar sob a luz de velas.

Trancou a matrícula aos 18 anos na Faculdade de Direito de Guarulhos.

O casal é católico. Dona Dina foi levada à Uberaba por uma amiga, procurando, através de Chico Xavier, receber uma mensagem da filha. Uma grande afinidade as uniam. Conseguiu naquele dia obter a comunicação desejada através da psicografia.

Desejamos homenagear as mães, através da mensagem de Grazia Rapé. A todas essas valorosas mães que, pela sua coragem, dedicação e renúncia sabem manter o equilíbrio do lar, nossa carinhosa lembrança.

Benditas as mães que, pelo seu amor incondicional, sabem oferecer o regaço amigo, onde retemperamos as forças nos momentos difíceis. Elas nos fazem reviver no seu amor o Amor Divino. Que tudo dá sem reclamar recompensas

A mensagem

“Querida mãezinha Dina e querido papai.

Não me vejo tão bem para notícias como estimaria comparecer para nossa troca de idéias, mas a vovó Gracia (1) me trouxe, explicando que o exercício me beneficiaria.

De novembro último até agora o tempo é muito estreito para me fornecer as dimensões do depoimento doméstico que lhes devo. Nem mesmo as impressões totais de lembrança e de expressão consegui retomar inteiramente, mas sei que me desculparão qualquer falta voluntária por omissão de nomes e detalhes em meu comunicado de filha agradecida.

Por enquanto, ainda não me livreí da extensão desejável do trauma com que me reconheci transferida para os quadros diversos da existência em que me vejo; entretanto, posso declarar-lhes que penso em nosso Walter (2) na condição de companheiro doente Com quem preciso resgatar o meu débito de dedicação. Sabem que a criatura muita moça não tem facilidade de esperar e não pude acomodar-me com a idéia de que muito tempo me caberia atravessar formando no esposo a mentalidade nova de que ambos

precisávamos. Não sabia, de minha parte, silenciar certas reclamações diante dos pais queridos, e observo que, de certo modo, me precipitei, favorecendo nele uma espécie de precipitação doentia que não pude prever.

Na noite de cinco (3), entretive com ele uma conversa mais longa, esclarecendo que me achava disposta à separação, sem desistir do nosso Maurício (4) e acrescentei que não desejava o nome Cardoso sobre o meu. Ele respondeu pedindo tempo. Alegou angústia de um certo cansaço que esperava sanar com um tratamento médico mais minudenciado.

Respondi negativamente, expondo a ele com sinceridade que a nossa união não deveria interessar nem a ele nem a mim. Walter demonstrou maior ansiedade e chegou a chorar, entretanto, aquelas lágrimas realmente não me chegaram ao coração, porque as promessas inúteis se sucediam sempre umas às outras. Falei-lhe em Deus, em vida nova, em amizade que conseguiria sobreviver ao campo afetivo que o incêndio de nossas provações havia devastado, entretanto ele se retirou mais para dentro a fim de, talvez, meditar no que ouvia de mim...

Foi assim que o descanso da noite me dominou a consciência dolorida mas tranqüila e no dia imediato foi a tragédia em que ele não conseguiu superar o propósito enfermizo de despojar-me do corpo, aniquilando logo após o corpo dele mesmo.

Não sei descrever o que senti. Deve existir um governo de amor na vida, dedicado particularmente aos que sofrem a tribulação de que me vi objeto... Nos instantes últimos da vivência física, lembrei-me da oração e pedi a Deus que nos perdoasse pela ocorrência trágica em que nos envolvíamos. Graças a Deus não senti ódio, nem qualquer sensação de animosidade contra ele... Nunca vira, como naquela hora, a enfermidade que o minava...

Quis dizer que o compreendia e que me faria para ele a enfermeira que não soubera ser, mas era tarde demais para qualquer reequilíbrio. Reconhecia que a morte do corpo me cortava qualquer possibilidade de manifestação e apenas soube de mim própria quando despertei no espaço da vovó Gracia que me auxilia no refazimento preciso. Sei que o nosso caro Walter está diante de organização hospitalar, onde ainda não tomou conhecimento de si mesmo, no entanto, é meu desejo preparar-me a fim de auxiliá-lo. A bondade de Deus, ainda quando venhamos a destruir nossas melhores oportunidades de reconciliação da vida, não nos nega

na beneficência divina ensejos outros, em que o reajuste, embora mais difícil, se nos faça concedido de modo a continuarmos no aprendizado do amor que nos compete. É meu dever auxiliar o esposo e companheiro que nunca obsevarei na posição de culpado e sim de enfermo, que atualmente precisa de mim. É quase estranho notar que eu mesma, que mentalizava um desquite, seja agora a companheira a solicitar a reaproximação. Graças a Deus senti essa verdade em mim e compreendo que os pais queridos e queridos familiares, incluindo meu filhinho, quando crescido, me aprovarão. Como podem notar, estou melhor porque mais compreensiva e, sobretudo, mais humana, conforme os ensinamentos da religião cristã que é vida e lei em nossas consciências. Querida mãezinha Dina (5) e querido papai Lillo (6), perdoem-me se exponho um parecer diferente daquele que alimentava. Desejo, no entanto, que me saibam filha agradecida e que deseja seguir o comportamento respeitável dos pais abençoados aos quais Deus me confiou. Muito grata pelo que fazem na proteção ao nosso querido Maurício e recebam muitos beijos de carinho e de muita saudade da filha que os adora.

Grazia.”

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG.

Esclarecimentos

- 1 - Gracia Borzi- avó paterna.
- 2 - Walter Luiz Lelis Cardoso - esposo.
- 3 - Discussão com o esposo; no dia seis houve o homicídio.
- 4 - Maurício - seu filho.
- 5 e 6 - Dina e Lillo - seus pais.

Caso nº 37

Nome: **HEITOR CAVALCANTE DE ALENCAR FURTADO**

Idade: **30 anos**

Nome do Pai: **Alencar Furtado**

Nome da Mãe: **Miriã de Alencar**

Data e local de nascimento: **1/5/1952, em Paranavaí - PR**

Data e local do falecimento: **22/10/1982, em Mandaguari - PR**

Causa da morte: **assassinato**

Uma imensa tragédia abateu-se sobre a Nação, com o assassinato do jovem deputado Heitor de Alencar Furtado, no Paraná, atingido dentro do carro, em que repousava, junto a um posto de gasolina, pela bala de uma arma disparada pelo soldado da Polícia Militar paranaense.

Querido e admirado, a morte do jovem parlamentar despertou anseio de reação em todo o País, com o povo reclamando ora justiça, ora vingança, sem que se pudesse precisar, exatamente, as suas raízes.

Um fato, no entanto, ficava patente: a falha da estrutura policial, daquele estado, o despreparo de alguns de seus servidores, o que, aliás, não é exclusividade do Paraná - e a necessidade de uma revisão completa da máquina policial, com providências de profundidade que pudessem obrigar a corporação, no seu todo, a entender que existe, paga pela comunidade, exatamente para garantir-lhe a segurança.

Estávamos naquela madrugada no salão do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, assistindo Chico Xavier no trabalho de recepção das mensagens da noite. Era grande a ansiedade e o desejo de que pudesse vir, entre as várias cartas de jovens arrebatados à vida física, uma mensagem pequena que fosse, do deputado Heitor de Alencar Furtado. Haviam decorridos menos de dois meses do acontecimento e todos sabem que é muito difícil uma comunicação em tão curto espaço de tempo.

Em nossa companhia, os pais de Heitor: Alencar Furtado, que fora também deputado federal e que perdera, pela violência da cassação, quando líder da oposição na Câmara Federal, o seu mandato e Miriã de Alencar, advogada e professora.

Em determinado momento, percebemos que Chico Xavier estava psicografando uma mensagem de Heitor. Sentimos a sensibi-

lidade da manifestação. Tinha os olhos fechados e cobertos com a mão esquerda, enquanto o lápis deslizava celeremente sobre o papel, e as lágrimas corriam dos olhos do médium, molhando o seu paletó e respingando nas folhas que recebiam as palavras de sentimento e de coragem do jovem parlamentar sacrificado pelo seu ideal.

Realmente, após receber outras cartas de jovens desencarnados e passando à leitura das mesmas, Chico Xavier anunciou o nome do subscritor de uma delas: Heitor de Alencar Furtado.

Miriã e Alencar Furtado colocaram-se ao lado do médium para ouvir a leitura.

O silêncio era absoluto. Os corações de todos os presentes estavam em suspenso com os olhos voltados ora para o médium, ora para o casal.

Os pais de Heitor não perdiam uma sílaba da leitura e sua emoção marcava, naquele ambiente de tanta fraternidade, o verdadeiro reencontro com o filho querido.

A carta que escreveu através da psicografia de Chico Xavier, assistida por 200 pessoas mais ou menos, está na sua íntegra aqui relatada, refletindo os lances dessa história e esclarecendo aspectos importantes do acontecimento que o vitimou.

A mensagem

“Meu pai e querida mamãe Miriã. Estamos na situação que, em verdade, não prevíamos. No plano físico a inteligência não se entrega a qualquer cuidado diante das idéias da morte. E é pena que não se tenha por aí alguma ponta de esclarecimento sobre o assunto tão grave, quão inevitável. As religiões nos deixaram quase sozinhos. Não fomos nós que as largamos desprevenidos e é muito difícil para o homem integrado nos seus próprios ideais refletir sobre os problemas da morte. Não posso queixar-me quando a complicação é de tantos. Aprendi, com meu pai, que ninguém nasce no mundo com o privilégio de uma estrela na testa. Deixemos as divagações e vamos ao que nos interessa objetivamente.

A sexta-feira fora de muita atividade e a estafa provisória nos apanhou em caminho. Tão fatigado me via, que nosso Fábio me aconselhou o repouso mais rápido. Não resisti ao apelo. Desligamos o motor e, com naturalidade como se estivéssemos em

nossa própria casa, curtimos a pausa, que nos pareceu necessária e oportuna. Acredito que o amigo velava, enquanto o sono me anestesiava a mente e os nervos cansados. Sinceramente, não conseguiria imaginar que alguém nos tomasse por malfeitores potenciais. Entretanto, de lado, conterrâneos ou amigos nossos espreitavam o carro parado com dois homens que não conhecíamos de imediato.

O que se seguiu sabem todos. Os homens armados chegaram com vozes altas. Acordei surpreendido e notei, mais com a intuição do que com a lógica, que os recém-chegados eram pessoas inofensivas, tão inofensivas que um deles tocou a arma sem saber manejá-la. O projétil me alcançou sem meio termo e, embora o tumulto que se estabeleceu, guardei a convicção de que o tiro não fora intencional.

O olhar ansioso daquele companheiro a desejar socorrer-me, Sem qualquer possibilidade para isso, não me enganava.

Ouçõ aqui muitas preleções sobre princípios de causas remotas com efeito presente, mas, por enquanto, penso que ali estávamos sob uma força inexorável do destino.

Refletimos, pais dedicados e amigos, em nossa querida Evelyn, mas isso foi por um instante rápido. A cabeça pendeu sem força para equilibrar-se nos ombros e os raciocínios se misturaram numa estranha gama de sofrimento e esperança, até que o sono me envolveu de todo.

Pai, é preciso muita força, para que a gente se veja assim sem idéias para o controle próprio. Escutava os gritos e as reclamações em derredor, mas tudo se distanciou de mim e fiquei só com a minha sonolência a me mergulhar na inconsciência total. Sonhei que me carregavam para sítio diferente da paisagem de Paranavaí, no entanto estava inabilitado a formular perguntas. Seria aquilo a morte? indagava a mim mesmo. Entretanto, o tempo não me proporcionou qualquer ensejo a novas inquirições e dormi profundamente até que despertei sob as atenções de um amigo que me seguia os movimentos. Depois do assombro natural, vim a saber que estava diante do vovô Heitor, nada mais que isso. E isso era a o bastante, para que me certificasse quanto ao transplante real de que fora vítima, não alimentei qualquer dúvida. Era um morto vivo naquele ambiente novo e devia ser um vivo morto no conceito da família e dos amigos.

Não fomos habituados ao choro ou fraqueza e muito menos ao temor: busquei entrar em nível de entendimento com meu avô

e a realidade se me fixou na cabeça: havia perdido a viagem, não colhera os votos que imaginara semear. Recebera o veto do destino e isso não devia me arrefecer o ânimo. Estou aqui sem muitas possibilidades de crédito porque até hoje nunca escrevi por mãos alheias, mas sou eu mesmo. Compreendo que o fenômeno é complexo, se um considerado ausente, com certidão de óbito, não tem facilidade de se identificar à frente dos vivos que ficaram num mundo de que este mesmo homem procede. Peço-lhes, porém, reabilitar o ânimo de mamãe, cuja palidez me assusta. Precisamos vê-la corajosa e imbatível. O mesmo acontece a Evelyn que não tem porque chorar ou lamentar-se. Se um pobre amigo, inseguro na própria função, foi vítima da própria dúvida, e se fui eu o escolhido para perder o corpo, não há razão para que ninguém se lastime. Formule votos aos poderes Divinos para que o acontecimento seja assinalado sem qualquer conotação política, de vez que o Fábio e eu repousávamos por alguns momentos ao lado de gente pacífica, mas naturalmente receosos de contato com aventureiros que enxameiam por aí.

Espero que o seu ânimo, pai amigo, prossiga com firmeza para adiante. Vejo-o em companhia de nosso amigo Freitas. Caminhem para a frente contornando as pedras da marcha sem dinamitá-las, enquanto prossigo aqui na direção da frente, rodeando os obstáculos sem a idéia de eliminá-los de vez. O tempo não falha e o espírito de serviço nunca se engana. Avancemos agora nessas bases de lealdade a nós mesmos, sem desconhecer o espírito de seqüência que rege todas as realizações. Estimaria continuar mas não posso, o avô Heitor e a vovó Maria, amigos do coração recomendam o estacato, fim de assunto e mudança de negócio.

Estou na fase de adaptação, como é compreensível, no entanto, sei que melhorarei mais depressa do que espero. Perdi o meu mandato provável na Câmara, mas não deixo de estar numa instituição nova, na qual os oradores, ou representantes de 'idéias renovadoras' que os animam, falam o que querem e como querem. Isso aqui nos cheira também à libertação e, pela mostra, já sei que disporei brevemente de muito pano para colaborar na renovação da vestimenta de nossa vida comunitária.

Muitas lembranças para Evelyn, e para os pais queridos fica o respeitoso carinho do filho e amigo que lhes deve tanto.

Heitor.”

Esclarecimentos

“O que se seguiu todos sabem: os homens armados chegaram com vozes altas. Acordei surpreendido e notei, mais com a intuição do que com a lógica, que os recém-chegados eram pessoas inofensivas, tão inofensivas que um deles tocou a arma sem saber manejá-la. O projétil me alcançou sem meio termo e embora o tumulto que se estabeleceu, guardei a convicção de que o tiro não fora intencional. O olhar ansioso daquele companheiro a desejar socorrer-me, sem qualquer possibilidade para isso não me enganara”.

Esse trecho da carta que o espírito do deputado Heitor de Alencar Furtado escreveu a seus pais através do médium Francisco Cândido Xavier, reduz responsabilidade penal de Aparecido Andrade Branco, o Branquinho, responsável por sua morte. A carta foi utilizada como principal prova documental juntada pelos advogados de defesa, Cylleno Pessoa Pereira e Marcelo Pessoa Pereira, no processo de Branquinho, no julgamento realizado dia 26 de setembro de 1984, no fórum de Mandaguari, PR. O depoimento do deputado federal Freitas Nobre, arrolado como testemunha de defesa e ouvido em Brasília através de carta-precatória, na presença do pai de Heitor, deputado Alencar Furtado, confirma a autenticidade da mensagem. Aliás, esta autenticidade é também conhecida pelo próprio deputado Alencar Furtado, que desistiu da assistência de acusação no referido processo, depois que recebeu as notícias do filho em Uberaba, 40 dias após o crime.

A apresentação da carta-mensagem como prova documental teve influência decisiva no resultado do julgamento. Condenado por cinco a dois, Branquinho foi considerado culpado de homicídio simples, com oito anos e 20 dias de detenção. Sendo réu primário, o juiz Miguel Thomaz Pessoa Filho concedeu-lhe o benefício da prisão-albergue desde que cumpra um terço da pena. Preso desde o dia 21 de outubro, quando ocorreu o desenlace de Heitor, ele deveria cumprir ainda oito meses para o cumprimento da pena na cadeia de Apucarana, no Estado do Paraná.

Foram três os argumentos utilizados pelos advogados de defesa: a desestruturação da Polícia Militar, que permite o trabalho de pessoas não qualificadas; a falha da prova testemunhal e naturalmente a carta, o argumento mais forte.

O promotor João Francisco de Assis afirmou não reconhecer

na mensagem, embora ela tenha sido testemunhada como autêntica por Freitas Nobre, prova legal válida Mas disse que não recorreria da sentença. Deve-se ressaltar que Freitas Nobre não afirmou a autenticidade da assinatura de Heitor, mas da mensagem e de sua recepção.

Caso nº 38

Nome: **Renê Oliva Strang**

Idade: **19 anos**

Nome do Pai: **Renê Oliva Strang**

Nome da Mãe: **Yone Oliva Strang**

Data e local de nascimento: **1/10/1959, em Ribeirão Preto - SP**

Data e local do falecimento: **6/7/1979, na rodovia Anhangüera - km 292 - SP**

Causa da morte: **acidente automobilístico**

Contamos com a colaboração do amigo e companheiro Arnaldo Mattin Orso, para realizar esta entrevista, aproveitando sua ida à cidade de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, onde obteve dados interessantes que submetemos, caro leitor, à sua apreciação. Renê Oliva Strang nasceu em 1/10/1959, na cidade de Ribeirão Preto, renascendo para a vida espiritual em 6/7/1979, por acidente na Via Anhangüera, km 292, próximo de Cravinhos, SP, juntamente com outro jovem, Sérgio Neves Zucolotto filho.

O jovem comunicante era filho do Sr. Renê Lima Strang e de dona Yone Oliva Strang, tinha instrução secundária e fazia preparatório para Administração de Empresas.

Era esportista, tenista de primeira categoria da Federação Paulista de Tênis, tendo passado um ano nos Estados Unidos aperfeiçoando-se na Academia Harry Hopman. Obteve diversos títulos, entre eles o de campeão brasileiro de duplas com 12 anos de idade, e o troféu internacional na Flórida (Heritage Oaks Júnior). Como os pais, tinha formação espírita.

Era calmo, sendo que jamais foi visto encolerizado. Simples no relacionamento com o próximo, dedicava aos mais humildes carinhosa atenção, e na intimidade familiar era meigo e afetuoso. Estimado por todos, fazia amigos com facilidade, pelo seu gênio extrovertido, brincalhão, de grande comunicabilidade. Adorava música, exímio dançarino; não tinha egoísmo, revelando em vida corpórea desapego às coisas materiais. Contava Renê 12 anos de idade, quando um dos benfeitores espirituais, do grupo espírita dirigido por seus pais, avisou-lhes que a permanência do jovem na terra seria breve, com grande possibilidade de que sua partida fosse por acidente, fato que se comprovou.

Os pais foram a Uberaba no dia 12/1/80, em visita ao médium Chico Xavier, quando receberam a primeira mensagem, portanto

seis meses após o acidente. Nessa primeira carta, citou nomes de pessoas de sua cidade, fornecendo dados que eram apenas do conhecimento familiar. Na terceira e na quarta cartas enviadas, fez uma revelação velada, mas que os pais conseguiram entender, pois envolvia delicada questão de compromisso moral que Renezinho desejava que os pais honrassem por ele, ou seja o reconhecimento da paternidade que assumira em vida e que a morte física inesperada não lhe permitira concretizar como desejava. Atendendo à solicitação do filho, os pais do jovem comunicante providenciaram a formalização legal do reconhecimento da paternidade dele, incorporando à família, na condição de neto, a criança que nascera.

Nesta sexta carta que ora transcrevemos, Renezinho extravasa seu contentamento, relata o compromisso assumido com a noiva, revelando que, no mundo espiritual, lutou para comunicar-se com urgência para esclarecer aos pais, entretanto os benfeitores espirituais recomendaram-lhe prudência e confiança.

Destacamos de sua mensagem: “Uma criança é sagrada perante a vida porque a vida lhe concedeu, em nome do Criador, o privilégio de viver e sofrer pela própria felicidade, viver e vencer”.

Essa revelação, segundo desejavam os mentores, deveria ser aproveitada para esclarecimento mais amplo no combate ao aborto. Nesses anos de trabalho, esse é o segundo caso de paternidade assumida pelo espírito comunicante, através das cartas-mensagens recebidas pelo médium Xavier. Podemos verificar a importância de que se revestem essas comunicações entre planos diferentes da vida, quer consolando, esclarecendo, e mesmo dirimindo dúvidas, através da psicografia.

Esses fatos reforçam em nós, criaturas humanas em trânsito pela carne, a certeza da sobrevivência de nossa personalidade após a morte física, e representam um ponto de partida para estudos mais aprofundados das responsabilidades espirituais que assumimos perante a vida imperecível.

A mensagem

“Querido papai Renê (1) e querida mãezinha Yone (2),querida Bel (3) e querida Tatá (4), com todos os nossos amigos, peço a Jesus nos abençoe.

Venho simplesmente agradecer. Papai e mamãe, estou feliz.

A nossa querida Izabel Cristina (5) conseguiu a melhor nota nas provas a que se submeteu. Tudo paz e verdade. Tudo foi uma promessa que a Divina Providência transformou em realidade, agradeço à mãezinha Yone quando fez lembrar o meu aniversário Inexpressivo em que as centenas de crianças em creches me fizeram chorar de alegria, recordando a imagem daquele a quem posso dizer agora 'meu filho'. Cada rosto mirim se regalava com as lembranças distribuídas, era a presença dele em meu coração. Pai amigo, muito obrigado. Com carinho o seu amor conduziu a minha bandeira para frente e compreendendo a sinceridade de nossa Izabel, você e a mamãe se me fizeram avalistas, até que as provas convencessem a nossa família querida.

Muitas vezes orei, eu que mal aprendera a fazer preces na anciã, muitas vezes orei, rogando a Jesus fizesse a realidade surgir diante de todos. E confesso, aqui à frente desta assembléia familiar: seria um crime esperar um filhinho e contratar um matrimônio com a provação de perder o corpo num desastre? Seria Um erro amar tanto, a ponto de não aguardar o consentimento dos familiares e dos amigos, a fim de revelar a extensão de minha escolha e a força da minha vontade? Os grupos sociais possuem os seus estatutos próprios e decerto são felizes quando lhes conseguem observar todos os parágrafos... Entretanto, o amor é uma luz da natureza que o cálculo humano não consegue condicionar. Seria uma falta imperdoável atender ao coração, antes que os códigos do mundo me aceitassem o gesto? E se esses códigos me recusassem a concessão que o meu próprio espírito mesmo me pedia? Tão pouco ser-me-ia o tempo, tão estreita a vida que a intuição me determinava... Seria justo confidenciar, aos pais queridos, quanto se passava dentro de mim, no entanto, estavam distantes aqueles amados amigos, aos quais, por força das Leis de Deus, sempre chamarei 'pai' e 'mãe'. Entre a perspectiva de que vivia os meus instantes finais no corpo ainda verde e a necessidade de confessar-me com os dois únicos benfeitores, os pais que Deus me concedeu, insisti com a companheira querida, que me exonerasse da aflição que me possuía... Estaríamos juntos e os pais queridos chegariam depois. Eu sabia que ambos concordariam comigo. Nunca me perguntariam se a querida Bel era senhora dessa ou daquela qualidade, não lhe achariam qualquer defeito, desde que eu, o filho que amavam tanto, igualmente a amasse. Izabel chorou, incapaz de sonegar-me a alegria da antecipa-

ção a que me propunha. Mais por devotamento aos meus desejos que para agradar a si própria, honrou-me com a sua bondade, irmanando-se aos meus propósitos. Foi um momento de Deus aquele que vivemos, porque o futuro se nos anunciava promissor. Falei de meus estudos e com sinceridade planejei a nossa casa porvindoura. Ela me ouvia pálida e enternecida, ignorando nós ambos que a morte me espreitava. E a morte me colheu à frente de Cravinhos (6), quando eu sonhava... Sérgio (7), o amigo, e eu, perdemos o corpo físico de um instante para o outro. E compreenderão o que atravessei no capítulo da inquietação, na certeza de que lançara numa nuvem de sofrimento e indagação aquela que amo tanto... Lutei para exteriorizar os meus desejos de comunicação com a urgência precisa. O vovô Valério (8) e a vovó (9) me auxiliaram. Que eu orasse e pedisse a Deus. Candidataram-me à condição de pai, de maneira prematura, e a Celeste Bondade se compadeceria do meu coração de rapaz correto, habituado a cumprir a palavra onde a confiasse. Buscamos o apoio de amigos experimentados em questões de intercâmbio e todos foram unânimes em recomendar-me prudência e confiança. Deus de amor infinito, meu filhinho nasceu (10) e chorei ao ver-lhe os olhos que se abriam à minha procura... A luta foi longa, mas Deus, por seus intérpretes, me concedeu a felicidade que recebi do Céu por brinde de aniversário. As provas requisitadas confirmam a verdade. Estou feliz notando que a nossa querida Bel está entrando na família, com o respeito e a simpatia de todos os meus entes amados, a lembrar-me a presença do companheiro honesto em minhas aspirações. Casamo-nos com Deus e Deus fê-la conquistar a nossa casa com a honra que merece. Agradeço a todos e exponho o meu caso, para dizer que o senhor não nos abandona, que o amor é invencível quando se une à confiança nos céus e que uma criança é sagrada perante a vida, porque a vida lhe concedeu, em nome do Criador, o privilégio de viver e aperfeiçoar-se, viver e lutar, viver e sofrer pela própria felicidade, viver e vencer. Pais queridos, muito obrigado. Mãezinha Yone, entrego-lhe uma filha assim como lhe confiei ao regaço de mãe um neto que é flor na árvore de nossas realizações. Agradeço ao papai René, à querida Ia lá, às irmãs e aos irmãos que as desposaram. Se choro é de alegria ao perceber que a morte não destrói o amor e nem anula a verdade, porque a verdade e o amor são de Deus. Aqui o vovô Valério e o vovô Gildo (11), a vovó e as nossas benfeitoras dona

Eufrásia Eugênia (12) e dona Edwiges Silva (13) compartilham de meus agradecimentos. Querida Izabel Cristina, estamos juntos 6 unidos. A nossa família é também sua e você é companheira de ideal e trabalho para cada um de nós. Abençoada seja a fé em Deus que nos amparou em todas as fases de nossa caminhada pura a luz de agora. Papai René e mãezinha Yone, muito obrigado! A nossa felicidade brilha entre dois mundos e Deus nos abençoe.

Renezinho.”

Sexta mensagem de René Strang pela psicografia de Chico Xavier no Grupo Espírita da Prece, no dia 3 de outubro de 1981.

Esclarecimentos

1 e 2 - Pais do comunicante.

3 - Forma carinhosa de chamar a noiva.

4 - Apelido da irmã de criação do pai de Renezinho, dona Clementina Alves de Oliveira.

5 - Nome da noiva.

6 - Cidade próxima de onde ocorreu o acidente.

7 - Sérgio Neves Zucolotto Filho - seu amigo vitimado no mesmo acidente.

8 e 9 - Avós paternos. O Sr. Valério foi titular do 2º Tabelião, falecido em 26/2/62.

10 - A alegria do espírito de René após o trabalho que desenvolveu para o reconhecimento do filho por parte de sua família.

11 - Gildo Oliva - avô materno, desencarnado em março de 1978.

12 - Dona Eufrásia Eugênia de Almeida - antiga professora de Ribeirão Preto, já falecida.

13 - Dona Edwiges Silva - não foi identificada pela família.

Caso nº 39

Nome: **WILLIAN MACHADO FIGUEIREDO**

Idade: **16 anos**

Nome do Pai: **Sr. Figueiredo**

Nome da Mãe: **Adelia Machado Figueiredo**

Data e local de nascimento: **4/4/1925, em Pedro Leopoldo - MG**

Data e local do falecimento: **25/9/1941, em Pedro Leopoldo - MG**

Causa da morte: **septicemia**

A equipe da **Folha Espírita** sente-se jubilosa pela obtenção de novos e esclarecedores dados relativos à psicografia do médium Chico Xavier, sobretudo pela obtenção de mensagens, antigas e que nos foram confiadas em seu teor original por dona Adélia Machado Figueiredo, já falecida, e que fazem parte do acervo de nossas pesquisas desde 1974.

Essas primeiras cartas foram recebidas pelo médium Chico Xavier, em 1934, na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, na residência do casal Herminio e Carmem Peracio, os iniciadores do médium da doutrina de Kardec. Dona Adélia não soube precisar a data da mensagem de sua tia Margarida.

A entrevista com dona Adélia, feita em Belo Horizonte, onde residia, resultou de um contato motivado pelas mensagens enviadas pelo filho Willian Machado Figueiredo, em Pedro Leopoldo, num total de 22 cartas.

A primeira foi enviada um mês e oito dias após o falecimento. Temos em nossos arquivos os originais das mensagens datadas de 2/11/1941 e de 13/12/1958. Willian nasceu em Pedro Leopoldo em 4/4/1925, verificando-se seu desenlace em 25/9/1941, por septicemia. Foi trazido para a primeira comunicação mediúnica pela avó Georgina e a tia Adélia Margarida.

Dona Adélia observou: “Houve transformação na maneira de Chico receber. A mão escrevia com muita dificuldade, como se a pessoa estivesse iniciando um processo de aprender. Chico esclareceu na ocasião que ele arrastava a perna, e ainda mancava da perna direita devido a um calo”. Disse-nos que conhecia Chico Xavier desde a infância, sendo ela, dona Adélia, a primeira pessoa a colocar o livro **Memórias do Padre Germano** nas mãos do médium. As cartas de Willian revelam profunda ternura, dedicação

e cuidados com a mãe, aquele amor filial que tanto caracteriza as virtudes do coração.

Queremos reconhecer em dona Adélia Machado, nesse mês dedicado às mães, a mãe abnegada que continua sendo no mundo espiritual, a mesma individualidade a refletir o amor divino.

A Doutrina Espírita fortalece os laços de família, mostrando-nos como é confortador saber que, aqueles que nos antecederam, tudo fazem para nos ajudar, quer na vida corpórea, quer no além. A esperança deve estar sempre em nossos corações, pois as leis divinas não falham, e o amor a tudo supera.

A mensagem

“Mamãe, eu estou ainda muito fraco, mas graças a Deus sinto-me bem melhor. Estou ainda a pensar muito na senhora, como é natural, mas aqueles que me guiam me recomendam a ter coragem e paciência. A senhora não chore mais, ouviu, mamãe? Lembre-se que o seu Willian precisava descansar daquela luta tão grande. Por alguns dias fiquei muito aflito, mas Deus teve muita pena de mim permitindo que eu fosse auxiliado. Ainda sinto certas coisas, mas me dizem que, quando eu desligar das coisas do mundo, que eu vou melhorar e que a ajudarei muito. Mas só ficarei mais forte, quando a senhora ficar completamente tranqüila. Não fique impressionada, não. Deus, que tem me ajudado tanto, há de ajudar a senhora e o papai também. Hoje lamento não ter aproveitado os seus conselhos e seus ensinamentos, como deveria, mas espero que ainda hei de ser útil ao seu coração carinhoso de mãe. Não escrevo mais, mamãe, porque não posso.

Lembranças aos meninos. Peço à senhora e ao papai que me abençoem e guarde no seu coração muita saudade e o amor filial do seu

Willian.”

Mensagem recebida em Pedro Leopoldo, em 24/11/1941, pelo médium Francisco Cândido Xavier, de pessoa com apenas um mês e oito dias de desencarnada.

Caso nº 40

Nome: **DOMINGOS DONIZETTI ZORNETTA**

Idade: **27 anos**

Nome do Pai: **Abílio Zornetta**

Nome da Mãe: **Lourdes Formenton**

Data e local de nascimento: **13/5/1956, em São Carlos - SP**

Data e local do falecimento: **14/8/1983, em Tucuruí, - PA**

O levantamento dos dados desta reportagem foram obtidos pela nossa companheira de pesquisa, Dra. Maria Julia de Moraes Prieto Peres, quando de sua visita ao médium Chico Xavier em setembro de 1984. Nessa ocasião, os irmãos Dimas e Domingos, num ambiente de grande emoção, que retratava tristeza e alegria, enviaram mensagens à mãe dona Lourdes e ao irmão Demevaldo, residentes na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo.

REVOLTA E ACEITAÇÃO

Conta-nos Valdo: “A dor chegou em nossos corações no dia 14 de agosto de 1983, em que se comemorava o dia dos pais. Era um domingo de muito sol, e como ocorria todos os domingos, minha mãe aguardava um telefonema de Tucuruí, onde trabalhava meu irmão mais velho Domingos Donizetti, que estava ausente há nove meses. Às 20h30 o telefone tocou, a minha mãe foi avisada por um amigo dele, que ao banhar-se nas praias do Rio Tocantins, meu irmão havia desaparecido às 11 horas aproximadamente. No dia seguinte, viajamos na esperança de que tudo terminasse bem. Após oito horas de vôo, soubemos que o corpo tinha sido encontrado na manhã de segunda-feira. Os amigos nos relataram que ele estava nadando, e, quando mergulhou não mais voltou, exatamente como consta na mensagem. Não acreditamos naquele momento e ficamos revoltadíssimos, pensando que ninguém quisera socorrê-lo. Eu não conseguia dizer nada, pois conhecia meu irmão e ele era bem cuidadoso, amava a vida. Vivia tudo intensamente. Enfim só a mensagem é que nos esclareceu aquele terrível ponto de interrogação. Após o sepultamento, que se verificou em Tucuruí, porque o corpo não tinha condições de viajar, voltamos para casa.

Fomos a Uberaba decorrido um mês do acontecido, mas infelizmente não conseguimos falar com Chico Xavier. A tristeza tornou conta de todos nós e ficamos sem saber o que fazer. Dimas foi ficando cada vez mais deprimido. Às vezes saía, sem dizer a ninguém por onde andara, nem à esposa. Cinco meses depois, as 17h30 aproximadamente, pelo telefone, uma moça nos avisava que meu irmão Dimas atirara na cabeça. No hospital, médicos e enfermeiros procuravam nos consolar, quando o Dr. Pedro avisou que ele tinha morrido.

Um grande abismo se abriu em nosso caminho, até que apareceu uma pessoa em minha casa nos conduzindo para receber passes na residência do Sr. Osvaldo Caetano. Esse senhor nos levou a Uberaba; era a quinta viagem para lá, mas, finalmente, tivemos a graça divina de receber as duas mensagens. Nossa vida mudou desde aquele instante. Deus abençoe sempre aquele bondoso médium.”

Vejamos a reação de dona Lourdes: “Soube depois que fomos agraciados por Deus com as duas mensagens. Nossa vida mudou muito. Estancamos as lágrimas de sofrimento e saudades por amor a Jesus que nunca nos abandona. Hoje já podemos sorrir e olhar o mundo com vontade de seguirem frente”.

A mensagem

“Querida mãe Lourdes (1), abençoe-nos.

Aqui está o nosso Dimas (2). Foi capaz de escrever. O tio Luiz (3) e eu trouxemo-lo à tua presença para que ele se manifestasse, entretanto ainda não consegue enxergar-nos. O projétil como que arrasou transitoriamente o crânio do irmão, que aos poucos IC recuperará.

Mãe querida, os espinhos dão rosas e as pedras conservam o ouro do chão. Recebamos as nossas provações de sentimentos voltados para Jesus, sei o que sua sensibilidade tem sofrido nesses meses últimos. O nosso Dimas pediu-lhe perdão pelo ato impensado e eu lhe peço perdão por haver partido de forma estranha nas águas pesadas do Tocantins (4). Os amigos convidaram-me paia alguns momentos de distração em Tucuruí (5) e não hesitei no mergulho no qual o coração parou de repente. Quando alcancei o fundo das águas não tive forças para retornar, viu-me atordoado, fora de mim, mesmo a refletir em sua aflição tão longe de mim,

quando alguém me ofereceu as mãos amigas e me falava em descanso. Era o tio Luiz a despertar-me para a realidade. Achava-me fatigado, tão fatigado que entreguei-me a ele sem conhecê-lo, como me entregaria a qualquer outro benfeitor que me estendesse auxílio. Dormi naqueles ombros fortes que me recordavam o tempo de criança quando em companhia de meu pai Abílio (6).

Mãe, não desanime. Aí estão o nosso Valdo (7) e nossos amigos. A sua família, e a nossa, é muito maior que julgávamos. A senhora continua sendo a minha estrela, por onde me volte nos caminhos da vida nova, eis-me a contemplá-la indicando-me as melhores estradas a percorrer. Agradeça, mãe querida, aos companheiros da hidrelétrica o que fizeram por mim. Peço-lhe que não chore mais, com tanto sentimento de solidão. Estamos juntos, o seu coração palpita em meu peito e o meu como sempre sucede, vive dentro de sua alma, a cujo amor tudo devo em esperança e consolação. Em seus momentos de prece, recorde-me com a minha fisionomia alegre de filho feliz. Quero que se sinta comigo de modo permanente. A nossa irmãzinha Sandra (8) vai seguindo muito bem, espero que ela possa trazer notícias a nossa irmã pelo coração de Dona Maria (9).

Valdo, meu caro irmão, receba o meu abraço e represente-nos junto da mamãe que nos enriquece de amor.

Querida mãe Lourdes, agora devo acompanhar o tio Luiz, no retorno ao recanto de tratamento, onde o nosso Dimas se encontra, presentemente. Receba por mim, querida mãe Lourdes, a própria vida de seu filho em sinal de carinho e da saudade que carrego incessantemente, de modo a me sentir sempre mais eu. E conquanto a minha desvalia, guarde comigo tudo de bom e belo que desejo e ainda não possui para lhe dar. Muitos beijos do seu filho do coração, sempre o seu Zetti (10).

Domingos Donizetti Zornetta.”

Esclarecimentos

1 - Lourdes Formenton

2 - Dimas Luiz Zornetta, irmão desencarnado em 8/1/1984.

3 - Luiz Zornetta, desencarnado em 15/10/1949

4 - Rio Tocantins, no estado do Pará.

- 5 - Local onde estava sendo construída uma hidrelétrica.
- 6 - Abílio Zornetta - pai, desencarnado em 24/6/1978.
- 7 - Irmão - Demevaldo Zornetta (Valdo).
- 8 - Sandra Maria Catoia Ordonho - desencarnada em 20/9/1970, amiga de escola.
- 9 - Maria Aparecida Catoia Ordonho (mãe de Sandra).
- 10 - Apelido familiar.

Mensagem psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier em 7/9/84 em reunião pública no Grupo Espírita da Prece em Uberaba-MG.

Caso nº 41

Nome: **DIMAS LUIZ ZORNETTA**

Idade: **25 anos**

Nome do Pai: **Abilio Zornetta**

Nome da Mãe: **Lourdes Formenton**

Data e local de nascimento: **19/4/1958, em S. Carlos - SP**

Data e local do falecimento: **8/1/1984, em S. Carlos - SP**

Causa da morte: **suicídio**

A família relata o esclarecimento de Chico Xavier, de que foi a primeira vez que um irmão trouxe o outro para dar comunicação.

Esperamos que a difícil experiência de dona Lourdes e de Valdo possa inspirar os que estão vivendo momentos difíceis. Na Doutrina Espírita encontramos respostas às nossas indagações.

Esclarecendo situações delicadas, confortando corações em sofrimento, dissipando dúvidas, advertindo quanto ao aproveitamento do tempo em ajuda aos semelhantes, ou trazendo ensinamentos edificantes, as cartas-mensagens representam enorme acervo ao nosso aprendizado. Através da psicografia do médium Chico Xavier, temos tido oportunidade de constatar esta assertiva, por mais de dez anos de observações e pesquisa, embora continuemos a nos considerar mero aprendizes diante de tanta grandeza.

A mensagem

“Querida mamãe Lourdes (1), peço-lhe a bênção.

Vejo a senhora com o nosso Valdo (2) nesse recinto de paz, mas não consigo enxergar as pessoas que nos cercam; sei que dois amigos me trazem aqui, mas ignoro quem sejam.

Mamãe, seu filho lhe pede perdão pelo que fez, conquanto saiba que agiu sob a pressão de inimigos invisíveis que me golpearam a mente. Eu não queria cometer aquele ato impensado, mas uma vontade muito forte me absorvia e parece-me que fui um simples autômato para aquele ou aqueles que me indicaram o suicídio como sendo o melhor a fazer. Tinha um monte de desculpas dentro de mim. Saudades de meu irmão Domingos (3), as dificuldades da vida e a luta constante por melhorar-me sem poder fazer isso, Andei por diversas ruas, pedindo socorro a Jesus por

toda parte, mas aquelas mãos enormes e duras pesavam nas minhas. Sei que não tenho desculpas e que devo assumir os meus próprios atos, mas a senhora não imagina como sofre. Por vezes, via o meu pai Abílio (4) de relance, como a solicitar-me juízo 6 calma, entretanto as outras vozes eram mais poderosas e mais fortes.

No dia sete tomei alguns tragos para ganhar coragem, sem saber o que oferecia aos meus infelizes agressores e no dia oito pela manhã já me achava transformado. A nossa Maria (5) me pedia paciência para aquela dor de cabeça e mal-estar. Ela arranjou algumas gotas de um calmante cujo nome não me lembro, mas recusei aquele auxílio, abrindo a camisa e mostrando-lhe a arma (pie eu trazia no cinturão. A esposa não acreditou que eu fosse capaz de gesto desesperador, mas sem esperar que ela viesse impedir-me os movimentos, levei a arma à altura da cabeça e disparei o gatilho. Ela gritou e eu, a esgotar-me na perda de forças, lembrei-me de repente os sacrifícios de mãe por nós, entretanto não tive tempo de recuar do mal que fizera a mim mesmo. Amigos chegaram atendendo aos gritos de Maria e correram comigo para o hospital. No entanto, ainda ouvi o médico, se não me engano Dr. Pedro (6), a dizer: é tudo inútil. Compreendi que a hora havia chegado 6 pedi socorro ao irmão Domingos e a meu pai Abílio, mas em vão. Os lamentos de quantos me rodeavam desapareceram dos meus ouvidos e me vi sozinho num pesadelo terrível em que tentava de balde retomar o meu corpo sem vida e nesse pesadelo estive muitas semanas, até que escutei vozes amigas a me convidarem para segui-las na direção do socorro de urgência. Eu estava cego e deixei-me conduzir para tratamento, nesse tratamento estou eu. E hoje essas vozes me convidaram a vir vê-la. Como se estivesse beneficiado por um prodígio que não sei esclarecer via a senhora Com o nosso Demevaldo. E chorei arrependido por tudo o que fiz refletidamente.

Querida mãezinha Lourdes, perdoe a mim que cai num sofrimento assim tão grande. Fito a sua face e a esperança me retoma o coração.

Lembro-me de seus dias de aflição em nossa casa e envergonho-me de pedir-lhe perdão e bondade que não fiz por merecer.

Mamãe Lourdes, dê-me as suas orações de paz e diga que me desculpa. Farei o possível para retomar-me do sofrimento em que ainda me encontro, a fim de lhe ser útil e a nossa Maria.

Sei que Deus nunca se empobrece de compaixão. Quanto mais infeliz está o homem mais ampla se faz a bondade do Pai Celestial. Ele me levantará por dentro de mim e concederá forças para ser seu filho outra vez, porque presentemente sou um trapo de dor e arrependimento.

Querida mãezinha Lourdes e querido Valdo, Deus nos proteja. É tudo que agora posso rogar em minha condição de penúria espiritual, mas mesmo nessa penúria, querida mãezinha, sinto-me ainda seu filho e conto com o seu perdão para a minha falta. Não posso escrever mais. Querida mãe Lourdes receba as lágrimas que me ficam por dentro da própria alma incapaz que me sinto de prosseguir escrevendo e lembre-se de que seu filho espera do seu amor tudo aquilo que hoje não mais tenho. Todo carinho com saudades imensas do seu filho

Dimas”.

Esclarecimentos

- 1 - Lourdes Formenton
- 2 - Irmão - Demevaldo Zornetta (Valdo)
- 3 - Irmão - Domingos Zornetta, desencarnado em 14/8/1983.
- 4 - Pai - Abílio Zornetta, desencarnado em 24/6/1978.
- 5 - Esposa - Maria B. Claudinho Zornetta.
- 6 - Médico neurocirurgião.

Caso nº 42

Nome: **ALLANN CHARLESS PADOVANI**

Idade: **15 anos**

Nome do Pai: **Orlando José Padovani**

Nome da Mãe: **Vilma Leticia Padovani**

Peta d local de nascimento: **4/8/1969, em Cascavel - PR**

Dato e local do falecimento: **24/11/1984, em Cascavel - PR**

Causa da morte: intoxicação exógena - administração de psicoestimulante

Allann Charless Padovani nasceu em Cascavel, em 4/8/1969 e retornou à vida espiritual em 24/11/1984, na mesma cidade. Era filho do Sr. Orlando José Padovani e de dona Vilma Leticia Padovani. Era estudioso, vivia feliz, pois tinha tudo o que desejava. Atencioso, sempre foi muito estimado por todos. Em dezembro de 1983, Allann e o irmão Marco receberam o certificado de conclusão do 1º Grau no Colégio Adventista. Cursava o 2º Grau, mas já havia terminado o curso de inglês. No mês de março de 1984, Allann, Marco Antônio e Fábio José, em companhia dos pais percorreram 5.000 quilômetros, no trajeto entre Cascavel e Rondônia (Vilhena), num ambiente fraterno, de feliz camaradagem.

ESCLARECIMENTOS PELA PSICOGRAFIA

A morte física do jovem Allann não tinha ficado bem esclarecida pois o **Jornal de Fato**, de Cascavel, em sua edição do dia 28/11/84, publicara em um de seus títulos “Delegado Federal pode ser enviado a Cascavel”, e do texto que compõe a matéria destacamos este trecho: “Não existem informações sobre os detalhes do acontecimento e a própria reportagem, que ontem procurou ouvir pessoas da residência onde acontecia a festinha, não conseguiu nenhum fato novo. Segundo as informações a vítima se encontrava fora da residência quando entrou em coma, sofrendo a primeira parada cardíaca, quando teria chamado dois amigos (Ringo e Juruna) em voz alta. Sabe-se que foi um dos amigos de Charless, numa caminhonete F-1000 que o levou à farmácia onde ele recebeu os primeiros socorros, sendo em seguida encaminhado ao Hospital NS da Salete. É possível que outros rapazes, que se encontravam no mesmo local, tivessem tido contato com o líquido, mas não existem informações de que outra pessoa tivesse ficado ruim ou

com dificuldades. Tanto o delegado local, como os familiares da vítima estão aguardando agora o laudo policial do IML que deve sair no final da semana, quando as investigações poderão tomar um sentido definitivo”.

Na primeira visita que o casal Padovani fez ao médium Chico Xavier, na cidade de Uberaba, em Minas Gerais, em 14/12/84, ele apenas disse ser muito cedo. A segunda entrevista foi no dia 8/2/1985, quando receberam a carta-mensagem.

O Sr. Orlando relatou como se verificou o encontro com o médium na segunda visita: “Chico Xavier disse à minha senhora que a Vovó Amália, volto a dizer, Amália Maria, está me dizendo que o Sr. Antônio Padovani está trazendo notícias de seu filho. Sentindo a surpresa de minha esposa, torna a dizer: ‘ele é desencarnado, minha filha’. ‘Chico, Antônio Padovani é avô de Charless e está vivo graças a Deus’, diz ela. Chico pede que fale comigo, que eu iria me lembrar. Retornamos ao hotel e falamos telefonicamente com nossa filha índia e com surpresa ficamos, naquele momento, sabendo que havia mais alguém na família com o nome de Antônio Padovani, trata-se do tio-avô de meu pai falecido há mais de 40 anos. Amália Maria Pascanhele era minha avó”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As autoridades encarregadas de elucidar o caso determinaram a causa da morte física, mas desconheciam os pormenores, acreditando num provável envolvimento de outro jovens. Pelos fatos expostos, podemos verificar que até a data da carta psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier permaneciam as indagações. Entretanto através da carta-mensagem tivemos a elucidação do caso.

Temos, nesta mensagem do Allann um alerta aos jovens, que eventualmente possam enfrentar situação semelhante.

A mensagem

“Querida mãezinha Vilma (1) e papai Orlando (2), estou aqui Cm companhia da senhora que me acolheu, e que me recomendou chamá-la de vovó Lina (3), a fim de trazer as minhas notícias e pedir-lhes para que me abençoe. Mãezinha Vilma, peço perdão

por ter sido causa a que chorassem tanto. Rogo a meu pai para que me auxilie com a sua compreensão de homem de bem.

Nunca imaginaria que o meu coração fosse um motor fraco, tão fraco no peito. De quando em quando, em meus exercícios estudantis, sentia aquela rajada de pensamentos sobre a morte que me invadia a cabeça. Você, Allann, não passará deste 1984. Esta frase parecia quase constante em meu cérebro. Se era algum amigo da vida espiritual que me assoprava semelhante afirmação, ainda não sei, mas aquele estribilho dançava dentro do meu espelho mental.

Procurava ocultar isso para não criar impressões negativas em casa, mas, depois de qualquer diálogo no curso, ouvindo os Colegas, eis que as palavras referidas me voltavam à mente.

Fiz muita força para remover este empecilho de minhas atividades nos estudos e, por fim, comecei a aceitar distrações que talvez não fossem as melhores para mim.

Nada de impróprio ou inconveniente. Eram pequenas tarefas de competição nas caminhadas a pé ou a procura de algum entretenimento, vendo cinema ou televisão, mas chegou um dia diferente, um companheiro me informou que o cheiro de benzina ou de éter nos auxilia a esquecer. Ele falava com tanta convicção que não hesitei em molhar uma pequena área da camisa com alguns pingos de benzina, perseguindo o esquecimento que eu desejava. A combinação foi efetuada entre jovens de minha faixa. No momento preciso, ingeri pelo trato nasal, tanto quanto pude, aquele cheiro, aliás desagradável, na esperança de afastar de minhas idéias a frase que já se tornara uma compulsão e tanto respirei aquele pedaço de camisa no propósito de escorraçar as palavras que me obcecavam que, em dado momento, me senti leve e fora do meu próprio corpo (4). Quis retomar minha vestimenta física e repor o meu aspecto no lugar justo, quando me senti no fundo de um poço imaginário, tentando acordar e ansiando dormir ao mesmo tempo, o sono acabou vencendo o meu desejo de readaptar ao corpo e caí num desmaio que não saberia descrever.

Alguns minutos transcorreram quando me vi sacudido por amigos que tudo faziam para me restituir à normalidade. Esforcei-me por responder àqueles apelos, entretanto algo se partira dentro de mim. Não consegui mover as mãos e muito menos falar. A idéia de que o meu coração parara de repente, ao modo de um despertador a que faltasse a corda precisa, e entrei numa

fase de medo que não posso lembrar sem sofrer. Ouvi as exclamações ‘Morto?’, ‘Então ele está morto?’. Apavorado, notei que daria tudo que pudesse para desmentir aquelas afirmativas, no entanto o corpo era um feixe de imobilidade e silêncio (5). Lembrei-me das orações que a mãezinha Vilma me ensinava em criança e comecei a recitar mentalmente. ‘O Pai nosso que estais no céu...’ (6).

Mas, muito antes de terminar, derivei num torpor absoluto, no qual perdi a consciência de mim próprio.

Quanto tempo gastei para voltar a mim mesmo ainda não sei... Sei que abri os olhos muito lentamente e notei que o lugar me parecia estranho, sem traço algum do nosso jeito doméstico. Chamei por mamãe Vilma e por papai Orlando, quando consegui recuperar a fala, entretanto somente uma senhora se acercou de mim e com palavras de encorajamento e de carinho. Com espanto, escutei os informes dela, solicitando-me que a chamasse por vovó Lina e me prometeu assistência e esclarecimento, declarando-me que o descanso ainda funcionava por remédio em meu auxílio na recuperação necessária, com os dias conquistei novas energias e pude voltar à nossa casa para ouvi-los a todos. A idéia de culpa me tomou de assalto ao ver as lágrimas de mamãe fixando minhas lembranças e senti em mim a dor silenciosa de papai que parecia envolver-me todo. Procurei as irmãs e os irmãos, um a um: índia (7) e a irmãzinha (8), o Marco (9) e o Fábio (10) e em todos surpreendi a mesma nota de amargura com que me havia acontecido e por mim mesmo as idéias de culpa se avolumaram e a vovó Lina me conduziu de novo à moradia que nos agasalha na vida espiritual.

Desde esses dias de visitas e voltas entre alegria e perturbação, vivo esperando um meio de lhes pedir perdão a todos, o que faço agora explicando que eu não conservava o hábito de cheirar qualquer substância tóxica. Tanto assim que meu coração frágil não suportou aquela carga de estranho aroma a conturbar-me o corpo todo.

Aqui está, pais queridos, o que me sucedeu. Diz a minha avó que eu nasci para demorar-me pouco tempo na existência física, e fosse pela proximidade da benzina ou de outro toque emocional mais forte, o coração estava sempre ameaçado de entrar na chamada parada cardíaca, que tanto agride fruto verde quanto assalta gente madura. Pais queridos, perdoem-me. Sei que não

preciso rogar desculpas a quem amo tanto, mas aproveito o ensejo, para repetir-lhes que o meu ato se originou de uma brincadeira de mau gosto que tive por experiência válida, para acabar com as minhas preocupações, sem motivo. Explicando o meu problema envio muitas lembranças aos irmãos e às meninas e peço-lhes permissão para me retirar. Mamãe Vilma e papai Orlando estejam tranquilos. Ninguém me fez mal senão eu mesmo e assim mesmo sem querer (11). Tudo se passou com a espontaneidade com que lhes exponho o acontecido e, mais uma vez, rogo-lhes para que me lembrem na Paz que sempre desfrutamos, paz de uma família feliz que sempre viveu e vive ainda entre as alegrias do trabalho e da fé em Deus. Aos amigos de Cascavel (12) as minhas saudações fraternas, pedindo aos pais queridos receberem muitos beijos, com um abraço do filho que continua sempre a ser o filho agradecido que não os esquece.

Allann Charless Padovani.”

Mensagem psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier em 8/2/1985, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG.

Esclarecimentos

- 1 - Sua mãe
- 2 - Seu pai
- 3 - Refere-se à bisavó materna de nome Lina Peyerl, desencarnada em 27/5/81.
- 4 - Descreve o desprendimento do seu corpo físico.
- 5 - Nesse instante constatou que não poderia voltar ao seu corpo.
- 6 - Lembra-se da oração que sua mãe lhe ensinara, revelando a importância desse ensinamento.
- 7 - 8 - 9 e 10 - Seus irmãos.
- 11 - Isenta de culpa os companheiros.
- 12 - Saudação que fez questão de transmitir aos amigos que deixou.

Caso nº 43

Nome: **CARLOS TELES SOBRAL JÚNIOR**

Idade: **25 anos**

Nome do Pai: **Carlos Teles Sobral**

Nome da Mãe: **Yolanda Sobral**

Data e local de nascimento: **29/1/1960, no Rio de Janeiro - RJ**

Data e local do falecimento: **15/2/1 985, em Cascais - Portugal**

Causa da morte: **acidente com arma de fogo (homicídio)**

Este é um caso singular. A psicografia do médium Francisco Cândido Xavier tem elucidado alguns óbitos por acidente com arma de fogo e que se tornaram destaque nos meios de comunicação do País. Entretanto, nesta carta-mensagem, verificamos o relato de um jovem sobre o seu próprio homicídio. Conseguimos falar com o Sr. Carlos Teles Sobral, na residência da filha Mônica, na cidade do Rio de Janeiro, enviando-nos os dados solicitados de Cascais, em Portugal, onde reside. Ele é aeronauta. O filho Carlos Teles Sobral Júnior, desencarnou na cidade de Cascais, em Portugal, por acidente com arma de fogo (pelo menos é o que consta no processo como causa do óbito). A polícia não conseguiu elucidar o caso. O rapaz era estudante. Os familiares procuraram obter esclarecimentos sobre o ocorrido na visita que fizeram a Uberaba, obtendo um bilhete: “Jesus nos abençoe. Notícias solicitadas serão recebidas oportunamente. Confiemos no amparo de Jesus, hoje e sempre”. No dia 18 de maio de 1985, portanto três meses após, Júnior envia a carta aos pais. Nela expõe acontecimentos do relacionamento familiar, mostra um perfil de sua personalidade, relatando com riqueza de detalhes como se verificou o homicídio.

Inicialmente afirma: “Meus pais, viestes aqui buscar a verdade. E estou aqui a fim de responder-vos”. Descreve depois: “...a meu ver não fui amigo de um homem que se habituara a passar rente a nossa moradia, suscitando-me o desejo de experimentar-lhe a paciência com os meus pensamentos de rapaz acriançado que eu era”. “Pois o inconcebível aconteceu. Ele esperou que o pai se ausentasse ligeiramente da casa e percebendo-me a sós, penetrou-nos o recanto e ao encontrar-me, despejou sobre mim o projétil que me estirou no piso do quarto. Estava sob a impressão de meu justificável espanto, quando, incapaz de mover-me, ainda

vi colocar em minha mão esquerda a arma que somente funcionaria, a rigor, em minha destra, largada à imobilidade da desencarnação”.

Além da verdade sobre o fato, Júnior revela que adquiriu experiência, rogando aos pais não acionarem o mecanismo policial.

Devem ser ressaltados dois fatos. A precocidade das respostas às indagações paternas, pois o rapaz deu notícias apenas três meses após o desenlace. O segundo ponto é o inusitado da situação, já que os pais não se davam conta das suas brincadeiras irresponsáveis. Ele afastou totalmente a possibilidade de suicídio porque lembrou que o assassino depositara a arma em sua mão esquerda. Seria o homicida canhoto? Carlos Teles Sobral Júnior não se interessa em saber; ele deseja que os pais não prossigam nas investigações. O seu depoimento é, acima de tudo, um corajoso testemunho aos jovens para que utilizem melhor suas energias, respeitando a vida do semelhante.

A mensagem

“Meus pais, viestes até aqui buscar a verdade. E estou presente a fim de responder-vos. Mãezinha Yolanda (1), enquanto cuidava de auxiliar a nossa Mônica (2), o papai Carlos (3) julgou prudente que me demorasse em Portugal, até que pudéssemos decidir detalhes de nosso reencontro, que ainda não sabíamos se no Rio ou em Lisboa.

Trabalhei como pude na pequena loja de música que papai Carlos muito generosamente levantou em meu benefício.

Os dias transcorriam sem novidades, mas creio que, por lembrar de meu temperamento folgazão, uma piada, uma brincadeira e aí um passeio qualquer constituíam o meu melhor alimento espiritual. Em minhas travessuras de rapaz, que deveria ajustar-se aos princípios renovadores cabíveis em minha própria idade, em minhas travessuras, repito, a meu ver, não fui amigo de um que li habituara a passar rente a nossa moradia, suscitando-me o desejo de experimentar-lhe a paciência com os meus pensamentos de rapaz acriançado que eu era (4). Se tivesse conhecimento de na passagem, ao lado de nossas portas, alegrava-me em vê-lo atarantado com os sustos que lhe impunha, especialmente em jatos de água a descerem do alto sobre o pobre passante.

Certa vez em que ele era seguido de uma criança, esculpi a figura de uma serpente em papelão pintado a caráter e controlava o animal imaginário com uma corda quase invisível para ele. Em dado momento, coloquei a estranha figura rente a ele e tamanha foi a sua reação, ao ver que a criança se tomara de terror, que o amigo, vítima de minhas brincadeiras de mau gosto, me chamou às contas e prometeu cobrar-me aquela grande série de emoções descontroladas a que lhe submetia o ânimo enfermiço. Pois o inconcebível aconteceu. Ele esperou que o pai se ausentasse de casa e, percebendo-me a sós, penetrou-me o recanto e, ao encontrar-me, despejou o projétil que me estirou no piso do quarto...

Estava sob a impressão de meu justificável espanto, quando, incapaz de mover-me, ainda o vi colocar em minha mão esquerda a arma que somente funcionaria, a rigor, em minha destra, largada à imobilidade da desencarnação (5). Não consegui chamar por socorro porque a hemorragia fulminante me subtraiu todas as possibilidades de movimento e, caindo no estado comatoso em que me vi, ainda lhe consegui observar a cautela com que se retirara de nossa casa, naturalmente receando qualquer punição aberta. Quem foi? Não sei. E creio que não devo saber porque seria doloroso para mim agravar o processo de tribulações em que nos vimos todos, de um momento para outro. Não vi o pai quando fui encontrado inerte. Minha visão física parecia anulada, mas, em compensação, uma senhora, que se me revelou na condição de minha bisavó Maria Pereira Nunes (6) que, às pressas, me retirou do quadro de minha provação. Em seus braços fortes e acolhedores consegui o sono que necessitava e, desde então, despertando transformado em meus sentimentos mais íntimos, refleti sobre a ocorrência que a polícia afinal não desvendaria.

E não sou eu quem vos vá pedir repressões para alguém que eu próprio excitara com atitudes infelizes. Por isso mesmo, peço-vos encerrar este capítulo de minha existência curta, no qual, ao que me parece, aprendi a fixar-me no respeito aos meus semelhantes. Mãezinha Yolanda e papai Carlos aí está a verdade, em torno do meu fracasso de rapaz que não desejava facear a vida com a responsabilidade necessária. Se puderes crer em mim, ficar-vos-ei muito grato, mas se não puderes, rogo não acioneis o mecanismo policial para descoberta do irmão que já se encontra suficientemente infeliz em si mesmo (7). Meu carinho à Mônica e recebi a veneração e o reconhecimento do filho que vos pede perdão

pelas leviandades a que tantas vezes vos levei e que se confessa iso filho sempre reconhecido.

Carlos Teles Sobral Júnior.”

Esta mensagem foi recebida em reunião pública na noite de sábado de IX de maio de 1985, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG, pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Esclarecimentos

- 1 - Yolanda - mãe
- 2 - Mônica - irmã
- 3 - Carlos - pai
- 4 - Refere-se às travessuras que costumava praticar.
- 5 - Esclarece que era destro e não canhoto, portanto difícil manejar a arma com a mão esquerda.
- 6 - Maria Pereira Nunes - bisavó
- 7 - Pede aos pais para não levar o caso adiante na justiça.

Caso nº 44

Nome: **LINEU DE PAULA LEÃO JÚNIOR**

Idade: **27 anos**

Nome de Pai: **Lineu de Paula Leão**

Nome da Mãe: **Elza Telles Faleiros Leão**

Data e local de nascimento: **12/7/1958, em Ituverava - SP**

Data e local do falecimento: **12/7/1985, em Campo Grande – MS**

Causa da morte: **acidente automobilístico**

O jovem comunicante deixou a vida física, por acidente, na cidade de Campo Grande, no dia em que completava 27 anos. Coursou o ginásio no Colégio Arquidiocesano e o colegial no Objetivo, ambos na cidade de São Paulo. Formou-se engenheiro civil em Belo Horizonte, Minas Gerais. Um ano antes do acidente, praticava com sucesso a sojicultura e a pecuária nas terras de propriedade de sua família. Seus pais lhe traçaram o perfil: “Modesto e humilde a mais não poder; jovial, honesto e sincero, simboliza sempre a alma reta, do povo ituverense, ao qual sempre proclamava, em alto e bom som, tinha a satisfação de pertencer. Filho boníssimo e carinhoso, tinha sempre nos lábios o sorriso franco e uma palavra de amizade aos que dele se acercavam”. Os pais de Júnior são aposentados e dedicam-se à agropecuária. Em janeiro de 1985 mudaram seu domicílio da capital de São Paulo para Campo Grande. O acidente foi na manhã de 12 de julho de 1985, quando Júnior, que na véspera havia dirigido sua caminhoneta por 860 quilômetros, dirigia-se ao centro comercial de Campo Grande. Rodava pela avenida principal com duas vias de tráfego, quando, num dos cruzamentos, estando com o carro parado no farol, foi abalroado, pela traseira, por um velho caminhão FNM, em precárias condições de conservação. Apenas Júnior pereceu carbonizado, num dos maiores acidentes de trânsito da cidade, com dez veículos envolvidos. O sofrimento instalou-se na família, tão inesperada e violenta foi sua morte, quando podia desfrutar as vantagens que os estudos e o trabalho lhe propiciavam. Na carta-mensagem Júnior relata o acidente, descrevendo pormenores.

Agradecemos o testemunho do Sr. Lineu de Paulo Leão e da Sra. Elza Telles Faleiros Leão, pois a dor e o desespero não os conduziram à revolta e à vingança, mas os fizeram retornar à religião. Eles entenderam o significado de algumas frases, mesmo

palavras que a mensagem transmite. Fatos e nomes só conhecidos dos dois e do filho, pois segundo o relato que fizeram, o médium lábia apenas o nome dos três e a data do acidente.

A mensagem

“Agradeço-lhes a presença confortadora e tentarei alinhar algumas notícias minhas. Naquele dia 12 as horas amanheceram com a fisionomia de lesta.

Notava a mãezinha Elza preocupada com a mesa que nos oferecia naquela marca dos 27 anos (1).

Não sei se estou enfileirando dados exatos, porque estou em Convalescença e recuperação.

Quero dizer-lhes, porém, que em mim tudo respirava vigor e tranqüilidade, sempre escudado na dedicação dos pais queridos.

Dispus-me a sair pela manhã de sol alto (2). Certamente o papai viria da fazenda ao nosso encontro (3). Pensei que deveria necessitar de algum dinheiro, trocando alguns de meus cheques com amigos nossos.

As horas seguiam na matemática dos ponteiros.

Parei o carro na retaguarda de outros vários que aguardavam o sinal, quando senti que um corpo pesado em demasia prensava o meu Alfa, ao mesmo tempo que aquele impacto me atingia a cabeça com violência.

Entontecido, de repente observei que algo de estranho me espancava a vida intracraniana e compreendi que fora vítima da ruptura de vasos importantes, sem que me fosse permitido falar.

Aquela estranha convulsão me apagara o raciocínio. Tentei recorrer à oração; entretanto, a coordenação de meus vocábulos, mesmo no pensamento, se fazia impossível.

Como se fosse transportado da inconsciência ao sono, vi a mim próprio fora do meu corpo, espantando-me com a dualidade de que o choque me fazia objeto.

Naquela atmosfera de penumbra, embora soubesse que o sol claro estava brilhando por fora de minha sonolência, avistei um homem de olhar compassivo que me estendeu as mãos esclarecendo:

‘- Lineuzinho, venha conosco; seu avô Aristides também está a sua espera!’

Tudo aquilo transcorria numa partícula mínima de tempo, quando ouvi barulho de explosão à retaguarda.

‘- Filho, sigamos!’ - falou o amigo generoso - ‘Não olhe para trás, porque, de agora em diante, os seus caminhos se desdobram para a frente!’”

Nesse mesmo instante, vi que vovô Aristides finalmente chegava e os dois entrelaçaram as mãos para que eu pudesse dispor de um abrigo para descanso (4).

Procurei ainda exercitar a palavra a fim de avisar que me achava a espera de meu pai Lineu, quando um torpor irresistível me submeteu a um sono agitado, que até hoje não consigo compreender.

Aquele sono era um labirinto de pesadelos, no qual observava estampados quadros vivos de minha própria existência.

Quis relutar contra o repouso, de modo a definir o que me ocorria; entretanto, o sono se fez mais profundo e perdi de todo a noção de mim.

Despertei num ambiente agradável, em que os dois amigos pareciam aguardar-me a conscientização.

Meu avô, embora atendendo as minhas dificuldades da voz, apresentou-me o companheiro da primeira hora:

Lineuzinho, este é o nosso Aristides Nery, de Igarapava. Ambos temos o mesmo nome.’ (5)

Fiz um aceno movimentando levemente a cabeça dolorida, na intenção de demonstrar a minha simpatia para com o desconhecido.

Nesse ponto de minhas lembranças, entrou uma senhora que se me deu a conhecer por mãe da vovó Joana e que até hoje me dispensa especial carinho (6).

Demorei um tanto a retomar a minha capacidade vocal e perguntei a meu avô se tudo aquilo que estava me acontecendo era a morte. Ele confirmou, trocando a expressão ‘morte’ por ‘desencarnação’.

Reconhecendo-me transferido à força para a vida diferente que, de certo, me aguardava para novas obrigações, passei a chorar, recordando os pais queridos, a nossa Sandra Maria e a nossa Iuciana (7), que não acreditariam naquela mudança compulsória (8).

Recordei Ituverava, os amigos da fazenda, além dos meus

laços mais íntimos e desatei o pranto que me banhou todo o rosto (9).

Meu avô compadeceu-se de mim e falou-me palavras de consolo e esperança, que me ficariam impressas na memória.

Depois de alguns dias, pude rever a família em Campo Grande e começava a pensar em suicídio, quando o vovô Aristides se incumbiu de erradicar de mim tais pensamentos, explicando com bom humor que eu já não conseguiria destruir o meu corpo de novas expressões e, usando o melhor de mim de que poderia dispor, deliberei aceitar a situação com a possível serenidade. Com isso, tranqüilizei os amigos que me cercavam e pude retornar a Campo Grande, amargurando-me com a tristeza da mamãe Elza, que não conseguiria me esquecer.

Foi então que, ao ler-lhe os pensamentos, como quem senhoreia textos de páginas e páginas, vim a saber que o Instituto Médico Legal me considerava vítima de queimaduras que a nenhum corpo humano é dado resistir (10).

Com todo o meu respeito ao IML, desejei aclarar a idéia de minha mãe sobre a intensa hemorragia interna que me expulsou do corpo.

Hoje venho confirmar isso, para arredar da cabeça de mãezinha e do pensamento de nossa Sandra Maria, a suposta informação de que eu teria sido vítima de queimaduras cruéis (11).

Isso não me aconteceu. Não me lembrei de queimadura alguma, de vez que não retratara nenhuma.

Se o fogo desmantelou o meu carro, não me alcançou de modo algum.

Mãe, peço-lhe coragem e fé em Deus.

As queimaduras mencionadas nas perícias, tanto me tocaram como as chamas atingem a roupa de alguém sem ferir esse alguém.

Peço à mãezinha Elza que diga minhas notícias a nossa Sandra e a nossa Luciana, a companheirinha que eu tomara, em breve, se Deus permitisse, para condição de minha esposa e tutora espiritual, no casamento que nos reuniria as esperanças (12).

Agora peço aos queridos pais serenidade e bom ânimo, com a certeza de que continuo em vida diferente, mas ligado à nossa existência comum.

Rogo ao papai Lineu conformação e paz em nosso favor, porque há muito que fazer para ele, unido a mim.

Nós ambos trabalharemos, quanto possível, para que o bem

se estenda aos outros, porque na verdade sou seu filho mas junto de outros rapazes, filhos de Deus quanto nós, que esperam quem lhes estimule o propósito de trabalhar e estudar (13).

Papai, a nossa vida não terminou e os nossos planos de agir para a execução do bem comum continuam comigo.

Mãezinha Elza, abençoe-me e fique tranqüila. As saudades são de nossa plantação recíproca.

Lembre-mo-nos de que a nossa Sandra e nosso amigo Fernandes, com a familinha iniciante, precisam de nós e tenhamos paz e coragem para a travessia das renovações de momento (14).

Muito carinho à nossa Luciana e muitas lembranças aos nossos de Campo Grande, da fazenda e de Ituverava.

O meu avô Aristides é de parecer que já transmiti as notícias que se faziam convenientes e que devo terminar.

É o que faço saudosamente, beijando-lhes reconhecidamente as mãos de pais queridos, lutadores fiéis e obreiros do bem, com o imensurável amor e o maior respeito do filho que lhes deve as maiores alegrias e pede a Deus conservá-los sempre e cada vez mais felizes.

Lineu de Paula Leão Júnior (15).”

Mensagem psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, na madrugada do dia 2/11 /85, em sessão pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG.

Esclarecimentos

1 - Júnior desencarnou no dia de seu aniversário, completando 27 anos.

2 - Realmente, dia 12/7/85, sexta-feira, nasceu de sol claro, numa manhã das mais belas.

3 - O pai de Júnior se encontrava, no dia do acidente, em uma de suas fazendas. Dias antes, comunicou-se por rádio, com seu filho, que se encontrava em Ituverava, informando ao mesmo que a festa de seu aniversário seria no sábado, dia 13, conforme combinação que fizera com a esposa e quando chegaria da fazenda. Júnior, porém, ao chegar ao lar, em Campo Grande, insistiu com a mãe que o pai viria na tarde de sexta, para seu aniversário.

Realmente seu pai veio. Avisado pelo rádio, ao meio dia de sexta do acidente ocorrido com o filho, chegou em casa não para a festa de seu aniversário, mas, sim, para o seu velório.

4 - Aristides de Paula Leão, seu avô paterno. Nasceu em 28/8/1888 e desencarnou em 6/5/1976. Homem de extraordinária bondade, espírita convicto, fazia da caridade o seu apostolado.

5 - Aristides Waldomiro Nery nasceu em 1/12/1883 e desencarnou em 29/1/1962. Kardecista vibrante, contemporâneo de Eurípedes Barsanulfo, palmilhou, tal como o mestre de Sacramento, a estrada da humildade, da caridade e do bem servir ao próximo durante toda sua vida. Residiu em Igarapava, de cujo Centro Espírita foi um dos fundadores. Repare que no diminutivo “Lineuzinho” era o chamamento comum com o qual o avô designava o neto, quando em vida.

6 - Etelvina Augusta Barbosa (Dona Filhinha), desencarnada em 3/12/1926, bisavó materna de Júnior e mãe de Joana Paleiros Teles, avó que vive em Ituverava (SP). É de se observar que a mãe de Júnior, no recôndito de seu coração, em suas preces, solicitava a Deus que se Júnior enviasse alguma mensagem, se possível, citasse o nome de dona Joana, da irmã (Sandra Maria) e que esclarecesse o acidente.

7 - Luciana Aparecida Rodrigues, namorada.

8 - Sandra Maria Leão Fernandes, irmã.

9 - Ituverava (SP), onde nasceu e onde restos mortais estão enterrados. Por mais longe que estivesse, mensalmente visitava a avó Joana, naquela cidade.

10 - Os laudos técnicos foram guardados pelo pai, que deles não deu pleno conhecimento à mãe. Esta, achando-os, leu-os, sem avisar ao esposo.

11 - Cumpre observar que o pai não foi citado. Este tinha plena convicção (por intuição e pelo resultado de palestras com as pessoas que primeiro assistiram ao acidente) que quando o filho fora carbonizado, já se encontrava morto.

12 - Luciana, ao que consta, foi a primeira pessoa a levar Júnior a um Centro Espírita. Segundo ela, ele discorria com facilidade sobre a doutrina Kardecista.

13 - Ao pensarem em obras de beneficência, o pai Lineu tendia ao auxílio à infância. A mãe, Elza, à velhice, Júnior aqui, como adivinhando o recôndito do pensamento dos pais, aponta novo caminho.

14 - Dr. Saturnino Fernandes, cunhado de Júnior, esposo de Sandra Maria, pais de um casal de filhos pequenos.

15 - Júnior tinha sempre costume de assinar o nome por completo.

Caso nº 45

Nome: **JOÃO GILBERTO DOS SANTOS**

Idade: **28 anos**

Nome do Pai: **José dos Santos**

Nome da Mãe: **Iracema Araújo dos Santos**

Data e local de nascimento: **5/6/1947, em Viradouro - SP**

Data e local do falecimento: **24/7/1 975, em Santo André – SP**

Causa da morte: **aneurisma cerebral**

Por indicação de um amigo, estivemos no bairro de Vila Curuçá, na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, para entrevistar o simpático casal, Sr. José dos Santos e dona Iracema Araújo dos Santos, pais do jovem João Gilberto dos Santos, que lhes enviou carta através do médium Francisco Cândido Xavier.

Nasceu o comunicante na cidade de Viradouro, Estado de São Paulo, em 5/6/1947, renascendo para a vida espiritual em M/7/1975, devido a um acidente vascular cerebral, um aneurisma. Filho dedicado e amoroso, cumpridor de seus deveres, deixou muitos amigos.

Os pais, de origem católica, procuraram o médium, em Uberaba, na esperança de obter notícias do querido filho.

São muito gratos ao Sr. Afonso Nitoli e a dona Zilda Giun-chetti Rosin que os assistiram fraternalmente nos momentos difíceis, após a separação física. A carta de João Gilberto contém muitos esclarecimentos, entre os quais destacamos este: "A verdade é que o meu desequilíbrio orgânico se concentrou na vida intracraniana e somente muito devagar fui reaprendendo a ouvir, falar, agir e pensar corretamente, no princípio aqui, onde me vejo agora, reconhecia-me quase criança".

Ressaltamos a importância dessa informação porque, de certa forma, esclarece a necessidade de adaptação do espírito à nova vida. Alguns crêem que logo ao deixar o corpo físico estarão em condições de se locomover e de se comunicar. A realidade é bem outra. As informações dos espíritos indicam que o tempo de adaptação de cada um será diferente, conforme o estágio evolutivo em que se encontre. Esses dados reforçam em nós a certeza de que os entes queridos que partiram necessitam de um tempo de adaptação ao novo plano, sendo necessário que os auxiliemos através da oração e de bons pensamentos.

A mensagem

“Querida mãezinha, meu querido papai.

Estou aqui pedindo para que me abençoem, tudo é muito estranho ainda para o meu raciocínio, sei que outra vida me acolhe, e se vim, talvez magnetizado pelas preces e pedidos de mamãe, noto, meu pai, que a bondade de minha avó Laudelina (1) que me tutelou por filho-neto é a força que me guarda. Escrevo sob auxílio, mas penso com rapidez e isso é para mim alguma coisa de inesperado e maravilhoso. Desde o dia 17 de julho, a data que me ficou na memória, vou recuperando mecanismos de pensar. Entendo que estive em Bartira (2), como peça em conserto que não chegou a seu fim, mas isso não foi assinalado por mim com precisão. Amigos daqui, como sejam meu avô Araújo (3) e meu Avô João (4) me explicam e me ajudam, não é, porém, muito fácil, readquirir nós mesmos, tais quais éramos, assim de uma vez só. Creio que outros companheiros terão experimentado processos diferentes. A verdade é que o meu desequilíbrio orgânico se concentrou na vida intracraniana e somente muito devagar fui reaprendendo a ouvir, falar, agir, e pensar corretamente, no princípio, aqui, onde me vejo agora, reconhecia-me quase criança. Minha avó Laudelina, de quem possuía a imagem mas não o conhecimento pessoal me ensinou a reconhecê-la e me retirou do Hospital como quem se responsabiliza por um menino doente. Parece, mãezinha, que o sofrimento é mesmo uma força. Um força propulsora que nos garante os impulsos de normalidade onde marcha para a frente. Enquanto o meu estado era de torpor, tudo era calmo em torno de mim, no entanto, ao melhorar-me, comecei a ouvir suas lágrimas faladas e suas queixas silenciosas nas orações. A luta para soerguer-me e consolar a senhora, a ânsia de dar meu pai a conhecer o que se passava foi muito grande, porque em tudo o que me alcançava, vindo de nossa casa, era o desejo de mamãe querendo encontrar-me ou morrer. Bendita as nossas lágrimas, porque seu filho, mamãe, também chorou e chorou muito. Comecei a imitar suas preces e rogativas, éramos ambos dois corações separados por um agente de energias vivas, assim qual cordão elástico. De um lado, o seu desespero e do outro o meu terrível conflito, em que a senhora, meu pai, nossa Vanice e os irmãos estavam juntos. E aqui estou para rogar-lhe que viva, para pedir-lhe serenidade e conformação. A Morte não encerra os movimentos da

vida. É como se virássemos uma página no livro de nossas experiências, e dessas experiências novas em que seu filho se vê, volto agora para solicitar esperança e tranquilidade. Ajudem-me para que eu possa ajudar em casa. Estou necessitando desse amparo, a fim de fortalecer-me. Mamãe, se as suas lágrimas vierem do coração coloque em todas elas o nosso amor e a nossa confiança na bondade de Deus. Assim terei o caminho iluminado com as suas bênçãos. Creio que seria uma descaridade impedir em nós e naqueles que nos amam o privilégio de chorar, mas é preciso que o nosso pranto se faça gratidão e paz, certeza do bem e reequilíbrio da vida, choremos, sim. Estamos agora longe uns dos outros e de vovó Laudelina que a saudade também é de Deus. Entretanto, querida mãezinha, transformemos a nossa dor em alegria, criando alegria para os outros.

Auxiliem por mim aqueles velhinhos de Santo André, mamãe, é tanto amor a distribuir na conta do amor que devemos aos nossos semelhantes que esperam as suas mãos nas minhas para, outra vez, sonharmos juntos num mundo melhor, edificando algo de bom.

Conforte a nossa querida Vanice (5). O sofrimento da noiva querida me doeu intensamente na alma, entretanto, peço a ela para que se renove e creia na felicidade, porque a moldura pode mudar, no entanto, o quadro da alegria dos que cultivam fé em I nus, e brilhará sempre no campo de nossa vida. Sou agora para ela um irmão e o devotamento fraterno é igualmente um tesouro dividido entre os corações que se reúnem nas mesmas faixas de pensamento, Vanice é admirável, é aquela menina correta e nobre que nasceu na terra para ser feliz. E não me esquecerei disso aqui. Peço, assim, aos pais queridos para que me auxiliem, José Roberto e Shirlei (6) e os nossos queridos do grupo familiar, 16 pudesse, também eu quereria abençoar os sobrinhos e partilhar com os irmãos as alegrias dos lares desdobrados de nosso querido lar. A lei de Deus pediu outro rumo e estou contente. Mamãe não se aflija por seu filho. Estou bem. Vovó Laudelina afirma que a senhora sabe que estou bem cuidado. É grande a certeza QC que a nossa união não termina. Deus não nos traria paia a vida para mie nos despedíssemos uns dos outros para sempre. Tudo o que a senhora lembra do dia em que me viu prostrado não se resume num adeus. Tudo, mãezinha, é amor, conversando, clamando, esperando, pedindo e buscando apoio, Peço a sua calma

e espero que meu pai siga firme com as nossas atividades. Agradeço-lhe por tudo, especialmente porque me deram aquilo que poucos filhos no mundo conseguem receber, a formação para o dever retamente cumprido com o coração dirigido para a fé sincera em Deus. Não posso escrever mais. É preciso agora descansar da emoção. Isso é tão difícil de compreender, mas na realidade sou aqui alguém lembrando uma parcela somente, num apegado de forças. Vovó Laudelina é quem me garante com mais amplos recursos para escrever. Lembrem-me no trabalho e no estudo forte e feliz. A imagem que me enviam diariamente recordando o que não fui e nem sou me causa muita estranheza. O corpo inerte, o leito cercado de socorros médicos e por fim aquelas últimas demonstrações de distância e de dor me assustam por dentro. Somos vivos e queremos ser lembrados nessa condição que nunca se apaga. Papai, não deixe a mãezinha fraquejar e auxilie-nos. Mamãe, querida mãezinha, levante o coração na luz da prece e aguardemos o amanhã sempre melhor. Nada tenho de bom para oferecer-lhes hoje, no entanto, reparto com os dois todo o meu coração, renovando os meus agradecimentos rogando a meu pai e a mãezinha querida receberem o beijo carinhoso do filho.

João Gilberto.”

Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier em reunião pública, na cidade de Uberaba, no dia 26/3/1976, pelo espírito de João Gilberto dos Santos.

Esclarecimentos

- 1 - Avó Laudelina da Conceição - avó materna falecida em Viradouro em 1933.
- 2 - Hospital Bartira - local onde foi internado.
- 3 - José Rodrigues de Araújo - avô materno falecido em Viradouro em 1960.
- 4 - João dos Santos - avô paterno falecido em Viradouro em 1962.
- 5 - Vanice Crescine - sua noiva.
- 6 - José Roberto e Shirlei - seus irmãos.

PARTE II

APRESENTAÇÃO

Não há, na história mundial do espiritismo, médium psicógrafo mais notável que Francisco Cândido Xavier. Há, sem dúvida, outros, numerosíssimos, que deram ou continuam dando preciosa contribuição psicográfica para a difusão nacional e internacional da doutrina espírita após os estranhos fenômenos ocorridos em Hydesville, Estado de Nova York, em 1848. Como exemplo apenas, basta lembrar as meninas que, com mensagens e respostas dos espíritos às perguntas de um cultíssimo pedagogo francês, o professor Denizard Rivail, contribuíram para estabelecer, na segunda metade do século XIX, as bases da doutrina espírita e da codificação kardequiana.

Nenhum deles, porém, poderá comparar-se, em duração de atividades, ao menino pobre e ignorante do interior de Minas Gerais, que, tendo começado a escrever as primeiras poesias mediúnicas aos 17 anos, continuou escrevendo ininterruptamente até os dias de hoje, já entrado na casa dos oitenta. Nem ao humilde funcionário público de curso primário que, durante 62 anos, transmitiu dezenas de milhares de mensagens instrutivas e confortadoras, e mais de 300 obras doutrinárias, filosóficas, históricas, científicas e literárias — em prosa e em verso — muitas delas traduzidas para 33 línguas, 30 delas impressas em Braile, atingindo um total mundial de exemplares calculado em cerca de 18 milhões. Difícil será citar escritores que tenham alcançado tal sucesso editorial e, diga-se de passagem, sem o menor proveito material. “Não vou receber nada por trabalhos que não escrevi”, vive repetindo o médium.

Mas fácil é entender por que o Chico se tornou a figura mais representativa do espiritismo brasileiro e mesmo latino-americano, embora alguns setores menos cautelosos tenham tentado, infelizmente, transformá-lo em espécie de oráculo infalível e onis-

ciente. Fácil também é entender por que, a convite de entidades espíritas e parapsicológicas, visitou Estados Unidos, Inglaterra, França e Espanha, onde transmitiu comunicações em línguas que não conhece, até mesmo em luxemburguês. Quanto à grande maioria a dos meios de comunicação não-espíritas, mantêm-se eles, modificando expressão hoje muito conhecida, em “silêncio respeitoso”. Na única vez em que o silêncio foi quebrado e em que alguns sensacionalistas resolveram “desmascarar” o médium, o tiro lhes saiu pela culatra, ecoando até hoje, para não mais se repetir.

Mas não está terminado este curto resumo da vida de Chico Xavier. Por volta dos 57 anos, hora de começar a pensar em descanso, recebe ele, em sua cidade natal de Pedro Leopoldo, um casal desesperado pela morte acidental de um filho. Esse “morto” entende-se com os pais, descreve-lhes exatamente as circunstâncias do acidente, demonstra estar vivíssimo, pede calma e resignação. Conta episódios de sua vida terrena só conhecidos da família, manda abraços para parentes e amigos, todos bem identificados; conforta a todos e, ainda por cima, descreve sua recepção no “outro lado”, citando pelo nome familiares e amigos que o recederam na desencarnação.

O fato se propaga e milhares de famílias vão procurar o médium, em Pedro Leopoldo e em Uberaba, onde são igualmente reconhecidas e confortadas pelos filhos “mortos”, vítimas, em maioria, desse instrumento infernal de desencarnação involuntária que é a tão desejada quão temerosa “moto” da juventude. Muitos desses casos constam de vários volumes já publicados. Mais de uma centena de outros são de conhecimento direto da Associação Médico-Espírita de São Paulo e da **Folha Espírita** que julgaram haver, em 45 deles, material suficiente para uma ampla análise crítica e científica do assunto, baseada em dados programados por essas organizações com a cooperação do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas.

Os espíritas e outros estudiosos do assunto encontrarão nesse estudo panorâmico nova e abundante confirmação do fato mediúnico. Os que pensam que o médium apenas capta radiações mentais dos familiares ficarão em grandes dificuldades para explicar as referências a ocorrências não conhecidas de ninguém mas confirmadas subsequentelemente. Além do mais, não há telepatia que leve um homem como o Chico a escrever longa e corretamente em italiano, utilizar-se de expressões hebraicas e apor assinaturas

dos desencarnados reconhecíveis por qualquer tabelião terráqueo.

E foi assim que Francisco Cândido Xavier, octogenário, doente, pobre e humilde como sempre, se viu repentinamente envolvido em números, porcentagens, gráficos e estatísticas e, adequadamente “bitado e byteado”, mergulhado no “hardware” dos computadores, como apropriado às vésperas do século XXI, para mais uma vez demonstrar que a vida do espírito continua após a morte do corpo.

Abrahão Rotberg

CAPÍTULO I

A SOBREVIVÊNCIA DO ESPÍRITO E AS PESQUISAS DO SÉCULO XX

A idéia de vida após a morte, diz Louisa Rhine, tem sido reforçada por ocorrências psíquicas que sugerem a ação de pessoas desencarnadas.

“Todos os fatos e observações que possam ser coletados, como todos os dados de investigações e pesquisas realizadas com a finalidade de pôr em evidência sua realidade, deverão ser considerados e apreciados, por constituírem amplo material sobre o qual se possibilitará a ampliação de conhecimentos e a melhor compreensão da natureza íntima do homem e seu destino.

A abordagem desse problema - o tratamento experimental da questão da sobrevivência - tem sido realizada mediante estudo de médiuns - indivíduos que parecem trazer comunicações de mortos através de escrita automática, transe etc.

Estudos sobre vários médiuns, sob severo controle, merecem ser chamados experimentais, pois foram conduzidos de tal maneira que excluem o conhecimento sensorial do médium, sua capacidade de raciocínio e a possibilidade, por parte da pessoa que procurou a comunicação através dele, de revelar inadvertidamente algo sobre o morto.

Além disso, o material recebido nessas condições deveria ser julgado correto ou incorreto pelas pessoas a quem eram dirigidas as mensagens e a outras, e neste julgamento estaria uma possível causa de erro.

O processo de experimentação, não há dúvida, seria estimulado por um grande número de experiências relatadas, suficientes para dar uma variedade sugestiva e um grau de segurança de que há aqui, realmente, dados que exigem investigação. Pode ser que muitas outras dessas experiências possam ser encontradas se o seu valor e significância venham a ser melhor apreciados.

É razoável supor que, se há personalidades desencarnadas

e se elas podem influenciar e comunicar-se com os vivos, elas o podem fazer com alguma freqüência.

Possivelmente a evidência está aí à disposição, desde que os olhos estejam atentos a ela.”

Essas ponderações de Louisa Rhine, no seu livro **Hidden Channels of Mind** são válidas ainda nos nossos dias e são justificativas básicas para este trabalho sobre mensagens de Chico Xavier, recebidas dentro desses princípios. Outras opiniões de cientistas renomados e acatados devem ser conhecidas. Wilder Penfield, eminente neurocirurgião, assim se expressa: “Na verdade nenhum cientista, por força de sua ciência, tem o direito de legar seu julgamento sobre crenças pelas quais os homens vivem e morrem”. Ainda, “É óbvio que a ciência não pode fazer atualmente qualquer afirmação no que diz respeito à existência do homem após a morte, embora todo homem que pensa deve perguntar sobre este assunto”.

Elisabeth Kubler Ross, psiquiatra suíça e tanatóloga, mundialmente reconhecida pelos meios científicos, assim se expressa sobre a aceitação de suas idéias: “Precisamos, nós os cientistas, aceitar humildemente, que existem milhões de coisas que não podemos ainda entender. Isto não quer dizer, porém, que estas coisas, apenas por não poderem ser entendidas, não possam existir e que possam tornar-se realidade”.

Para Wilder Penfield: “Nenhum cientista deverá iniciar seu trabalho com concepções prefixadas. Assim, convém que cada um de nós adote uma hipótese pessoal (crença, religião) e um lipo de vida sem esperar por uma palavra final da ciência sobre a natureza da existência do homem”.

Os Drs. Karl Osis e Erlendur Haraldson, parapsicólogos e psicólogos, pesquisadores reconhecidos na área da investigação psíquica, em seu livro publicado em 1977, **At the Hour of Death** assim se expressam relativamente à aceitação de suas idéias pelos meios científicos: “Nem a filosofia nem qualquer outra autoridade estabelecida é para nós o último árbitro do conhecimento. Aceitamos que um corpo coerente de dados averiguados com objetividade razoável, é o que pode determinar o que é, o que não é, e o que pode plausivelmente existir”.

“Se é assim, o que nos pode dizer a ciência sobre o problema da morte e a possibilidade de outra vida?”.

Elisabeth Kubler Ross, prefaciando essa obra dos Drs. Karl Osis e Erlendur Haraldson, assim se expressa: “Graças a este traba-

lho, podemos finalmente entender que a morte física não é o fim, porém um novo iniciar. Uma transição para uma forma elevada da consciência”.

A sobrevivência do espírito após a morte do corpo físico - tópico básico e fundamental deste trabalho - tem sido preocupação permanente dos investigadores em todas as épocas. Sua aceitação pelos povos primitivos e antigos era apreciada pelos seus hábitos e costumes de enterrar seus mortos, com a preocupação de colocar em seus túmulos alimentos, roupas, armas etc.

No final do século XIX, após o surgimento do Espiritismo, codificado por Allan Kardec em 1857 com **O Livro dos Espíritos**, várias personalidades da época, interessadas na solução do problema da sobrevivência, vinte e cinco anos após o aparecimento de **O Livro dos Espíritos**, obra básica da Doutrina Espírita, fundaram a Sociedade de Investigação Psíquica de Londres. Seus membros muito ativos, Myers, Gurney e Frank Podmore publicaram já em 1886, uma série de casos estudados com o título de **Fantasma dos Vivos**.

O acervo de casos coligidos e existente na sociedade é muito grande e de alta significação para o esclarecimento da sobrevivência. Nomes como Lodge, Myers, Crookes e muitos outros salientaram-se no interesse da pesquisa e busca de evidências e provas incontestáveis da sobrevivência. Myers propõe o estudo de mensagens cruzadas, em que as informações são transmitidas parcialmente por diferentes médiuns em vários locais. Somente a reunião de todas as mensagens parceladas, e sua interpretação, revelavam o conteúdo total delas. O próprio Myers, desencarnado, transmitiu este tipo de mensagem, para demonstrar o que admitia quando encarnado. Vários estudos foram realizados na época por pesquisadores sobre mensagens do Além através dos médiuns. Encontram-se na literatura estudos realizados com a famosa médium Mrs. Pipers, nos EUA, e com Mrs. Leonard, na Inglaterra. Essas pesquisas, muito bem conduzidas e controladas, procuravam mostrar a sobrevivência do espírito após a morte física e a possibilidade de sua comunicação com os encarnados. Todavia, apesar de todo o acervo da Sociedade de Investigação Psíquica de Londres, **ainda assim não houve unanimidade** para aceitar as experiências mediúnicas como evidências em favor da sobrevivência! Provaram que existe amplo corpo de indícios circunstanciais e experimentais a indicar a possibilidade de a personalidade humana sobreviver à

morte do corpo físico, porém jamais conseguiram provar tal possibilidade. Do ponto de vista científico propriamente dito, são da maior relevância, no tocante à existência do espírito (mente), as monografias do **Dr. Wilder Penfield: The Mystery of Mind**, 1975 e **The Wonder of Being Human**, 1985, de autoria de Sir John Eccles, prêmio Nobel de Medicina, e Daniel N. Robinson.

W. Penfield, declarando que, após 30 anos de neurocirurgia e estudo de neurofisiologia com crânio aberto, durante cirurgia com anestesia local, através da excitação de partes cerebrais com microeletrodos etc, **chegou à conclusão que o cérebro não explica a mente (espírito). A mente (espírito) está fora do cérebro. A mente é um programador e o cérebro é um computador!**

Sir John Eccles, mostrando que há corpo material e espírito (mente), praticamente emite os mesmos conceitos de Wilder Penfield.

Em 1977, juntamente com Karl R. Popper, publica Eccles, o livro **The self and its Brain**, onde são ventilados, examinados, discutidos, criticados e avaliados todos esses conceitos. Essas opiniões abalizadas de cientistas sobre neurofisiologia, são de grande dualidade e trazem esclarecimentos de alta magnitude relativos ao problema mente (espírito), cérebro - corpo - alma. Esses aspectos são de importância para a avaliação do que representa e significa esse trabalho sobre as mensagens de Chico Xavier.

Sir Charles Sherrington, prêmio Nobel de Medicina em 1930, admite também a proposição de que nosso Ser consiste de dois elementos fundamentais: a mente (espírito) e cérebro (matéria).

Nesse particular, devem ser lembradas palavras de Michael Sabom, Professor de Cardiologia nos USA, em seu livro - **Recolletions of Death. A Medical Investigation**, 1982: “Dizer que uma idéia não foi ainda aceita do ponto de vista científico, não quer dizer que **tal idéia não deveria pelo menos ser cientificamente considerada como uma possível explicação para um fenômeno inexplicado**. Pois, a **premissa de neutralidade objetiva** é que tem feito do método científico processo tão útil da investigação: - **todas as hipóteses possíveis devem ser cuidadosamente examinadas antes de chegar-se a uma conclusão**”.

Os conceitos desses cientistas devem ser aceitos e utilizados dada a respeitabilidade da fonte que os emitiu.

Admitida a existência do espírito, o que o Espiritismo o faz, defende e apregoa, e o reconhecimento da existência da mente

(espírito) e do corpo por parte desses cientistas eminentes, considerados e respeitados no seu meio, o problema da sobrevivência, e também o da reencarnação, se engrandece e robustece consideravelmente em seus fundamentos.

Nessas condições pode ele ser melhor estudado e avaliado, analisado e criticado e reconhecida sua importância.

Várias publicações científicas são hoje encontradas abordando o problema da existência do espírito (mente), da sobrevivência e da reencarnação, que analisaremos concisamente a seguir.

O trabalho do prof. Ian Stevenson, publicado no **The Journal of Nervous and Mental Disease** vol. 165, nº 3, sept. 1977: **Investigação sobre Evidência da Sobrevivência após a Morte** e todas suas publicações e livros sobre Reencarnação, constituem obra de leitura obrigatória para todos aqueles que procuram informações a respeito do espírito, sobrevivência e reencarnação. De fato, esses trabalhos fundamentais trazem evidências muito ponderáveis e significativas da existência do espírito, de sua sobrevivência e da possibilidade de reencarnação.

Entre nós, o Dr. Hernani Guimarães Andrade, fundador do IBPP - Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, engenheiro, parapsicólogo e pesquisador das coisas do espírito, publica em 1988 o livro **Reencarnação no Brasil**, onde são analisados certos casos que sugerem **renascimento**, dentre os numerosos outros do arquivo do IBPP. Digno de leitura e estudo pelos interessados no assunto.

Nos trabalhos do prof. Stevenson e Dr. H.C. Andrade são encontradas citações e referências aos trabalhos pioneiros do Dr. Banerjee sobre memória extracerebral etc. e sua contribuição ao tema.

O parapsicólogo Mylan Ryzl - **Phaenomene Aussersinnlich Wahrnehmung** estuda o problema da vida após a morte, procurando afastar a hipótese espírita e invocando a ESP e a teoria animista para esclarecê-la, porém conclui constatando que a vida depois da morte - em qualquer forma - ainda não foi demonstrada, porém existe como possibilidade.

Em 1981 publica monografia com o nome **A Morte e o que Vem Depois** em que afirma que o homem continua a viver mim mundo espiritual... e alerta para a nova ciência - a Transcendentologia!

O prof. W. Tenhaeff, de Utrecht, Holanda, parapsicólogo

dos mais acatados, em seu livro **Kontakte mit dem Jenseits: Der Spiritismus Report** diz: “Não acredito pessoalmente possa a parapsicologia afastar completamente a hipótese espírita”.

O prof. Hans Bender, de Friburgo, Alemanha, em sua **Parapsychologia**, 1970 procura explicar o fenômeno através da telepatia e clarividência. Todavia em certos casos a hipótese espírita não pode ser refutada.

O psiquiatra e parapsicólogo sueco Nils O. Jacobson em seu livro **Vida após a Morte?** analisa o problema da sobrevivência. “Admite” que o conjunto de experiências humanas e evidências empíricas é **condizente** com a hipótese da sobrevivência. Parte do material é melhor explicado pela hipótese da sobrevivência do que por qualquer outra: “Ainda que o atual material não possa provar a sobrevivência ele é tão rico e abrangente que pode realmente motivar uma crença baseada na razão quanto à sobrevivência.

A ciência não provou que a morte seja o fim de tudo. Podemos aceitar a sobrevivência, diz ele, como uma hipótese científica respeitável em funcionamento”.

O prof. Hornell Hart (1959) - **Enigma of Survival** declara que estava convencido da sobrevivência após a morte e conclui dizendo que aqueles que desejam negar as evidências que suportam a teoria da sobrevivência, necessitam trazer provas igualmente sólidas do contrário. Isto não foi feito. (Apud - R. Bayless pág. 179 - **Voices from Beyond.**)

Louisa Rhine (1961) em seu livro **Hidden Channels of Mind**, nos vários exemplos apresentados, deixa transparecer claramente que admite a hipótese espiritista para a explicação dos fenômenos. O Dr. Ernst Haeckel, parapsicólogo e ex-vice presidente da Sociedade Parapsicológica Alemã, publica em 1978 o livro **Wir werden Leben auch wenn wir Sterben** (Viveremos mesmo Quando Morremos!), aceitando a existência do Espírito, a sobrevivência e a capacidade de comunicar-se com os encarnados, fazendo revisão e comentários sobre extensa bibliografia a respeito do tema. Neste livro, descreve o interessante caso do Dr. Novotny, médico psiquiatra austríaco, que se manifesta desde 1965 através da médium psicógrafa Cirete Schroeder. Publicados já estão quatro volumes dessas mensagens (conferências médicas) psiquiátricas e com novos conceitos sobre a ação de entidades desencarnadas sobre os homens, ocasionando distúrbios e doenças psíquicas.

O caso Ruytemberg Rocha, publicado em monografia pelo Dr. Hernani Guimarães Andrade, refere-se a um “Drop in” que, através de um médium, se manifesta em reunião espírita, sendo absolutamente desconhecido de todos os presentes à reunião e da própria médium. Dá ele toda sua ficha de identificação sem omitir um item sequer. Soldado da Revolução Constitucionalista, desde 1932, pertencia à Força Pública de São Paulo, cursava o 2º ano da Escola de Oficiais e estava incorporado ao Batalhão Marcílio Franco em atividade bélica na frente de Buri, onde veio a falecer.

Toda a ficha foi investigada pelo IBPP, em todos os detalhes e tudo foi achado conforme e comprovado! Outros casos semelhantes existem na bibliografia mundial.

Como mais evidências ainda sobre a realidade da existência do espírito e de sua sobrevivência, são dignas de apreciação a publicação de Raymond Moody sobre **Vida após Vida** - 1975. Neste livro o autor apresenta observações e estudo de 150 pacientes. Alguns destes estiveram “bem próximos à morte”, inconscientes, e quando reanimados com toda tecnologia moderna, recobram a consciência, voltando a viver e relatando impressões, observações e vivências que tivera nesse trágico “entre a vida e a morte”. Contam esses pacientes que se viram volitando no ar, fora do seu corpo. Viam seu corpo deitado imóvel, e tudo o que médicos, enfermeiros que o rodeavam faziam para trazê-lo de volta à consciência, à vida. Descrevem o aparelho de eletro-choque e o que o corpo fazia quando ele era utilizado. Também descreviam as injeções que receberam, massagem cardíaca etc. realizados pelo grupo médico. Ao lado dessa visão de seu espírito liberado do corpo físico, têm sensação de liberdade, de muita paz e por vezes se lhes apresenta uma revisão panorâmica de sua vida. Ouvem ruído estranho, e descrevem ter penetrado num túnel escuro em alta velocidade e começam a divisar na extremidade distal dele uma luz muito intensa para a qual se dirigem. Encontram parentes já desencarnados (pais, avós, irmãos etc), amigos e também um Ser de muita luz transpirando amor e bondade. Apreciam a belíssima paisagem do ambiente. Num determinado momento, lhes é dado a entender não ser ainda o momento adequado para aí permanecer e que devem voltar ao corpo físico pois muito lhes resta para fazer na terra.

Muitas publicações sobre esse tema, “experiências próximas

à morte”, escritas por médicos, estão surgindo com essas mesmas características. Assim: Dr. George G. Ritchie, 1978 - **Voltar do Amanhã**; Dr. Arthur Guirdham, 1973 - **Entre Dois Mundos**; Dr. Maurice Rawlings, 1978 - **Beyond Death's Door**; Dr. David R. Wheeler, 1982 - **Reise ins Jenseits**; Dr. Joel I. Whitton e Joe Fischer, 1986 - **Life Between Life**.

Todavia, o livro do Dr. Michael B. Sabom, 1982, professor de Cardiologia, **Recollection of Death** se constitui livro de maior valia. Planejado e executado dentro de metodologia científica, entre maio de 1976 e 1981, apresenta 116 casos estudados cuidadosamente do ponto de vista médico. As discussões dos vários problemas referentes às “experiências próximas à morte” são do mais alto nível científico e os resultados apresentados por Sabom são concludentes e convincentes e de todo aceitáveis. O fenômeno de o espírito deixar o corpo, representa para ele uma **dissociação cérebro-espírito** (split-brain) e os relatos posteriores à volta à consciência representam experiência transcendental única: - entrada do espírito no plano espiritual; visão de paisagem magnífica, sensação de paz, presença de parentes e amigos desencarnados, o Ser de luz, etc.

Para o autor não há dúvida que todos os fatos analisados sugerem a realidade da existência do espírito e de sua sobrevivência após a morte física.

As publicações de Kenneth Ring, professor de psicologia da Universidade de Connecticut, USA - **Life at Death**, 1981 e **Heading Toward Omega - In Search of the Meaning of the near Death Experience**, 1985, estão baseadas em milhares de casos observados e estudados. Mostram, particularmente, a profunda transformação da vida e dos conceitos filosóficos desses pacientes, após a experiência transcendental sofrida.

Elisabeth Kubler Ross, no prefácio que fez desse livro, diz: “A experiência próxima à morte dá à vida uma nova dimensão e amplia a compreensão da vida humana e do seu sentido”.

Em 1973 Jean Baptista Delacour, parapsicólogo, publica seu livro **Aus dem Jenseits Zurueck - Berichte von Totgeglaubten** (De Volta do Além e Relatos Daqueles Julgados Mortos).

O interesse do assunto “Sobrevivência após a morte corporal” se demonstra também pela publicação por parte da Fundação de Investigação Psíquica, do Boletim **Theta**, editado por W.G Koll, CUJO primeiro exemplar saiu em abril de 1963. Esse Boletim

representa não um posicionamento relativo à sobrevivência, porém sim a crença de que a observação e a experimentação científicas podem levar a uma solução do tema.

Em 1920, Thomas A. Edison assim se expressou sobre o assunto: “Se nossa personalidade sobrevive, então rigorosamente lógico e científico admitir que retém a memória, o intelecto e outras faculdades e conhecimentos adquiridos na Terra. Portanto, se a personalidade subsiste após o que chamamos morte, será razoável concluir que aqueles que deixam esta terra gostariam de comunicar-se com aqueles que aqui ficaram!”. Posteriormente soube-se ter Thomas A. Edison conjecturado “se não seria possível **construir uma máquina** capaz de possibilitar ao Além demonstrar sua existência **sem auxílio do médium** ou quaisquer outros intermediários humanos”. (Apud - Martin Ebon).

De alguns anos para cá (1917-1925) começaram a surgir fenômenos de transcomunicação - do Além para cá - por telefone, culminando com a publicação do livro do Cel. Argonnel, em 1925, no Rio de Janeiro.

“Os espíritos interferem nas linhas telefônicas e falam com os encarnados, havendo todavia necessidade para tanto, da presença de um médium.”

Rainer Holbe, 1987, da Rádio Televisão de Luxemburgo, publicou vários livros, um dos quais analisa a transcomunicação por telefone feita por Boden com outros seres desencarnados. Scott Rogo, em seu livro **Life after Life**, apresenta um excelente capítulo sobre Chamadas Telefônicas dos Mortos.

Em 1959, Friedrich Jurgenson consegue pela primeira vez receber vozes dos desencarnados através de gravador eletrônico com fitas cassete. Em 1964, publicou seu primeiro livro: **Roesterna fraen Rymden** (Vozes do Universo). Em 1981, publica o livro **Sprech Funk mit Verstorbenen - Praktische Kontaktherstellung mit dem Jenseits!** (Falar Eletronicamente com os Mortos).

Em 1965, o Dr. Konstantin Raudive entrou em contato com Juergenson e em 1968 publica seu livro **Unhoerbares wird Hoer-bar** (O Inaudível Torna-se Audível) Contém, esta obra, 72.000 frases gravadas em fita magnética.

Léo Schmid, padre católico romano, publica em 1976 seu livro **Wenn die Toten reden** (Quando os mortos falam). Em 1973 o parapsicólogo Delacour publica o livro **Stimmen aus Dem**

Jenseits - (Vozes do Além), trazendo sua experiência sobre o assunto.

Em 1971, Franz Seidl, austríaco, engenheiro eletrônico, publica o livro **Das Phaenomen der Transzendental Stimmen** onde mostra seu aparelho Psychophon que permite gravar e dialogar em fita magnética com os desencarnados através de um microfone introduzido no circuito. Entre 1971 e 1980 através dos esforços de George Meek e colaboradores surge o **Spiricom** que permite ouvir as vozes dos desencarnados e com eles dialogar. Todavia, como acentua Scott Rogo, para funcionar, há necessidade de um operador com capacidades mediúnicas especiais. A transcomunicação por instrumentos tem continuado através dos computadores e da televisão.

Em **Aachen**, Klaus Schreiber (já falecido) consegue filmar em videocassete imagens de desencarnados que aparecem no vídeo da televisão (seus parentes, amigos e outras entidades são fotografadas e filmadas em 1987). Rainer Holbe publica essas experiências em magnífico livro Bilder aus dem Reich der Toten (Fotografias do Reino dos Mortos). Constam desse livro magníficas fotos de desencarnados! Dessa maneira vemos que as conjeturas de Thomas Edison estão se concretizando, porém todas essas publicações chamam a atenção (os desencarnados que falam) para a necessidade de um médium para essa transcomunicação.

Antes de terminar este trabalho, valem algumas palavras sobre o livro de Thomas Verny, John Kelly - **La Vie Secrete de l'Enfant Avant sa Naissance**, 1982.

Nesse livro se demonstra que, seis meses após a concepção, a criança é um indivíduo consciente. No ventre materno ela vê e ouve. A partir da 25ª semana, o caráter lentamente se elabora, influenciado pelo comportamento da mãe e também do pai, cuja voz é audível no útero. Nessa altura, seu sistema nervoso central é capaz de receber, de tratar e de codificar mensagens. Todos os traumas e alterações emocionais da mãe grávida e do casal são percebidos e fixados pelo feto.

Esses traumas podem ser a origem de problemas e sintomas patológicos que surgirão em idade mais avançada.

Não é o feto propriamente que sofre a ação desses traumas, porém o espírito nele existente que os sente, assimila e os memoriza.

Constituiria este fato prova existencial do espírito.

Os psicoterapeutas que trabalham com técnicas regressivas

podem levar o paciente a reviver na vida intra-uterina esses traumas e assim atingir a origem causai dos seus sintomas mórbidos.

A Doutrina Espírita admite ser o homem constituído de: a) corpo físico; b) espírito; c) perispírito. O perispírito, semi-material, liga o espírito ao corpo físico. Com o fenômeno da morte o corpo físico se desorganiza estruturalmente, se deteriora e se reduz a pó, como diz a Bíblia.

Abandonado o corpo físico, liberados dos liames físicos, o espírito e o perispírito sobrevivem à morte física, continuando a existir numa outra dimensão.

Todas as experiências e vivências de que participaram quando encarnados, assim como todas as suas reminiscências desse período, são preservadas e arquivadas nesse complexo espírito - perispírito. Este conhecimento da natureza do homem possibilita-nos melhor compreender o conteúdo das mensagens e informações transmitidas, fundamentando sua aceitação. Nesse estado, em determinadas e particulares condições, todas essas situações, lembranças e memórias podem ser avivadas, lembradas e transmitidas àqueles que continuam vivos em carne e osso no plano terráqueo, através de um intermediário, um médium e, no caso Chico Xavier, pela psicografia. Isto quer dizer - **o espírito dos mortos pode comunicar-se com os vivos!**

Conforme análise detalhada apresentada no Capítulo II a seguir, nos 45 casos pesquisados e que fundamentam este trabalho, há fatos e relatos que devem ser salientados dada a importância de que se revestem para a compreensão do após-morte e daquilo que sugerem as mensagens dos “mortos” que se identificam como vivos e viventes através da psicografia de Chico Xavier.

Em todos esses casos a qualidade das informações nas mensagens são precisas e os esclarecimentos tão extraordinários que alguns deles foram aceitos pelo fórum criminal como documento probatório (informações do morto em psicografia de Chico Xavier), para que não se cometesse uma injustiça. Por outro lado, a informação dada pelo espírito de que o nome do enterrado no cemitério Flamboyant, em Campinas, era Irineu e a comprovação de que o nome dos arquivos era Pirineu não deixa dúvida sobre a veracidade das mensagens.

Outro fato digno de ser realçado é a preocupação das entidades manifestantes em informar aos pais que suas noivas estavam grávidas. As entidades, assim, assumem essa responsabilidade e

se empenham para que seus progenitores reconheçam o nascituro e sua paternidade, procurando amparar a criança e a mãe, solucionando, conscientemente, a situação e reparando o compromisso moral que tinham com as noivas.

Esta informação captada por Chico Xavier não parece ser explicada por telepatia ou clarividência. Essa análise sucinta do conteúdo das mensagens não relega para segundo plano as múltiplas citações de nomes de familiares, já há muito desencarnados, e que o próprio espírito manifestante não conheceu em vida, assim como também nomes de amigos ligados aos pais etc.

No domínio da Doutrina Espírita codificada por Kardec, todos esses relatos são compreendidos e aceitos com fundamento na concepção espírita do homem, na sua sobrevivência e na possibilidade de comunicação e intercâmbio dos desencarnados com os encarnados.

Todos esses aspectos analisados, evidenciam a ação intencional de um agente inteligente, que, por intermédio do médium, se identifica integralmente nas mensagens através dos conhecimentos que expressa relativos às pessoas que se dirige, todos comprovados!

Parece-nos, não há dúvida, que a intenção primordial dos espíritos mentores de Chico Xavier, através dessas cartas mensagens transmitidas por esses “mortos”, seja unicamente provar a existência do espírito, a sobrevivência e sua comunicabilidade com os encarnados.

É bom lembrar que esse maravilhoso trabalho de Chico Xavier já havia começado em 1927, sendo que seu primeiro livro mediúnico **Parnaso de Além Túmulo** foi publicado em 1932, nele se manifestam cerca de 50 poetas já desencarnados, em versos, com seu estilo característico!

Todos os dados da maioria das obras científicas importantes publicadas sobre a existência do espírito, sobrevivência, comunicabilidade e reencarnação estão analisados neste trabalho.

Analise, o leitor, atentamente todos os dados apresentados neste trabalho e com sua inteligência, cultura e capacidade de discernir e decidir, procure chegar a uma conclusão lógica sobre o que eles querem transmitir e significar.

Para nós, todos esses dados são evidências, são provas da existência do Espírito, da sobrevivência, comunicabilidade e da reencarnação.

Antônio Ferreira Filho

BIBLIOGRAFIA

- 1) EBON, Martin. *The evidence for life after death*. The new American Library, Inc. 1977.
- 2) ROGD, D. Scott. *Life after death - the case for survival of bodily death*. The Aquarian Press, 1986.
- 3) HACKEL, Ernst. *Wir werden Leben auch wenn wir sterben*. Turm Verlag 7120 Bietigheim, 1978.
- 4) TENHAEFF, W.H.C.. *Kontakte mit dem Jenseits. Der Spiritismus - Report*. Universitas Berlin, 1974.
- 5) DELACOUR, Jean Baptiste. *Stimmen aus dem Jenseits Parapsychologische Phaenome*. Bardtenschlager Verlag Muenchen, 1973.
- 6) JURGENSON, Friedrich. *Sprechfunk mit Verstorbenen*. Wilhelm Goldmann Verlag, Muenchen, 1981.
- 7) DELACOUR, Jean Baptiste. *Aus dem Jenseits zurueck*. Berichte von Totgeglaubten - Econ Verlag, 1973.
- 8) RYZL, Milan. *Der tod und was danach kommt. Das weiter - leben aus der sicht der parapsychologie*. Wilhelm Goldmann Verlag, 1981.
- 9) JACOBSON, Nils O.. *Vida após a morte*. Editora Nordica, 1971.
- 10) KUBLER Ross, Elisabeth. *Ueber den Tod und das Leben danach*. Verlag Die Silberschnur, 1987.
- 11) ANDRADE, H.G.. *Reencarnação no Brasil*. Casa Editora O Clarim, 1988.
- 12) ECCLES, John., ROBINSON, D.N.. *The wonder of being human. Our brain and our mind*. New science Library, 1985.
- 13) BAYLESS, R.. *Voices from beyond*. University books. In. N. Jersey, 1976.
- 14) SABOM, M.B.. *Recollections of Death*. Corgi ed., 1982.
- 15) SABOM, M.B.. *Erinnerung an den Tod. Eine medizinische Untersuchung*. Zelnserdruck, GmbH, Berlin, 1983.
- 16) RING, Kenneth. *Den Tod erfahren - das Leben gewinnen*. Scherz Verlag, Berlin, 1985.
- 17) RING, Kenneth. *Heading Toward Omega. In search of the meaning of near death experience*. Graussner & Partner, 1984.
- 18) HOLBE, Rainer. *Knaur Lese Festival. Unglaubliche Geschichten*. Droermerche Verlagsanstalt, Muenchen, 1985.
- 19) KUBLER Ross, E.. *On death and dying*. Muemillan PublishingCo Inc, 1969.
- 20) WEINER, Bill. *Wege zum Jenseits*. Gespraechе ueber Leben und Tod. Hestia, 1980.
- 21) WILSON, Cohn. *Nach dem Tode*. Orvermersche Verlag, 1987.
- 22) WILSON, Cohn. *After Life*. Dieter Bonhorst, Muenchen, 1985.
- 23) VERNY, Thomas e KELLY, John. *La vie secrète de l'enfant avant sa naissance*. Grassei & Pasquelle, 1982. .
- 24) HOLBE, Rainer. *Botschaften aus eineranderen dimension, undandere unglauiblichen geschichten*. Droermersche Verlagsanstalt, 1988.

- 25) WHITE, John & KRIPPNER, Stanley. *Future Science*. Anchor Books, 1977.
- 26) MOODY, Raymond. *Reflections on life after life*. Edição Nordica em português, 1977.
- 27) ANDRADE, H.G.. *O caso Ruytemberg Rocha (um caso de "Drop in")*. Van Moorsel, Andrade Cia. Ltda. S.P., 1971.
- 28) OSIS, Karlis. *Deathbed observation by Physician and Nurses*. Parapsychology Foundation, Inc. N.Y., 1961.
- 29) OSIS, Karlis & HARALDSON, Erlendur. *At the hour of death*. 1977.
- 30) PENFIELD, Wilder. *The Mystery of Mind*. Princeton University Press, 1975.
- 31) POPPER, K.R. & ECCLES, J.C.. *The Self and its Brain*. Springer International, 1977.
- 32) EERSEL, P.. *Sterben - der weg in ein neues leben*. Editiona Cornset & Fasquelle, 1986.
- 33) HOLBE, Rainer. *Bilder aus dem Reich der Toten*. Droermerche Verlagsanstalt, Muenchen, 1987.
- 34) KASTENBAUM, R.. *Haverá uma vida depois da morte?* Editora Nordica Ltda., 1989. *Is there life after life?* Multimedica Publications 84.
- 35) STEVENSON, Ian. *Ian Stevenson on reincarnation*. The Journal of Nervous and Mental Disease. Vol. 165, Nr. 3, Sept., 1977.
- 36) SERDL, F.. *Transzendentalstimmen*. Verlag Frech, Stuttgart, 1971.
- 37) RAUDIVE, K. *Unhoerbares wirdhoerbar*. Remagen, 1968.
- 38) MOODY, Raymond A.. *Life after life*. Covington Geórgia Mockrugbird Books, 1975.
- 39) WAMTACH, H.. *Leben vor dem Leben*. Es geht ein Leben vor der Geburt. Wilhelm Heyne Verlag, Muenchen, 1980.
- (40) STEVENSON, I.. *Twenty cases Suggestive of reincarnation*. University Press. Virgínia, 1974.
- 41) DRONOT, P.. *Nous sommes immortels*. Garanciere, 1987.
- 42) ANDRADE, H.G.. *Morte, renascimento, evolução*. São Paulo. Pensamento, 1984. I
- 43) ANDRADE, H.G.. *Espírito, perispírito e alma*. São Paulo. Pensamento, 1984.
- 44) MULLER, Karl, E.. *Reencarnação baseada em fatos*. Difusora cultural, 1978.

CAPÍTULO II

REFLEXÕES SOBRE OS DADOS DE PESQUISA

A distribuição geográfica do domicílio dos informantes é um dado importante a ser considerado na pesquisa. Temos 37 casos pesquisados no Estado de São Paulo, três em Goiás, um em Minas Gerais, dois no Paraná, um no Rio de Janeiro e um no Mato Grosso do Sul.

O maior volume de entrevistas verificou-se no Estado de São Paulo pela facilidade de acesso ao campo de trabalho, uma vez que o pesquisador reside na capital daquele estado. A amostragem dos outros estados, oito casos ao todo, reforça a autenticidade e a amplitude das respostas mediúnicas.

Houve 100% de acerto nos dados contidos nas mensagens dirigidas a famílias que habitam regiões distantes deste país continental. Esse dado reforça a dificuldade de explicar as cartas por fraude, percepção extra-sensorial ou mesmo por criptominésia, conforme análise feita pelo pesquisador de campo na primeira parte desta obra.

O médium sempre teve vida simples, assinalada com muito trabalho pela própria subsistência. Sobrevive, atualmente, de sua modesta aposentadoria como funcionário do Ministério da Agricultura. Não usufrui de nenhum modo do trabalho espiritual que realiza, não obtém dividendos financeiros e nem busca projeção pessoal no campo social.

Também não se engaja no proselitismo religioso, porque as famílias beneficiadas com as notícias dos entes queridos são livres para professarem a religião que mais se adapte aos seus anseios pessoais.

Religião

Se compararmos os itens A.2 e B.8 dos dados estatísticos da pesquisa, temos a possibilidade de confrontar a religião do informante e a do comunicante.

Cerca de 44,4% dos informantes são católicos e 48,9% espíritas, enquanto que 62,2% dos espíritos comunicantes são católicos e 20% são espíritas.

Esses dados indicam que a recepção das cartas mediúnicas modificou a convicção religiosa dos familiares. Tendo em vista que não sofreram qualquer constrangimento por parte do médium ou de seus colaboradores, conclui-se que a comprovação da sobrevivência do espírito foi inquestionável, influenciando, definitivamente, nessa mudança.

Deve-se considerar também o avanço e a difusão das idéias espíritas no Brasil. Cremos que os dados estatísticos do próximo recenseamento vão espelhar essa realidade.

Sexo dos comunicantes

Há prevalência de comunicantes masculinos: 77,8%.

Sem dúvida, um número maior de acidentes fatais tem se verificado com elementos do sexo masculino. Mas há, também, um dado importante a ser considerado. Segundo esclarecimentos do médium, o homem tem mais apego ao mundo material e ao que deixou na retaguarda, do que a mulher.

Linguagem

Quando começamos a examinar as mensagens, elas pareciam montadas em um molde comum, principalmente no que se refere às palavras do início e do final, à correta expressão da língua, à forma gentil e carinhosa com que as entidades comunicantes dirigem-se aos entes queridos, para transmitir-lhes bom ânimo e coragem. É compreensível essa impressão inicial porque o estilo epistolar é um gênero literário com características próprias e é natural que as cartas guardem semelhanças entre si.

À medida que a pesquisa avançou, porém, constatamos uma grande riqueza de informações específicas que destacaram com nitidez as personalidades comunicantes.

Jair Presente (caso nº 2) expressa-se em gíria, muito própria de sua geração.

Os familiares reconheceram o estilo peculiar (42,2%) dos comunicantes e identificaram palavras (55,6%) e frases (40%) características.

Há, ainda, dados mais autênticos como nos casos de expressão em língua estrangeira, a xenoglossia psicográfica. Ilda Mascaro Saullo (caso nº 26) escreveu em italiano, de forma correta e em estilo próprio, tendo seu filho reconhecido, inclusive, a sua assinatura, como autêntica.

Roberto Muszkat (caso nº 33) escreveu em português, mas utilizou palavras e frases em hebraico. Para ler a mensagem ao final da reunião, o médium precisou da ajuda do pai do jovem comunicante, o médico David Muszkat, porque desconhecia a pronúncia e o significado das mesmas. Aliás, o próprio médico teve dificuldade com algumas expressões, tendo tido necessidade de consultar alguns rabinos em São Paulo para conhecer-lhes o significado verdadeiro, porque pertenciam ao hebraico antigo.

Recepção de parentes e amigos desencarnados

Em 100% dos casos, registra-se a presença de parentes e amigos desencarnados no limiar do outro mundo. Formam uma espécie de comissão de recepção e constituem importantes elos de ligação entre os dois planos, quer aliviando o impacto das separações dolorosas, através do amparo afetivo, quer auxiliando no tratamento espiritual de que ainda têm necessidade (44,4%) nas instituições de restauração existentes em outras dimensões da vida.

A citação dos nomes desses parentes e amigos confere grande autenticidade às cartas-mensagens. Em 68,9% destas, são referidos de um a três parentes e/ou amigos desencarnados, em 13,3% de quatro a seis e em 11,1% mais de seis. Em cálculo aproximado, as 45 mensagens contêm mais de uma centena de nomes citados. Esse dado ganha maior força quando se compara com o item 30 da pesquisa, neste, 93,3% dos informantes declaram que não conheciam o médium antes do óbito do comunicante.

Descrição da morte

Setenta e cinco vírgula seis por cento dos comunicantes descrevem a morte. São informações muito específicas, porque constam doze modalidades de acidentes, seis de morte por doença, três assassinatos e um suicídio. Nesse item existem revelações surpreendentes.

Paulo Eduardo Teixeira da Silva (caso nº 30) servia como soldado do Batalhão de Guarda e Segurança da Academia da Força Aérea de Pirassununga, Estado de São Paulo, quando veio a falecer, por um disparo de fuzil, em suas funções no dia 26 de setembro de 1978. O fato foi considerado, pelos seus superiores, como suicídio. O jovem relata na mensagem que seria incapaz de atirar contra si próprio, revelando que a arma disparara, acidentalmente, no momento em que tentava limpar as unhas com a ponta da mesma. Foi feito um apelo às autoridades da Aeronáutica para a retificação da atribuição de suicídio e tivemos conhecimento de que o processo foi revisto.

Allann Charless Padovani (caso 42) pereceu aos quinze anos, de intoxicação exógena por administração de psicoestimulante, na cidade de Cascavel, Estado do Paraná. As autoridades encarregadas de elucidar o caso não conseguiram detectar a substância responsável pelo decesso. O espírito do jovem esclarece, através da mensagem, tratar-se de benzina. Conta também que uno tinha o hábito de cheirar qualquer substância tóxica. Na reunião com amigos, inalara a benzina mais para fugir de uma voz que lhe repetia sempre “Você, Allann, não passará deste 1984”. Sobreveio, então, a parada cardíaca. Mas, segundo seus apontamentos, a parada cardíaca viria de qualquer modo, fosse pela benzina ou algum abalo emocional mais forte porque havia nascido para demorar-se pouco na existência terrena.

Carlos Teles Sobral Júnior (caso nº 43) nasceu no Brasil, mas morava em Portugal, onde apareceu morto aos 25 anos. A polícia portuguesa catalogou o caso como suicídio. Três meses depois, em Uberaba, o jovem esclarece as dúvidas dos pais, afirmando que havia sido assassinado. Faz um relato de suas brincadeiras inconseqüentes e irresponsáveis que lhe custaram a vida física e pede aos pais para que não prossigam nas investigações. Como reforço de seus esclarecimentos, lembra que o assassino depositou a arma em sua mão esquerda. Seria o homicida canhoto? Esta é a pergunta instintiva que fazemos, embora, para nós, tanto quanto para os próprios pais o caso já esteja encerrado, como deseja o comunicante. Os pais declararam ao pesquisador tratar-se de acidente por arma de fogo.

O jovem Maurício Garcez Henrique (caso nº 21) inocentou o amigo, José Divino Nunes, acusado de tê-lo assassinado, afirmando que o disparo da arma foi puramente acidental. O processo-

crime teve seu andamento normal, mas o juiz, Dr. Orimar Bastos, da 6ª Vara de Goiânia tomando conhecimento da mensagem de Maurício, anexada aos autos, absolveu o réu. À época não li conhecia precedente na história judiciária do país.

O deputado federal Heitor Furtado (caso nº 37) estalado da campanha eleitoral, resolvera dormir dentro do carro, junto a um, posto de gasolina, quando foi colhido por uma bala disparada por um soldado da polícia militar paranaense, vindo a falecer. Quarenta dias após, escreve aos pais, afirmando que não viu nos olhos do jovem policial a intenção de homicídio e que o tiro desferido deveu-se mais à inexperiência e ao nervosismo. Essa carta foi utilizada como principal prova documental, juntada pelos advogados de defesa, no julgamento realizado em 26 de setembro de 1984, no fórum de Mandaguari, Estado do Paraná. O deputado federal Alencar Furtado, pai do comunicante, desistiu da assistência de acusação no referido processo, após o recebimento das notícias do filho. A apresentação da carta-mensagem, como prova documental, teve influência decisiva no resultado do julgamento. Condenado por cinco a dois, Aparecido Branco, o réu, foi considerado culpado de homicídio simples, com oito anos e vinte dias de detenção.

Repercussão dos pensamentos dos familiares

Ficou evidenciada a influência dos pensamentos dos familiares sobre o estado emocional dos comunicantes. Revolta, tristeza, desespero, inconformação e angústia repercutem de forma negativa, causando mal-estar aos recém-libertos, enquanto os sentimentos de aceitação, calma, paciência e a atividade no bem os revigoram e apaziguam.

Gabriel Casemiro Espejo (caso nº 5) lembra: “Existe um fio mental entre os que se amam profundamente”.

Lineu de Paula Leão Júnior (caso nº 44) percebeu a tristeza de sua mãe com a idéia de que seu corpo tinha sido vítima de queimaduras cruéis, pois o Instituto Médico Legal (IML) havia declarado que a morte sobreviera em consequência delas. O comunicante esclarece: “Com todo o respeito ao IML desejei aclarar a idéia de minha mãe sobre a intensa hemorragia que me expulsou do corpo”, A mensagem trouxe grande conforto ao coração mater-

no e aos familiares, muito consternados com as notícias das queimaduras.

João Jorge de Lima (caso nº 12) escreve: “Não chorem mais com essa dor que mais nos parece um braseiro no coração”, “Estou ligado à nossa casa por fios que desconheço e hoje, que sou trazido a lhes dar notícias, rogo as preces da conformação e da fé em Deus em meu auxílio”.

Izídio Inácio da Silva (caso nº 16) constata: “Mamãe, aqui, se nos achamos ligados à família, acompanhamos todas as ocorrências em casa”.

E Jorge Luiz Montono Camargo (caso nº 22) afirma: “Quando acordei, ouvi os gritos da mãezinha íris chamando por mim”. “Não julguei haver atravessado as barreiras da morte. Com alguma dificuldade, pedi aos enfermeiros, que me atendiam, a volta para o lar ou a presença dos pais ao meu lado, já que a voz de mamãe se fazia ouvida por mim, de modo estranho, como se um fone estivesse instalado em meu peito”.

Conselhos dos comunicantes

Em virtude da repercussão do pensamento dos familiares, há pedido constante para que tenham pensamentos positivos (82,2%), procurem a conformação (15,6%) e dediquem-se ao trabalho construtivo do bem (44,4%).

Dona Teresa Malafronto, mãe de Ronaldo (caso nº 10) após a morte do filho, vítima de aneurisma cerebral, já não se alimentava e nem dormia, acalentando a idéia de encontrar-se com ele. Foi a Uberaba e deixou um bilhete num dos bolsos do paletó do médium. Nele perguntava por que razão as lágrimas escorriam do rosto de seu filho, quando já estava no caixão mortuário. O filho respondeu à pergunta naquela mesma noite, afirmando, na carta, que se emocionou até às lágrimas, quando percebeu que a doença era fatal e a separação inevitável. O acidente vascular cerebral represou as lágrimas e só mais tarde, com o relaxamento natural dos esfíncteres, elas deslizaram pelo rosto inerte. A partir da mensagem do filho, Dona Teresa deixou de fazer uso de medicamentos, voltou a comer e resignou-se diante do sofrimento, porque teve certeza de que a morte não é o fim.

É preciso ressaltar que o médium não sabia do teor do bilhete

e nem dona Teresa Malafronto encontrava-se no recinto do Grupo Espírita da Prece no momento da recepção da mensagem.

O médium incumbiu a equipe da **Folha Espírita**, presente à reunião, de fazer a entrega da mensagem na residência de Dona Teresa, em São Paulo.

Incentivo ao trabalho construtivo no bem

Os comunicantes aconselham também a prática da caridade; 44,4% estimulam o trabalho construtivo no Bem para que se amplie o conceito de família. Enfatizam a necessidade de assistência aos irmãos menos favorecidos que fazem parte da grande família humana. “A melhor maneira de lembrar os que morrem é justamente adquirir um espaço na Terra, para abrigar meninos e meninas que começam a vida, às vezes rejeitados pelos próprios pais” (Sérgio Calamari, caso nº 20).

“Agradeço à mãezinha Yone quando fez lembrar o meu aniversário inexpressivo em que as centenas de crianças em creches me fizeram chorar de alegria”. (Renê Oliva Strang, caso nº 38).

“O fardo mais pesado que se carrega no mundo somos nós mesmos, quando não dividimos o tempo e a vida, em favor de outras pessoas”. (Rosemari Daurício, caso nº 19).

“Caridade é o melhor negócio da vida. A pessoa ajuda e recebe muito mais do que dá”. (Jair Presente, caso nº 2).

Preservação dos bancos de memória

A pesquisa demonstrou 100% de acerto nos dados informados pelos comunicantes.

A individualidade apresentou-se totalmente preservada. O espírito recorda-se de toda a existência que acabou de deixar, revelando, muitas vezes, dados completamente desconhecidos dos familiares.

Ricardo Leão de Oliveira (caso nº 34) faleceu de acidente automobilístico na cidade de São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo; na carta aos familiares revela o nascimento da filha, fato que os pais até então desconheciam. A noiva estava grávida quando de sua morte.

Renê Oliva Strang (caso nº 38) pereceu em desastre automobilístico, próximo de Cravinhos, Estado de São Paulo. Na terceira e quarta cartas enviadas aos pais, pede que honrem por ele o compromisso de paternidade que assumira em vida e que a morte física inesperada o impedira de concretizar. Atendendo à solicitação do filho, os pais providenciaram o reconhecimento do neto, incorporando também a jovem ao seio da família.

Carlos Alberto Andrade Santoro (caso nº 14) relata que viveu em duas épocas neste mesmo século. A primeira terminou no ano da Revolução Paulista, em 1932. A última iniciou-se em 1951 e findou-se no desastre de avião, em 1972. Carlos Alberto referiu-se nessa mensagem a cinco nomes de revolucionários e a cinco professores, todos da região de São José do Rio Preto, além de indicar locais e instituições da cidade em seus primórdios. Esses dados foram levantados pelo seu amigo, Romeu Grisi, que teve a oportunidade de comprovar a veracidade das informações.

Já vimos os dados perfeitamente corretos relativos aos fatos que cercaram a morte, com a descrição de 12 modalidades de acidentes, seis de doenças, três assassinatos e um suicídio. Muitos citaram seus apelidos familiares, nada convencionais, como Zumbeta, Shabi, Popó, Garibaldi etc.

Outro dado importante que ressalta a preservação da individualidade é a assinatura. Em 35,6% dos casos ela foi considerada Idêntica, e semelhante em 42,2%. Volquimar Carvalho dos Santos (caso nº 3) assinou cinco vezes a mensagem, tendo sua mãe declarado que elas guardam muita semelhança com a assinatura original.

Jair Presente (caso nº 2) cita em uma de suas cartas o nome de Irineu Leite da Silva. Segundo sua informação esse espírito havia falecido em 7 de junho e seu corpo físico tinha sido enterrado no Parque Flamboyant, em Campinas, Estado de São Paulo. O nome era desconhecido da família do comunicante e do administrador do cemitério, Sr. Renato Mangiaterra, que não o localizara nos arquivos do Parque Flamboyant.

Sueli Presente, a irmã de Jair, consultou os registros dos jornais locais e encontrou a notícia da morte de Irineu Leite da Silva, na data mencionada, 7 de junho. A partir desse dado, Sueli insistiu na pesquisa e o Sr. Renato Mangiaterra descobriu o engano nos arquivos do Parque Flamboyant, um dos três cemitérios de Campinas, Irineu havia sido registrado como Pirineu Leite da

Silva. Como se observa, a mensagem psicografada corrigiu o arquivo do cemitério de Campinas.

Relatos da vida espiritual

O item B.33 dos dados da pesquisa revelou que 44,4% dos comunicantes estão em tratamento no mundo espiritual. É natural, portanto, que muitos (31,1%) tenham descrito instituições onde estão recebendo assistência médica e cuidados de enfermagem.

Gabriel Casemiro Espejo (caso nº 5) conta que acordou numa sala de tratamento com a cabeça enfaixada e soube, por intermédio de um enfermeiro, que tinha sido operado pelo Dr. Mario Gatti, que foi auxiliado no ato cirúrgico pelo Dr. Guilherme da Silva.

A pesquisa revelou que o Dr. Mario Gatti era médico cirurgião, nascido na Itália e falecido em Campinas, em três de março de 1964, e que o Dr. Guilherme da Silva tinha sido médico sanitarista, nascido no Rio de Janeiro e falecido em Campinas em 14 de julho de 1912. Gabriel faleceu, em Campinas, em 27 de junho de 1974, portanto, dez anos depois do médico que o assistiu no mundo espiritual. A presença do médico deu-lhe a certeza de que não pertencia mais ao chamado mundo dos vivos.

Carlos Alberto (caso nº 14) descreve os últimos momentos da vida física: “Chorei, dentro de uma imobilidade que eu não saberia descrever, e, em seguida, notei que mãos de enfermagem me anestesiavam. Era o sono, o sono da benção, porque entre a morte do corpo e o renascimento na Vida Espiritual, Deus colocou um desmaio providencial”. E prossegue: “Acordei, achava-me num educandário hospitalar, dirigido por antigos benfeitores de São José do Rio Preto”.

Logo depois do tratamento, refere-se aos estudos e ao trabalho aos quais está se adaptando gradualmente.

Muitos comunicantes referem-se a esse sono profundo que os envolve no momento da morte e prossegue por um lapso de tempo que não sabem precisar.

José Roberto Pereira Cassiano (caso nº 8) conta que foi atendido em um refúgio de paz e silêncio, em São Bernardo do Campo, não longe do quilômetro em que havia sofrido o acidente. Foi aí, nessa instituição, que médicos e enfermeiros lhe administraram sedativos para maior descanso e foi nesse local que recebeu a visita dos pais trazidos por benfeitores espirituais para um reen-

contro. Dormiu mais e acordou em outra instituição, um hospital-escola, segundo sua definição, um educandário de recuperação espiritual. Foi daí que saiu uma noite, devidamente acompanhado, para visitar seu pai, internado com problemas cardíacos no Hospital Beneficência Portuguesa, em São Paulo, após a dor de ter perdido seu único filho. De fato, José Roberto faleceu em 9 de março de 1974 e seu pai relata que sonhou com ele na madrugada do dia 17 de março, recebendo sua visita no leito hospitalar.

Yolanda Carolina Giglio Villela (caso nº 13) refere-se a uma casa de socorro espiritual de urgência fundada junto a Bebedouro, cidade do Estado de São Paulo, pelo sacerdote católico Francisco Valente. Foi nessa instituição do mundo espiritual que foi socorrida, logo após o acidente.

Maurício Garcez Henrique (caso nº 21) conta que foi levado para Anápolis, uma grande cidade de Goiás, próxima de Goiânia, para ser tratado por uma enfermeira, a irmã Terezona, amiga das crianças. O avô materno de Maurício, Sr. Humberto Batista, informou à equipe da Folha Espírita que a irmã Terezona chamava-se Maria Tereza de Jesus, e, quando encarnada, havia fundado a Romaria de São Bom Jesus da Lapa, nos idos de 1931, tendo particular dedicação às crianças.

Jorge Luiz Motono Camargo (caso nº 22) mergulhou em sono profundo, após o acidente, e acordou em um leito hospitalar, sendo cuidado por enfermeiros. Julgando-se ainda no mundo dos chamados vivos, queria voltar para casa ou que seus pais estivessem a seu lado. O avô Rafael, que o recebeu no mundo espiritual, foi encarregado do chamado “diálogo terapêutico”, informando-o de sua situação verdadeira. Esses diálogos de esclarecimentos são freqüentes, sobretudo nesses casos de morte violenta.

Cidades e atividades no mundo espiritual

Andréa Lodi (caso nº 25) faleceu aos nove anos de idade em um acidente de carro. Na carta conta aos pais: “Sei que estou melhor e com o apoio do meu avô Sílvio estou num grande colégio cercado de jardins”. Esclarece que seus professores são espíritos dedicados e que amam os alunos como se fossem seus próprios filhos.

Izídio Inácio da Silva (caso nº 16) escreve aos pais: “Aqui,

temos atividades e mais atividades, não temos tanto ‘soçaito’ mas cultivamos reuniões fraternas com muita esperança e muitos planos de melhora crescente”.

Luiz Adamo Nucci (caso nº 24) fala de seus projetos para o novo domicílio: “... acredito que as criaturas mais tarde vão possuir aparelhos para transporte pessoal através do espaço e, se eu puder, quero trabalhar aqui nesses planos, porque estamos num mundo em que os inventos nascem dos espíritos sábios em pensamentos de luz.” Como se observa, o amor pelo desenho e pela engrenagem, manifesto em sua curta existência física, permanece o mesmo, imprimindo novos rumos aos seus estudos e atividades na vida imperecível.

Vera Cruz Leitão Bertoni (caso nº 7) refere-se ao lar de São Francisco de Assis onde se encontra. Quando na vida terrena, ela demonstrara particular afeto pela obra dos irmãos franciscanos.

Heitor Alencar Furtado (caso nº 37) faz também novos planos com muitas atividades nas novas paragens: “Perdi o meu mandato provável na Câmara, mas não deixo de estar numa instituição nova, na qual os oradores, ou representantes de ‘idéias renovadoras’ que os animam, falam o que querem e como querem. Isso aqui nos cheira também à libertação e, pela mostra, já sei que disporei brevemente de muito pano para colaborar na renovação da vestimenta de nossa vida comunitária”.

Roberto Muszkat (caso nº 33) descreve com maiores detalhes a cidade em que se encontra na outra dimensão da vida: “Vim a saber então que me achava em Erets Israel, ou Terra do Renascimento, cuja beleza é indescritível. Ali, naquela província do Espaço Terrestre, se erguia uma outra cidade luminosa dos Profetas. Os que choraram no mundo, os que sofreram torturas, os que foram martirizados e queimados, perseguidos e abatidos por amor à vitória do Eterno e Único Criador da Vida operam repousando ou descansam trabalhando pela edificação da humanidade nova”.

O comunicante lembra que outras nações possuem também cidades como essa nas esferas que cercam o Planeta. Roberto está particularmente feliz em comungar com milhões de outros corações a mesma crença no Pai Único.

Conclusão

Aí estão algumas reflexões ensejadas pela pesquisa

As evidências da sobrevivência do espírito são muito fortes.

A vida é uma fatalidade, segundo o depoimento desses 45 companheiros que se expuseram, por inteiro, revelando as nuances de suas personalidades, através das mãos humildes do mediano.

A vida triunfa sempre, revelando em seus desdobramentos surpreendentes a glória sublime do Criador.

Maria Julia P. de Moraes Prieto Peres

Marlene Rossi Severino Nobre

Nota: Os gráficos apresentados a seguir ilustram alguns dados estatísticos obtidos na pesquisa.

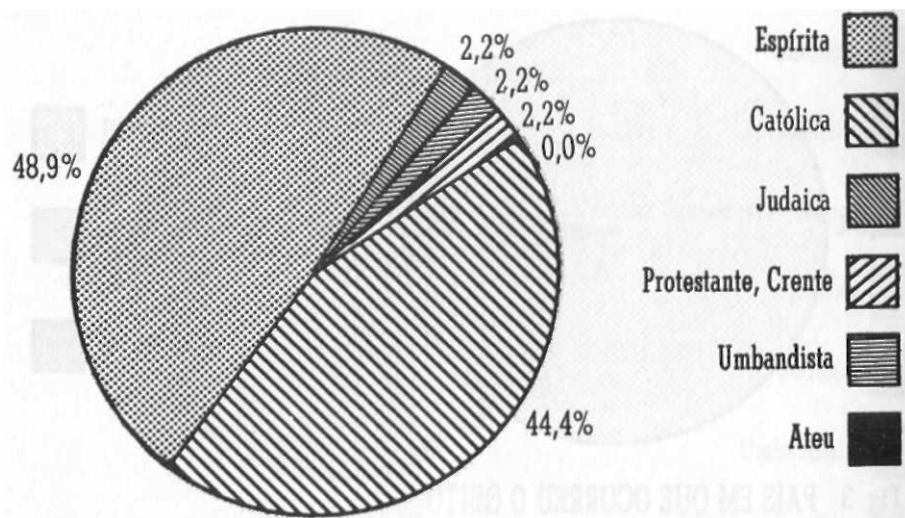


Fig. 1 RELIGIÃO DO INFORMANTE

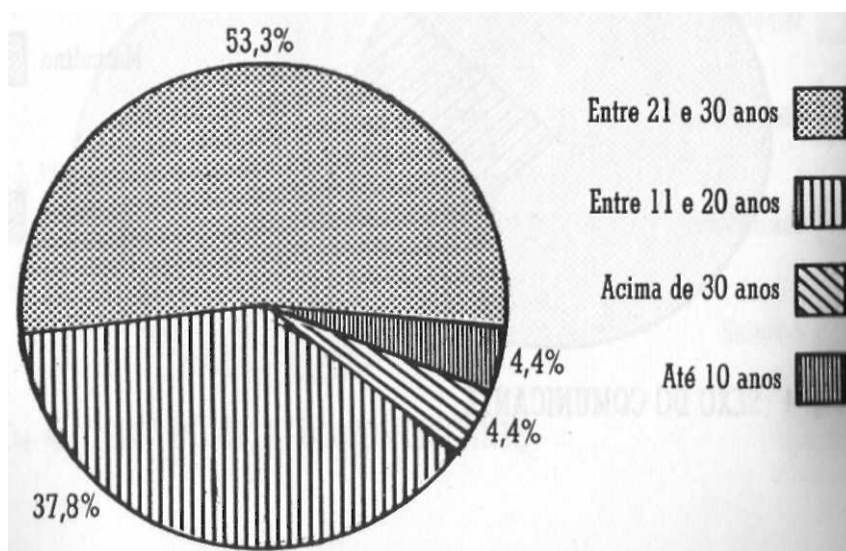


Fig. 2 FAIXA ETÁRIA EM QUE OCORREU O ÓBITO

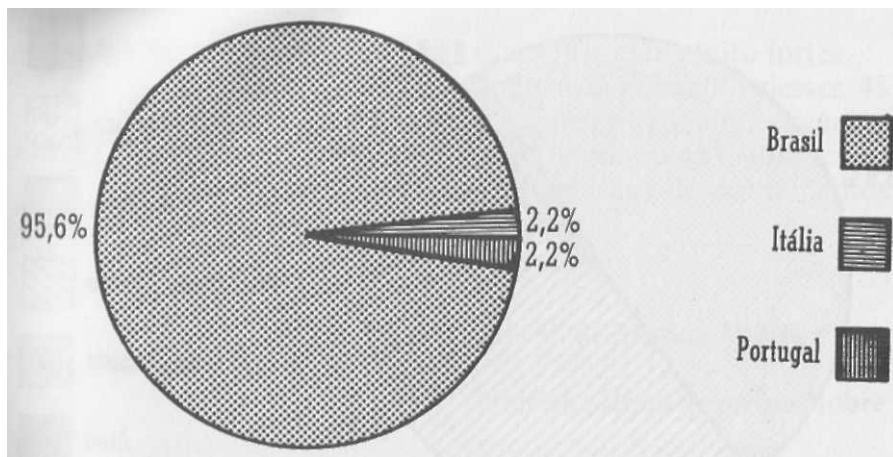


Fig. 3 PAÍS EM QUE OCORREU O ÓBITO

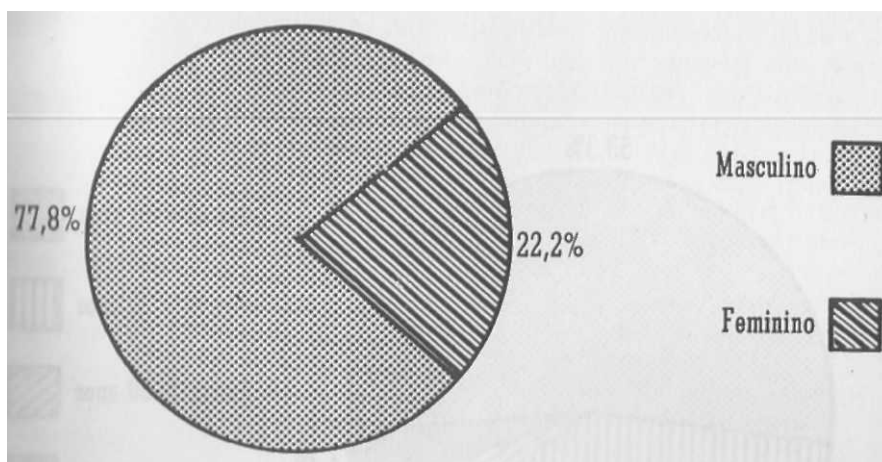


Fig. 4 SEXO DO COMUNICANTE

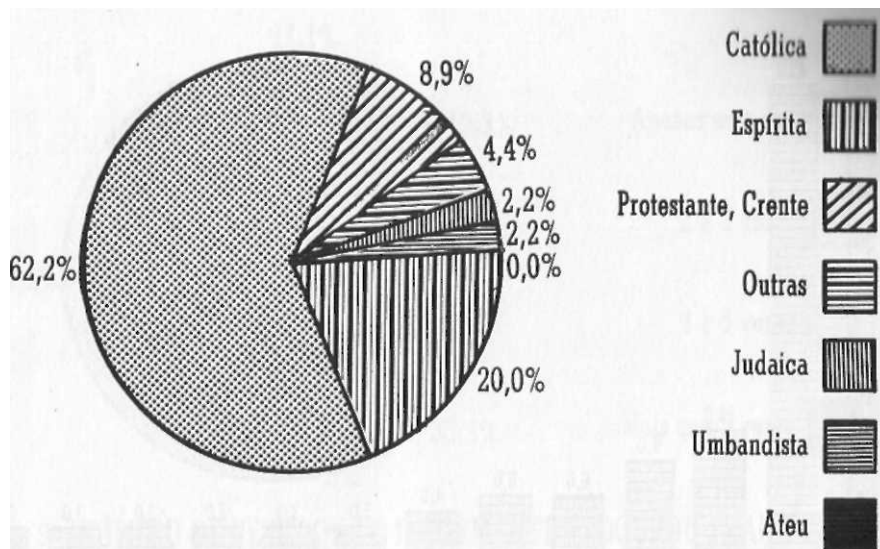


Fig. 5 RELIGIÃO DO COMUNICANTE

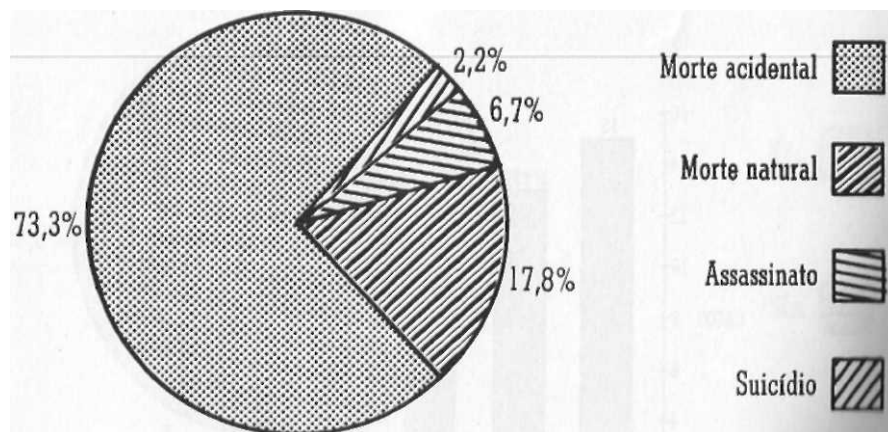


Fig. 6 CAUSA DO ÓBITO DO COMUNICANTE

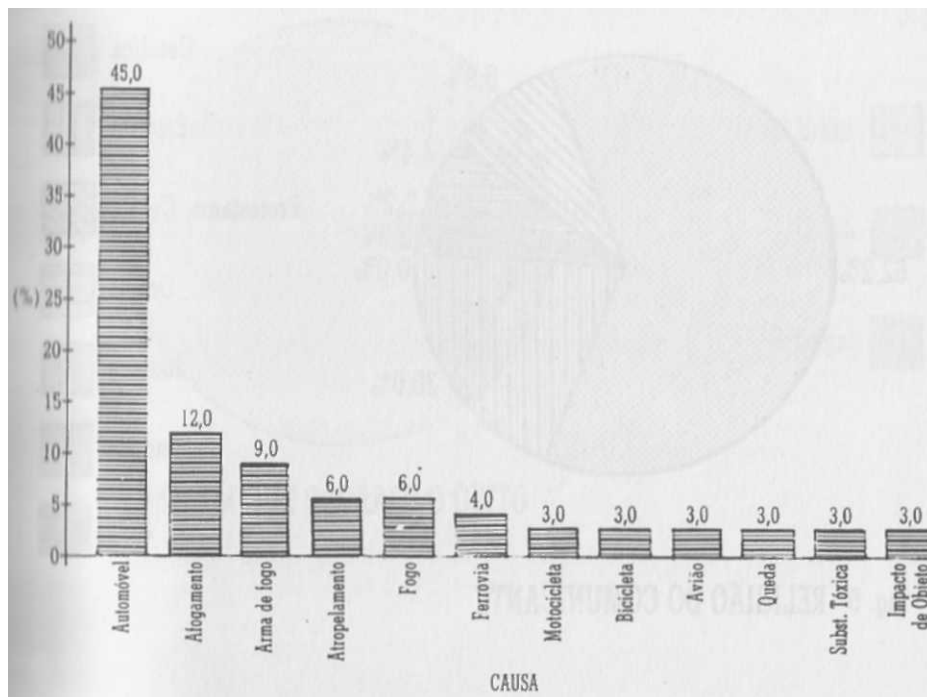


Fig. 7 ÓBITO DO COMUNICANTE POR ACIDENTE

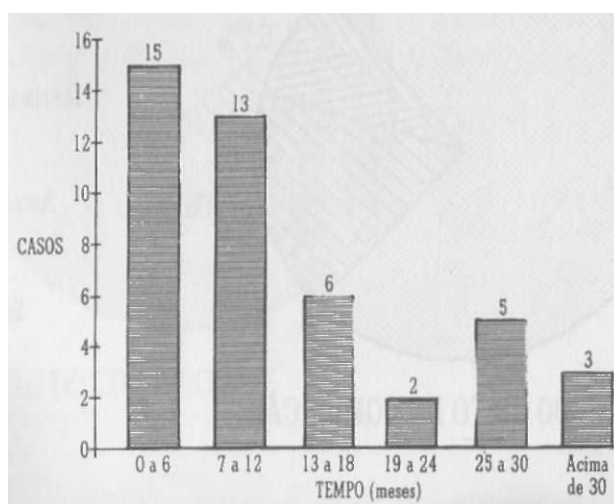


Fig. 8 TEMPO DECORRIDO ENTRE O ÓBITO E A COMUNICAÇÃO

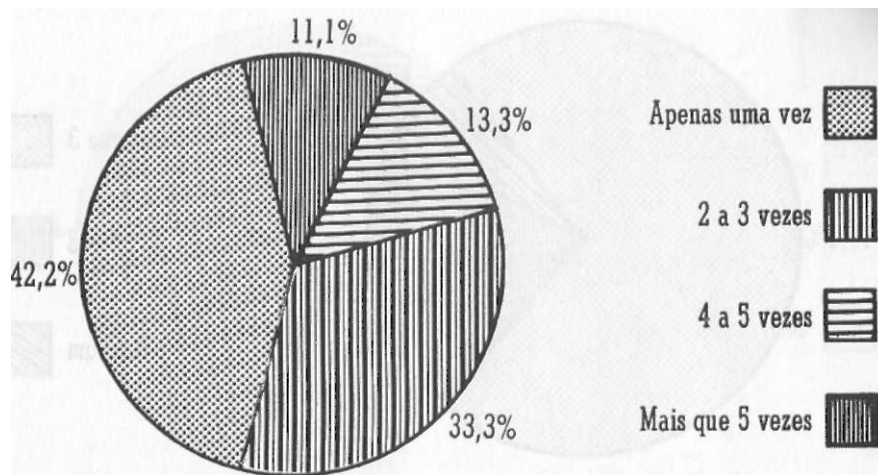


Fig. 9 NUMERO DE VEZES QUE O INFORMANTE PROCUROU FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER ANTES DE RECEBER A MENSAGEM

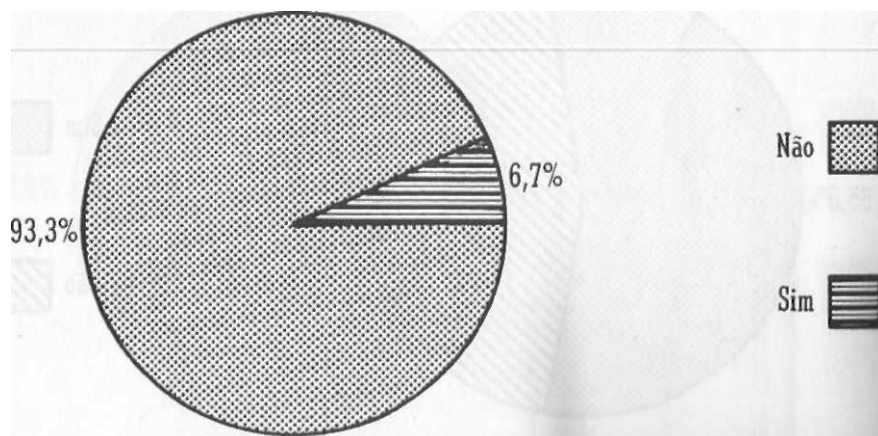


Fig. 10 FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER CONHECEU O INFORMANTE ANTES DO ÓBITO?

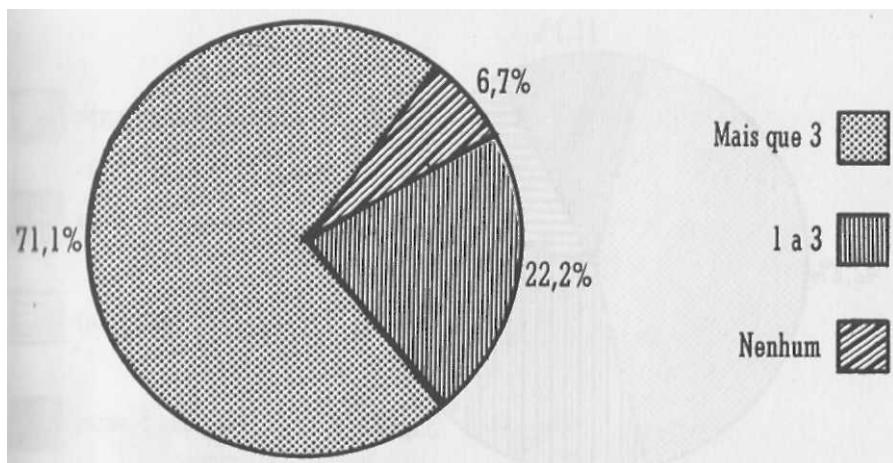


Fig. 11 NÚMERO DE RELATOS DE FATOS PESSOAIS

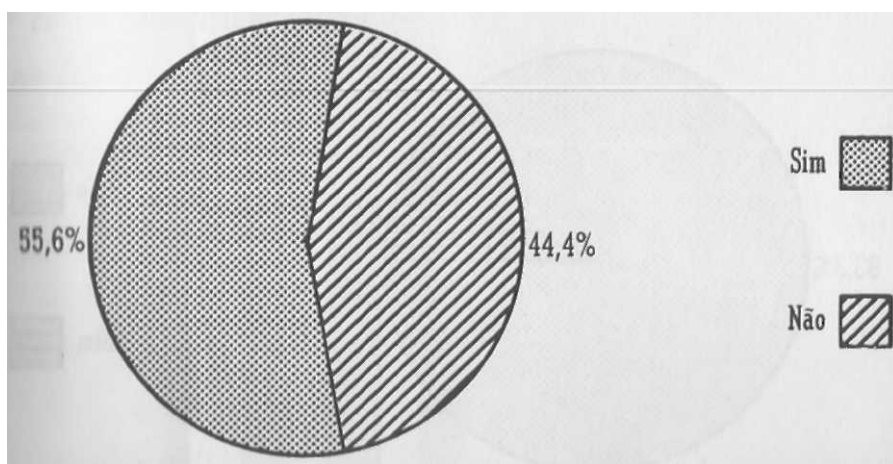


Fig. 12 PALAVRAS PECULIARES NA MENSAGEM?

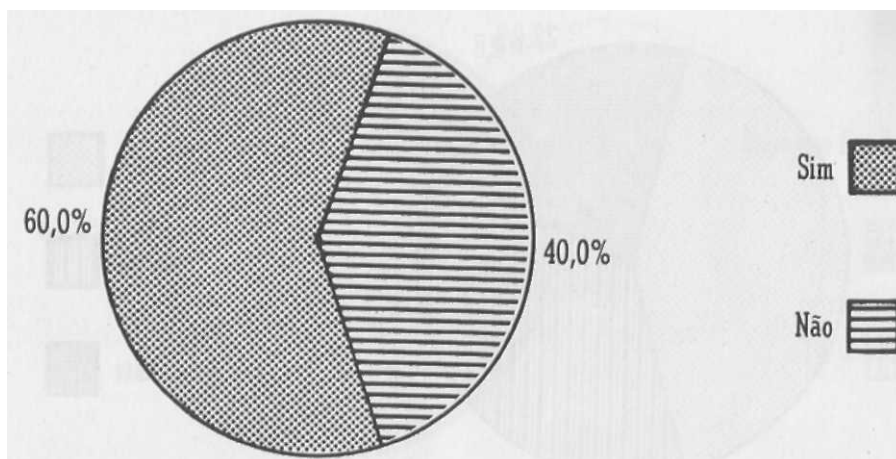


Fig. 13 FRASES PECULIARES NA MENSAGEM?

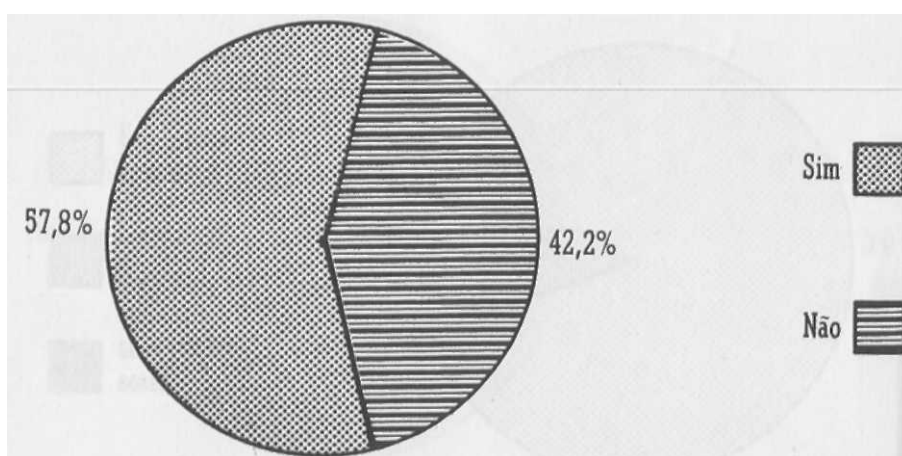


Fig. 14 ESTILO PECULIAR DO COMUNICANTE NA MENSAGEM?

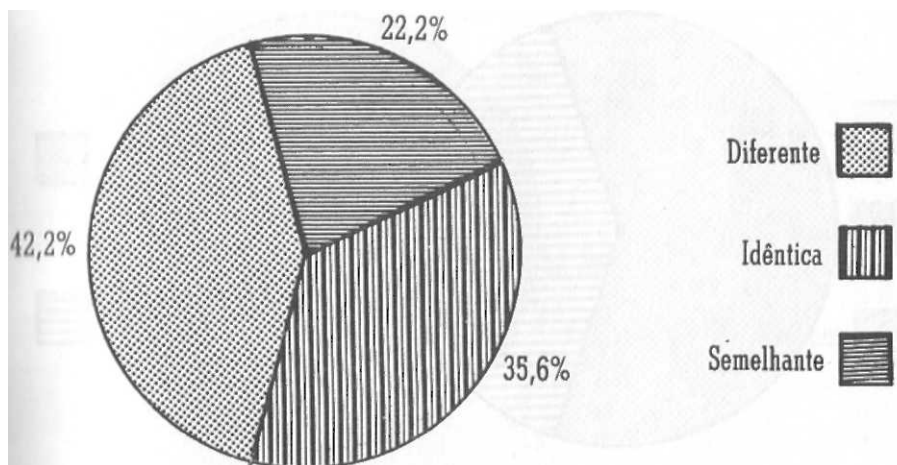


Fig. 15 COMPARAÇÃO DE ASSINATURAS

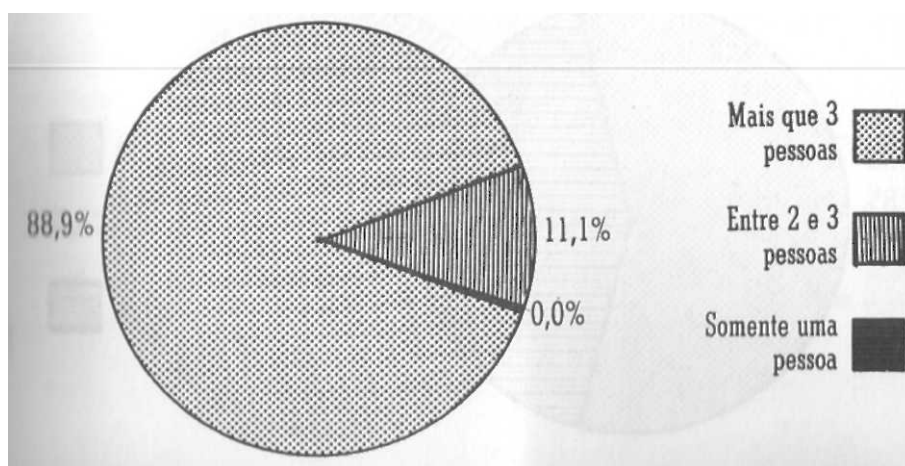


Fig. 16 NÚMERO DE PESSOAS QUE AUTENTICARAM A COMUNICAÇÃO

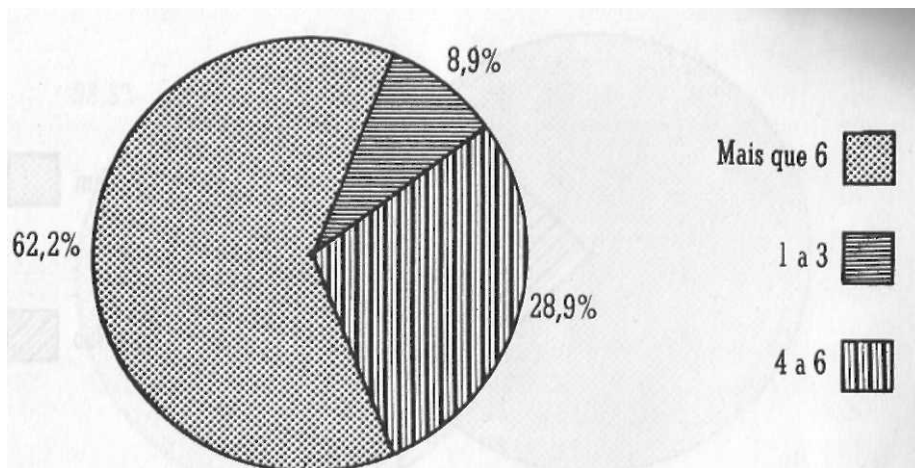


Fig. 17 NÚMERO DE FATOS COMPROVADOS DESCRITOS NA COMUNICAÇÃO

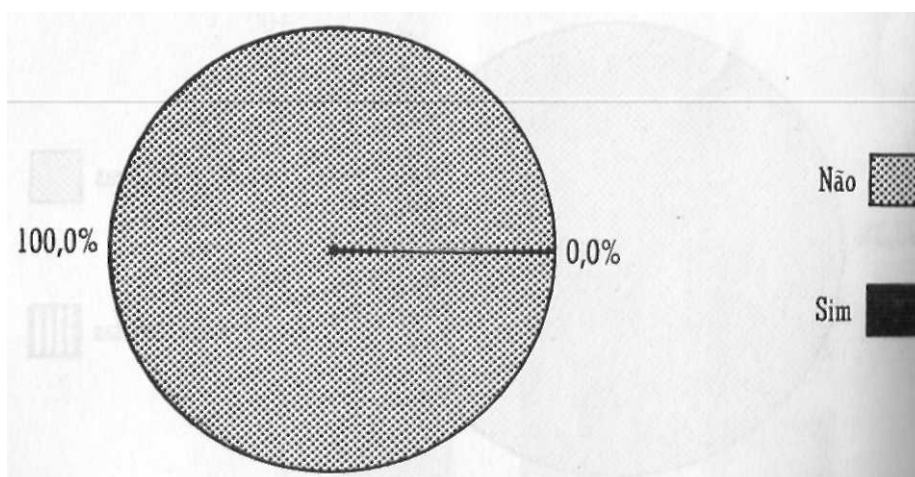


Fig. 18 HOUVE ERROS RELATADOS NA MENSAGEM?

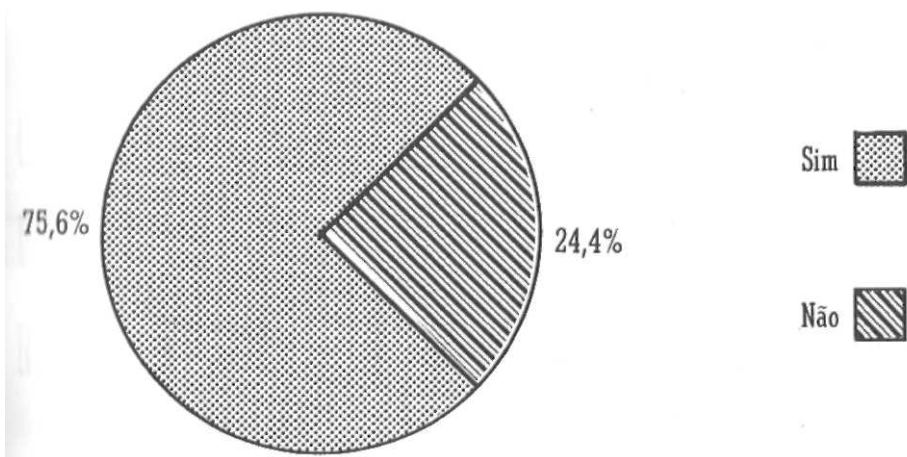


Fig. 19 HÁ DESCRIÇÃO DE MORTE NA MENSAGEM?

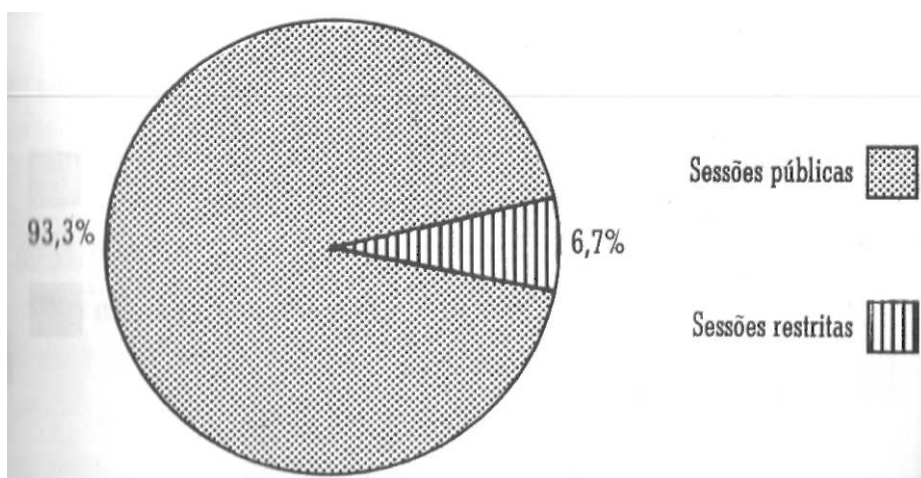


Fig. 20 CONDIÇÕES EM QUE FOI RECEBIDA A MENSAGEM
 Sessões restritas: até 20 pessoas
 Sessões públicas: média 300 pessoas

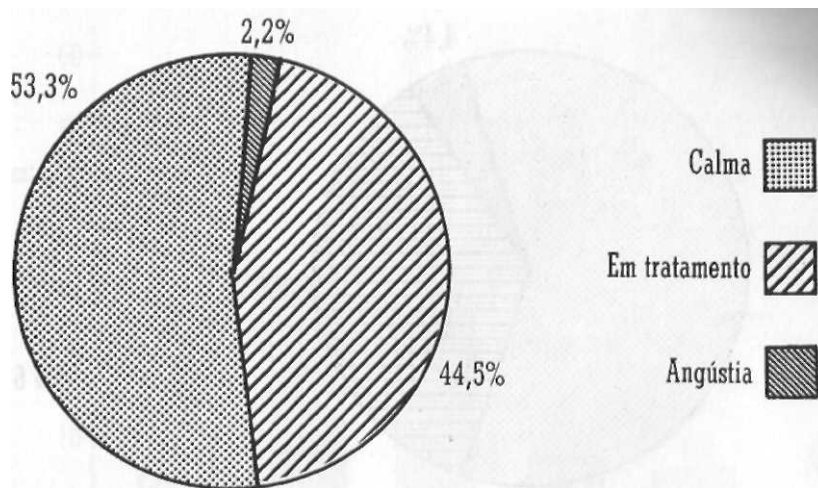


Fig. 21 ESTADO EM QUE A ENTIDADE DIZ SE ENCONTRAR

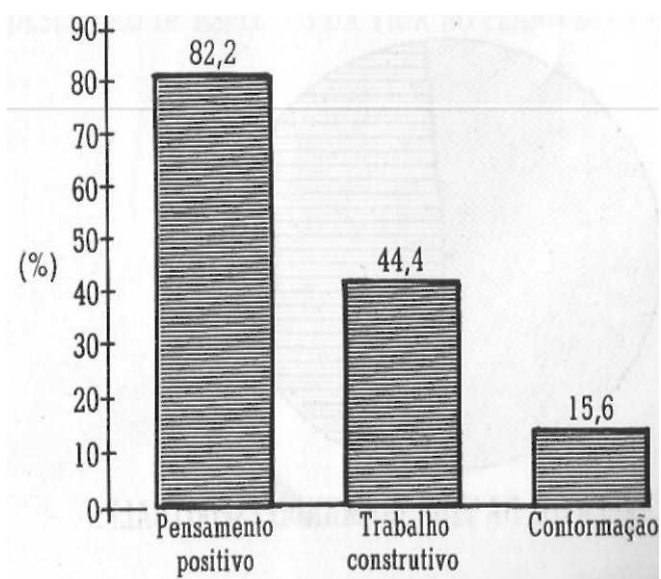


Fig. 22 SOLICITAÇÃO DA ENTIDADE

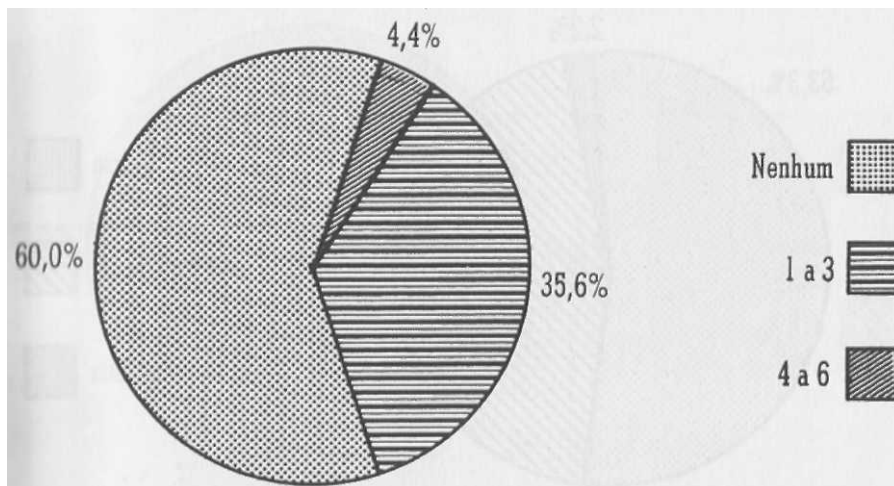


Fig. 23 NÚMERO DE ASSUNTOS DESCONHECIDOS PELOS FAMILIARES

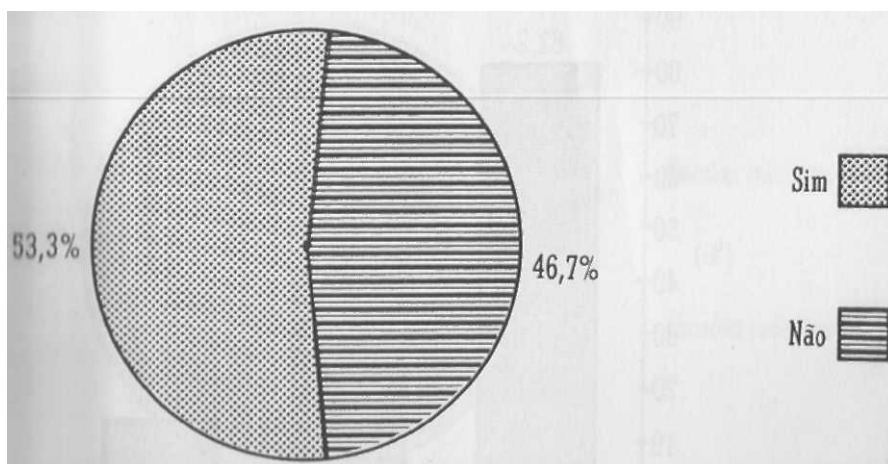


Fig. 24 RELATOS DA VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL?

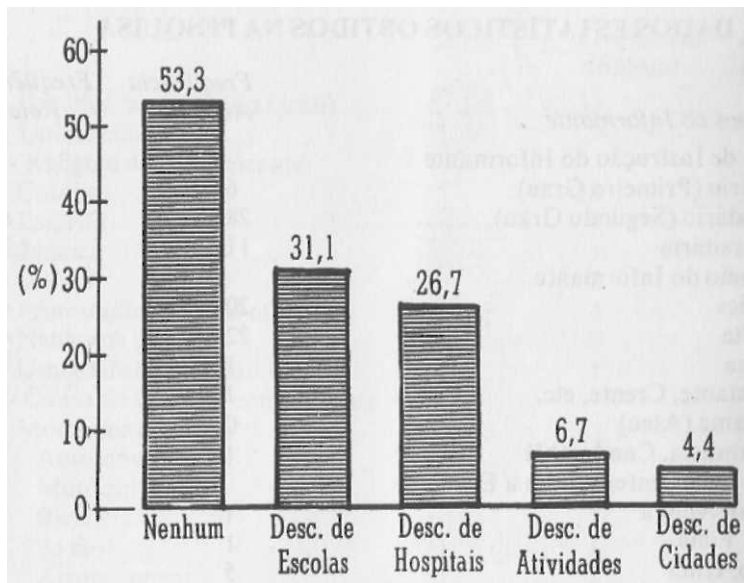


Fig. 25 DESCRIÇÃO DE ASPECTOS DA VIDA NO PLANO ESPIRITUAL

DADOS ESTATÍSTICOS OBTIDOS NA PESQUISA

| | <i>Frequência Absoluta</i> | <i>Frequência Relativa</i> |
|--|--------------------------------|--------------------------------|
| <i>A - Relativos ao Informante</i> | | |
| A.1 - Grau de Instrução do Informante | | |
| Primário (Primeiro Grau) | 6 | 13.3 |
| Secundário (Segundo Grau) | 28 | 62.2 |
| Universitário | 11 | 24.4 |
| A.2 - Religião do Informante | | |
| Católica | 20 | 44.4 |
| Espírita | 22 | 48.9 |
| Judaica | 1 | 2.2 |
| Protestante, Crente, etc. | 1 | 2.2 |
| Nenhuma (Ateu) | 0 | 0.0 |
| Umbandista, Candomblé | 1 | 2.2 |
| A.3 - Grau de Parentesco com a Entidade | | |
| Amigo, Amiga | 1 | 2.2 |
| Filho, Filha | 1 | 2.2 |
| Irmão, Irmã | 5 | 11.1 |
| Mãe | 15 | 33.3 |
| Outros | 0 | 0.0 |
| Pai | 23 | 51.1 |
| <i>B - Relativos à Entidade Comunicante</i> | | |
| B.1 - O comunicante informou seu apelido? | | |
| Sim | 6 | 13.3 |
| Não | 39 | 86.7 |
| B.2 - País de nascimento | | |
| Brasil | 44 | 97.8 |
| Itália | 1 | 2.2 |
| B.3 - Faixa etária em que ocorreu o óbito (campo 14 menos o campo 10) | | |
| Até 10 anos | 2 | 4.4 |
| Entre 11 e 20 anos | 17 | 37.8 |
| Entre 21 e 30 anos | 24 | 53.3 |
| Acima de 30 anos | 2 | 4.4 |
| B.4 - País do óbito | | |
| Brasil | 43 | 95.6 |
| Itália | 1 | 2.2 |
| Portugal | 1 | 2.2 |
| B.5 - Sexo do comunicante | | |
| Masculino | 35 | 77.8 |
| Feminino | 10 | 22.2 |
| B.6 - Estado civil | | |
| Casado | 7 | 15.6 |
| Solteiro | 38 | 84.4 |
| B.7 - Grau de instrução do comunicante | | |
| Primário (Primeiro (Grau) | 3 | 6.7 |

| | <i>Frequência Absoluta</i> | <i>Frequência Relativa</i> |
|---|--------------------------------|--------------------------------|
| Secundário (Segundo Grau) | 33 | 73.3 |
| Universitário | 9 | 20.0 |
| B.8 - Religião do comunicante | | |
| Católica | 28 | 62.2 |
| Espírita | 9 | 20.0 |
| Judaica | 1 | 2.2 |
| Outras | 2 | 4.4 |
| Protestante, Crente, etc. | 4 | 8.9 |
| Nenhuma (Ateu) | 0 | 0.0 |
| Umbandista, Candomblé | 1 | 2.2 |
| B.9 - Causa do óbito do comunicante | | |
| Morte por acidente | | |
| Automóvel | 15 | 33.3 |
| Motocicleta | 1 | 2.2 |
| Bicicleta | 1 | 2.2 |
| Avião | 1 | 2.2 |
| Atropelamento | 2 | 4.4 |
| Ferrovia | 1 | 2.2 |
| Afogamento | 4 | 8.9 |
| Inalação subs. tóxica | 1 | 2.2 |
| Arma de fogo | 3 | 6.7 |
| Fogo | 2 | 4.4 |
| Queda - prédio, cavalo | 1 | 2.2 |
| Impacto de objeto | 1 | 2.2 |
| Morte natural por | | |
| Meningite | 3 | 6.7 |
| Problema cardíaco | 1 | 2.2 |
| Problema vascular | 1 | 2.2 |
| Choque anafilático | 1 | 2.2 |
| Septicemia | 1 | 2.2 |
| Câncer | 1 | 2.2 |
| Morte por assassinato | 3 | 6.7 |
| Morte por suicídio | 1 | 2.2 |
| B.10 - Tempo decorrido entre o óbito e a comunicação (campo 24 menos campo 14) | | |
| Com menos de um mês | 0 | 0.0 |
| Entre 1 e 6 meses | 15 | 33.3 |
| Entre 7 e 12 meses | 12 | 26.7 |
| Entre 13 e 18 meses | 7 | 15.6 |
| Entre 19 e 24 meses | 3 | 6.7 |
| Entre 25 e 30 meses | 5 | 11.1 |
| Com mais de 30 meses | 3 | 6.7 |
| B.11 - Idioma da mensagem | | |
| Português | 44 | 97.8 |
| Desconhecido do médium | 1 | 2.2 |

| | <i>Frequência Absoluta</i> | <i>Frequência Relativa</i> |
|---|--------------------------------|--------------------------------|
| B.12 - Procurou FCX especialmente para obter notícias do falecido | | |
| Sim | 42 | 93.3 |
| Não | 3 | 6.7 |
| B.13 - Número de vezes que o informante procurou FCX antes de receber a mensagem | | |
| Nenhuma vez | 0 | 0.0 |
| Apenas uma vez | 19 | 42.2 |
| 2 a 3 vezes | 15 | 33.3 |
| 4 a 5 vezes | 5 | 11.1 |
| Mais de 5 vezes | 6 | 13.3 |
| B.14 - Informante enviou algum pedido a FCX antes da comunicação? | | |
| Sim | 9 | 20.0 |
| Não | 36 | 80.0 |
| B.15 - Como o informante enviou o pedido a FCX | | |
| Carta | 7 | 15.6 |
| Outro meio | 1 | 2.2 |
| Recado | 1 | 2.2 |
| Telefone | 0 | 0.0 |
| B.16 - FCX conheceu o informante antes do óbito | | |
| Sim | 3 | 6.7 |
| Não | 42 | 93.3 |
| B.17 - Relatos de fatos pessoais referente ao informante | | |
| Sim | 44 | 97.8 |
| Não | 1 | 2.2 |
| B.18 - Número de relatos de fatos pessoais | | |
| Nenhum | 3 | 6.7 |
| 1 a 3 | 10 | 22.2 |
| Mais de 3 | 32 | 71.1 |
| B.19 - Palavras peculiares na mensagem? | | |
| Sim | 25 | 55.6 |
| Não | 20 | 44.4 |
| B.20 - Frases de linguagens peculiares na mensagem | | |
| Sim | 18 | 40 |
| Não | 27 | 60 |
| B.21 - Estilo peculiar do comunicante na mensagem? | | |
| Sim | 19 | 42.2 |
| Não | 26 | 57.8 |
| B.22 - FC X descreveu o tipo físico do comunicante? | | |
| Sim | 1 | 2.2 |
| Não | 44 | 97.8 |

| | <i>Frequência Absoluta</i> | <i>Frequência Relativa</i> |
|--|--------------------------------|--------------------------------|
| B.23 - Comparação de assinaturas | | |
| Idêntica | 16 | 35.6 |
| Semelhante | 10 | 22.2 |
| Diferente | 19 | 42.2 |
| B.24 - Documentos que podem demonstrar a identificação | | |
| Cartas | 5 | 11.1 |
| Documentos | 11 | 24.4 |
| Nenhum | 5 | 11.1 |
| B.25 - Número de pessoas que autenticaram a comunicação | | |
| Somente uma pessoa | 0 | 0.0 |
| Entre 2 e 3 pessoas | 5 | 11.1 |
| Mais que 3 pessoas | 40 | 88.9 |
| B.26 - Tipo de pessoas que autenticaram a mensagem | | |
| Cônjuge (43) | 5 | 11.1 |
| Mãe (41) | 44 | 97.8 |
| Irmãos (42) | 32 | 71.1 |
| Pai (40) | 34 | 75.6 |
| B.27 - Número de fatos comprovados descritos na comunicação | | |
| Nenhum | 0 | 0.0 |
| 1 a 3 | 4 | 8.9 |
| 4 a 6 | 13 | 28.9 |
| Mais que 6 | 28 | 62.2 |
| B.28 - Houve erros relatados na mensagem | | |
| Sim | 0 | 0.0 |
| Não | 45 | 100.0 |
| B.29 - Número de pessoas familiares ou amigos desencarnados | | |
| Nenhum | 3 | 6.7 |
| 1 a 3 | 31 | 68.9 |
| 4 a 6 | 6 | 13.3 |
| Mais que 6 | 5 | 11 |
| B.30 - Número de pessoas familiares ou amigos encarnados | | |
| Nenhum | 3 | 6.7 |
| 1 a 3 | 19 | 42.2 |
| 4 a 6 | 17 | 37.8 |
| Mais que 6 | 6 | 13.3 |
| B.31 - Há descrição de morte na mensagem? | | |
| Sim | 34 | 75.6 |
| Não | 11 | 24.4 |
| B.32 - Condições em que foi recebida a mensagem | | |
| Sessão pública - média 300 pessoas | 42 | 93.3 |

| | <i>Frequência Absoluta</i> | <i>Frequência Relativa</i> |
|---|--------------------------------|--------------------------------|
| Sessão particular - média 20 pessoas | 3 | 6.7 |
| B.33 - Estado em que a entidade diz se encontrar | | |
| Angústia | 1 | 2.2 |
| Calma | 24 | 53.3 |
| Em Tratamento | 20 | 44.4 |
| B.34 - Solicitação da entidade | | |
| Pensamento positivo | 37 | 82.2 |
| Conformação | 7 | 15.6 |
| Trabalho construtivo no bem | 20 | 44.4 |
| B.35 - Número de mensagens posteriores | | |
| Nenhum | 27 | 60.0 |
| 1 a 3 | 12 | 26.7 |
| 4a 6 | 3 | 6.7 |
| Mais que 6 | 3 | 6.7 |
| B.36 - Há palavras estrangeiras | | |
| Sim | 2 | 4.4 |
| Não | 43 | 95.6 |
| B.37 - A mensagem foi utilizada como peça de processo | | |
| Sim | 3 | 6.7 |
| Não | 42 | 93.3 |
| B.38 - Número de assuntos desconhecidos pelos familiares | | |
| Nenhum | 27 | 60.0 |
| 1 a 3 | 16 | 35.6 |
| 4 a 6 | 2 | 4.4 |
| Mais que 6 | 0 | 0.0 |
| B.39 - Há descrição de vidas pretéritas? | | |
| Sim | 1 | 2.2 |
| Não | 44 | 97.8 |
| B.40 - Relatos da vida no mundo espiritual | | |
| Sim | 21 | 26.4 |
| Não | 24 | 53.3 |
| Descr. de hospitais, postos de saúde | 14 | 31.1 |
| Descrição de escolas | 4 | 8.9 |
| Descrição de cidades | 2 | 4.4 |
| Relato de atividades | 3 | 6.7 |

Modelo da ficha de pesquisa

PESQUISA DE CASOS SUGESTIVOS DE SOBREVIVÊNCIA ATRAVÉS DA MEDIUNIDADE DE FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

REFERÊNCIA: Mensagem de _____

Recebida em: (local) _____ horário _____

data _____

ITEM 1: DADOS RELATIVOS AO(S) INFORMANTE(S)

Nome _____ Idade _____

Identificação: RG _____ CPF _____

CRM (médicos) _____

Outras _____ CREA (engenheiro) _____

Data de nascimento _____ Cidade _____

Estado _____ País _____

Sexo _____ Est. civil _____

Grau de instrução: primário

secundário

universitário

Endereço _____ nº _____

Bairro _____ Telefone _____ Cidade _____

CEP _____ Estado _____ País _____

OUTROS ENDEREÇOS : (Escritório, trabalho etc).

Rua _____ nº _____

Bairro _____ CEP _____ Cidade _____

Estado _____ País _____ Telefone _____

Profissão _____

Religião: Católica Espírita Se espírita há quanto tempo: _____

outras _____ Grau de parentesco com a entidade comunicante:

Mãe Pai Filho Cônjuge Outros

Data de preenchimento desta entrevista _____

Assinatura do entrevistado _____

Assinatura do entrevistador _____

RG e/ou Profissional _____ Endereço _____ Telefone _____

ITEM 2: DADOS RELATIVOS À ENTIDADE COMUNICANTE

Nome _____
Identificação: RG _____ CPF _____
Outras _____
Data de nascimento _____ Cidade _____ Estado _____ País _____
Data do óbito _____ Cidade _____ Estado _____ País _____
Sexo _____ Estado civil _____ Grau de instrução _____
Profissão _____ Religião _____
Cidade onde foi sepultado _____ Cemitério _____
Causa do óbito _____
Atestado de óbito _____
Outros dados de interesse _____

Observações: Anexar xerocópia da mensagem contendo assinatura da entidade.
Anexar xerocópia de documento(s) de identidade com a assinatura da entidade.

Data de preenchimento desta entrevista _____
Assinatura do entrevistado _____
Assinatura do entrevistador _____
RG e/ou Profissional _____ Endereço _____ Telefone _____

ITEM 3: DADOS OBTIDOS NA PESQUISA

Tempo decorrido do óbito à comunicação:
Dias _____ Meses 1 a 6 Anos: 1 a 2
7 a 12 + de 2
Natureza da comunicação: Psicográfica Psicofônica Outras
O informante procurou FCX especialmente para obter as informações sobre a entidade?
Sim Não
Nº de vezes que o informante esteve com FCX antes da comunicação?
Nenhuma 1 + de 1

O informante enviou algum pedido a FCX antes da comunicação?

Sim Não

Em caso afirmativo, de que maneira?

por carta telefone recado outras

FCX conheceu a entidade comunicante antes do óbito? (importante)

Sim Não

Fatos que sugerem a autenticidade da comunicação:

1 - Relatos de fatos pessoais íntimos em relação:

ao informante a outras pessoas Quais?

_____ nome/endereço

2 - Linguagem peculiar: palavras frases estilo

3 - Descrição do tipo físico da referida pessoa:

4 - Correlação de assinaturas

Idênticas Semelhantes Diferentes

Documentos que podem demonstrar a identificação da entidade:

Cartas Documentos Outros Não há

Nº de pessoas que identificaram a comunicação como autêntica

Quais as pessoas que identificaram a comunicação como autêntica

Menos de 3 Mais de 3

Pai Mãe Irmãos Cônjuge Outros

Citar os nomes e endereços: _____

Nº de fatos comprovados descritos na comunicação:

1 a 10 11 a 30 31 a 50

Citar os fatos acima mencionados:

Houve erros relatados na mensagem? Sim Não

Em caso afirmativo, citar os erros:

Informações contidas na mensagem:

Citação de nomes de familiares ou amigos: Desencarnados Quantos

Encarnados Quantos

Descrição da morte Sim Não

Outras _____

Condições em que foi recebida a mensagem:

Sessão pública N° aproximado de pessoas _____

Sessão particular N° aproximado de pessoas _____

Estado em que a entidade diz se encontrar

Angústia Calma Em tratamento

Descrição de seu estado atual Outros Quais:

Solicitação da entidade: Conformação Trabalho

Pensamento positivo Outras

Nenhuma

Observações complementares:

Data da coleta dos dados desta pesquisa _____

Assinatura do entrevistador _____

Assinatura de testemunhas _____

Dados Biográficos do Autor e Colaboradores

Paulo Rossi Severino nasceu em maio de 1933. Professor, ministrou aulas, de 1951 a 1971, no Colégio Paes Leme, da cidade de São Paulo, na época um dos mais destacados estabelecimentos de ensino do País. Trabalhou no comércio e durante quase nove anos exerceu as funções de relações públicas. É um dos diretores fundadores da **Folha Espírita**.

Atualmente é diretor da Editora Rondon, especializada em jornais e revistas.

É casado com Cléria Gandolfo Severino desde 1962. O casal tem três filhos: Fábio, Ana Carolina e Leda Cristina.

Abrahão Rotberg é professor associado de Dermatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo USP. Foi professor titular de Dermatologia da Escola Paulista de Medicina. Diretor do Departamento de Dermatologia Sanitária da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. Perito da Organização Mundial da Saúde - OMS. Presidente da Associação Médico-Espírita de São Paulo-AME-SP.

Antônio Ferreira Filho é médico radiologista. Chefe do Departamento de Radiologia do Hospital Oswaldo Cruz, em São Paulo. Membro titular do Colégio Brasileiro de Radiologia. Membro da Sociedade Paulista de Radiologia. Membro honorário da Sociedade Brasileira de Radiologia, Rio de Janeiro. Vice presidente da Associação Médico-Espírita de São Paulo - AME-SP Membro honorário do Instituto Nacional de Terapia de Vivências Passadas - INTVP.

Hernani Guimarães Andrade é engenheiro civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo USP. Pesquisador de

assuntos paranormais. Fundador e diretor presidente do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas - IBPP que mantém correspondência com inúmeros institutos de pesquisas no Exterior. Autor das obras: Parapsicologia Experimental; A Teoria Corpuscular do Espírito; Novos Rumos à Experimentação Espírita; A Matéria Psi; Morte, Renascimento, Evolução: uma Biologia Transcendental; Espírito, Perispírito e Alma: Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico; Psi-Quântico; Reencarnação no Brasil; Poltergeist, entre outras. Publicou inúmeras monografias de pesquisas psicobiofísicas. Suas pesquisas e conceitos têm sido citados em mais de 70 obras de autores estrangeiros.

Maria Julia P. de Moraes Prieto Peres é médica psicoterapeuta especializada em Terapia Regressiva e Vivências Passadas (TVP). Tem mestrado e pós-graduação em Saúde Pública, pela Universidade de São Paulo - USP (1971) e em Saúde Mental pelo Instituto Mexicano de Seguro Social (1966). Frequentou curso teórico-prático sobre Psiquiatria Clínica na Escola Paulista de Medicina de 1961 a 1964 e Curso de Terapia de Vidas Passadas na Association for Past Life Research and Therapy - APRT, na Califórnia, EUA, em 1980. Realizou estágios intensivos em TVP com Morris Nether-ton (1982, 1983 e 1986), com Edith Fiore (1985) e Patrick Drouot (1989). Ministra cursos de formação e treinamento em TVP para profissionais, no Brasil e no Exterior, desde 1985. É presidenta do Instituto Nacional de Terapia de Vivências Passadas - INTVP e secretária-geral da Associação Médico-Espírita de São Paulo AME-SP. Bacharela em Direito.

Marlene Rossi Severino Nobre é médica ginecologista com especialização na área de prevenção do câncer. Fez estágio no Hospital Broca, serviço do professor Raoul Palmer, em Paris e nos Laboratórios de Anatomia Patológica do professor J. de Brux, em Paris. Exerce atividades médicas no Posto de Assistência Médica - PAM, Santa Cruz, São Paulo. É vice-presidenta da associação Médico-Espírita de São Paulo - AME-SP. Diretora da **Folha Espírita** e diretora da Creche Lar do Alvorecer, Diadema, SP.

DAG GRÁFICA E EDITORIAL LTDA.
Av. N. Senhora do Ó, 1782, tel. 857-6044
Imprimiu
COM FILMES FORNECIDOS PELO EDITOR